EB70-MC-10.374

MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha

ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

2ª Edição
2021

EB70-MC-10.374

MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha

ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

2ª Edição
2021

PORTARIA - COTER/C Ex Nº 141, DE 8 DE DEZEMBRO DE 2021
EB: 64322.024926/2021-73

Aprova o Manual de Campanha EB70-MC-10.374 Esquadrão de Cavalaria Mecanizado, 2ª edição, 2021, e dá outras providências.

O **COMANDANTE DE OPERAÇÕES TERRESTRES**, no uso da atribuição que lhe confere o inciso III do artigo 16 das Instruções Gerais para o Sistema de Doutrina Militar Terrestre – SIDOMT (EB10-IG-01.005), 5ª edição, aprovadas pela Portaria do Comandante do Exército nº 1.550, de 8 de novembro de 2017, resolve:

Art. 1º Aprovar o Manual de Campanha EB70-MC-10.374 Esquadrão de Cavalaria Mecanizado, 2ª edição, 2021, que com esta baixa.

Art. 2º Revogar o Manual de Campanha C 2-36 Esquadrão de Cavalaria Mecanizado, 1ª edição, 1982, aprovado pela Portaria nº 075-EME, de 27 de outubro de 1982.

Art. 3º Determinar que esta Portaria entre em vigor na data de sua publicação.

Gen Ex MARCO ANTÔNIO FREIRE GOMES
Comandante de Operações Terrestres

(Publicado no Boletim do Exército nº 50, de 17 de dezembro de 2021)

As sugestões para o aperfeiçoamento desta publicação, relacionadas aos conceitos e/ou à forma, devem ser remetidas para o *e-mail* portal.cdoutex@coter.eb.mil.br ou registradas no *site* do Centro de Doutrina do Exército http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/fale-conosco

O quadro a seguir apresenta uma forma de relatar as sugestões dos leitores.

Manual	Item	Redação Atual	Redação Sugerida	Observação/Comentário

FOLHA REGISTRO DE MODIFICAÇÕES (FRM)

NÚMERO DE ORDEM	ATO DE APROVAÇÃO	PÁGINAS AFETADAS	DATA

ÍNDICE DE ASSUNTOS

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 FINALIDADE

1.1.1 Este manual de campanha (MC) tem a finalidade de estabelecer os fundamentos doutrinários do emprego operacional do Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Esqd C Mec), seja como peça de manobra do Regimento de Cavalaria Mecanizado (RC Mec), seja como elemento (Elm) independente orgânico de uma brigada (Bda), em situações de guerra e de não guerra.

1.1.2 Ele fornece elementos que possibilitam a padronização do preparo e do emprego do Esqd C Mec, no cumprimento das missões atribuídas pelo comandante (Cmt) do regimento (Rgt) ou pelo Cmt da Bda.

1.1.3 Este MC deve ser usado com outros documentos doutrinários, particularmente os MC Brigada de Cavalaria Mecanizada (Bda C Mec) e RC Mec.

1.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.2.1 A dinâmica dos conflitos realizados no início do século XXI evidenciou a urgência em adotar medidas de comando e controle para acompanhar as operações (Op) cada vez mais dinâmicas. Tais medidas devem adequar-se às necessidades das tropas de cavalaria mecanizada, amplamente empregada em largas frentes e grandes profundidades, atuando, na maioria das vezes, em operações com planejamento centralizado e execução prioritariamente descentralizada.

1.2.2 Por apresentar como característica a flexibilidade, a Cavalaria pode ser empregada no combate (Cmb) moderno, atendendo a dois conceitos operativos fundamentais: as operações no amplo espectro e a guerra de movimento, nos quais se procura decidir a batalha por meio de ações ofensivas (Aç Ofs) extremamente rápidas e profundas.

1.3 O AMBIENTE OPERACIONAL MODERNO

1.3.1 O espaço onde atuam forças militares é chamado de ambiente operacional e tem como características três dimensões: a física, a humana e a informacional. As mudanças da sociedade e o avanço tecnológico alteraram o paradigma de análise preponderante da dimensão física para uma análise criteriosa das três dimensões com a mesma importância.

1.3.2 O ambiente operacional moderno é caracterizado por sua volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade. Essas características lhe são conferidas pelo ambiente global em que surgem as ameaças, onde a união de fatores políticos, históricos, conjunturas locais, nacionais e internacionais relaciona-se com o crescimento populacional e com o controle de recursos naturais.

1.3.3 O espaço de batalha está contido no ambiente operacional e, atualmente, apresenta novas dificuldades. O comandante de Esqd deve estar atento a esses fatores para corretamente instruir e adestrar suas frações de modo a empregar táticas, técnicas e procedimentos (TTP) eficazes e desenvolver, em seus subordinados, a capacidade de execução de tarefas descentralizadas e a flexibilidade em seus planejamentos.

1.3.4 O comandante de Esqd C Mec deve primar pela busca incessante da manutenção (Mnt) do domínio da narrativa e da legitimidade das operações, interferindo diretamente caso algum desses elementos deixe de ser observado. Essa nova atribuição é imposta pela ampla participação da mídia nos conflitos e utilização de informações e meios cibernéticos como instrumentos de guerra para afetar diretamente o poder de combate dos envolvidos.

1.3.5 Novas capacidades devem ser incorporadas aos Esqd C Mec, como meios de alta tecnologia, armas de letalidade seletiva e a combinação destes com meios de inteligência, reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos (IRVA).

1.3.6 O Comando e Controle devem ser sempre priorizados, utilizando os meios disponíveis para consolidar as capacidades operativas existentes e aumentar a consciência situacional, contribuindo para tomadas de decisões mais rápidas e eficazes.

1.3.7 No contexto dos conflitos contemporâneos, o comandante de Esqd C Mec tem que compreender o problema militar e o ambiente operacional, além de visualizar qual o estado final desejado (EFD) e ter pleno conhecimento da intenção do seu comandante (dois níveis acima), buscar a melhor abordagem e, por fim, controlar a aplicação da força e das funções de Cmb ao seu dispor.

CAPÍTULO II

O ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

2.1.1 O Esqd C Mec é uma subunidade (SU) que pode ser orgânica dos RC Mec ou das brigadas de infantaria blindada (Bld), mecanizada (Mec) e motorizada (Mtz); e da brigada de cavalaria Bld, como uma organização militar independente.

2.1.2 Embora, em ambas as situações, o Esqd C Mec seja dotado de pelotões de cavalaria mecanizados (Pel C Mec), aptos a realizarem as diferentes atividades e tarefas referentes às operações terrestres, os orgânicos das grandes unidades (GU) possuem meios e emprego que, por vezes, distinguem-se do Esqd C Mec orgânico de um RC Mec como subunidade incorporada, conforme descrito no decorrer deste manual.

Fig 2-1 – A Cavalaria Mecanizada

2.2 CONCEITO DE EMPREGO

2.2.1 O Esqd C Mec é uma tropa blindada média, dotadas de viaturas blindadas sobre rodas, concebida, prioritariamente, para proporcionar segurança e agregar consciência situacional ao escalão superior (Esc Sp). Tem capacidade para cumprir outros tipos de missões que vão desde os movimentos retrógrados (operações defensivas – Op Def) e ações ofensivas altamente móveis (operações ofensivas – Op Ofs) até a defesa territorial.

2.2.2 Sua doutrina, organização e material de dotação lhe conferem as características de grande mobilidade e relativas potência de fogo e proteção blindada, podendo atuar em largas frentes e grandes profundidades. Essas características decorrem de sua estrutura organizacional e seu sistema de armas integrado às viaturas (Vtr) com grande mobilidade tática, permitindo atuar em terrenos variados, sob condições atmosféricas adversas e com baixa visibilidade.

2.2.3 O Esqd está equipado e adestrado para o cumprimento de missões (independentemente do tipo de operação) caracterizadas pela predominância do Cmb embarcado.

2.2.4 O Esqd C Mec é integrado por três Pel C Mec e uma seção de comando (Seç Cmdo) no RC Mec ou pelotão de comando e apoio (Pel C Ap) no Esqd C Mec de Bda. Os Pel C Mec dispõem de frações de natureza variada: exploradores (Exp), fuzileiros mecanizados, viaturas blindadas de combate de cavalaria (VBC Cav)/viatura blindada de reconhecimento (VBR) e apoio de fogo. A Seç Cmdo e o Pel C Ap são integrados por frações de apoio ao comando e de apoio logístico (Ap Log).

2.2.5 O Esqd C Mec pode alterar sua organização básica, reunindo as frações de mesma natureza de seus Pel C Mec em pelotões provisórios de exploradores, VBC Cav/VBR, fuzileiros mecanizados (Fuz Mec) e morteiros médios (Mrt Me), facilitando a sua adaptação à situação tática, ao inimigo (Ini) e ao terreno.

2.2.6 O Pel C Mec é a menor fração de emprego da cavalaria mecanizada, devendo ser empregado de forma enquadrada em uma SU.

2.3 MISSÃO DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

2.3.1 O Esqd C Mec possui as seguintes missões principais:
a) realizar a Op complementar de segurança em benefício do Esc enquadrante;
b) atuar como Elm de combate de obtenção de conhecimentos sobre o Ini e o terreno; e
c) realizar operações ofensivas e defensivas limitadas, no contexto da operação complementar de segurança ou como economia de meios.

2.3.2 O Esqd C Mec é, também, empregado:
a) como integrante de uma força de cobertura avançada ou de uma força de cobertura de flanco, em operações ofensivas ou defensivas, empregando TTP de ações de reconhecimento (Rec), de ação retardadora ou de flancoguarda;
b) como força de proteção (F Ptç), atuando como vanguarda (Vgd), flancoguarda (Fg) ou retaguarda (Rtgd) da força protegida;
c) como força de vigilância em partes secundárias da frente;
d) como integrante de uma força de segurança (F Seg) na defensiva, ocupando postos avançados gerais (PAG) ou postos avançados de combate (PAC);

e) como integrante de uma força de defesa de área de retaguarda (FDAR) da Bda ou divisão de exército (DE);
f) como integrante da força de reserva em uma defesa em posição, executando ações dinâmicas da defesa;
g) como integrante de uma força de ligação, para o tamponamento de brechas;
h) como integrante de uma força que realiza a dissimulação tática por meio de fintas, demonstrações e ataques secundários;
i) como integrante de uma força que realiza ações de defesa territorial;
j) como integrante de uma força que participa de operações de cooperação e coordenação com agências; e
k) como Elm de reconhecimento de seu RC Mec ou Bda, nas operações complementares ou nas ações comuns.

2.4 CAPACIDADES OPERATIVAS

2.4.1 Capacidade operativa é a aptidão requerida a uma organização militar para que possa obter um efeito estratégico, operacional ou tático. É obtida por um conjunto de sete fatores determinantes, inter-relacionados e indissociáveis: Doutrina, Organização, Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura (DOAMEPI).

2.4.2 As capacidades operativas, bem como as atividades e tarefas previstas, podem ser verificadas de forma detalhada na base doutrinária do RC Mec e do Esqd C Mec.

2.5 POSSIBILIDADES

2.5.1 O Esqd C Mec de Bda é uma subunidade dotada de meios sumários para períodos limitados de Cmb, podendo ser reforçada para aumentar sua permanência em operação.

2.5.2 As possibilidades do Esqd C Mec de RC Mec podem ser aumentadas em função da prioridade e dos meios atribuídos pelo comando do Rgt.

2.6 LIMITAÇÕES

2.6.1 As principais limitações do Esqd C Mec estão relacionadas aos seus meios de dotação, assemelhando-se ao RC Mec.

2.6.2 O Esqd C Mec de Bda possui estado-maior (EM), elementos de apoio ao combate (Ap Cmb) e de apoio logístico (Ap Log) semelhantes a um RC Mec. Entretanto, possui limitações táticas e logísticas, impossibilitando o seu emprego isolado sem apoio de fogo ou distante da força principal.

2.7 ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

2.7.1 ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO DE BRIGADA

2.7.1.1 Organização e Estrutura Organizacional

2.7.1.1.1 Os Esqd C Mec de Bda possuem a seguinte estrutura organizacional básica:
a) comando (Cmdo) e estado-maior (EM);
b) 01 (um) Pel C Ap; e
c) 03 (três) Pel C Mec.
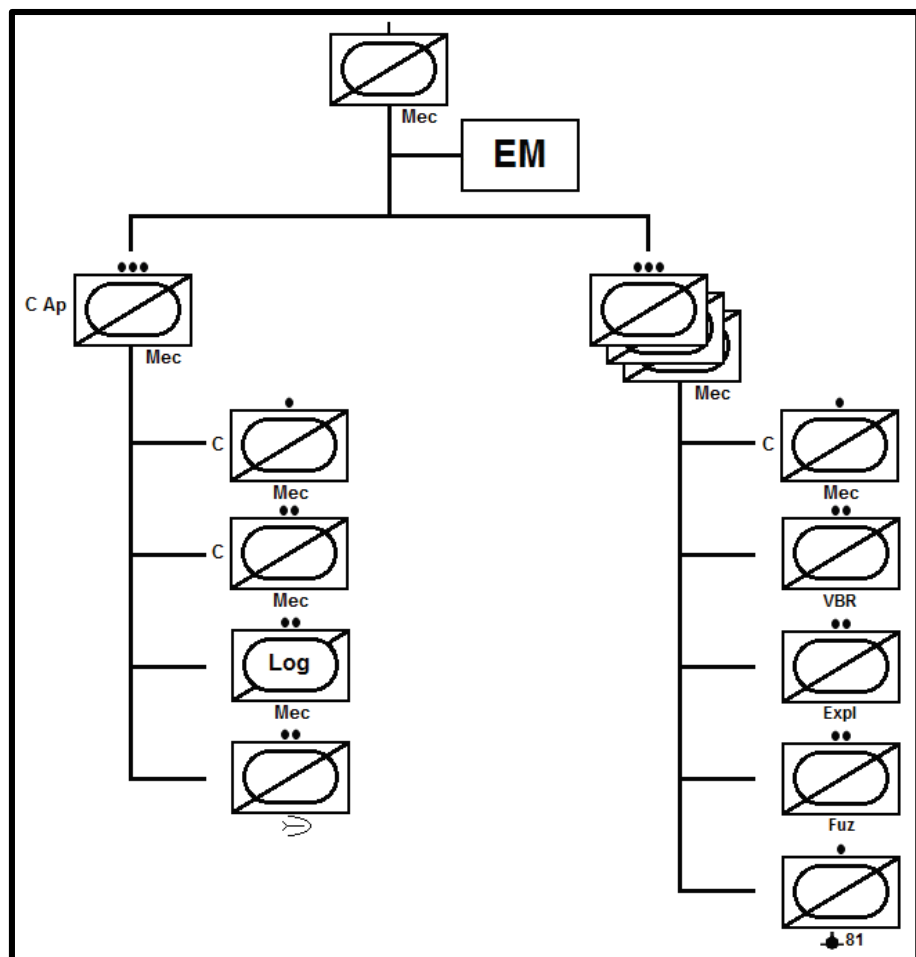
Fig 2-2 – Estrutura Organizacional do Esqd C Mec de Bda

2.7.1.2 O Comando e o Estado-Maior

2.7.1.2.1 O comandante é o responsável pelo comando e controle da subunidade durante o preparo e o emprego e, assessorado pelo EM, planeja, organiza, coordena e controla as atividades da SU.

2.7.1.2.2 Estado-Maior
a) O subcomandante (S Cmt) do Esqd C Mec é o chefe do estado-maior do Esqd e o substituto eventual do comandante.
b) O EM do Esqd tem como missão assessorar o Cmt no exercício do comando.
c) O EM da SU compreende o S Cmt, o oficial de pessoal (S-1), o oficial de inteligência e operações (S-2/S-3), o oficial de logística (S-4) e o oficial de saúde.

2.7.1.3 Elementos Subordinados

2.7.1.3.1 Os Pel C Mec constituem os elementos de manobra do Esqd C Mec e são constituídos pelas seguintes frações:
a) grupo comando (Gp Cmdo);
b) grupo de exploradores (G Exp);
c) seção de viaturas blindadas de combate de cavalaria ou viaturas blindadas de reconhecimento (Seç VBC Cav/VBR);
d) grupo de combate (GC); e
e) peça de apoio (Pç Ap).

2.7.1.3.2 As principais possibilidades dos Pel C Mec são:
a) realizar ações de reconhecimento;
b) participar de missões de segurança;
c) participar de operações ofensivas e defensivas (de modo limitado); e
d) participar de operações complementares.

2.7.1.3.3 Pelotão de Comando e Apoio
a) O Pel C Ap destina-se a apoiar o comando da subunidade com os meios necessários à conduta das operações de combate e prestar o apoio logístico às frações do Esqd.
b) O Cmt do Pel C Ap, além de suas atribuições normais, também é o responsável pela supervisão das instalações, segurança, deslocamento e funcionamento das áreas de trens da subunidade (ATSU).
c) O Pel C Ap é constituído pelas seguintes frações:
- Cmdo;
- Seç Cmdo;
- seção de mísseis anticarro (Seç MAC); e
- seção de logística (Seç Log).

d) A Seç Cmdo enquadra o efetivo e os meios de todas as frações que apoiam diretamente o comando do Esqd e seu EM (grupo de comando; grupo de pessoal; grupo de inteligência e operações; e grupo de logística) e os de emprego peculiar (grupo de comunicações – Gp Com; grupo de vigilância

terrestre e observação; equipe de caçadores (Eq Cçd); e turma de coordenação e centralização de fogos), cujo planejamento de emprego é realizado pelo EM do Esqd C Mec.
e) A Seç MAC é empregada centralizada pelo Esqd C Mec ou descentralizada para os Pel.
f) A Seç Log enquadra as turmas de manutenção (Tu Mnt), suprimento (Tu Sup), aprovisionamento (Tu Aprv) e saúde (Tu Sau). É responsável pelo apoio logístico ao Esqd, transportando e distribuindo os suprimentos das classes (Cl) I, III, V, VIII e IX e também pelo preparo e distribuição da alimentação ao efetivo da subunidade.

2.7.2 ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO DE REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO

2.7.2.1 Organização e Estrutura Organizacional

2.7.2.1.1 Os Esqd C Mec de RC Mec possuem a seguinte estrutura organizacional básica:
a) Cmdo;
b) 01 (uma) Seç Cmdo; e
c) 03 (três) Pel C Mec.
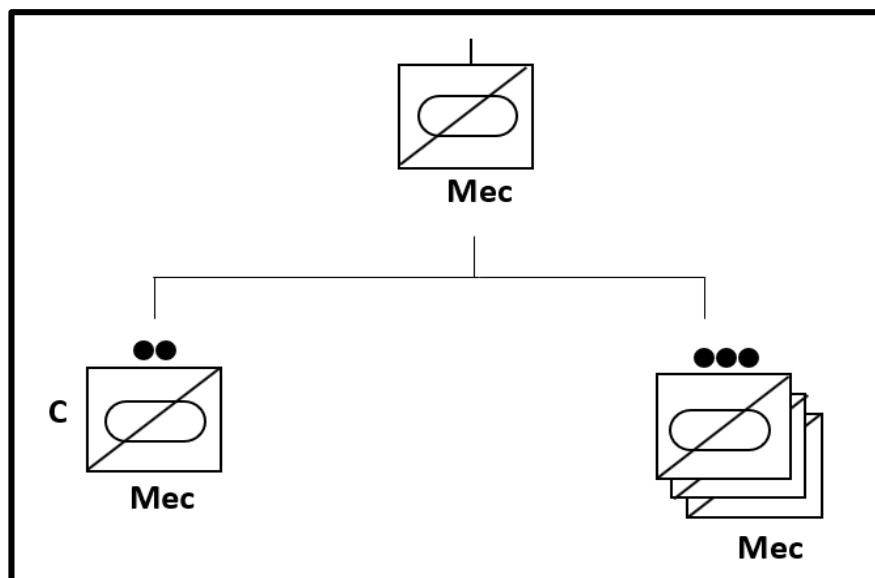
Fig 2-3 – Estrutura Organizacional do Esqd C Mec de RC Mec

2.7.2.2 O Comando da Subunidade

2.7.2.2.1 O Cmt é o responsável pelo preparo e emprego de sua SU.

2.7.2.2.2 O subcomandante é o substituto eventual do Cmt SU e o sincronizador do esquadrão, sendo responsável pela:
a) área de trens da subunidade (ATSU);
b) supervisão das instalações, segurança, deslocamento e funcionamento da ATSU; e
c) coordenação e sincronização do apoio logístico e do apoio de fogo orgânico planejado pelo Cmt SU (e/ou EM da SU).

2.7.2.3 Elementos Subordinados

2.7.2.3.1 Os Pel C Mec constituem-se os elementos básicos de Cmb da SU.

2.7.2.3.2 Seção de Comando
a) A Seç Cmdo reúne os meios necessários ao exercício do comando, ao controle do pessoal e material, à execução da manutenção e à distribuição do suprimento para a subunidade.
b) Sua estrutura organizacional possui um Gp Cmdo e um grupo logístico (Gp Log), podendo ser reforçada por meios de manutenção, saúde e aprovisionamento pelo Rgt enquadrante.
c) O Gp Cmdo enquadra o efetivo e os meios de todas as frações que apoiam diretamente o Cmt e o S Cmt do Esqd, como a turma de pessoal (Tu Pes), turma de comunicações (Tu Com) e turma de coordenação e centralização de fogos.
d) O Gp Log é composto pela Tu Sup e Tu Mnt.

2.7.3 ORGANIZAÇÃO PARA O COMBATE

2.7.3.1 A organização do Esqd C Mec para o Cmb depende dos fatores da decisão (missão, inimigo, terreno, condições meteorológicas, meios, tempo considerado e considerações civis – MITCMTC) e das conclusões do exame de situação.

2.7.3.2 O Esqd C Mec pode-se organizar para o Cmb adotando uma das seguintes estruturas:
a) **estrutura organizacional básica** – a SU enquadrando com três Pel C Mec;
b) **estrutura organizacional com pelotões provisórios** (Pel Provs) – o Cmt SU reúne em cada Pel da SU as frações dos Pel C Mec de mesma natureza, organizando pelotões de exploradores (Pel Exp), de VBC Cav/VBR, de Fuz Mec e uma seção provisória de Mrt Me; e
c) **estrutura mista** – com 01 (um) Pel C Mec, três Pel Provs, de VBC Cav/VBR, de Fuz Mec (-) e de Exp (-), e uma Seção Provisória de Mrt Me (a duas Pç Mrt).

2.7.3.3 Os Esqd C Mec, além de adotar uma estrutura organizacional básica ou uma estrutura provisória, podem receber outras frações e meios em reforço ou apoio.

2.7.3.4 A Estrutura Organizacional Básica do Esqd C Mec

2.7.3.4.1 A estrutura organizacional básica do Esqd C Mec possibilita maior flexibilidade operacional, entretanto exige um planejamento logístico detalhado para atender à diversidade de meios das diferentes frações do Pel C Mec.

2.7.3.4.2 Essa estrutura é a mais indicada para o emprego da subunidade em áreas operacionais bem vivificadas, com densa rede viária, no início das operações e em situações táticas em que se desconheça o Ini.

2.7.3.5 Estruturas Provisórias

2.7.3.5.1 As estruturas provisórias são uma possibilidade da Cavalaria Mecanizada para enfrentar determinadas situações do Cmb. Como o próprio nome diz, são provisórias, adotadas para cada situação tática, retornando-se, em princípio, ao final da situação, à estrutura básica.

2.7.3.5.2 Não existe um modelo para o Esqd C Mec executar a transição e a reversão entre essas estruturas. A SU, no seu treinamento e adestramento, encontra a melhor maneira de executá-las.

2.7.3.5.3 A transição ou a reversão, da estrutura organizacional básica para provisória, é mais fácil de ser executada quando o Esqd C Mec estiver em uma situação estática das operações como a ocupação de uma zona de reunião (Z Reu). O adestramento constante permite que a SU possa alterar a sua organização durante o Cmb ou em deslocamento.

2.8 PECULIARIDADES DO EMPREGO DAS FRAÇÕES ESPECIAIS DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

2.8.1 GENERALIDADES

2.8.1.1 O Esqd C Mec de Bda é dotado de frações com emprego especial, em função de seus meios de dotação ou finalidade. Essas frações são o grupo de vigilância terrestre e observação, a equipe de caçadores (Eq Cçd), a turma de coordenação e centralização de fogos (Tu Coor Cntz F) e a Seç MAC, integrantes do Pel C Ap. O planejamento adequado e seu emprego observando suas possibilidades e limitações, além dos reflexos ou impactos na situação operacional, dão ao Esqd C Mec uma grande vantagem tática em Op.

2.8.1.2 O Esqd C Mec (de RC Mec e de Bda) possui em sua estrutura organizacional a Turma de Coordenação e Centralização de Fogos, fração especial empregada na organização e no emprego da Seção Provisória de Morteiros Médios, que apoia o S Cmt SU na coordenação da base de fogos.

2.8.2 O GRUPO DE VIGILÂNCIA TERRESTRE E OBSERVAÇÃO DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO DE BRIGADA

2.8.2.1 Generalidades

2.8.2.1.1 O grupo de vigilância terrestre e observação é a fração encarregada da operação dos radares de vigilância terrestre (RVT), câmera de longo alcance e do sistema de aeronaves remotamente pilotadas (SARP).

2.8.2.1.2 O grupo é composto por um Cmt e duas turmas de vigilância terrestre (Tu Vig Ter). A 1ª Tu é equipada com um RVT móvel, o qual opera instalado em sua viatura. A 2ª Tu Vig Ter é equipada com um RVT transportável, que pode ser empregado instalado sobre uma viatura ou sobre seu reparo no solo, podendo ser dividido em partes e transportado em fardos por militares a pé.

2.8.2.1.3 Cada Tu Vig Ter possui, para emprego em conjunto com o seu RVT, uma câmera de imagem termal de longo alcance e as câmeras de longo alcance (CLA), o que amplia bastante a capacidade de busca de informes sobre o Ini.

2.8.2.2 Características e Possibilidades do Radar de Vigilância Terrestre

2.8.2.2.1 Os RVT do Esqd C Mec são equipamentos que podem contribuir de forma decisiva para as atividades de busca de informes sobre o Ini e para o conhecimento antecipado de sua manobra, impactando a doutrina e o emprego da tropa mecanizada.

2.8.2.2.2 O emprego dos RVT é planejado, coordenado e controlado pelo S-2 (Inteligência). Esse emprego é baseado nas normas e diretrizes expedidas pelo Esc Sp.

2.8.2.2.3 Os RVT possuem a capacidade de detectar alvos terrestres e aéreos móveis, em baixa altitude, nas operações de guerra e não guerra, identificando-os, analisando-os e acompanhando o seu movimento. Funcionam nos modos de localização automática de alvos, localização e acompanhamento de alvos selecionados e vigilância de uma zona restrita, necessitando de visada direta para detecção.

2.8.2.2.4 São capazes, também, de detectar, associar, classificar e rastrear automaticamente alvos como homens isolados, tropas, viaturas de combate, caminhões, comboios, helicópteros (próximos ao solo) e embarcações nas seguintes distâncias: homem a pé, isolado: 10 Km; viatura leve: 20 Km; e viatura pesada e carro de combate: 30 Km. Podem ainda extrair com precisão as coordenadas geográficas do alvo (azimute e distância), bem como sua velocidade e trajetória.

2.8.2.2.5 Os RVT móvel e fixo são integrados a uma CLA, ao localizador eletrônico do norte (LEN) e ao Sistema de Posicionamento Global (GPS). Os dados produzidos pelo radar e as imagens fornecidas pela câmera de longo alcance podem ser visualizados e manipulados pelo operador.

2.8.2.2.6 A CLA tem capacidade de observação diurna e noturna, medição de distância, com capacidade de aquisição da própria localização e de seu norte, permitindo que seja utilizada como um sistema de aquisição de alvos.

2.8.2.2.7 Essa câmera possui as seguintes capacidades: observação, detecção, reconhecimento e identificação de alvos, de longo alcance, estabilizada, diurna e noturna, em uma ampla gama de condições climáticas; acompanhamento (rastreamento) de diversos alvos com capacidade precisa de posicionamento; medições telemétricas de alta precisão, obtidas pelo uso de telêmetro a *laser*; desempenho de observação de alvo padrão Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) a 16 km; reconhecimento de alvo padrão OTAN a 8 km; identificação de alvo padrão OTAN a 4 km; detecção de um alvo humano a 10 km; reconhecimento de um alvo humano a 3,5 km; identificação de um alvo humano a 1,6 km.

2.8.2.3 Sistemas de Aeronaves Remotamente Pilotadas do Grupo de Vigilância Terrestre e Observação

2.8.2.3.1 A Turma SARP é a fração que opera as aeronaves remotamente pilotadas (ARP) categoria (Catg) 0. Essas aeronaves possuem um raio de ação de cerca de 9 Km, voando a uma altitude de até 900 m (em média) por até 1 hora de voo (dependendo do modelo de dotação). São um excelente meio de observação, atuando como se fosse um posto de observação (PO) remoto.

2.8.2.3.2 As ARP são equipamentos que podem contribuir de forma decisiva para as atividades de busca de informes e de segurança, particularmente nas ações de reconhecimento, de proteção (flancoguarda, vanguarda e retaguarda), na vigilância, nas ações de contrarreconhecimento e em diversas outras missões e operações do Esqd C Mec.

2.8.3 CAÇADORES

2.8.3.1 Generalidades

2.8.3.1.1 A equipe de caçadores (Eq Cçd) do Esqd C Mec de Bda é equipada e adestrada para realizar o tiro preciso sobre alvos específicos e para observar, coletar e fornecer informações detalhadas e críticas sobre o Ini. O emprego dos Cçd é planejado, coordenado e controlado pelo S-2/S-3.

2.8.3.1.2 O Esqd C Mec de RC Mec não possui, em sua estrutura organizacional, uma fração de Cçd, entretanto pode ser apoiado por uma turma de caçadores (Tu Cçd) do Esqd C Ap.

2.8.3.2 Emprego Operacional dos Caçadores

2.8.3.2.1 O emprego dos caçadores (Cçd) é de fundamental importância nas operações em áreas urbanas e nas ações embarcadas ofensivas da tropa mecanizada em locais onde o Ini possua forte defesa anticarro.

2.8.3.2.2 Os caçadores atuam prioritariamente identificando, destruindo ou neutralizando as guarnições de armas anticarro, que dificultem o deslocamento da tropa, na eliminação de caçadores inimigos, observadores avançados (OA) de artilharia (Art) e morteiros (Mrt), Elm de reconhecimento (Rec) Ini e equipes de operadores de RVT e ARP.

2.8.3.2.3 Os Cçd podem ser empregados fornecendo dados e informes sobre o Ini e o terreno, apoiando a tropa com fogo direto preciso e de longo alcance.

2.8.3.2.4 O Cmt Esqd C Mec deve fornecer aos Cçd informações oportunas que possam direcionar o cumprimento de sua missão. Dependendo das posições previstas para serem ocupadas pela Tu Cçd, pode ser necessário estabelecer restrições de fogos no anexo de fogos para preservar os Cçd de fratricídio.

2.8.3.2.5 Inicialmente, os Cçd são designados para uma posição central na zona de ação (Z Aç) da SU. Depois de se inteirarem das missões da SU e do seu dispositivo no terreno ou para o deslocamento, os Cçd operam de forma independente dentro dessa Z Aç, sem interferir na manobra do Esqd ou de seus Pel.

2.8.4 MÍSSEIS ANTICARRO

2.8.4.1 A Seç MAC do Esqd C Mec de Bda é fração de apoio de fogo e não uma peça de manobra. O planejamento de emprego da Seç MAC é realizado pelo S-2/S-3.

2.8.4.2 A Seç MAC é constituída por duas peças, sendo o menor Elm de emprego. Suas peças não devem ser empregadas de forma descentralizada. Ao planejar o emprego dessa seção, deve-se buscar o apoio mútuo entre as peças e o cruzamento de seus fogos.

2.8.5 TURMA DE COORDENAÇÃO E CENTRALIZAÇÃO DE FOGOS

2.8.5.1 A turma de coordenação e centralização de fogos deve constituir o Cmdo e a central de tiro – C Tir – (reduzida) quando o Cmt SU optar por centralizar duas ou três Pç Ap de morteiro médio em uma determinada operação.

2.8.5.2 Essa Tu deve apoiar o S Cmt Esqd C Mec (coordenador do apoio de fogos orgânicos da SU) quando da organização de uma base de fogos da SU.

CAPÍTULO III

COMANDO E CONTROLE

3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

3.1.1 O Comando e Controle (C^2) é um processo por meio do qual as atividades do Esqd C Mec são planejadas, coordenadas, sincronizadas e controladas. Esse processo abrange a autoridade do Cmt, o processo decisório e as estruturas que incluem pessoal, instalações, equipamentos e tecnologias necessários ao exercício da atividade de comando e controle.

3.1.2 A estrutura de C^2 do Esqd C Mec deve possibilitar o recebimento das ordens do Esc Sp e a ligação com elementos subordinados, permitindo o cumprimento das missões atribuídas à SU.

3.1.3 O sistema de C^2 deve ser capaz de assegurar a amplitude, a continuidade e a integração, princípios fundamentais das comunicações (Com).

3.1.4 O Esqd C Mec estabelece um sistema de comunicações capaz de suprir as necessidades de ligação entre o posto de comando principal (PCP), o posto de comando tático (PCT), a ATSU, com o Esc Sp e com os elementos subordinados.

3.1.5 O sistema de comunicações do Esqd C Mec integra o Sistema de Comunicações de Comando do Regimento (Esqd C Mec de RC Mec) ou da Bda (Esqd C Mec de Bda).

3.2 RESPONSABILIDADES FUNCIONAIS

3.2.1 COMANDANTE DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

3.2.1.1 O Cmt Esqd C Mec exerce sua ação de comando sobre todos os elementos orgânicos, em apoio e em reforço, tendo as seguintes atribuições:
a) provê seus subordinados com missões, tarefas, diretrizes e uma orientação clara de suas intenções;
b) é responsável pelo comando e controle da subunidade durante o preparo e o emprego, devendo planejar, organizar, coordenar e controlar as atividades do Esqd, mantendo a consciência situacional própria e de seu escalão enquadrante;
c) exerce sua autoridade por meio da cadeia de comando e fiscaliza o cumprimento de suas diretrizes por meio de seu EM (Esqd C Mec de Bda) ou de seu S Cmt e Cmt Pel, permitindo que seus subordinados tenham liberdade de ação para implementar suas ordens;

d) deve possuir grande liderança e capacidade para motivar e conduzir seus soldados em um Cmb continuado, fluido, extremamente móvel e a grandes profundidades; e
e) deve estar presente na ação principal, mantendo o contato com o Esc Sp.

3.2.2 SUBCOMANDANTE

3.2.2.1 O S Cmt é o principal assessor do Cmt Esqd, sendo seu substituto eventual e chefe do EM no caso do Esqd C Mec de Bda.

3.2.2.2 O S Cmt do Esqd é o sincronizador e o coordenador do apoio logístico e do apoio de fogo do Esqd C Mec. Cabe a ele sincronizar as operações em execução com o Ap Log e o apoio de fogo (Ap F), conforme o planejamento do Cmt SU para uma determina operação.

3.2.3 O ESTADO-MAIOR DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO DE BRIGADA

3.2.3.1 O EM do Esqd C Mec assessora o seu comandante no planejamento, na organização, no emprego dos elementos subordinados, na coordenação e no controle das atividades da SU.

3.2.3.2 1ª Seção – Pessoal

3.2.3.2.1 O chefe da 1ª Seção do Esqd C Mec é o oficial de pessoal (S-1) do Esqd. Ele é o principal assessor do Cmt nos assuntos da logística do pessoal. Compete ao S-1 o planejamento, a coordenação e a sincronização de todas as atividades logísticas e administrativas referentes ao pessoal.

3.2.3.3 2ª Seção – Inteligência e 3ª Seção – Operações

3.2.3.3.1 O oficial de inteligência e operações é o responsável por coordenar os trabalhos atinentes às 2ª e 3ª seções do Esqd.

3.2.3.3.2 Como oficial de inteligência, o S-2 é o principal assessor do Cmt na área da inteligência de Cmb, sendo responsável pelo planejamento, coordenação e sincronização das atividades afetas ao sistema de inteligência.

3.2.3.3.3 O S-2 é o responsável por determinar a posição do PCP. Realiza a supervisão da instalação, a operação, a segurança e o deslocamento do PCP, auxiliado pelo auxiliar (Aux) Gp Com, de onde, normalmente, executa suas atividades e tarefas.

3.2.3.3.4 Como oficial de operações, o S-3 tem responsabilidade no planejamento, na coordenação e na sincronização das operações de combate do Esqd e dos elementos em apoio e em reforço, se for o caso.

3.2.3.3.5 O Aux Gp Com assessora o S-2/S-3 quanto à segurança das comunicações e eletrônica e na localização do PCP e do PCT.

3.2.3.4 4ª Seção – Logística

3.2.3.4.1 O S-4 é o principal assessor do comandante para as atividades da logística do material e o coordenador da manobra logística do Esqd C Mec, sendo responsável pela:
a) integração dos planejamentos das 1ª e 4ª seções do estado-maior e da logística com a manobra e o apoio ao combate;
b) proposição da localização da área de trens do Esqd C Mec;
c) operação e controle da ATSU, além da supervisão da instalação, operação, segurança e deslocamento dos trens do Esqd; e
d) supervisão e planejamento do emprego dos grupos de suprimento e de manutenção.

3.3 O PROCESSO DE PLANEJAMENTO E CONDUÇÃO DAS OPERAÇÕES

3.3.1 O Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (PPCOT) constitui o meio segundo o qual o comandante desenvolve uma das principais atividades da função de combate Comando e Controle: o exercício da autoridade visando ao cumprimento de uma missão.

3.3.2 O Esqd C Mec de Bda, em razão de possuir EM, pode utilizar as três metodologias/métodos de planejamento previstas, conforme a situação:
a) metodologia para o componente conceitual do planejamento – metodologia de concepção operativa do exército –, que pode ser utilizada por todos os escalões que possuem EM no comando;
b) metodologia para o componente detalhado do planejamento – exame de situação –, que deve ser utilizada por todos os escalões que possuem EM no comando; e
c) trabalho de comando – deve ser utilizado por subunidades e escalões inferiores.

3.3.3 Por outro lado, o Esqd C Mec/RC Mec utiliza somente o trabalho de comando, pois não possui EM constituído.

3.3.4 O trabalho de comando é o conjunto de atividades realizadas pelos comandantes de subunidades que tem início com o recebimento da missão. Compreende o planejamento, a preparação da tropa, a execução e a avaliação da operação**.**

3.3.5 A condução de operações no nível SU deve ser pautada primordialmente em normas gerais de ação (NGA), procedimentos operacionais padrão (POP) e TTP de amplo conhecimento e exaustivamente treinadas.

3.3.6 Para melhor entendimento desse processo e de sua aplicação deve-se consultar o manual de campanha Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres e manual de ensino Trabalho de Comando.

3.4 POSTO DE COMANDO

3.4.1 GENERALIDADES

3.4.1.1 O posto de comando (PC) é local onde se instala o comando do Esqd C Mec para planejar e conduzir as operações, devendo funcionar de forma ininterrupta.

3.4.1.2 O PC reúne os meios necessários ao exercício do comando, incluindo a coordenação e o controle dos elementos de Cmb, Ap Cmb e Log da SU (orgânicos ou em apoio à SU).

3.4.1.3 O PC é normalmente desdobrado em três instalações de C², em função da natureza das missões a serem executadas e das características de sua Z Aç. Durante o planejamento das operações, é instalado e operado um único PC.

3.4.1.4 Na execução das operações, normalmente, o PC desdobra-se em posto de comando principal (PCP) e posto de comando tático (PCT). A terceira instalação é o posto de comando alternativo (PC Altn), instalação de C² planejada para ser ativada mediante ordem, emergência ou eventual destruição do PCP.

3.4.2 POSTO DE COMANDO PRINCIPAL

3.4.2.1 O PCP é a principal instalação de C² do Esqd C Mec, onde são realizados os planejamentos operacionais, o estudo de situação continuado das operações, a sincronização e o controle da manobra e da logística.

3.4.2.2 O PCP é instalado geralmente na ATSU. É normalmente instalado na parte principal da Z Aç do Esqd, devendo proporcionar boas condições de comunicações com o Esc Sp, observação e controle.
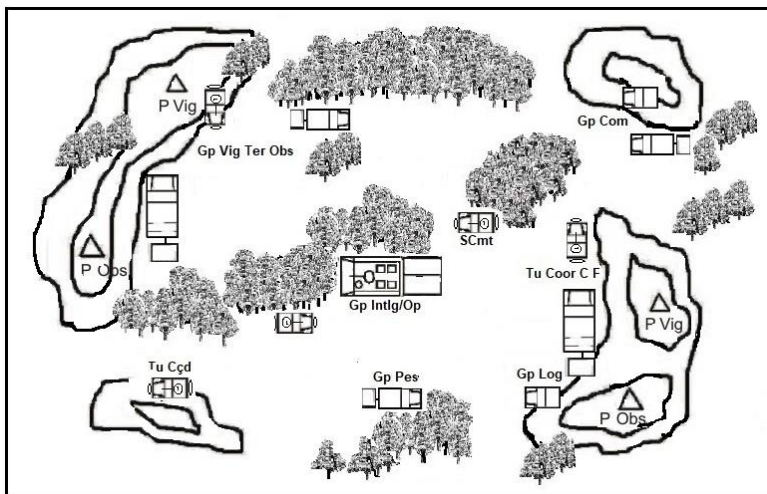
Fig 3-1 – Posto de comando principal do Esqd C Mec de Bda

3.4.2.3 O PCP do Esqd C Mec de brigada é uma instalação de C² semelhante ao PCP do RC Mec, mas reduzido, em função do menor efetivo e material desdobrado nessa instalação da SU. Nele se desdobram, durante a fase de planejamento da operação, o Gp Cmdo do Esqd; o grupo de pessoal; o grupo de inteligência e operações; e o Gp Log, formando o centro de operações da SU. Esses grupos são apoiados pelo grupo de comunicações e a pela turma de coordenação e centralização de fogos. Quando não empregados, desdobram-se junto ao PCP o grupo de vigilância terrestre e observação e a Eq Cçd.

3.4.2.4 Por outro lado, o PCP do Esqd C Mec de RC Mec é uma instalação de C² sumária, mas com a mesma finalidade. Nele são desdobrados, durante a fase de planejamento da operação, a turma de comando, a Tu Pes e a Tu Com. Quando não empregada, a turma de coordenação e centralização de fogos desdobra-se junto à turma de comando no PCP.

3.4.3 POSTO DE COMANDO TÁTICO

3.4.3.1 O PCT é a instalação de C² de onde o Cmt Esqd conduz as operações. O PCT pode servir como instalação temporária ou operar por longo período de tempo, podendo ser considerado como o escalão avançado do PCP, no caso do Esqd C Mec orgânico de Bda**.** É instalado o mais à frente possível, orientado para a parte principal da Z Aç da SU.

3.4.3.2 A finalidade do PCT é a condução das operações em curso. Ele fornece informações em tempo real sobre a situação tática, integrando informações recebidas do Esc Sp e permitindo uma completa consciência situacional ao Cmt Esqd C Mec. O Gp Cmdo utiliza o PCT como uma base de apoio, a partir da qual desenvolve o seu trabalho.
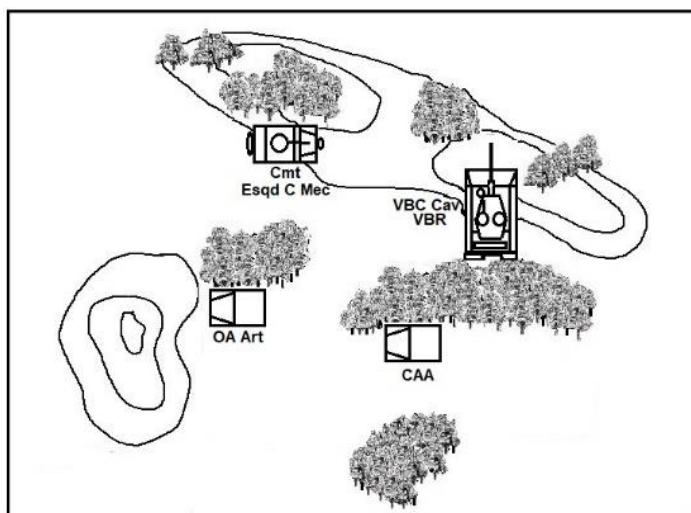
Fig 3-2 – Posto de comando tático

3.4.3.3 No Esqd C Mec de Bda, o PCT pode funcionar como PC Altn do Esqd. Quando o PCT não é desdobrado, seus meios e efetivos passam a integrar o PCP.

3.4.4 EMPREGO DAS INSTALAÇÕES DE C² DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

3.4.4.1 Nas operações de movimento, o Esqd C Mec, em princípio, tem todas as instalações dos PC funcionando embarcadas nas viaturas de dotação, visando a acompanhar a evolução da situação tática.

3.4.4.2 Nas operações estáticas ou em situações especiais, o Cmt pode determinar que as instalações de C² sejam operadas em barracas, toldos ou edificações existentes na região.

3.4.5 LOCALIZAÇÃO DOS POSTOS DE COMANDO

3.4.5.1 A localização do PC varia de acordo com o tipo de operação da qual o Esqd C Mec está participando.

3.4.5.2 O PC é localizado de modo a facilitar o controle do comandante do Esqd. Os fatores que influem na sua localização são a situação tática, as facilidades para as comunicações, a segurança e as facilidades para a instalação. As entradas de cidades e vilas, os cruzamentos de estradas e outros acidentes do terreno que possam atrair o fogo Ini devem ser evitados.

3.4.5.3 Para obter segurança, o PCP normalmente é localizado à retaguarda de elementos em primeiro escalão. A segurança local é obtida pelo estabelecimento de postos avançados guarnecidos por motoristas e pessoal disponível. Quando possível, as armas instaladas em viaturas recebem setores específicos de tiro.

3.4.5.4 No Esqd C Mec de brigada, o S-3/S-2 propõe ao Cmt SU a delimitação da área do PCP e do PCT, após consultar o Aux Com da SU (que opina sobre o aspecto das comunicações).

3.4.5.5 O PC e os seus sistemas de comunicações são alvos de elevada prioridade para o Ini. Eles apresentam assinaturas de radiofrequência, térmicas, acústicas e visuais facilmente detectáveis pelo Ini. Em função dessa vulnerabilidade, a localização do PC deve ser objeto de cuidadosa análise, a fim de se reduzir o risco de sua destruição ou bloqueio por meios eletrônicos. A localização do PC deve ser alterada após determinados períodos, em função da situação tática e dos meios de guerra eletrônica (GE) do Ini, a fim de reduzir a possibilidade de sua destruição.

3.4.6 DISTRIBUIÇÃO INTERNA DE ÁREAS NO PCP DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO ORGÂNICO DE BRIGADA

3.4.6.1 O PCP é normalmente integrado pelo Cmdo Esqd C Mec. Na área do PCP, desdobram-se ainda o grosso dos elementos da Seç Cmdo e a seção de comunicações. Os grupos de inteligência e operações devem ficar em posição central e operar reunidos no PCP.

3.4.7 OPERAÇÃO DO POSTO DE COMANDO PRINCIPAL

3.4.7.1 O PC do Esqd C Mec é organizado para funcionar ininterruptamente. As seções do EM são organizadas em turmas que se revezam para assegurar a operação efetiva dos PC durante as 24 horas do dia e para que o pessoal possa ter o repouso necessário.

3.4.8 DESLOCAMENTO DO POSTO DE COMANDO PRINCIPAL

3.4.8.1 A situação tática, a segurança e os meios de comunicações podem impor a necessidade de deslocamentos frequentes, o que implica, normalmente, declínio de eficiência e desgaste de pessoal e material. Em consequência, as seguintes considerações devem ser feitas para o PCP:
a) buscar uma localização inicial que atenda, durante o maior tempo possível, às necessidades do comando;
b) restringir os deslocamentos às necessidades de segurança do PC e à evolução da situação tática; e
c) aproveitar, dentro do possível, os períodos em que houver uma redução no volume de tráfego de mensagens para realizar deslocamentos.

3.4.8.2 Quando é planejado um deslocamento, o S-3 e o S-4 propõem ao comandante (ou frequentemente, ao subcomandante) a nova localização geral do PC e a oportunidade para seu deslocamento. Os oficiais responsáveis pelo deslocamento do PC coordenam com:
a) o S-3 – o dispositivo da tropa, planos táticos, prioridade para utilização de estradas, hora de abertura do novo PC e fechamento do PC anterior; e
b) o S-4 – considerações logísticas, particularmente sobre transportes.

3.4.8.3 O destacamento precursor desloca-se para o novo local onde escolhe a localização exata do PC. Escolhidos os locais das instalações, são colocados guias para orientar os elementos que chegam para as respectivas áreas. Quando todas as providências tiverem sido tomadas, os antigos PC devem ser notificados.

3.4.8.4 Normalmente, o PC desloca-se em dois escalões, a fim de assegurar o contínuo controle das operações. O primeiro desloca-se para a nova área, enquanto o segundo escalão continua a funcionar sob o controle de um oficial do EM. O comando enquadrante e os elementos subordinados e em apoio devem ser informados do exato local e da hora de abertura do novo PC. Quando este ficar pronto para operar, os oficiais do EM, que permaneceram no antigo PC, devem ser informados. O novo PC é aberto simultaneamente com o fechamento do antigo. O segundo escalão, então, reúne-se ao primeiro. Deve ser deixado um guia, no antigo PC, durante um certo tempo, para informar onde está o novo PC.

3.4.8.5 O PC pode deslocar-se como um todo, de uma só vez. Nesse caso, o comando e o controle podem ser exercidos por meio de um grupo de comando, durante o movimento.

3.4.9 SEGURANÇA DO POSTO DE COMANDO

3.4.9.1 A segurança do PC está relacionada com a localização das instalações, com a segurança das comunicações e com as normas e os procedimentos gerais para operação do PC.

3.4.9.2 As medidas de segurança para o PC do Esqd C Mec seguem os mesmos critérios do PC do RC Mec.

3.5 LIGAÇÕES E COMUNICAÇÕES

3.5.1 LIGAÇÕES

3.5.1.1 As ligações são os contatos estabelecidos pelo comandante Esqd e seu estado-maior com os comandantes de pelotões, com os elementos de apoio e

com o escalão superior (Esc Sp) para o exercício efetivo das funções de comando durante as operações.

3.5.1.2 Em cada situação tática, o comandante avalia e determina as necessidades em ligações, as quais são estabelecidas, principalmente, por meio de contatos pessoais e do emprego de meios de comunicações.

3.5.1.3 No âmbito do Esqd C Mec, as ligações necessárias incluem: escalão imediatamente superior, elementos vizinhos, elementos em apoio e elementos subordinados.
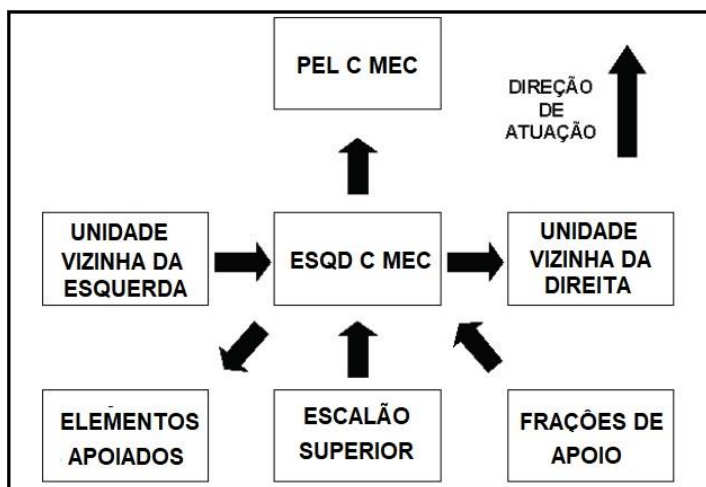
Fig 3-3 – Ligações do Esqd C Mec

3.5.2 COMUNICAÇÕES

3.5.2.1 O Cmt é o responsável pelo funcionamento do sistema de comunicações da SU. Cabe a ele, também, zelar para que os Pel disponham de meios de comunicações adequados para fazer face às necessidades das operações.

3.5.2.2 Os diferentes meios de comunicações disponíveis no Esqd agrupam-se de modo a constituírem conjuntos homogêneos, com características comuns. Esses conjuntos são chamados sistemas.

3.5.2.3 O sistema de comunicações do Esqd constitui parte do sistema de comunicações do Esc Sp e integra os sistemas dos elementos subordinados.

3.5.2.4 As responsabilidades de comando sobre as comunicações são igualmente aplicadas a todos os comandantes subordinados, incluindo os comandantes de viaturas blindadas e os chefes das demais viaturas nas quais estiverem instalados os meios de comunicações.

3.5.2.5 Sempre que possível, deve-se evitar a ligação por um único meio. O grau de confiança proporcionado pelo sistema de comunicações da subunidade é aumentado pelo emprego de todos os meios disponíveis.

CAPÍTULO IV

MOVIMENTO E MANOBRA
OPERAÇÕES BÁSICAS

4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.1.1 A função de combate Movimento e Manobra (M^2) constitui-se em um dos elementos do poder de combate terrestre a ser aplicado para a execução de operações militares. Caracteriza-se pela capacidade de deslocar ou dispor forças de forma a colocar o Ini em desvantagem relativa e, assim, atingir os resultados que, de outra forma, seriam mais custosos em pessoal e material.

4.1.2 O Esqd C Mec participa da função de combate M^2, sendo apto a posicionar-se com rapidez e em situação de vantagem em relação às ameaças. O êxito do movimento e da manobra está diretamente ligado à flexibilidade na organização de forças, ao apoio logístico, ao adequado comando e controle, à mobilidade, ao grau de adestramento, à qualidade do planejamento, à disciplina, à iniciativa e ao aproveitamento de oportunidades no tempo e no espaço.

4.1.3 O Esqd C Mec de Bda, no decurso das operações ofensivas e defensivas, bem como realizando movimentos retrógrados em proveito da GU, atua, normalmente, de forma semelhante ao Esqd C Mec de RC Mec.

4.2 OPERAÇÕES BÁSICAS

4.2.1 As operações (Op) básicas possibilitam alcançar os objetivos definidos e atingir o EFD da campanha, podendo ser: ofensivas (Ofs), defensivas (Def) e as de cooperação e coordenação com agências.

4.2.2 As operações básicas podem ocorrer simultânea ou sucessivamente, no amplo espectro dos conflitos, a fim de que sejam estabelecidas as condições para alcançar os objetivos definidos e o EFD da campanha.

4.3 OPERAÇÕES OFENSIVAS

4.3.1 GENERALIDADES

4.3.1.1 O Esqd C Mec, por sua organização, equipamento e adestramento, não é a tropa mais apta a realizar ações ofensivas. Entretanto, seja durante a execução da operação complementar de segurança, seja como elemento de economia de meios de seu Esc Sp, o Esqd C Mec pode ser engajado, com limitações, na execução de Op Ofs.

4.3.2 TIPOS DE OPERAÇÕES OFENSIVAS E FORMAS DE MANOBRA

4.3.2.1 Os tipos de Op Ofs são: marcha para o combate (M Cmb), reconhecimento em força (Rec F), ataque (Atq), aproveitamento do êxito (Apvt Exi) e perseguição (Prsg).

4.3.3 MARCHA PARA O COMBATE

4.3.3.1 Conceitos e Características

4.3.3.1.1 A M Cmb é uma marcha tática na direção do Ini, executada com a finalidade de obter ou restabelecer o contato com ele e/ou assegurar vantagens que facilitem as Op futuras.

4.3.3.1.2 As principais características da M Cmb são: a incerteza do desenrolar da operação, a evolução de ações descentralizadas para centralizadas, a mudança rápida da extensão e a profundidade do dispositivo.

4.3.3.1.3 A M Cmb deve ser executada agressivamente, para se apossar do objetivo antes que o Ini possa reagir.

4.3.3.1.4 A M Cmb é, normalmente, realizada em colunas múltiplas. Os elementos subordinados empregam formações variadas, conforme a situação tática exija.

4.3.3.2 Classificação

4.3.3.2.1 Quanto à segurança:
a) **coberta** – a marcha é coberta quando, entre o Ini e a tropa que a realiza, existe uma força amiga capaz de lhe proporcionar a necessária segurança. À noite, preferencialmente, deve ser executada a marcha coberta; e
b) **descoberta** – quando não há tropa amiga interposta ou quando a segurança por ela proporcionada for insuficiente.

4.3.3.2.2 Quanto ao dispositivo:
a) **coluna** – facilita o controle e proporciona flexibilidade, impulsão e segurança ao deslocamento. Admite, como variante, o dispositivo em escalão, o que favorece o desenvolvimento para o flanco; e
b) **linha** – o dispositivo em linha dificulta as mudanças de direção e restringe a capacidade de manobra, mas aumenta a rapidez do deslocamento e permite atribuir à força um maior poderio de fogo à frente.

4.3.3.2.3 Quanto à possibilidade do contato:
a) **contato remoto** – situação em que o Ini terrestre não pode atuar sobre o Esqd;
b) **contato pouco provável** – é a fase de transição entre o contato remoto e o

iminente. O término desta fase ocorre quando o contato torna-se iminente; e
c) **contato iminente** – situação em que o Esqd pode, a qualquer momento, sofrer ação terrestre do Ini. O contato torna-se iminente a partir da linha de provável encontro (LPE).

4.3.3.3 Dispositivo e Formação

4.3.3.3.1 Os dispositivos e formações buscam proporcionar o máximo de velocidade, controle e segurança no curso de uma M Cmb.

4.3.3.3.2 Quando o contato com o Ini é remoto, a tropa desloca-se em coluna de marcha, prevalecendo as medidas administrativas e o conforto da tropa.

4.3.3.3.3 Quando o contato é pouco provável, o movimento é feito em coluna tática. A tropa conserva as vantagens do movimento em coluna e agrupa sua tropa taticamente, sem desdobrá-la. Isso é feito para facilitar o movimento e a ocupação, em ordem, de uma Z Reu, ao mesmo tempo em que facilita a rápida adoção de um dispositivo para o Cmb, quando o contato torna-se iminente.

4.3.3.3.4 Quando o contato é iminente, prevalecem as medidas táticas, e o movimento é feito em marcha de aproximação, situação em que os elementos são agrupados taticamente e desdobrados. A proteção proporcionada pelos elementos de primeiro escalão assegura um contato pouco provável para os demais Elm da tropa, que podem continuar o deslocamento em coluna tática.

CONTATO	FORMAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
REMOTO	COLUNA DE MARCHA	- Prevalecem medidas administrativas. - Podem deslocar-se por vários meios e por diferentes itinerários (Itn). - Velocidade e conforto da tropa semelhante à marcha administrativa.
POUCO PROVÁVEL	COLUNA TÁTICA	- Fase intermediária. - Organização tática dada à sua formação. - Manutenção da rapidez e segurança. - Equilíbrio das medidas administrativas e táticas.
IMINENTE	MARCHA DE APROXIMAÇÃO	- Prevalecem medidas táticas. - Elementos desdobrados taticamente. - Constituição de uma vanguarda de modo a assegurar a progressão rápida e ininterrupta.

Quadro 4-1 – O contato com o Ini e as formações na M Cmb

4.3.3.4 O Esquadrão de Cavalaria Mecanizado na Marcha para o Combate

4.3.3.4.1 O Esqd C Mec pode participar de uma M Cmb integrando o grosso ou a força de segurança de seu escalão superior das seguintes formas:
a) **Esqd de RC Mec** – constituindo a força de proteção de seu Rgt (Fg, Vgd ou Rtgd) ou, como integrante do Rgt, na força de proteção ou na força de cobertura da brigada ou divisão de exército; e
b) **Esqd de brigada** – constituindo a força de proteção (Fg, Vgd ou Rtgd) em proveito do seu escalão superior.

4.3.3.4.2 O emprego do Esqd C Mec, como elemento de segurança, visa a proporcionar:
a) avanço rápido e ininterrupto;
b) segurança adequada em todas as direções e melhores condições para esclarecer a situação o mais cedo possível; e
c) manutenção da maioria do poder de Cmb em condições de pronto emprego.

4.3.3.4.3 O emprego do Esqd C Mec na M Cmb, com Pel Provs, deve ser avaliado com base nos objetivos do escalão superior e nos fatores da decisão.

4.3.3.4.4 Medidas de Coordenação e Controle em uma M Cmb:
a) **linha de controle** (L Ct) – linha nítida no terreno, transversal ou paralela em local onde o Ini pode entrar em posição. As transversais visam a controlar o movimento dos elementos de 1º escalão. As paralelas visam a limitar a zona de atuação do Esqd C Mec. São impostas pelo Esc Sp;
b) **ponto de controle** (P Ct) – ponto nítido ao longo da Z Aç, no Itn ou eixo de progressão (E Prog), com a finalidade de informar a localização precisa de uma SU (ou fração), bem como o curso de sua progressão. Deve ser marcado em regiões de fácil identificação;
c) **ponto de ligação** (P Lig) – imposto pelo Esc Sp para a sua F Ptç, determina a ligação física entre peças de manobra de 1º Esc. Em Op de grande movimento, o P Lig visa à troca de informações e obriga uma força a percorrer uma determinada área para obtenção de informações sobre o terreno e o Ini;
d) **região de destino** (R Dstn) – região para onde se desloca o 2º Esc. Normalmente localizada sobre o eixo que melhor facilita o prosseguimento da missão. A R Dstn deve estar, preferencialmente, localizada antes da L Ct, a uma distância de segurança que serve para balizar o deslocamento do 2º Esc, não sendo obrigatória a sua ocupação;
e) **eixo de progressão** (E Prog) – direção de movimento que baliza a progressão dos elementos de manobra;
f) **objetivo da marcha** – acidente do terreno para o qual é dirigida a marcha;
g) **limites** – definem as áreas de responsabilidade da tropa empregada;
h) **hora de início de deslocamento** – hora em que o Elm de 1º Esc irá transpor a L Ct para iniciar o movimento; e
i) **linha de provável encontro** (LPE) – linha do terreno onde se admite o encontro dos primeiros elementos da nossa força com a vanguarda do Ini.

4.3.3.4.5 Decisão

a) O Cmt Esqd C Mec normalmente decide sobre:

- dispositivo;
- objetivos de marcha;
- Itn de marcha e E Prog;
- hora de início do movimento (se for o caso); e
- previsão de ações futuras.

b) As decisões tomadas podem ser complementadas com as seguintes medidas, no todo ou em parte:

- formação de marcha a ser empregada, englobando os intervalos e as distâncias entre as frações;
- organização para o combate da subunidade;
- organização da coluna de marcha;
- missões aos elementos subordinados;
- composição de pelotões provisórios;
- medidas de coordenação e controle;
- medidas de segurança contra ataques terrestres e aéreos;
- apoio administrativo; e
- emprego das comunicações.
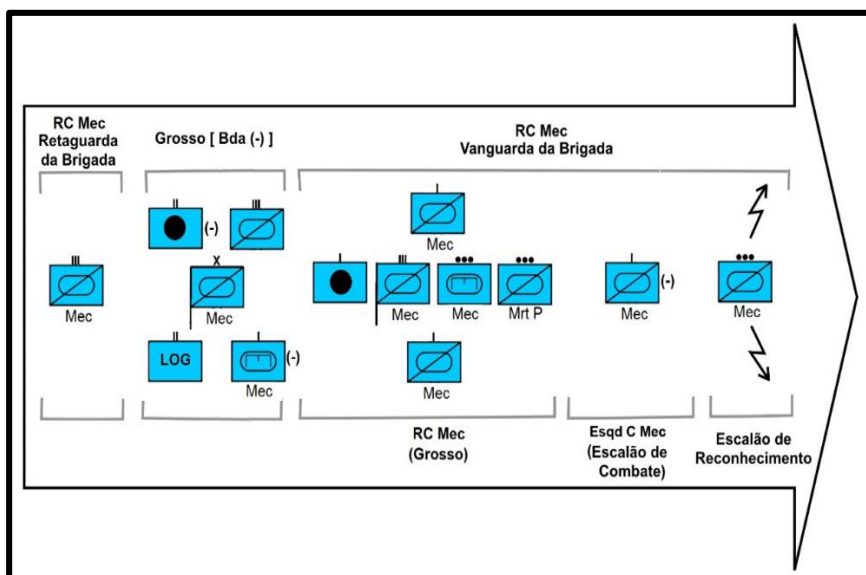
Fig 4-1 – Possibilidades de emprego do Esqd C Mec na M Cmb (Esc Rec, Esc Cmb ou Rg do Esc Sp)

4.3.3.4.6 Forças de Segurança

a) **Vanguarda** (Vgd) – força de proteção avançada, particularmente ofensiva, cuja missão é assegurar o avanço ininterrupto da força protegida. O Esqd C Mec pode receber a missão em uma M Cmb de realizar uma vanguarda ou executar parte da missão de vanguarda atribuída ao RC Mec. No segundo caso, pode

constituir o primeiro escalão ou permanecer com o grosso do Rgt, podendo ser empregado, no decorrer das ações, como um de seus elementos de manobra. O Esqd C Mec, na vanguarda da M Cmb, normalmente se organiza em dois escalões: o escalão de reconhecimento e o escalão de Cmb. O pelotão testa constitui o escalão de reconhecimento, enquanto os demais pelotões constituem o escalão de combate. Os morteiros podem ser reunidos para apoiar as ações sob controle do comandante de Esqd.
b) **Flancoguarda** (Fg) – a flancoguarda opera no flanco da força que a destacou, de modo a protegê-la contra a observação terrestre, os fogos diretos e os ataques de surpresa do Ini. O Esqd C Mec pode, isoladamente, constituir uma flancoguarda ou participar de uma flancoguarda conduzida pelo RC Mec.
c) **Retaguarda** (Rtgd) – força de proteção que opera à retaguarda do grosso, de modo a protegê-lo contra a observação terrestre, os fogos diretos e os ataques de surpresa do Ini, orientados sobre a sua retaguarda.

4.3.4 RECONHECIMENTO EM FORÇA

4.3.4.1 Generalidades

4.3.4.1.1 O Rec F é uma Op de objetivo limitado executada por uma força ponderável, com a finalidade de revelar e testar o valor, a composição e o dispositivo do Ini, ou obter outras informações. Seu objetivo principal é o de esclarecer a situação, podendo ser conduzido no quadro de uma Op Ofs ou Def. O Rec F não constitui um tipo de missão de reconhecimento.

4.3.4.1.2 O Rec F é uma Op típica de unidades blindadas. Porém, ao realizar uma missão de reconhecimento, seja de eixo, de zona ou de área, o Esqd C Mec enquadrado em seu Rgt, eventualmente, pode ter que se engajar em uma ação de Rec F.

4.3.4.1.3 Devido às suas características, o Esqd C Mec de Bda não é a tropa ideal para a realização do Rec F. Porém, se reforçado com carros de combate (CC) além dos apoios de artilharia, engenharia e, se disponível, de meios aéreos, pode ser empregado de forma semelhante a um Esqd C Mec orgânico de RC Mec.
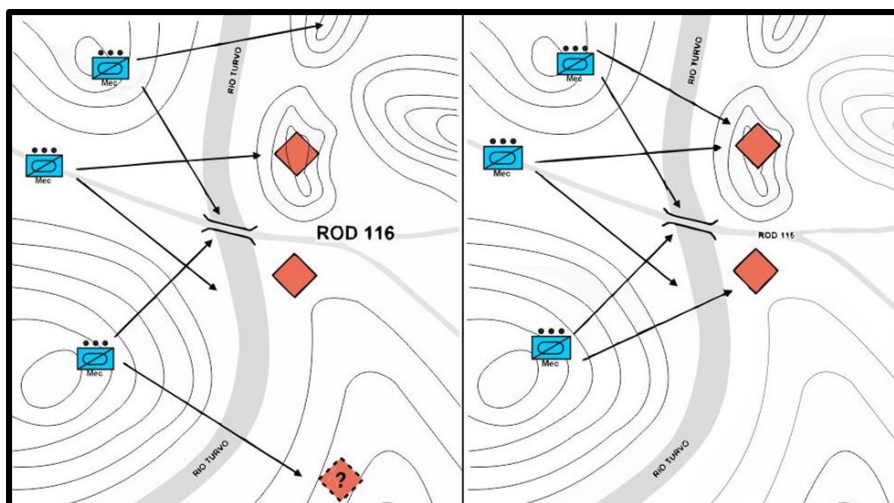
Fig 4-2 – Rec F – Atq com objetivo limitado sobre toda a frente (esquerda) e Atq com objetivo limitado em uma determinada região (direita)

4.3.5 ATAQUE

4.3.5.1 Generalidades

4.3.5.1.1 A finalidade do ataque é derrotar, destruir ou neutralizar o Ini. Existem dois tipos de ataque: de oportunidade (Atq Oport) e coordenado (Atq Coor). A diferença entre o Atq Oport e o Atq Coor reside no tempo para planejamento, coordenação e preparação antes da execução, ou seja, na quantidade de tempo à disposição do comandante para essas atividades.

4.3.5.1.2 Apesar de a Op Ofs Atq poder ser realizada por força de qualquer natureza, as tropas blindadas são as mais aptas para executá-la. Mesmo não sendo a tropa mais indicada para tal, a tropa mecanizada pode realizar essa Op em diversas situações, particularmente, durante uma operação de segurança (Op Seg) ou como Elm de economia de meios do Esc Sp.

4.3.5.1.3 O Esqd C Mec pode constituir ou integrar o escalão de ataque do Esc Sp. Conforme o tempo e a situação tática, podem ser organizados Pel Provs. Quando agindo isoladamente, o Esqd organiza seu escalão de ataque e sua base de fogos.

4.3.5.1.4 Os exploradores, normalmente, acompanham o escalão de ataque para dar segurança de flanco. Eles auxiliam a progressão por meio do reconhecimento e do estabelecimento de posições de bloqueio (P Blq). Em função da análise dos fatores da decisão, podem ser empregados como um grupo de combate, embarcados nas viaturas ou a pé.

4.3.5.1.5 Se o terreno ou os obstáculos artificiais impedirem o uso de viaturas, o escalão de ataque consistirá dos grupos de combate e dos grupos de exploradores a pé. As VBC Cav/VBR devem apoiar a progressão da tropa a pé.

4.3.5.1.6 O Cmt Esqd C Mec pode realizar o ataque embarcado quando o Ini não dispuser de armas anticarro (AC) ou CC e o terreno possibilitar, pois a tropa mecanizada não possui a mobilidade nem a blindagem necessária para realizar o Cmb aproximado contra armas AC e CC no compartimento de Cmb.

4.3.5.1.7 Na realização do ataque em proveito da GU, o Esqd C Mec de Bda atua como Elm de economia de meios, atuando de modo semelhante ao Esqd C Mec de RC Mec.

4.3.5.2 Ataque de Oportunidade

4.3.5.2.1 Generalidades
a) O ataque de oportunidade caracteriza-se pela imediata expedição de missões pela finalidade e de ordens fragmentárias, destinadas aos elementos de manobra e apoio de fogo, privilegiando a rapidez, a iniciativa e a manutenção da impulsão, buscando, em princípio, a execução de manobras desbordantes associadas à fixação do Ini, com a finalidade de a força prosseguir no cumprimento da sua missão.
b) É um tipo de Op Ofs empregada, eventualmente, pelas tropas mecanizadas, para conquistar ou manter a iniciativa, ou para sustentar o ritmo das Op, por vezes dentro do quadro tático de um Rec, segurança (Seg) ou movimento retrógrado (Mov Rtg).
c) O Atq Oport pode ser executado na sequência de um Cmb de encontro ou uma defesa com sucesso.

4.3.5.2.2 Características:
a) normalmente o Esqd C Mec realiza o Atq Oport com todos os seus pelotões e, prioritariamente, em estruturas provisórias;
b) prazo reduzido para planejamentos e reconhecimentos;
c) execução agressiva e rápida do ataque, sem dar tempo ao Ini de reorganizar-se ou rocar meios;
d) necessidade de abrir caminho para o prosseguimento na missão inicial, o mais rápido possível;
e) expedição de missões pela finalidade e ordens fragmentárias;
f) Ini fraco, sobre o qual se dispõe de suficientes informações para realizar o ataque; e
g) o Atq pode ser realizado contra uma força inimiga (F Ini) em movimento (combate de encontro) ou contra uma F Ini estacionada.

4.3.5.2.3 Distribuição dos Meios no Atq Oport
a) O Esqd C Mec distribui seus meios, normalmente, em um escalão de assalto, uma base de fogos e uma reserva.

b) Em função da situação tática e do estudo de situação realizado pelo Cmt SU, pode não ser atribuída a missão de reserva, ao menos inicialmente, a nenhuma das peças de manobra.

4.3.5.2.4 Conforme o tempo e a situação tática, o Esqd C Mec organiza os Pel C Mec que não estiverem em contato com o Ini em Pel Provs. Não sendo possível organizar os Pel Provs, o Esqd C Mec emprega os seus Pel C Mec no ataque.

4.3.5.2.5 Ações a serem realizadas no Atq Oport:
a) reconhecer e determinar o valor, a composição, a atitude e a orientação da F Ini (emprego de todos os sensores disponíveis: ARP, RVT, Cçd *etc.*);
b) determinar se a F Ini a ser atacada está apoiada por outras unidades (U) próximas;
c) encontrar uma via de acesso coberta, que incida no flanco do Ini e possibilite o deslocamento em alta velocidade;
d) deslocar parte das VBC Cav/VBR para uma posição dominante e atacar o Ini pelo fogo;
e) estabelecer uma base de fogos com o pelotão de morteiro pesado (Pel Mrt P) e a Seç MAC para destruir ou anular todas as armas AC de longo alcance, de tiro direto e indireto do Ini que possam ser observadas antes que o escalão de ataque inicie seu ataque. As seções de morteiros médios (Seç Mrt Me) dos Esqd também podem ser centralizadas, de acordo com o estudo de situação;
f) isolar a F Ini que será atacada, de forma que não possa receber apoio;
g) atacar o Ini pelo fogo ou pelo fogo e movimento; e
h) estabelecer P Blq e PO sobre as vias de acesso (VA) que conduzam à posição conquistada (imediatamente após o êxito do ataque).

4.3.5.2.6 Decisão para Realizar o Atq Oport
a) A decisão é, normalmente, tomada após o reconhecimento mostrar que a vitória depende de um ataque rápido, com um mínimo de planejamento e preparação.
b) As táticas para a condução do ataque devem observar três características comuns:
- conhecimento ou suspeita de que as armas AC inimigas estão anuladas ou destruídas pelo fogo direto e/ou indireto, antes de o escalão de ataque ser empregado;
- o Ini deve ser forçado a combater em duas direções; e
- perda da capacidade de reação por parte das F Ini.

4.3.5.2.7 Conduta no Atq Oport
a) Durante a execução de outras missões, elementos das F Seg frequentemente estabelecem contato com as F Ini. Ao esclarecer a situação, o Cmt do elemento em contato pode recomendar um ataque de oportunidade como uma linha de ação para o Cmt da SU, que decide pela sua adoção ou não. Caso seja adotada, o Cmt Esqd atribui missões pela finalidade às suas peças de manobra e expede

ordens fragmentárias para os elementos subordinados que, rapidamente, posicionarão suas frações para executar um ataque de forma simples e no mais curto prazo possível.
b) Os elementos em contato continuam esclarecendo a situação o mais à frente possível, progredindo agressivamente, para os flancos (Flc) ou Rtgd, procurando a presença de outras F Ini que possam apoiar o Ini em contato.
c) O Cmt deve deslocar-se para uma posição dominante, de onde possa controlar todas as ações de seus elementos subordinados e expedir as ordens necessárias à luz do terreno, no menor prazo possível.
d) O assalto é realizado, sempre que possível, embarcado.
e) O Cmt Esqd emprega, normalmente, os Pel C Mec em Pel Provs de VBC Cav/VBR, Fuz Mec, Exp e Mrt. No escalão de ataque, deve ser empregado o combinado VBC Cav/VBR Fuz Mec.
f) Os Exp normalmente acompanham o escalão de ataque para dar segurança ao flanco. Porém, em situações específicas, pode ser empregado como base de fogos.
g) O escalão de ataque transpõe a linha de partida rápida e agressivamente. Todas as ações ofensivas seguem os mesmos fundamentos preconizados para o ataque coordenado.
h) O núcleo da base de fogos é constituído das três peças de morteiro, que são reunidas sempre que o apoio de uma única posição for possível.
i) As VBC Cav/VBR e as VBC Fuz/viaturas blindadas de transporte pessoal (VBTP) só serão empregadas na base de fogos quando o terreno ou os obstáculos artificiais impedirem a participação deles no escalão de ataque.
j) O escalão de ataque transpõe a linha de partida (LP) rápida e agressivamente. Todas as ações ofensivas seguem os mesmos fundamentos preconizados para o Atq Coor.

4.3.5.2.8 Peculiaridades do Atq Oport
a) Quando duas forças oponentes deslocam-se de modo convergente, o lado que vence é, normalmente, aquele que manobra rapidamente e ocupa posições vantajosas para atacar o flanco do Ini, obrigando-o a lutar em duas direções.
b) Um Atq Oport contra uma força estacionada é iniciado após o Pel vanguarda realizar o reconhecimento da F Ini para delimitar seus lanços e encontrar falhas no seu dispositivo que possam ser exploradas pelo Esqd C Mec. Essa busca de informações deve ser feita com rapidez para que o Rgt não perca a iniciativa.
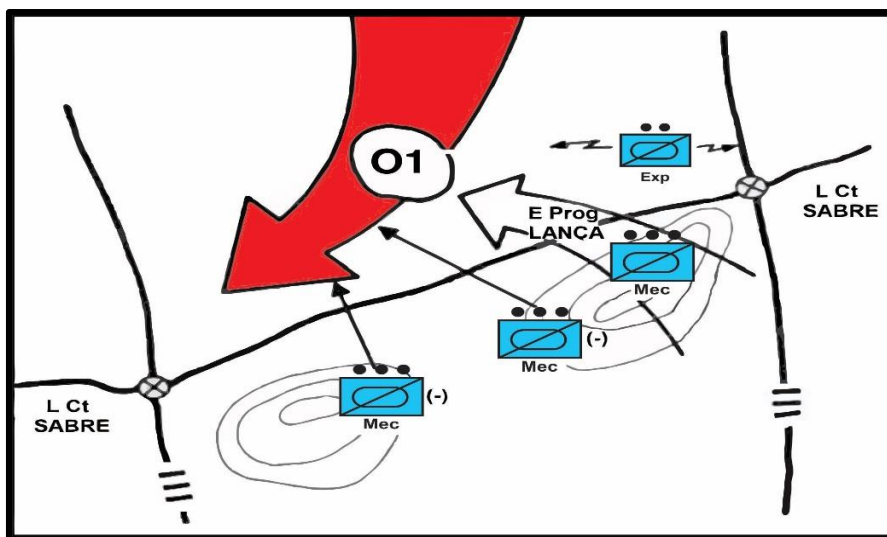
Fig 4-3 – Atq Oport contra uma força em movimento

4.3.5.2.9 Fogos em Apoio ao Atq Oport
a) Na execução do Atq Oport, o Esqd C Mec deve combinar os fogos indiretos com os diretos. Os fogos indiretos devem complementar os planos de manobra.
b) O Ap F ao Esqd C Mec, durante um Atq Oport, pode-se constituir da artilharia em apoio direto (Ap Dto), da aviação (Av) de combate e dos meios orgânicos. A base de fogos fornece apoio de fogo contínuo ao escalão de ataque.
c) Os elementos da base de fogos só devem deslocar-se à frente quando o escalão de ataque atingir o objetivo. É importante que nem todos os elementos da base de fogos se desloquem ao mesmo tempo. Os morteiros são dispostos de tal maneira que o apoio de fogo não seja interrompido.

4.3.5.3 Ataque Coordenado

4.3.5.3.1 Generalidades
a) O Atq Coor é uma Op Ofs que consiste na combinação do fogo, movimento e ação de choque contra uma resistência ou posição defensiva (P Def) do Ini, sobre o qual as informações disponíveis indicam a necessidade de um planejamento completo.
b) O Esqd C Mec participa desta Op enquadrado no RC Mec, ou reforçando o ataque de uma força superior de natureza diferente, conquistando um objetivo de segurança para esse elemento. Raramente ataca integrando força superior de natureza diferente para conquistar parte de um objetivo principal.
c) O Esqd C Mec de Bda raramente participa de um Atq Coor, exceto em setores secundários ou como Elm de economia de meios do Esc Sp.
d) O Esqd C Mec somente participa embarcado de um Atq Coor contra um Ini que não disponha de CC ou armamento AC. Não existindo essas condições, pode realizar o ataque a pé.

4.3.5.3.2 Grupamentos de Forças no Atq Oport

a) O RC Mec ou uma Bda, no ataque coordenado, normalmente, constitui três grupamentos de forças: base de fogos, escalão de ataque e reserva. O Esqd C Mec pode integrar todos esses grupamentos.

b) Geralmente participa de um Atq Coor com pelotões provisórios.

c) O planejamento da execução do ataque deve ser realizado por fases. Em princípio, deve ser faseado em quatro:

- da Z Reu à linha de partida;
- da linha de partida ao objetivo;
- o assalto ao objetivo; e
- as ações no objetivo (após a conquista deste).

d) O Esqd C Mec, normalmente, não é empregado isoladamente no Atq Oport, devendo atuar sob planejamento do escalão superior.

e) Para melhor entendimento do Atq Coor, deve-se consultar o MC Regimento de Cavalaria Mecanizado.
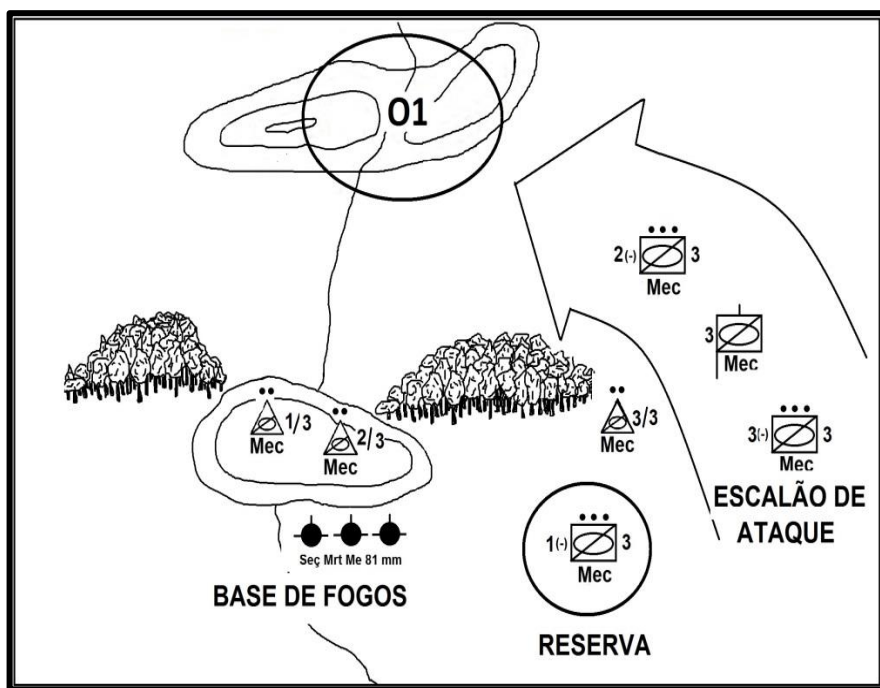
Fig 4-4 – Distribuição de forças em um ataque de Esqd C Mec

4.3.5.4 Coordenação e Controle

4.3.5.4.1 A coordenação e o controle do Esqd durante o ataque são assegurados pelo uso adequado e oportuno dos meios de comunicações.

4.3.5.4.2 A consideração fundamental, na seleção das medidas de coordenação e controle, é a utilização mínima de restrições, permitindo a máxima liberdade de ação aos elementos subordinados. O Cmt seleciona apenas as que lhe assegurem o necessário grau de controle para mitigação do risco e coordenação do espaço de batalha.

4.3.5.4.3 Os elementos subordinados devem conhecer perfeitamente a intenção do comandante superior. Isso permite que, mesmo com deficiências no sistema de comunicações, os Cmt subordinados prossigam e cumpram a missão recebida, com o máximo de liberdade de ação e iniciativa.

4.3.5.5 Emprego das Viaturas Blindadas

4.3.5.5.1 O Cmt Esqd C Mec realiza o seu planejamento nas Op Ofs, normalmente, empregando suas VBC Cav/VBR e seus Fuz Mec, em princípio, combinados, constituindo pelotões provisórios. A chegada desses elementos ao objetivo deve ser regulada, de modo a se obter o máximo efeito da ação de choque e da potência de fogo protegida por blindagem.

4.3.5.5.2 A escolha da formação de ataque para as VBC Cav/VBR e Fuz Bld Mec é baseada na consideração da missão, situação do Ini, terreno e meios, como também na potência de fogo, segurança e controle desejados pelo comandante em uma determinada ação.

4.3.5.5.3 Em situações de rápido movimento, o avanço das VBC Cav/VBR – VBC Fuz/VBTP deve ser coordenado, combinando-se as formações de Cmb de cada elemento em uma formação mutuamente apoiada. Em princípio, as VBC Cav/VBR precedem os Fuz Mec, de modo que a força atacante desloque-se reunida, para a frente, como um todo.

4.3.5.5.4 Em situações de menor mobilidade, quando as VBC Cav/VBR avançam por lanços, os Fuz Bld Mec deslocam-se pelo mesmo processo, embarcados em suas VB. Caso os Fuz Bld Mec tenham que desembarcar de suas VBC Fuz/VBTP, o deslocamento por lanços aumentará a segurança dos Fuz Bld Mec e reduzirá o tempo em que ficarão expostos às armas de tiro direto. Nesse caso, os Fuz Mec ocuparão, normalmente, uma posição desenfiada atrás das VBC Cav/VBR mais à retaguarda ou de sua própria VB. Em qualquer caso, a velocidade do movimento dos Fuz Mec deve ser regulada pelo Cmt Esqd C Mec, para assegurar que estejam colocados em posição favorável a fim de se juntar às VBC Cav/VBR no assalto ao objetivo.

4.3.5.5.5 Sempre que possível, o escalão de ataque avança em massa, sem parada. Contudo, forçado pela ação inimiga, pelo terreno ou fogos insuficientes da base de fogos, pode ter que empregar a combinação do fogo e movimento.

4.3.5.5.6 A VBC Fuz/VBTP é concebida para proporcionar mobilidade tática e relativa proteção contra estilhaços e fogos de armas portáteis. Sua perda reduz sensivelmente a mobilidade dos Fuz Mec. O Cmt não deve, portanto, expô-la, desnecessariamente, aos fogos AC do Ini (a mesma consideração deve ser dada às demais viaturas blindadas – VB).

4.3.5.5.7 Ao iniciar o assalto ao objetivo, os fogos de todas as armas do Esc Atq devem ser intensificados. Simultaneamente, a base de fogos transporta seus tiros para os flancos e para além do objetivo. Tiros de tempo da Art e de Mrt podem ser empregados no objetivo enquanto os Fuz Mec permanecerem embarcados.

4.3.5.5.8 Prioritariamente, o desembarque dos fuzileiros deve ser realizado após o Esc Atq ter ultrapassado o objetivo. Assim, os Fuz Mec realizam o assalto na direção contrária ao movimento inicial, surpreendendo as resistências remanescentes pela retaguarda e enfrentando menor número de obstáculos e armas automáticas com tiro ajustado. Esse processo impõe acréscimo de medidas de coordenação de controle para evitar o fratricídio. Em segunda prioridade, o desembarque pode ser realizado sobre o objetivo.

4.3.5.5.9 Apenas no caso da progressão das VB tornar-se difícil ou lenta, se for necessária a remoção de obstáculos ou se a segurança aproximada das VBC Cav/VBR exigir a atuação de homens a pé, os Fuz Mec devem desembarcar antes do objetivo.

4.3.5.5.10 No pelotão dotado com VBC Fuz ou VBTP dotada com sistema de armas remotamente controlado (SARC), o combate embarcado dos fuzileiros é realizado pelo emprego do armamento coletivo da VB (canhão, MAC ou metralhadora) que os transporta. Somente em situações especiais os Fuz Mec devem-se expor aos fogos inimigos, durante os deslocamentos embarcados, realizando o tiro com suas armas individuais pelas escotilhas ou seteiras.

4.3.5.5.11 Ao desembarcarem de sua VB, os fuzileiros devem-se deslocar abrigados à retaguarda dela, somente se desdobrando em campo aberto quando necessário para o cumprimento de sua missão.

4.3.5.5.12 Os Fuz Bld Mec e as VBC Cav/VBR devem assaltar o objetivo juntos. Sempre que possível, o assalto dos Fuz Mec ocorre embarcado. A resistência remanescente na área do objetivo, o terreno e a premência de tempo devem ser considerados pelo Cmt Esqd ao decidir pelo assalto ao objetivo a pé ou embarcado. O assalto frontal ao objetivo deve ser, sempre, a última prioridade dos Fuz Mec.

4.3.5.5.13 O assalto dos Fuz Mec deve ser embarcado quando as resistências remanescentes na área do objetivo não signifiquem grande ameaça aos blindados. Nesse caso, as VBC Fuz/VBTP assaltam no intervalo e à retaguarda

das VBC Cav/VBR. Tão logo possível, o combinado VBC Cav/VBR - Fuz Mec busca uma posição que lhe permita observação e fogos no compartimento seguinte. Os fuzileiros ficam aptos a participar, de imediato, da limpeza do objetivo e da sua consolidação. Durante a limpeza do objetivo, uma parte dos Fuz Mec deve permanecer junto às VBC Cav/VBR, realizando a sua proteção aproximada.

4.3.5.5.14 Quando houver indícios de resistências remanescentes em condições de causar sérios danos aos Bld, ou na impossibilidade de visualizar toda a área do objetivo (matas, terreno acidentado, neblina, áreas edificadas *etc*.), os Fuz Mec devem realizar o assalto frontal do objetivo, a pé, eliminando as resistências remanescentes e cerrando para junto das VBC Cav/VBR na consolidação. Parte dos fuzileiros pode receber a missão de executar uma limpeza mais detalhada da área do objetivo.

4.3.5.5.15 Caso seja tomada a decisão de realizar o assalto frontal ao objetivo, com os Fuz Mec a pé, a decisão sobre quando e onde (antes, no início ou sobre o objetivo) devem desembarcar cabe ao comandante da subunidade, levando sempre em consideração que o assalto embarcado é preferível ao desembarcado e que o assalto pela retaguarda do objetivo é mais eficaz que o assalto frontal.

4.3.5.6 Ataque Noturno (Atq Not)

4.3.5.6.1 Generalidades
a) A ampla utilização de sofisticados equipamentos de visão noturna no Cmb moderno ampliou consideravelmente as possibilidades táticas de atuação durante períodos de visibilidade restrita, acrescentando grande importância às ações noturnas, possibilitando a condução de combates continuados, mantendo constante pressão sobre o Ini.
b) A força que opera durante a noite com as mesmas possibilidades do combate diurno está apta para obter sucesso contra a F Ini não adestrada e desequipada para este tipo de ação.
c) Pela sua própria natureza, no entanto, as Op Ofs noturnas necessitam de maior preparação e medidas de controle, cuidadosamente concebidas, que a maioria das Op diurnas.

4.3.5.6.2 Características
a) O ataque noturno (Atq Not) caracteriza-se pelo decréscimo da eficácia do tiro sobre o Ini e o correspondente aumento da importância do combate aproximado, bem como pela dificuldade dos movimentos, da ação de comando e do controle.
b) Durante a execução do Atq Not, sobressaem-se as dificuldades relacionadas com o comando e controle, orientação, coordenação de fogos, avaliação de distâncias e identificação de forças amigas.

c) Em um Atq Not, as distâncias de detecção e de engajamento, a amplitude dos lanços e a utilização de itinerários cobertos e abrigados sofrem modificações, obrigando a novos procedimentos.
d) Ao Atq Not aplicam-se as mesmas considerações referentes ao ataque diurno: as mesmas formas de manobra, organização para o ataque e formações. Entretanto, é desejável que as tropas atacantes estejam mais familiarizadas com o terreno no qual atacam. Quando possível, devem ser realizados ensaios nas condições que mais se aproximem das condições reais de ataque. Nos ataques iluminados, as frações, dependendo de outras considerações, podem deslocar-se embarcadas em suas VB.
e) Os Atq Not favorecem psicologicamente o atacante que sabe da sua realização, enquanto que o defensor é assaltado por dúvidas, apreensão e medo do desconhecido.
f) O sigilo e a surpresa são essenciais para que o ataque noturno seja conduzido com um mínimo de baixas. A simplicidade do plano facilita a surpresa. Na eventualidade da perda da surpresa, o plano deve proporcionar os fogos, a manobra e a ação de choque necessários à conquista do objetivo. O objetivo deve ser facilmente identificável à noite e suficientemente pequeno para que possa ser conquistado em um único assalto.

4.3.5.6.3 Peculiaridades Quanto à Iluminação do Ataque Noturno
a) O Atq Not pode ser iluminado (iluminação artificial) ou não iluminado. A iluminação do campo de batalha permite reduzir, em parte, as deficiências próprias do combate noturno, aumentando, com isso, a velocidade de progressão. O ataque não iluminado é realizado com mais lentidão, porém com maior probabilidade de obtenção da surpresa.
b) Atualmente, o combate noturno não iluminado tornou-se muito mais exequível, com a utilização de equipamentos modernos de visão noturna.
c) Um Atq Not não iluminado é feito sob a proteção da escuridão, usando-se somente a luz natural e os equipamentos de visão noturna veiculares e individuais. Esse ataque necessita de grande coordenação e de rigorosas medidas de manutenção do controle, do movimento e da segurança durante a escuridão.
d) O objetivo designado a uma tropa em um Atq Not não iluminado pode ser uma determinada zona ou acidente do terreno, junto à frente inimiga, e de largura e profundidade que possa ser conquistado em um simples assalto. Esse objetivo deve ser bem definido e facilmente identificável à noite.
e) Na preparação de um Atq Not não iluminado, é essencial a observação e o reconhecimento feitos durante o dia sobre o objetivo e do terreno à frente. A direção é mantida por acidentes existentes, tais como estradas, cercas, sebes e outros meios de fortuna, como fitas de demarcação, fios telefônicos, artifícios eletrônicos, azimutes e distâncias. Os Atq Not não iluminados, não apoiados são feitos quando as considerações de sigilo os impõem.
f) Os ataques iluminados são empregados quando o fator sigilo não é preponderante ou não se dispõe de equipamentos de visão noturna para a maioria do escalão de ataque.

g) Em um ataque iluminado, são empregados, na iluminação do campo de batalha, artifícios iluminativos lançados por Mrt, Artilharia de Campanha (Art Cmp) e pela Força Aérea (F Ae).

4.3.5.6.4 Peculiaridades das Viaturas Blindadas no Ataque Noturno

a) Os pelotões, quando equipados com VB não dotada de dispositivos veiculares de visão noturna, conduzem, normalmente, um ataque noturno com o GC (e o G Exp) desembarcado. Quando equipados com VB dotadas de dispositivos de visão noturna, podem realizar o ataque embarcado ou desembarcado (depende do estudo de situação do Cmt SU).

b) As VBC Cav/VBR podem ser empregadas em combinação com a VBC Fuz/VBTP, como no ataque diurno, desde que dotadas de equipamentos de visão noturna ou com iluminação artificial do campo de batalha. Se esses equipamentos não estiverem disponíveis e o ataque não puder ser iluminado, as VBC Cav/VBR são empregadas para apoiar o GC apenas pelo fogo.

c) O G Exp, quando dotado de viatura blindada multitarefa de reconhecimento (VBMT Rec) com equipamentos veiculares de visão noturna, pode acompanhar o Atq Not do Pel fornecendo contínua segurança ao flanco do Esc Atq, ocupando posições ao longo deste, de onde possa melhor observar e atirar.

d) As viaturas blindadas equipadas com dispositivo de visão noturna/termal podem realizar o tiro e a manobra quase como “de dia". As restrições ainda presentes no combate noturno dizem respeito à identificação e engajamento do alvo e ao alcance dos aparelhos de visão noturna. Contudo, uma unidade mecanizada pode utilizar o combate noturno com mais liberdade de movimento e menor número de medidas de controle restritivas que no passado.

4.3.5.6.5 Medidas de Coordenação e Controle para o Ataque Noturno

a) **Gerais** – posição de ataque, linha de partida, pontos de ligação, limites, direção de ataque, linha de controle, pontos de controle e objetos.

b) **Linha limite de progressão** – para manter o controle e evitar que o escalão de ataque seja atingido pelos fogos amigos, o comandante estabelece um limite avançado. Esse limite deve ser facilmente reconhecido sob condições de visibilidade reduzida; deve ser o mais à frente possível, para além e para os flancos do objetivo, a fim de permitir espaço suficiente aos elementos de segurança na execução de suas missões. Os elementos de apoio de fogo podem bater com seus fogos as F Ini além da linha limite de progressão.

c) **Ponto de partida** (PP) – este ponto é o local onde os pelotões de primeiro escalão cruzam a linha de partida. Os pelotões normalmente a cruzam na formação em coluna. O ponto de partida deve ser rapidamente identificável e, se necessário, guias são colocados para facilitar o controle.

d) **Linha de provável desenvolvimento** (LPD) – esta linha deve ser um acidente do terreno facilmente identificável (rodovia, ferrovia ou outro acidente qualquer). Nessa linha, as unidades desdobram-se em uma formação de assalto se o contato com o Ini ainda não foi feito. A iluminação é, geralmente, iniciada nessa hora e a restrição de rádio em silêncio é liberada.

4.3.5.6.6 Planejamento

a) Em princípio, o planejamento para o ataque noturno é semelhante ao diurno. Contudo, os planos correspondentes são muito mais pormenorizados.

b) Ao elaborar seu plano de manobra, o Cmt Esqd deve considerar a amplitude e a localização do objetivo, a hora de início do ataque, dispositivo, linha de partida, posição de ataque, ponto de liberação, processo e velocidade de deslocamento, LPD, limite de progressão e as linhas de segurança para os tiros.

c) Devem ser previstos meios de identificação para todo o pessoal e as viaturas.

d) No ataque noturno, a surpresa é obtida principalmente por meio do sigilo. As medidas para manutenção do sigilo incluem:

- restringir o tempo para reconhecimento, bem como o efetivo dos elementos que participam dele e de outras preparações;
- valer-se dos fogos de artilharia e morteiro para abafar o ruído das VB;
- conduzir ataques locais em áreas não designadas para o ataque noturno;
- atacar em hora e direções ainda não empregadas contra o Ini. Padrões fixos, inclusive processos de ataque, devem ser evitados;
- iluminar outras áreas que não a área de ataque, para confundir o Ini;
- impor restrição de rádio em silêncio, ao menos até que os pelotões atinjam os pontos de partida e, de preferência, até a provável linha de desenvolvimento; e
- conduzir o ataque não iluminado até que a força atacante fique exposta ao Ini ou até que atinja a linha provável de desenvolvimento.

4.3.5.6.7 Reconhecimento

a) Um Rec pormenorizado, de dia e à noite, deve ser feito dos itinerários de deslocamento, das posições de ataque, das posições para os projetores de busca de alvos.

b) O reconhecimento deve ser conduzido até o nível Pel, no mínimo, e, em menor escalão, se o tempo permitir.

c) Quando uma ultrapassagem é necessária, o Rec deve ser conduzido conjuntamente com unidades em contato. Ele deve incluir, no mínimo, a localização e a identificação dos guias das unidades em contato, os itinerários através das posições amigas e o reconhecimento dos campos minados e obstáculos.

d) Pode ser necessário enviar patrulhas para obter informações detalhadas sobre o terreno, a localização e o valor dos elementos de segurança do Ini.

e) Ensaio e sincronização são importantíssimos, como no ataque diurno.

4.3.5.6.8 Execução do Ataque Noturno

a) O Esqd C Mec cruza a linha de partida na hora prescrita na ordem de Op. O comandante do Esqd coloca-se o mais à frente possível, para assegurar o movimento agressivo de seus elementos subordinados, bem como a manutenção da direção e a coordenação com outras unidades e com a base de fogos.

b) Inicialmente, o Atq noturno deve ser conduzido o mais à frente possível, sem o uso da iluminação. Posteriormente, após a quebra do sigilo, a iluminação pode ser utilizada nas ações do assalto e da consolidação do objetivo.
c) As forças de segurança do Ini, encontradas durante o avanço, são eliminadas pelos elementos da testa. Essa ação pode exigir o desdobramento do Esqd C Mec antes mesmo da hora planejada. Outros elementos podem ser empregados, contornando o flanco do Esqd e assumindo a sua missão. Após a resistência ter sido reduzida, a subunidade retoma a coluna e segue na esteira do elemento que realiza o ataque principal. Em qualquer caso, o Atq como um todo não deve parar por causa do engajamento dos elementos testa com as forças de segurança do Ini.
d) Se a resistência for de tal monta que ameace a perda de controle da subunidade, a iluminação pode ser empregada, e o Atq continua como se fosse diurno.
e) Em um Atq Not, normalmente, o objetivo do Esqd C Mec é bem menos profundo que em boas condições de visibilidade; as VA utilizadas para atingir o objetivo devem ser bem nítidas no terreno e devem possuir o mínimo de mudança de direção.
f) O Esqd C Mec organiza-se para o Atq Not combinando os seus elementos componentes na constituição do escalão de ataque, da base de fogos e da segurança, de forma idêntica à que utiliza no ataque diurno, sendo necessário ressaltar que, nesse tipo de operação, crescem de importância os cuidados com a segurança à frente e nos flancos. A formação de Pel Provs é a linha de ação a ser buscada para a organização para o combate, pois proporciona o melhor aproveitamento do poder de combate do Esqd C Mec no ataque.
g) O assalto noturno deve ser conduzido da mesma maneira que o assalto durante o dia.
h) O desdobramento dos pelotões em uma formação em linha é executado sem se fazer alto; qualquer parada prolongada neste estágio da operação aumenta a possibilidade de detecção e dá tempo ao Ini para recompor suas forças.
i) Os Fuz devem permanecer embarcados até que a ação ou a segurança exija que eles desembarquem.
j) Quando a surpresa não pode ser alcançada, a iluminação deve ser iniciada ou aumentada.
k) Todos os esforços são feitos para manter a formação em linha e para evitar a sua interrupção por grupos isolados inimigos.
l) Por ocasião das ações no objetivo, os elementos de segurança são enviados o mais à frente possível, alertando sobre possível reorganização das forças inimigas para um contra-ataque (C Atq).
m) Se for necessário, o deslocamento dos elementos de segurança além da linha limite de progressão estabelecida, bem como seus movimentos, deve ser cuidadosamente coordenado com a base de fogos.
n) Deve-se dar grande atenção à utilização dos equipamentos de infravermelho durante a consolidação e a reorganização no objetivo, já que os elementos que atacam sofrem de cegueira noturna por 15 a 30 minutos após a extinção da luz.

o) Antes do clarear do dia, todos os elementos do Esqd C Mec devem estar preparados para continuar o ataque ou defender a posição conquistada.

4.3.6 APROVEITAMENTO DO ÊXITO E PERSEGUIÇÃO

4.3.6.1 Aproveitamento do Êxito

4.3.6.1.1 O Apvt Exi é uma Op que se segue a um ataque bem-sucedido e que normalmente se inicia quando a F Ini se acha, reconhecidamente, em dificuldades para manter suas posições. É caracterizado por um avanço contínuo e rápido das forças amigas, com a finalidade de ampliar ao máximo as vantagens obtidas no ataque e destruir a capacidade do Ini de reorganizar-se ou de realizar um Mov Rtg ordenado.

4.3.6.1.2 Esqd C Mec no Aproveitamento do Êxito
a) No Apvt Exi, o Esqd C Mec deve ser capaz de executar qualquer tipo de Op Cmb e de iniciar uma ação no menor tempo possível. Deve ser organizado de modo a que o Cmt disponha de todos os elementos de que possa precisar para o cumprimento da missão.
b) Ao comandante do Esqd C Mec é dada maior liberdade de ação ao entrar na fase do Apvt Exi, uma vez que a rapidez do ataque necessita de decisões instantâneas. Entretanto, modificações do plano original só podem ser feitas com autorização do escalão imediatamente superior.
c) O Esqd C Mec, atuando como Elm de primeiro escalão em um eixo de progressão, deve contar com reforço de engenharia (Eng) e de Ap Log. Os fogos de apoio devem ser proporcionados pela artilharia (Art) e pelas armas orgânicas. Deve-se buscar coordenação com os elementos da Av.
d) A mobilidade torna-se muito importante durante o Apvt Exi. Os elementos de apoio ao combate e de apoio logístico devem ser altamente móveis**.**
e) O Esqd C Mec, via de regra, organiza-se para o combate empregando seus pelotões com as seções de VBC Cav/VBR liderando o movimento para ter maior poder de choque e de fogo à frente.
f) O Esqd C Mec, em Apvt Exi, é bastante vulnerável aos ataques nos flancos e na retaguarda, bem como à inquietação advinda de pequenos bolsões de resistência e à ação de guerrilheiros. Em consequência, a segurança torna-se muito importante, e seu estabelecimento é responsabilidade do Cmt do Esqd.
g) Dependendo da situação, a segurança da coluna pode ser proporcionada por um ou mais dos tipos de F Seg (Vgd, Fg e Rtgd) e também pelos meios aéreos que executam reconhecimentos à frente, nos flancos e à retaguarda. Os G Exp são os elementos mais aptos a proporcionar segurança. Entretanto, a segurança de Vgd é fornecida pelo elemento testa, normalmente, constituído por VBC Cav/VBR.
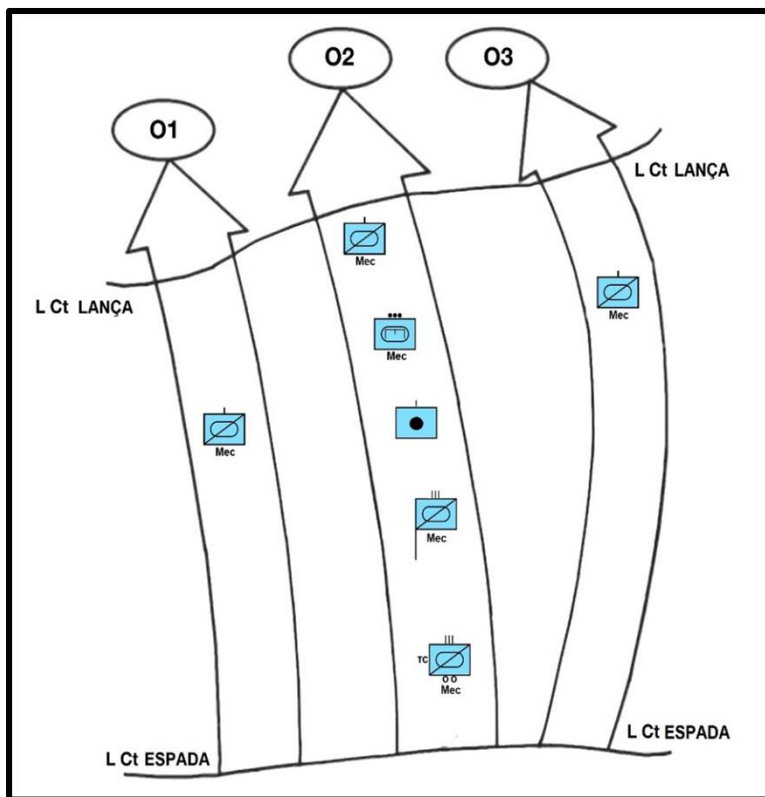
Fig 4-5 – Esqd C Mec sendo empregado em proveito de um RC Mec em um Apvt Exi (exemplo)

4.3.6.1.3 Execução

a) Uma vez iniciado, o aproveitamento do êxito é levado implacavelmente até os objetivos profundos na Rtgd do Ini, para cortar suas linhas de comunicações e interromper seu C².

b) Os reconhecimentos são intensificados. A rápida obtenção de informes sobre as atividades e o valor do Ini, conjugada com os dados relativos ao terreno, auxilia o comandante do Esqd C Mec a tomar decisões sobre se deve desviar as resistências inimigas encontradas ou modificar seu esquema de manobra.

c) As F Ini encontradas não são engajadas, a menos que possam interferir no cumprimento da missão. Se a decisão do comandante do Esqd C Mec for a de desviá-las, ele deve deixar um Elm de contato.

d) O comandante do Esqd C Mec emprega todos os meios para destruir as forças inimigas que não puderem ser desviadas.

e) Deve ser empregado um mínimo de medidas de coordenação e controle. A execução descentralizada, característica do Apvt Exi, exige o exercício de grande iniciativa por parte de todos os elementos empenhados na Op.

f) O Esqd C Mec normalmente faz parte de uma força maior de Apvt Exi (Rgt ou Bda). Entretanto, quando convenientemente reforçado com elementos de

Engenharia, é capaz de operar em ações independentes e de curta duração, como redução de pontos fortes isolados, conquista e manutenção de desfiladeiros ou pontes (Pnt) importantes ou, ainda, executando uma Fg.
g) O Esqd C Mec, em Apvt Exi, deve estar sempre em condições de passar ao Atq partindo da coluna de marcha.
h) A velocidade é essencial na execução do Apvt Exi. A velocidade e a agressividade auxiliam na obtenção da surpresa, fator muito importante para o sucesso da Op.
i) O Cmt do Esqd C Mec deve tirar o máximo proveito da rede de estradas quando executa um Apvt Exi. Os pelotões podem progredir em diferentes eixos, com o restante do Esqd na esteira de um deles.
j) Quando, na realização de uma missão de Apvt Exi, o Esqd C Mec estiver impossibilitado de prosseguir na missão, por ação de F Ini superiores, deve, em princípio, manter as posições atingidas ou, no mínimo, o contato com o Ini.
k) Para executar o Apvt Exi o mais completo possível, a progressão deve continuar à noite, mantendo uma pressão constante que impeça o Ini de se reorganizar. A progressão noturna é conduzida, geralmente, da mesma forma que a diurna. Entretanto, as forças de segurança são aumentadas, a distância entre as viaturas é diminuída e os elementos de carros da testa são fortemente reforçados com fuzileiros. Quando uma resistência inimiga é encontrada e é necessário atacar, o ataque é conduzido de acordo com os princípios estabelecidos para uma Op noturna. A velocidade de progressão é reduzida e os fogos de apoio são menos eficientes, entretanto, há maiores chances de obtenção da surpresa.

4.3.6.2 Perseguição

4.3.6.2.1 A perseguição tem por finalidade cercar e destruir uma F Ini que está em processo de desengajamento do combate ou que tenta fugir. Ocorre, normalmente, logo em seguida ao aproveitamento do êxito e difere deste pela não previsibilidade de tempo e lugar de emprego e por sua finalidade principal, que é a de completar a destruição da F Ini.

4.3.6.2.2 Ela difere do Apvt Exi porque, nesta, o objetivo principal é, geralmente, um objetivo definido pelo terreno (ponte, entroncamento de vias, localidade *etc.*) situado bem à retaguarda do Ini. No Apvt Exi, evita-se engajar com as resistências inimigas, ultrapassando-as ou desbordando-as, concentrando-se somente na conquista do objetivo que lhe foi atribuído. Na perseguição, apesar de o poder de combate ser direcionado para um objetivo no terreno, a missão é a destruição da força principal do Ini.

4.3.6.2.3 A perseguição é realizada, normalmente, nos escalões Bda ou superiores. No escalão Rgt, há uma pequena diferença entre a Prsg e o Apvt Exi. No escalão Esqd, quase não há diferença entre tais Op.

4.3.6.2.4 O Esqd C Mec participa de uma operação de perseguição, enquadrado em sua unidade ou reforçando outra força, podendo realizar as seguintes missões:
a) segurança de um flanco da força de pressão direta;
b) segurança de um flanco da força de cerco;
c) conquistar e manter P Blq em pontos importantes nos flancos ou à retaguarda do Ini;
d) executar reconhecimentos, caso o Ini tenha rompido o contato;
e) fazer parte da força de pressão direta; e
f) fazer parte da força de cerco.

4.3.6.2.5 O Esqd C Mec de Bda, na Prsg, é empregado em ações complementares de segurança.
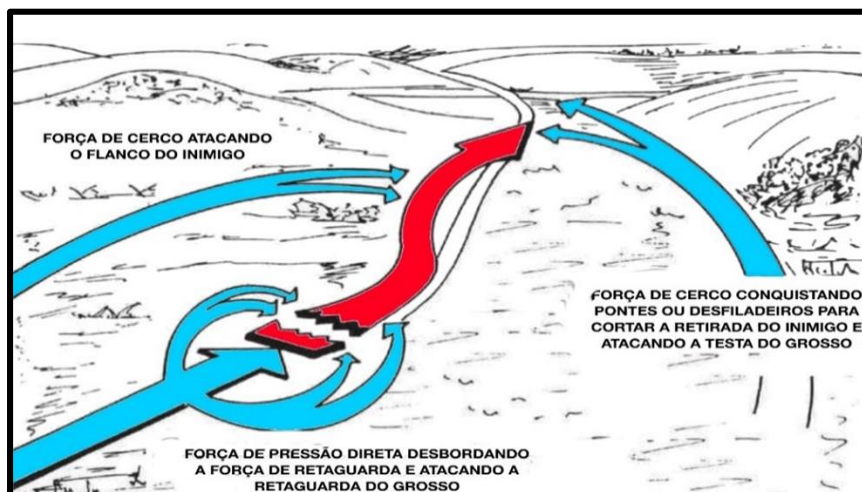
Fig 4-6 – Ações da força de pressão direta e da força de cerco na perseguição

4.3.7 COMBATE DE ENCONTRO

4.3.7.1 O combate de encontro é uma ação que ocorre quando uma força em movimento, que não esteja desdobrada para o combate, engaja-se com uma força inimiga, parada ou em movimento, a respeito da qual não dispõe de informações precisas ou não possui nenhuma informação. A ação deixa de ser um combate de encontro quando a situação do Ini tiver sido esclarecida e possam ser desencadeadas Op subsequentes, planejadas e coordenadas.

4.3.7.2 Em princípio, o ataque de um Esqd C Mec em um combate de encontro deve ser realizado por meio de uma manobra desbordante, que permite uma maior surpresa e possibilita determinar com rapidez a frente, a profundidade e o dispositivo da F Ini.

4.3.7.3 Um Esqd C Mec participa de um combate de encontro, em princípio, com seus Pel C Mec organizados em Pel Provs, a fim de maximizar seu poder de combate e as características de suas frações. Somente em situações excepcionais essa SU emprega os seus pelotões organizados como Pel C Mec. O estudo de situação e a missão recebida determinam a melhor organização dos Pel de um Esqd C Mec para o combate (Pel Provs ou Pel C Mec).

4.3.7.4 As figuras 4-7, 4-8, 4-9 e 4-10 apresentam situações de combate de encontro nas quais o Ini está em movimento ou estacionado, possui poder de combate superior ou é fraco e permite a realização de um ataque.
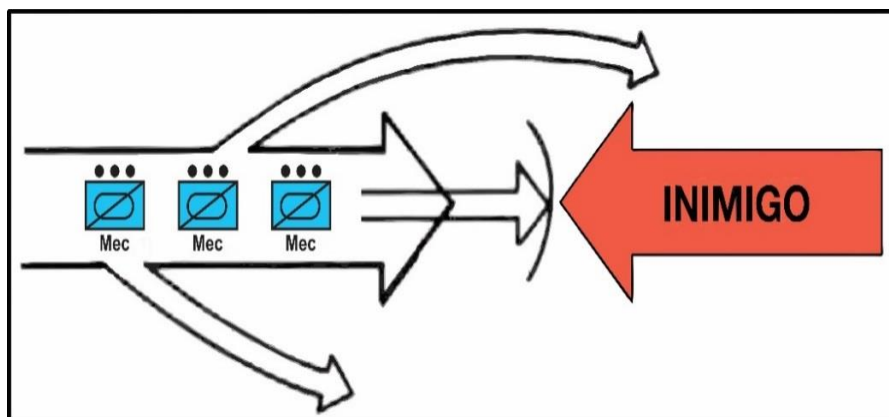
Fig 4-7 – Combate de encontro. Ambas as forças em movimento. Ataque parcelado
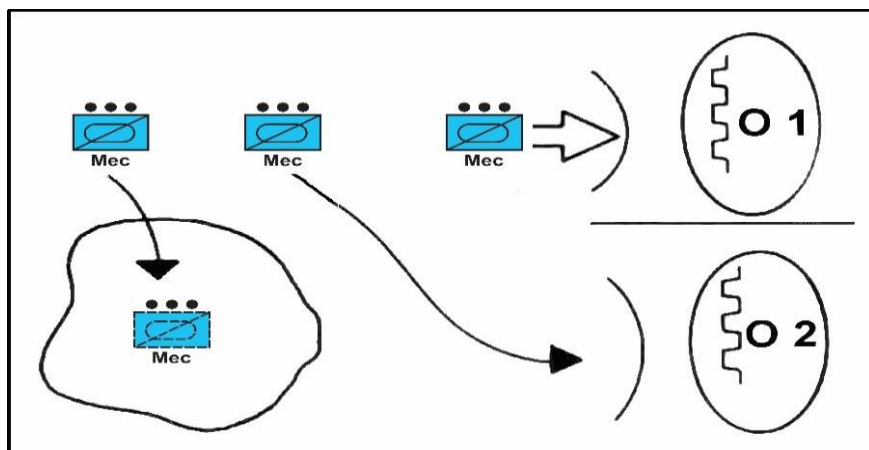
Fig 4-8 – Combate de encontro. Ini em posição defensiva. Ataque coordenado
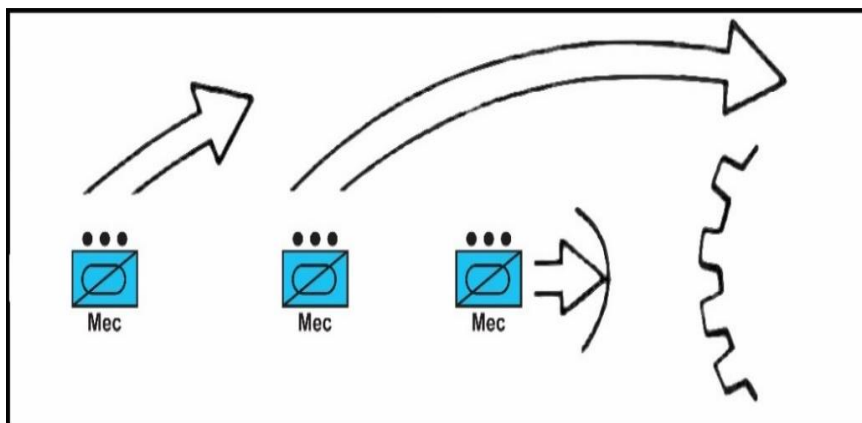
Fig 4-9 – Combate de encontro. Ambas as forças em movimento. Ini superior
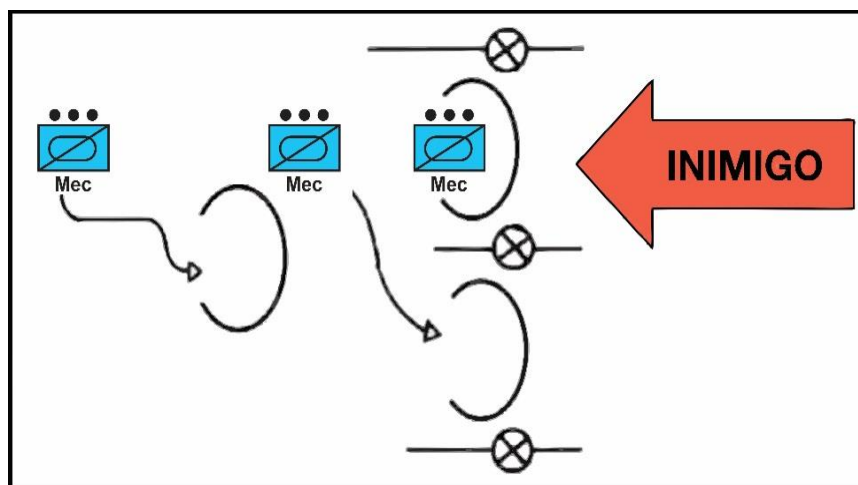
Fig 4-10 – Combate de encontro. Ini em posição defensiva. Desbordamento

4.3.8 INCURSÃO

4.3.8.1 No combate não linear, particularmente na área operacional continental (AOC), podem surgir brechas no dispositivo Ini ou áreas fracamente defendidas. As incursões são Op típicas das OM blindadas.

4.3.8.2 O Esqd C Mec não se constitui no elemento mais indicado para a realização de incursão. Nessas Op, a mobilidade através do campo, a proteção blindada e o poder de fogo, aliadas à capacidade de realizar engajamentos e desengajamentos pelos próprios meios, são fatores importantes para o sucesso de uma incursão.

4.3.9 DISSIMULAÇÃO TÁTICA

4.3.9.1 Generalidades

4.3.9.1.1 As Op de dissimulação tática são empregadas para induzir o Ini a levantar, de forma incorreta ou incompleta, o dispositivo das tropas amigas, suas possibilidades e intenções de tal forma, que reaja de uma maneira preestabelecida e específica que lhe seja desvantajosa.

4.3.9.1.2 Ataques secundários, incursões, fintas, demonstrações e dissimulação eletrônica, desde que destinadas a iludir ou enganar o Ini, são algumas Op de dissimulação tática.

4.3.9.2 Finta

4.3.9.2.1 A finta é uma demonstração de força com a finalidade de iludir o Ini e desviar sua atenção do Atq principal. Normalmente, consiste em um Atq pouco profundo, de objetivo limitado, executado por pequena parte da força que realiza uma Op.

4.3.9.3 Demonstração

4.3.9.3.1 A demonstração é uma Op em área onde não se procura obter uma decisão. Deve ser conduzida com suficiente realismo, a fim de iludir o Ini. As considerações técnicas básicas para o planejamento das fintas também se aplicam às demonstrações. Normalmente são executadas por divisões de exército e, eventualmente, por brigadas. O Esqd C Mec, enquadrado em seu RC Mec ou força a que estiver subordinado, pode participar de uma Op de demonstração, tomando parte de um ataque. Na execução dessa operação, emprega as mesmas técnicas e táticas de um ataque coordenado.

4.4 OPERAÇÕES DEFENSIVAS

4.4.1 GENERALIDADES

4.4.1.1 As Op Def constituem-se em atitudes temporárias adotadas pela Força Terrestre (F Ter) até que, criadas condições favoráveis, possa tomar ou retomar a Ofs. São realizadas para conservar a posse de uma área ou território, ou negá-los ao Ini, e, também, garantir a integridade de uma unidade ou meio.

4.4.2 TIPOS DE OPERAÇÕES DEFENSIVAS E FORMAS DE MANOBRA

4.4.2.1 As Op Def abrangem todas as ações que oferecem certo grau de resistência a uma força atacante. São dois os tipos de Op Def:
a) defesa em posição; e
b) movimento retrógrado.

4.4.3 FORMAS DE MANOBRA DAS OPERAÇÕES DEFENSIVAS

OPERAÇÕES DEFENSIVAS	
TIPOS DE OPERAÇÕES	FORMA DE MANOBRA
DEFESA EM POSIÇÃO	DEFESA DE ÁREA
	DEFESA MÓVEL
MOVIMENTO RETRÓGRADO	AÇÃO RETARDADORA
	RETRAIMENTO
	RETIRADA

Quadro 4-2 – Tipos e formas de manobra das Op Def

4.4.4 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO NAS OPERAÇÕES DE DEFESA EM POSIÇÃO

4.4.4.1 O Esqd C Mec pode realizar Op Def no contexto de uma operação complementar de segurança ou como Elm de economia de meios de seu escalão superior.

4.4.4.2 Ao se planejar o emprego de um Esqd C Mec, em Op Def, deve-se levar em consideração que:
a) as VB da Seç VBC Cav/VBR de suas frações não são carros de combate, com pesadas blindagens e sobre lagartas. Suas características não permitem enfrentar carros de combate e outras VB inimigas dotadas de considerável poder de fogo no combate aproximado, no compartimento de combate. Elas não permitem realizar ações dinâmicas da defesa contra Ini dotado de um número considerável de armas anticarro. Seu emprego contra essas VB e esse armamento será sempre de posições cobertas ou abrigadas, só realizando deslocamentos após a ameaça do armamento anticarro haver sido neutralizada ou destruída pelos fogos indiretos da Art Cmp, Aviação do Exército (Av Ex), F Ae e morteiros pesados (Mrt P), ou pela ação direta dos fuzileiros e exploradores desembarcados;
b) as VB (VBC Cav/VBR, VBC Fuz/VBTP, VBMT Rec e outras) ocupam sempre posições de tiro ou posições de combate no terreno localizadas na crista topográfica, e não na crista militar;
c) a SU possui reduzido efetivo de fuzileiros para manter o terreno (um Pel Fuz Provs e um Pel Exp Provs);
d) mesmo empregando seus Exp como se fossem Fuz (situação provisória), a capacidade de manter o terreno é muito inferior à de uma tropa valor SU de Infantaria;
e) o melhor emprego do Esqd em Op de defesa em posição (defesa de área ou defesa móvel) é frequentemente nas F Seg (atuando embarcado); e
f) o emprego como reserva (atuando embarcado) é muito limitado, em função das considerações anteriores – não possui CC e sim VBC Cav/VBR).

4.4.5 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO NA DEFESA DE ÁREA

4.4.5.1 Generalidades

4.4.5.1.1 A defesa de área (Def A) dá ênfase à manutenção ou ao controle de um terreno específico, por um determinado período de tempo. O defensor desdobra a maioria de seu poder de combate na área de defesa avançada (ADA) para deter as F Ini à frente do limite anterior da área de defesa avançada (LAADA). Conduz C Atq para expulsar ou destruir F ini que penetrarem nessa área e para retomar o controle dela ou do terreno que a defesa deseja conservar.

4.4.5.1.2 Na Def A, o Esqd C Mec pode ser empregado em um ou mais dos escalões de defesa:
a) F Seg;
b) força da área de defesa avançada; e
c) reserva.

4.4.5.1.3 O Esqd C Mec é melhor empregado quando lhe são atribuídas missões nas quais possa usar o máximo de sua mobilidade e seus meios. Nesse tipo de Def, o Esqd pode receber missões de integrar:
a) a força de cobertura (F Cob) do Esc Sp;
b) o PAG do Esc Sp;
c) os PAC do Esc Sp;
d) a força da área de defesa avançada (com limitações); e
e) a reserva do Esc Sp.

4.4.5.1.4 O Esqd C Mec da Bda, em uma Def A, em princípio, deve integrar a reserva da GU, onde pode explorar melhor suas caraterísticas. Eventualmente, essa SU pode receber um setor defensivo próprio na P Def da GU, como Elm de economia de meios.

4.4.5.1.5 Na Def A, o Esqd C Mec deve ocupar os núcleos de defesa na linha de crista militar desembarcado. As suas VB não são desdobradas nos núcleos de defesa. Essas VB ocupam posição de tiro cobertas e/ou abrigadas, à retaguarda da linha de crista topográfica da mesma elevação dos núcleos de defesa, apoiando pelo fogo as frações desembarcadas que ocupam os núcleos de defesa (Nu Def).

4.4.5.2 Escalonamento da Defesa

4.4.5.2.1 A defesa é escalonada em três áreas:
a) área de segurança (A Seg);
b) ADA; e
c) área de reserva (A Res).

4.4.5.2.2 Área de Segurança

a) Estende-se à frente do LAADA até onde forem empregados os elementos de segurança estabelecidos pela Bda ou pelo Rgt.

b) As F Seg são compostas de elementos que alertam sobre a aproximação do Ini, desorganizam-no e o iludem quanto à verdadeira localização da P Def.

c) Os PAC são constituídos, normalmente, pelas reservas das U de valor batalhão ou Rgt de 1º Esc. Seu valor varia no escalão de um Pel a uma SU.

d) Os PAC podem, também, ser fornecidos pela força de reserva da Bda, quando forem localizados além da distância normal e devem ser fortes ou, quando os elementos da ADA, por premência de tempo, necessitarem de todo o seu efetivo para organizar o terreno.

4.4.5.2.3 Área de Defesa Avançada

a) Estende-se do seu limite anterior (LAADA) para a retaguarda, englobando as posições ocupadas pelas SU de primeiro escalão.

b) As forças da ADA são compostas de elementos encarregados da defesa imediata dessa área.

c) O Esqd C Mec, em princípio, não é empregado independentemente na manutenção de uma parte da ADA. Entretanto, pode vir a receber tal encargo quando o Rgt está desempenhando uma missão de economia de meios. Nesse caso, o Esqd deve receber um setor compatível com suas possibilidades de manter uma posição defensiva.

4.4.5.2.4 Área de Reserva

a) Estende-se da retaguarda das SU em primeiro escalão até o limite de retaguarda do Rgt ou brigada (Esqd C Mec de Bda).

b) As forças de reserva ocupam regiões na área de reserva (área de retaguarda) e dão profundidade à posição defensiva.

c) Esses elementos limitam e eliminam as penetrações (Pntr) ou podem reforçar as SU de primeiro escalão. A reserva é o principal meio de que dispõe o Cmt para influir no combate.

d) O Esqd C Mec pode ser empregado como parte da reserva em uma Def A.

4.4.5.3 Organização para o Combate

4.4.5.3.1 Generalidades

a) A organização para o combate é a combinação dos diversos meios disponíveis, sob uma estrutura de Cmdo, a fim de prover o controle, a coordenação e o apoio necessários ao emprego das forças e de modo a obter superioridade sobre o Ini.

b) A disponibilidade de meios é confrontada com as necessidades da defesa avançada, dos escalões de segurança e da reserva.

c) O comando pode não dispor de meios suficientes para atender às necessidades de cada escalão. Quando isso acontecer, deve ajustar a distribuição das forças para cada escalão, de modo a obter a melhor organização possível para o combate, tendo em vista o cumprimento da missão.

4.4.5.3.2 Possibilidades dos Elementos de Combate

a) As possibilidades dos Esqd C Mec, na defensiva, são:
- executar o reconhecimento e prover segurança;
- ser empregado nos PAC;
- manter o terreno com restrições pelo reduzido número de Fuz (com as frações desembarcadas);
- contra-atacar;
- destruir VB Ini pelo fogo; e/ou
- integrar outras forças.

b) Nas Op Def, os Pel Provs de fuzileiros têm as seguintes possibilidades:
- manter o terreno (desembarcados);
- repelir o assalto Ini pelo fogo e combate aproximado (desembarcados);
- contra-atacar (a pé);
- manobrar, com restrições, em qualquer tipo de terreno e sob quaisquer condições climáticas; e/ou
- integrar outras forças.

c) As possibilidades dos pelotões provisórios de VBC Cav/VBR na defensiva são:
- contra-atacar;
- destruir os Bld Ini pelo fogo (de posições cobertas e/ou abrigadas na linha de crista);
- apoiar os elementos de Fuz (a pé) pelo fogo; e/ou
- integrar outras forças.

d) As possibilidades dos Pel Provs de exploradores, na Def, são:
- ser empregados nos PAC;
- apoiar os elementos de Fuz pelo fogo;
- vigiar áreas passivas;
- com restrições: ocupar núcleos de defesa (desembarcados) em VA de infantaria (Inf) Mtz e manter o terreno, repelir o assalto Ini pelo fogo e combate aproximado (a pé); e/ou
- integrar outras forças.

4.4.5.3.3 Organização dos Elementos de Manobra

a) Os elementos de manobra são organizados para o combate visando ao cumprimento da missão recebida. A organização de pelotões provisórios ou o emprego de Pel C Mec constituídos nos núcleos de defesa valor Pel obedecem às conclusões do estudo de situação.

b) O Esqd C Mec e o Pel C Mec são capazes de retardar e defender, em boas condições, forças de igual ou menor mobilidade.

4.4.5.4 Planejamento da Defesa

4.4.5.4.1 Generalidades

a) O plano de defesa é elaborado após o recebimento da ordem de defesa emitida pelo Esc Sp. Esse plano compreende um esquema de manobra e um plano de apoio de fogo, os quais são feitos simultaneamente e intimamente integrados. O plano de defesa abrange, também, o planejamento de C Atq, de

segurança, de Ap Log e o estabelecimento da rede de comunicações.
b) A flexibilidade é obtida por meio da escolha de núcleos de ruptura e núcleos de aprofundamento que permitam a defesa em todas as direções, pela manutenção de uma reserva adequada e pelo controle centralizado do apoio de fogo. Além dessas medidas, o Cmt prepara planos alternativos para fazer face às situações previsíveis.

4.4.5.4.2 Medidas Preparatórias
a) Normalmente, ao receber a ordem de Def, o Cmt Esqd emite uma ordem preparatória aos elementos subordinados, alertando-os da Op a ser executada.
b) Os preparativos para a Def de uma área compreendem: um plano inicial, o reconhecimento, o plano pormenorizado de defesa, a transmissão da ordem, a ocupação e organização da posição.
c) A sequência dessas medidas e a possibilidade de cada uma delas dependem, principalmente, do estabelecimento do contato com o Ini e do tempo disponível.
d) As decisões rápidas e as ações eficientes são necessárias para a pronta e ordenada ocupação da posição e sua organização posterior.
e) Se a tropa não estiver em posição, o Cmt Esqd providencia o seu deslocamento para a zona designada. Se a Def a ser estabelecida tem por finalidade manter um objetivo conquistado, o Cmt planeja a redistribuição de sua tropa na posição.
f) Após receber a ordem de Def, o Cmt Esqd faz um breve estudo na carta para organizar o seu plano inicial de defesa. Tal plano compreende: as medidas gerais de segurança, o dispositivo, as zonas de reunião e os eixos de suprimento. Os elementos essenciais do plano inicial são transmitidos imediatamente aos subordinados para que possam iniciar os preparativos indispensáveis à organização da posição.

4.4.5.4.3 Reconhecimento e Coordenação
a) Planejamento do reconhecimento:
- antes de partir para o reconhecimento do terreno, o comandante prevê o emprego do tempo disponível;
- fixa o tempo a ser despendido no reconhecimento, determina os locais que devem ser percorridos e examinados, escolhe os itinerários a serem seguidos e emite missões específicas aos Cmt subordinados;
- o reconhecimento deve ser tão minucioso quanto a situação o permitir. Quando o Esqd deve estabelecer uma defesa sumária, partindo de um dispositivo de marcha ou de um dispositivo Ofs, o comandante modifica o seu reconhecimento para ajustá-lo à situação e, em alguns casos, limita-o a um simples estudo da carta; e
- se o contato com o Ini não tiver sido estabelecido, pode haver um reconhecimento pormenorizado.

b) Coordenação e transmissão da ordem:
- o Cmt do Esqd C Mec assegura a coordenação dos esforços com as unidades em reforço, em apoio e vizinhas, transmite sua ordem de reconhecimento, alocando tempo suficiente aos elementos subordinados que

executarão o Rec, para que possam executar sua preparação.

c) Execução do reconhecimento:

- no reconhecimento, o comandante do Esqd utiliza alguns oficiais para auxiliá-lo na elaboração do plano de defesa; e
- devem ser tomadas medidas para a segurança do reconhecimento.

d) Observações a serem realizadas pelo Cmt durante o reconhecimento:

- as prováveis VA para as tropas a pé, blindados e helicópteros inimigos;
- a área a ser ocupada pelo escalão de segurança;
- os acidentes capitais na área de defesa do Esqd;
- o terreno, à frente da posição, mais favorável à observação inimiga;
- o traçado geral do LAADA;
- posições dos núcleos de defesa na crista militar, a serem ocupados pelos Fuz Mec e Exp desembarcados;
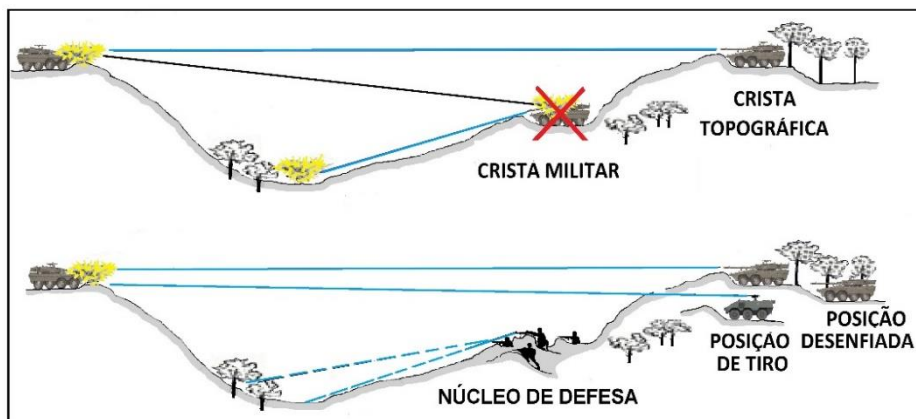
Fig 4-11 – Defesa de área – Núcleo de defesa com Fuz e Exp desembarcados na crista militar. VB em posição de tiro na crista topográfica

- posições de tiro à retaguarda da linha de crista topográfica da elevação, de onde as VB ocuparão posições de tiro para apoiar pelo fogo os núcleos de defesa (Fuz Mec e Exp desembarcados);
- os limites e pontos-limite entre os elementos de primeiro escalão;
- a localização geral dos morteiros e os locais a serem batidos por seus fogos;
- os fogos defensivos a serem pedidos à artilharia de apoio;
- os obstáculos naturais imediatamente à frente da posição ou os acidentes do terreno que, rapidamente, possam ser transformados em obstáculos, caso necessário;
- a localização dos MAC (Esqd C Mec de Bda) e dos campos de minas;
- a localização das prováveis regiões de penetração na área de defesa;
- as regiões a serem organizadas pela reserva do Esqd e sua zona de reunião;
- a localização dos postos de observação;
- a localização do posto de socorro, trens de combate e posto de comando; e
- a estrada principal de suprimento.

4.4.5.4.4 Elaboração do Plano de Defesa

a) Esquema de manobra:

- o esquema de manobra é o plano para a localização e o deslocamento dos elementos de manobra orgânicos e em reforço, a fim de cumprir a missão; e
- na elaboração do esquema de manobra, o comandante considera a missão, o Ini, o terreno e as condições meteorológicas, os meios disponíveis e os respectivos efeitos sobre o plano de Def.

b) Sequência lógica de planejamento do esquema de manobra:

- essa sequência inclui a determinação, análise e avaliação da área de operações (A Op); o processo das cinco fases; a determinação das necessidades de Ap Log; o estabelecimento de planos alternativos para as contingências previsíveis; e outras considerações.

4.4.5.5 Contra-Ataques nas Operações Defensivas

4.4.5.5.1 C Atq para Restabelecimento da Área de Defesa

a) A finalidade do C Atq na defesa de área é restabelecer o LAADA pela destruição ou expulsão dos elementos inimigos que tenham penetrado em uma determinada parte da ADA.

b) O C Atq deve ser apoiado por todas as armas disponíveis. As VBC Cav/VBR participam ou apoiam o C Atq, dependendo das condições do terreno e do Ini. Em princípio, o grosso das VBC Cav/VBR, se o terreno permitir, deve ser empregado como Elm de C Atq.

c) O Ini expulso de uma penetração não deve ser perseguido além do LAADA, exceto pelo fogo.

4.4.5.5.2 Contra-Ataque de Desorganização

a) C Atq de desorganização é uma Aç Ofs lançada para comprometer um ataque Ini em fase de montagem ou de reunião de meios. É dirigido a um objetivo limitado, à frente do LAADA.

b) O C Atq de desorganização pode ser executado com uma das seguintes finalidades:

- destruir uma parte da F Ini;
- desorganizar o dispositivo Ini e retardá-lo; e
- impedir a observação terrestre direta do Ini sobre a área de Def.

c) O sucesso de um C Atq de desorganização depende de grande mobilidade e apoio de fogo. A decisão de executar um C Atq de desorganização deve ser cuidadosamente considerada, em função da possibilidade de perda parcelada do poder combativo da unidade, com vistas ao cumprimento de sua missão principal. O planejamento e a ordem de execução de um C Atq de desorganização são da competência da Bda ou Esc Sp.

4.4.5.5.3 Caso o Esqd C Mec seja reforçado por elementos CC, eles constituem a chave dos C Atq. Podem atirar em movimento, possuem elevada cadência de tiro e menor tempo de engajamento que os mísseis (Msl). Os CC devem ser utilizados, prioritariamente, nas VA mais propícias ao emprego de CC pelo Ini. A

reserva deve ser organizada com base nos CC. Caso o Esqd C Mec não seja reforçado por elementos CC, as VBC Cav/VBR devem ser utilizadas obedecendo aos mesmos princípios de aplicação dos CC.

4.4.5.5.4 Nas Op Def, as VBC Cav/VBR devem ser empregadas, prioritariamente, para engajar e destruir os carros de combate do inimigo. Após o engajamento e a destruição desses alvos, podem ser empregadas na destruição de outras VB, viaturas não blindadas e tropas a pé desdobradas no terreno. Esse engajamento se dará sempre a partir de posições de tiro à retaguarda da crista topográfica, como base de fogos e nos contra-ataques, quando o terreno e o inimigo (CC e armas anticarro) permitirem a sua realização.

4.4.5.5.5 Os Fuz desembarcados são normalmente empregados para:
a) defender os núcleos da posição defensiva, contra o ataque da infantaria inimiga;
b) realizar patrulhamento e ocupar PO/postos de escuta à frente da posição defensiva, a fim de obter informes sobre o Ini;
c) construir e defender os obstáculos do plano de barreiras da P Def;
d) realizar emboscadas anticarro com armamento anticarro portátil; e
e) realizar a limpeza dos campos de tiro e de observação.

4.4.5.6 O Esqd C Mec nos Postos Avançados de Combate (PAC)

4.4.5.6.1 Os PAC são constituídos por uma série de postos de vigilância, cobrindo a parte anterior da área de defesa avançada. Sua finalidade principal é alertar a ADA quanto à aproximação do Ini, bem como protegê-la contra a observação direta deste. Devem ainda, na medida do possível, infligir ao Ini o máximo de desgaste, sem engajar-se no combate aproximado.

4.4.5.6.2 O Esqd C Mec de Bda, no PAC, pode ser desdobrado com seus três Pel C Mec e, após cumprir essa missão, passa para a reserva ou fica com a missão de ocupar o núcleo de aprofundamento.

4.4.5.6.3 No RC Mec, o PAC pode ter o valor de um Pel C Mec a um Esqd C Mec da reserva ou da fração com a missão de ocupar o núcleo de aprofundamento.

4.4.5.6.4 Os PAC devem ser localizados na primeira linha de altura à frente da ADA e dentro da distância de apoio de fogo dessa área. Podem ocorrer situações em uma defesa de área em que, devido à inexistência de terreno apropriado à frente de ADA, não serão instalados PAC.

4.4.5.6.5 Os PAC devem retrair somente mediante ordem do Esc Sp, a menos que tenha sido delegada a autorização ao comandante dos postos avançados de combate. O retraimento é feito utilizando caminhos de retraimento previamente reconhecidos que proporcionem o máximo de cobertura e abrigo e que auxiliem a dissimular do Ini a verdadeira localização do LAADA.

4.4.5.6.6 O Esqd C Mec C Mec, atuando nos PAC, emprega TTP semelhantes às utilizadas em uma ação retardadora – Aç Rtrd (movimento retrógrado), em uma única posição de retardamento.

4.4.5.7 O Esqd C Mec Integrando os Postos Avançados Gerais

4.4.5.7.1 Os PAG são estabelecidos com a finalidade de provocar o desenvolvimento prematuro do Ini, retardando e desorganizando sua progressão por meio de fogos longínquos e iludindo-o quanto à verdadeira localização da posição.

4.4.5.7.2 A ação dos PAG assemelha-se a uma ação retardadora, conduzida, normalmente, em uma única posição e em reduzida profundidade.

4.4.5.7.3 O Esqd C Mec emprega nos PAG as mesmas TTP utilizadas quando está integrado a uma F Cob, nas missões de Seg.

4.4.5.8 Esqd C Mec integrando a Força de Reserva em uma Defesa de Área

4.4.5.8.1 A reserva constitui o principal meio de que dispõe o defensor para influenciar no combate defensivo e reconquistar a iniciativa. Ela é empregada particularmente para aprofundar a defesa, bloqueando o Ini que penetrar na posição ou contra-atacando para expulsá-lo de seu interior.

4.4.5.8.2 A principal finalidade dos C Atq realizados pela reserva é o restabelecimento do LAADA, ou seja, a reconquista do terreno perdido no interior da ADA e a consequente reocupação dos núcleos conquistados pelo Ini. O C Atq é realizado de forma semelhante a um Atq com objetivo limitado, cuja posse materialize a volta do LAADA à sua posição original.

4.4.5.8.3 A força de C Atq deve possuir condições de ocupar e manter os núcleos reconquistados. Os planos de C Atq devem golpear o flanco do Ini na penetração máxima admitida. Os C Atq não são dirigidos contra objetivos fora da zona de ação do Esc Sp, nem o Ini deve ser perseguido além do LAADA, a não ser pelo fogo.

4.4.5.8.4 Quando um Esqd C Mec constituir a reserva de um RC Mec ou da brigada (Esqd C Mec de Bda), seus Pel C Mec são empregados na preparação dos núcleos de defesa de aprofundamento e na preparação (planejamento e treinamento) de C Atq. Em princípio, esses núcleos de aprofundamento só serão ocupados mediante ordem, ficando a SU em uma Z Reu, de onde possa desencadear os C Atq planejados ou ocupar os Nu Def.
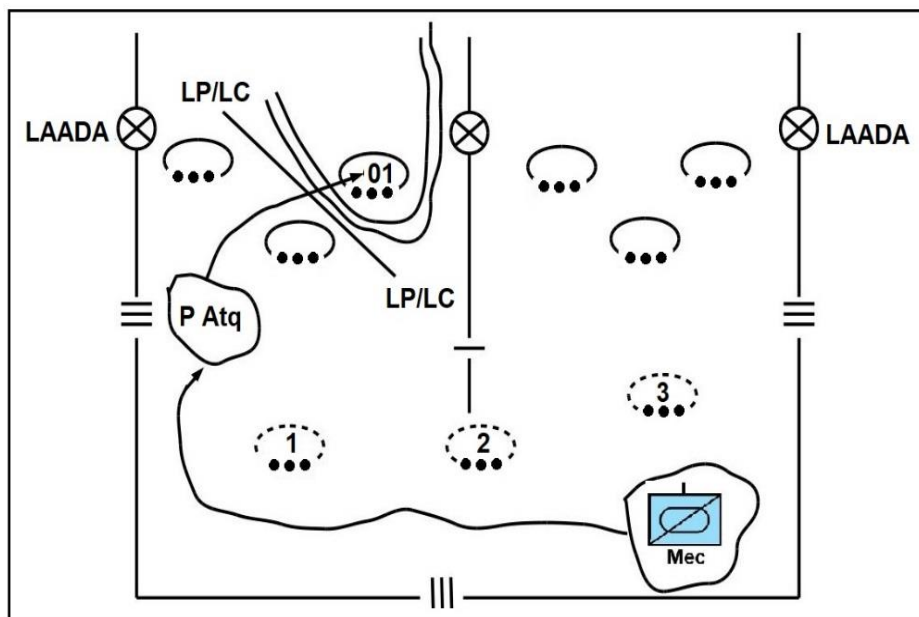
Fig 4-12 – Plano de contra-ataque. Esquema de manobra

4.4.5.8.5 Caso não seja possível realizar os ensaios dos C Atq planejados, os Cmt Pel C Mec e seus Cmt de frações devem ser conduzidos ao terreno, onde o contra-ataque foi planejado, para um reconhecimento do terreno e uma exposição pormenorizada das ações a serem realizadas.

4.4.5.8.6 Integrando uma força de reserva, o Esqd C Mec emprega as mesmas TTP das Op Ofs de Atq Oport e Atq Coor.

4.4.5.8.7 O C Atq deve ser apoiado por todas as armas disponíveis. O emprego de Pel Provs na reserva propicia que as VBC Cav/VBR, como integrantes de força de contra-ataque, sejam empregadas à semelhança das Op Ofs. Ressaltando-se que deve ser feito um reconhecimento prévio das vias de acesso a serem utilizadas nos contra-ataques planejados.

4.4.5.9 Medidas Defensivas Diversas

4.4.5.9.1 Plano de Barreiras

a) O Cmt Esqd planeja o emprego de obstáculos, à frente e no interior de sua área de defesa, integrado ao sistema de barreiras da Bda.

b) Os obstáculos devem ser estabelecidos levando-se em conta a localização das posições defensivas e o efeito das barreiras sobre a mobilidade das forças amigas no interior da posição, particularmente nos C Atq.

4.4.5.9.2 Defesa Anticarro

a) O planejamento da defesa anticarro (DAC) acha-se intimamente ligado ao planejamento de barreiras. Os obstáculos naturais e os campos de minas AC facilitam a destruição dos blindados, canalizando-os para as regiões batidas pelas armas anticarro. A DAC deve ser estabelecida em largura e em profundidade e engloba o emprego de armas anticarro, minas, VBC Cav/VBR e artilharia. O Esqd C Mec, ao planejar sua DAC, deve dar particular atenção às VA de blindados que apresentem ameaça à posição do Esqd. Entretanto, nenhuma região deve ser desprezada no planejamento da DAC da SU, uma vez que as forças blindadas podem ser empregadas, com êxito, em terrenos aparentemente desfavoráveis.

b) A DAC do Esqd C Mec deve ser planejada de modo que os blindados inimigos sejam batidos pelo fogo logo que fiquem dentro do alcance eficaz das armas da defesa. O planejamento da DAC deve ser elaborado de modo que permita separar os blindados dos elementos a pé que os acompanham, para destruí-los à frente da área de defesa. Se os blindados inimigos atingirem ou penetrarem a área de defesa, procura-se canalizá-los para regiões onde sua destruição seja facilitada (áreas de engajamento – AE) pela ação ofensiva de reservas por meio das armas AC que ocupam posições de aprofundamento.

c) A DAC planejada Esqd C Mec/RC Mec é coordenada pelo Cmdo de seu Rgt de forma que todo o planejamento seja integrado. Da mesma forma, o planejamento do Esqd C Mec/Bda é coordenado com o comando/EM de sua Bda, que o integra ao planejamento da GU.

d) As VBC Cav/VBR (e os CC, se disponíveis) são empregadas na DAC, batendo os blindados inimigos em AE à frente do LAADA e em profundidade, no interior da Pos Def.

4.4.5.9.3 Defesa Contra Ameaças Aeroterrestres (Aet), Aeromóveis (Amv), Ações de Guerrilha e Infiltrações

a) O Esqd C Mec deve tomar medidas efetivas contra ameaças de F Ini aeroterrestres e aeromóveis, de guerrilha e de infiltração, de modo que a subunidade possa concentrar-se na sua missão principal da Def.

b) O Esqd deve estabelecer um sistema de alarme, utilizando os elementos de segurança e de observação já instalados.

c) Deve ser realizado um reconhecimento pormenorizado para localizar as prováveis zonas de lançamento e desembarque de F Ini.

d) Quando necessário, podem ser empregadas patrulhas especiais, dispositivos de alarme, bloqueios de estrada e postos de observação e equipamento de radar para cobrir a área.

e) Deve ser preparado um plano de iluminação e tomadas medidas para prover segurança para os elementos logísticos e postos de comando na Z Aç da SU.

f) Quando uma F Ini se infiltrar na área, toda ou parte da reserva recebe a missão de destruí-la, e os fogos planejados apoiam a sua ação.

4.4.5.9.4 Defesa Contra Ataques Aéreos
a) As armas orgânicas do Esqd podem ser particularmente eficazes contra os helicópteros, ARP e outras aeronaves (Anv) de voo lento.
b) Os setores de tiro atribuídos e as condições de emprego das armas do Esqd devem ser definidos pelo comandante.
c) As medidas de autodefesa antiaérea incluem:
- medidas passivas de proteção;
- estabelecimento de um sistema de alarme; e
- permissão (ou não) às unidades para atirar em todas as aeronaves seguramente identificadas como inimigas (mesmo quando não realizam ataque direto à unidade).

4.4.5.9.5 Defesa Durante os Períodos de Visibilidade Reduzida
a) Para as frações equipadas com dispositivos passivos de visão noturna, as Op Def noturnas diferem pouco daquelas realizadas durante o dia.
b) A distância de emprego das armas de fogo direto é determinada pelo alcance eficaz dos dispositivos de visão passiva à disposição do defensor.
c) A organização da posição defensiva à noite é semelhante àquela adotada durante o dia. No entanto, as possibilidades do uso de equipamentos passivos de visão permitem ao defensor a realização de movimentos na escuridão.
d) O emprego de iluminação ativa somente deve ser considerado quando não se dispõe de equipamentos passivos ou quando o nível de luz ambiental diminuir a eficiência desses equipamentos. Esse emprego será coordenado com o RC Mec ou, no Esqd C Mec/Bda, com a sua GU.
e) O emprego dos meios ativos elimina a surpresa, alertando o Ini sobre o combate iminente, revela a posição do defensor e permite ao atacante o emprego mais eficiente de seus equipamentos de visão por intensificação da luz residual.

4.4.5.9.6 Simulação
a) Ao estabelecer o plano de Def, o comandante do Esqd considera o emprego das medidas de simulação que possam levar o atacante a dispersar meios ou orientar mal o seu esforço.
b) As F Seg empregam a simulação para fazer com que o Ini desdobre-se prematuramente e retarde a execução de seus planos.
c) Posições, equipamento e atividades simuladas podem favorecer a economia de forças e obrigar o Ini a executar uma ação ofensiva desnecessária, tornando seus elementos vulneráveis a uma ação amiga.

4.4.5.10 As medidas de coordenação e controle, citadas abaixo, estão descritas de forma detalhada no MC Regimento de Cavalaria Mecanizado:
a) LAADA;
b) limites;
c) pontos-limite;
d) Z Reu; e
e) posições de aprofundamento.

4.4.6 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO NA DEFESA MÓVEL

4.4.6.1 Generalidades

4.4.6.1.1 A defesa móvel (Def Mv) é uma forma de manobra de defesa em posição que se baseia na destruição do Ini por meio do fogo e do contra-ataque, na qual meios em menor quantidade são empregados para as ações de alertar as forças de defesa e de canalizar, retardar ou bloquear o atacante, e uma forte reserva é empregada para contra-atacar e destruir no momento mais oportuno. Em princípio, a Def Mv é conduzida pelo escalão DE ou superior.

4.4.6.1.2 Na Def Mv, o Esqd C Mec pode ser empregado em um ou mais dos escalões de defesa: F Seg, força de fixação e reserva. Nesse tipo de Def, o Esqd C Mec pode receber missões de integrar:
a) a força de cobertura do Esc Sp;
b) o PAG do Esc Sp:
c) a força de fixação da área de defesa avançada; e
d) a reserva do Esc Sp.

4.4.6.2 Força de Segurança

4.4.6.2.1 No contexto de uma atitude defensiva, atuando como integrante de uma força de cobertura (F Cob), o Esqd C Mec opera a uma considerável distância à frente da área de Def, com a finalidade principal de trocar espaço por tempo, em benefício da organização da posição defensiva (P Def). Tal missão é cumprida po meio de um contínuo e agressivo retardamento do Ini, o que requer o emprego de forças altamente móveis e capazes de atuar fora da distância de apoio de outras forças.

4.4.6.2.2 A SU empregada na F Seg da Def Mov pode ocupar os PAG, retardando o Ini, empregando as TTP da ação retardadora (Aç Rtrd), sempre enquadrada por um Rgt ou Bda. Não é comum a atuação de um Esqd C Mec isolado cumprindo missão de PAG.

4.4.6.3 Força de Fixação (Forças da Área de Defesa Avançada)

4.4.6.3.1 A missão da força de fixação na ADA, na defesa móvel, é a de canalizar o Ini para uma região favorável no interior da posição, desgastando-o e desorganizando-o, de forma a criar melhores condições para destruir o Ini.

4.4.6.3.2 As forças da ADA cumprem essa missão retardando o Ini, mantendo acidentes capitais importantes do terreno e realizando ações ofensivas limitadas, ou por meio de uma combinação dessas ações, tudo com a finalidade de tornar o Ini tão vulnerável quanto possível aos fogos e ao C Atq da reserva.

4.4.6.3.3 As forças de fixação cumprem suas missões por uma combinação das ações a seguir descritas:
a) estabelecimento de postos de observação e de escuta e de outros meios de vigilância;
b) patrulhamento;
c) ocupação e defesa de P Blq;
d) Aç Rtrd; e
e) Aç Ofs dentro de suas possibilidades.

4.4.6.3.4 O Esqd C Mec, como parte da força de fixação, é organizado de acordo com a análise dos fatores da decisão. A missão é a principal consideração para a determinação do valor e da composição do Esqd.

4.4.6.3.5 O Esc Sp designa o traçado do LAADA e a Z Aç a ser ocupada pelo Esqd baseado na análise do terreno. Pode, também, designar um acidente do terreno como uma P Blq.

4.4.6.3.6 O Cmt do Esqd C Mec designa posições e setores de tiro para os pelotões, baseado na ordem do Esc Sp, na disponibilidade das forças e nas VA do Ini para dentro do seu setor.

4.4.6.4 Força de Choque (Reserva)

4.4.6.4.1 O Esqd C Mec não é a tropa ideal para ser empregada como força de choque (reserva), já que possui restrição de deslocamento através do campo e possui meios limitados para a realização do C Atq.

4.4.7 TÁTICAS E TÉCNICAS ESPECIAIS DAS OPERAÇÕES DE DEFESA EM POSIÇÃO

4.4.7.1 Generalidades

4.4.7.1.1 Existem diversas variações possíveis entre as formas de manobra Def Mv e Def A. Em muitas situações, para tirar proveito de um determinado terreno ou para melhor explorar as características de sua tropa, o comandante de um RC Mec ou de Esqd C Mec de Bda pode adotar táticas e técnicas especiais da defensiva.

4.4.7.1.2 Essas técnicas são as ações dinâmicas da defesa, dispositivo de expectativa, defesa avançada, defesa elástica, defesa em contraencosta, defesa em posição de combate, defesa em ponto forte, defesa circular, defesa contra reconhecimento, defesa contra tropa aeroterrestre e assalto aeromóvel, defesa linear e defesa não linear.

4.4.7.1.3 Neste MC são abordadas apenas a defesa elástica e a defesa circular, por serem mais apropriadas às tropas mecanizadas.

4.4.7.2 Defesa Elástica

4.4.7.2.1 Generalidades

a) A defesa elástica é uma técnica que permite uma penetração do Ini em região selecionada para emboscá-lo e contra-atacá-lo ao longo de todo seu dispositivo. A posição é ocupada por um RC Mec em profundidade, para permitir o ataque em toda a extensão da formação inimiga. Ela é conduzida, normalmente, por três grupamentos de forças: a F Seg, a força de contenção e a força de destruição. Um Esqd C Mec pode participar das missões de qualquer um desses três grupamentos.

b) A adoção de uma defesa elástica está condicionada, preponderantemente, às características do terreno. Ela é empregada quando o terreno dificulta repelir o ataque Ini à frente do LAADA e quando for suficientemente movimentado, permitindo a defesa em profundidade e o estabelecimento de AE, sem, contudo, permitir a realização de uma defesa móvel.

c) As dimensões das AE devem ser compatíveis com a F Ini a ser destruída e a eficácia das armas dos núcleos de defesa.

d) As forças-tarefas (FT) blindadas são mais aptas a conduzirem uma defesa elástica. Porém, o RC Mec possui boas condições para realizar esse tipo de operação.
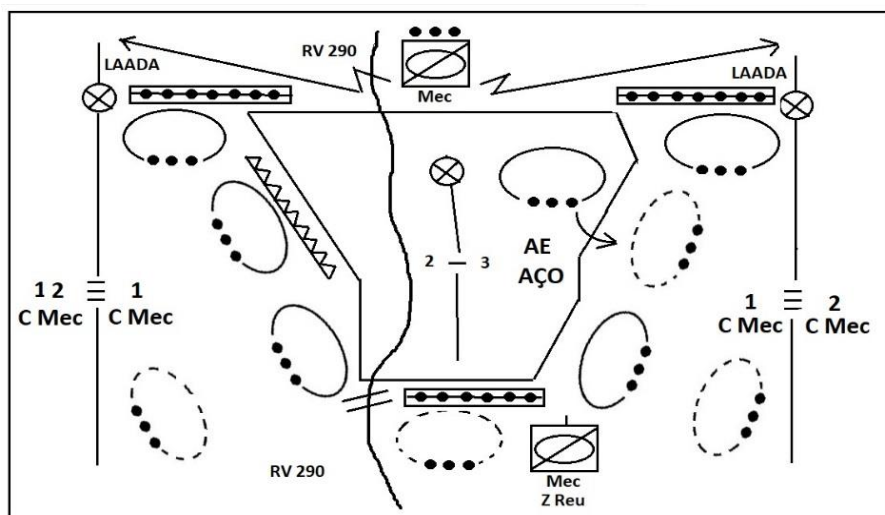
Fig 4-13 – Esqd C Mec na Defesa Elástica

4.4.7.3 Defesa Circular

4.4.7.3.1 Generalidades

a) A defesa circular é uma variante da defesa de área, na qual um RC Mec ou Esqd C Mec é disposto de modo a fazer frente, simultaneamente, a um ataque Ini proveniente de qualquer direção.

b) A defesa circular pode ser empregada nos seguintes casos:
- em missões independentes;
- por imposição do terreno (deserto, selva, montanha *etc.*);
- no isolamento da tropa por ação do Ini;
- em pontos fortes na defesa móvel; e
- em qualquer situação, por imposição do Ini.

c) A defesa circular caracteriza-se pela máxima potência de fogo no LAADA, máximo apoio mútuo e pequeno espaço para manobra.

d) O Esqd C Mec, isoladamente ou integrando o RC Mec, pode ter de estabelecer uma defesa circular.

4.4.7.3.2 Na defesa circular, as forças escalonam-se em:

a) área de segurança (PAC);

b) área de defesa avançada (perímetro); e

c) área de rede que defserva.

4.4.7.3.3 Esqd C Mec Isolado

a) No estabelecimento de sua própria defesa, o Cmt do Esqd C Mec desenvolve seus pelotões de maneira a bater as prováveis VA do Ini e estabelece a segurança local.

b) As VBC Cav/VBR podem ser empregadas com seus Pel C Mec ou reunidas pelas SU em Pel VBC Cav/VBR, integrando uma reserva ou ocupando posições de tiro na crista topográfica. Mesmo quando empregadas como reserva, são preparadas posições de tiro (e itinerários para atingi-las), de modo a bater todas as VA e facilitar a reunião para o apoio ou execução dos C Atq.
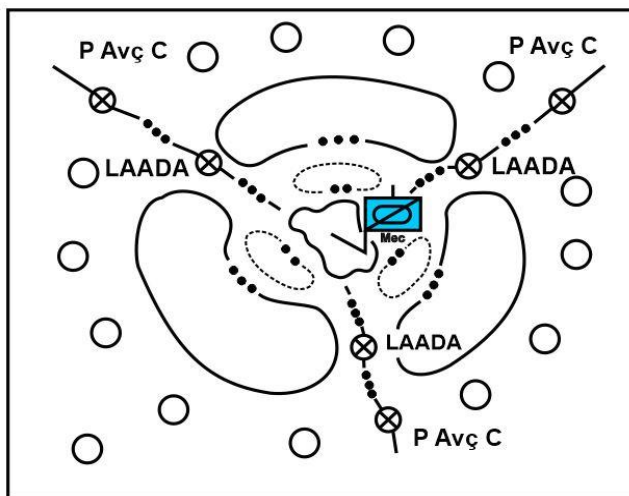
Fig 4-14 – Esqd C Mec na Defesa Circular

c) As Pç Ap normalmente são centralizadas pelo Esqd C Mec em uma Seç Mrt Me, a fim de bater o Ini o mais longe possível do LAADA e em qualquer direção.

d) As metralhadoras e os lança-granadas (L Gr) do G Exp e das VBC Fuz/VBTP do GC, quando desembarcados e empregados nos núcleos de defesa, devem procurar bater o LAADA. As VB do Esqd C Mec, ocupando posições de tiro na crista topográfica, devem bater o Ini à frente do LAADA até o limite do seu alcance de utilização.
e) Como medida de segurança, o PC e os trens devem ser localizados no centro da área ou nas proximidades de um dos pelotões.

4.4.7.3.4 O Esqd C Mec como Parte de um RC Mec
a) O Esqd C Mec pode receber missão de constituir parte das forças da área de defesa avançada ou de constituir a reserva do Rgt.
b) O Cmt do Esqd determina a Z Aç dos pelotões, mantendo, sempre que possível, uma reserva forte em VBC Cav/VBR, localizada de modo a que possa, rapidamente, atuar em qualquer parte do sistema defensivo.
c) O Esqd ocupa acidentes capitais dominantes em suas Z Aç e estabelece posições, o mais longe possível, do centro do sistema defensivo, a fim de permitir à reserva regimental liberdade de manobra, o que lhe é essencial.
d) O Esqd, normalmente, recebe Z Aç extensa a defender. Em consequência, deve ocupar e organizar suas posições de maneira que tenha domínio sobre as prováveis VA do Ini. O Esqd deve estabelecer elementos de segurança no exterior do perímetro defensivo, para evitar ataques de surpresa e dar alerta antecipado de aproximação do Ini. A distância dos elementos de segurança em relação às forças que ocupam o perímetro da defesa depende, sobretudo, do terreno e do Ini. Um Pel C Mec pode ser lançado à frente dos elementos de segurança para observar os eixos que conduzem ao interior do perímetro defensivo.
e) Os elementos de Cmdo são colocados nas posições menos vulneráveis, de preferência, desenfiadas.
f) Quando for conhecida a direção mais provável do ataque Ini ou quando uma parte da área de defesa avançada for particularmente favorável ao Ini, o Cmt do Rgt pode deixar de distribuir equilibradamente seus Esqd pelo perímetro.
g) O emprego de todos os Esqd no perímetro visa a atender às seguintes condições:
- máximo poder de fogo no LAADA;
- melhor apoio mútuo; e
- reserva com elemento(s) do(s) Esqd de 1º escalão.
h) As seguintes condições táticas possibilitam a manutenção de um valor Esqd em reserva:
- unidade de Cmdo na reserva, aproveitando o que já existe;
- o espaço pode tornar-se insuficiente para o emprego dos Elm de apoio e serviço; e
- maior flexibilidade em face do terreno e da situação.
i) Conduta:
- as forças em posição procuram deter o ataque Ini. Se houver uma penetração, ou na iminência de sua concretização, a reserva deve contra-atacar para restabelecer a posição. Se o contra-ataque tiver êxito e a ameaça

inimiga for eliminada, o perímetro será mantido como anteriormente. Se o contra-ataque não obtiver êxito, o Cmt pode determinar o retraimento das forças que ocupam o setor ameaçado para posições suplementares previamente reconhecidas e preparadas, a fim de recuperar a liberdade de ação.

4.4.8 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO NOS MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

4.4.8.1 Generalidades

4.4.8.1.1 Mov Rtg é qualquer movimento organizado de uma força para a retaguarda ou para longe do Ini, forçado por este ou executado voluntariamente.

4.4.8.1.2 Um Mov Rtg bem planejado e bem executado pode proporcionar excelentes oportunidades para infligir consideráveis danos à tropa e ao material Ini.

4.4.8.2 Finalidades

4.4.8.2.1 Os Mov Rtg são conduzidos obedecendo a uma ou mais das seguintes finalidades:
a) inquietar, desgastar, resistir, retardar e infligir baixas ao Ini;
b) conduzir o Ini a uma situação desfavorável;
c) permitir o emprego da força ou de uma parte dela em outro local;
d) evitar o combate sob condições desfavoráveis;
e) ganhar tempo, sem engajar-se decisivamente em combate;
f) desengajar-se do combate;
g) adaptar-se aos movimentos de outras tropas amigas; e
h) encurtar as vias de transporte.

4.4.8.3 Formas de Manobra do Movimento Retrógrado

4.4.8.3.1 Os Mov Rtg são classificados em três tipos: ação retardadora, retraimento e retirada.

4.4.8.3.2 A ação retardadora é um movimento retrógrado no qual uma força terrestre, sob pressão, troca espaço por tempo, procurando infligir ao inimigo o máximo de retardamento e o maior desgaste possível, sem se engajar decisivamente no combate. Na execução de uma ação retardadora, o mínimo de espaço é trocado pelo máximo de tempo.

4.4.8.3.3 Retraimento é um movimento retrógrado por meio do qual o grosso de uma força engajada rompe o contato com o inimigo, de acordo com a decisão do Esc Sp. Parte das forças permanece em contato para evitar que o inimigo persiga o grosso das forças amigas e inflija-lhe danos.

4.4.8.3.4 Retirada é um movimento retrógrado realizado sem contato com o inimigo e segundo um plano bem definido, com a finalidade de evitar um combate decisivo em face da situação existente. Pode ser executada em seguida a um retraimento.

4.4.8.4 Estudo do Terreno e das Condições Meteorológicas

4.4.8.4.1 Terreno
a) A utilização apropriada do terreno é vital à força que realiza um Mov Rtg, por propiciar a oportunidade de causar grande retardamento a uma F Ini e infligir-lhe danos consideráveis.
b) Para o estudo do terreno devem ser considerados os seguintes aspectos:
- observação e campos de tiro;
- cobertas e abrigos;
- obstáculos;
- acidentes capitais; e
- vias de acesso.

c) O terreno é selecionado, preferencialmente com uma compartimentação transversal ao movimento, buscando-se a observação e os campos de tiro profundos, bem como a máxima utilização de cobertas e abrigos.
d) Os obstáculos naturais devem ser intensamente explorados para retardar o avanço do Ini por não necessitarem de mão de obra.
e) Conveniente rede de estradas e terreno de boa trafegabilidade facilitam o movimento da unidade, proporcionam rapidez aos deslocamentos e favorecem o controle da operação.

4.4.8.4.2 Condições Meteorológicas
a) Boas condições meteorológicas favorecem a observação e aumentam o efeito dos fogos e dos agentes químicos.
b) Condições meteorológicas desfavoráveis dificultam a observação, reduzem os efeitos dos fogos, limitam o movimento através do campo, diminuem a eficiência do pessoal e dos equipamentos e aumentam os problemas de C^2.
c) A observação cuidadosa do início e fim do crepúsculo náutico, bem como das fases da lua, proporciona os indicativos de luminosidade da zona de ação.
d) A direção e velocidade dos ventos devem ser acompanhadas sistematicamente, considerando-se o continuado uso dos fumígenos nesse tipo de operação.
e) Deve-se levar em conta, entretanto, que nem sempre as melhores condições meteorológicas são as desejadas para a unidade empenhada em um movimento retrógrado, porquanto o mau tempo reduz a liberdade de ação do atacante, aspecto que contribui para favorecer o defensor.

4.4.8.5 Coordenação e Controle

4.4.8.5.1 O Esqd, realizando um Mov Rtg, normalmente é desdobrado em larga frente. Geralmente, os Mov Rtg consistem de ações descentralizadas dentro do

quadro geral da manobra; por isso mesmo, os comandos subordinados atuam com liberdade de ação para que possam explorar vantagens locais.

4.4.8.5.2 O rádio é o principal meio de comunicação empregado para o controle e a coordenação da manobra. Um planejamento cuidadoso das comunicações é essencial para se evitar a revelação prematura do Mov Rtg.

4.4.8.5.3 As medidas de coordenação e controle usadas nos Mov Rtg incluem:
a) pontos-limite;
b) posições de retardamento;
c) pontos de controle;
d) limites;
e) pontos de ligação;
f) linhas de controle intermediárias;
g) itinerários de retraimento;
h) zonas de reunião;
i) itinerários de progressão;
j) prazos de retardamento; e
k) pontos de passagem.

4.4.8.6 Reconhecimento e Segurança

4.4.8.6.1 Nos Mov Rtg, missões específicas de reconhecimento podem ser atribuídas às SU dentro de suas respectivas Z Aç.

4.4.8.6.2 O plano de busca do Esqd inclui elementos essenciais de inteligência (EEI), tais como:
a) localização das posições de artilharia do Ini;
b) direção do movimento do Ini;
c) valor e composição de sua principal força de ataque;
d) localização dos blindados inimigos;
e) ações do Ini para impedir ou bloquear o Mov Rtg; e
f) indícios de utilização de forças aeroterrestres ou aeromóveis, de ataque aéreo, de ação de guerrilha ou de infiltração, que possam interferir no Mov Rtg.

4.4.8.6.3 Informações oportunas com relação aos movimentos do Ini permitem o ajustamento dos planos.

4.4.8.6.4 Uma força que realiza um retraimento ou uma Aç Rtrd planeja e executa ações ofensivas, explorando as informações disponíveis.

4.4.8.6.5 O Ini emprega todos os seus meios de informações para determinar nossa localização, capacidade e intenção. É de se esperar que empregue o Rec terrestre, fotografias e observação aéreas, Rec aéreo, bem como atividades de espionagem. Dessa forma, cabe ao Cmt Esqd atentar para a observação de todas as medidas de contrainformação apropriadas.

4.4.8.6.6 O emprego de fogos, combinado com ações ofensivas limitadas, proporciona segurança durante os Mov Rtg.

4.4.8.6.7 Deve-se evitar ao máximo que o Ini perceba nossa intenção de retrair, ocultando-se o movimento por meio de rigorosas medidas passivas de segurança e de simulação. Tais medidas podem incluir: o silêncio rádio para os Pel que retraem da posição e a manutenção de padrões normais de utilização do rádio nos núcleos de primeiro escalão, a manutenção de fogos normais de artilharia e de outros meios de apoio de fogo, o deslocamento dos pelotões durante períodos de escuridão ou sob condições de reduzida visibilidade e a manutenção de tropas suficientes na posição, para simular a presença da força como um todo.

4.4.8.6.8 O grau de disciplina da tropa e a efetiva liderança, em todos os escalões, constituem medidas de segurança apropriadas contra a ação de agentes inimigos infiltrados na área de Op da SU.

4.4.8.6.9 Devem ser tomadas medidas ativas e passivas para proporcionar segurança à frente, nos flancos e à retaguarda do grosso, bem como contra ataques aéreos.

4.4.8.6.10 Medidas de dissimulação possibilitam o mínimo de interferência do Ini no retraimento do grosso e das F Seg.

4.4.8.7 Apoio ao Combate

4.4.8.7.1 Apoio Aéreo

a) As aeronaves da força aerotática são empregadas particularmente para o reconhecimento aéreo do Ini e para proteger a tropa que retarda contra os ataques das aeronaves inimigas, retardar o avanço das F Ter inimigas, pela inquietação e a interdição em locais críticos e apoiar os C Atq.

b) As aeronaves de reconhecimento proporcionam reconhecimento e informes longínquos sobre a localização e o dispositivo das forças inimigas. Essas aeronaves procuram descobrir qualquer tentativa do Ini para desbordar nossas posições.

4.4.8.7.2 Nos Mov Rtg, a Art Cmp é empregada para desencadear fogos sobre o Ini a grandes distâncias, a fim de forçá-lo a desdobrar-se prematuramente, para interditar VA do Ini, desencadear fogos de inquietação, apoiar os C Atq e o rompimento do contato. A Art Cmp é preparada para prestar apoio contínuo em todos os tipos de Mov Rtg. No caso dos Esqd C Mec orgânicos dos RC Mec, o Pel Mrt P pode desempenhar essas ações.

4.4.8.7.3 Deve ser dada elevada prioridade à defesa antiaérea (DAAe) das forças que retraem e dos pontos críticos no itinerário de retraimento.

4.4.8.7.4 Engenharia de combate (Eng Cmb) pode ser empregada em apoio direto ou em reforço aos elementos de primeiro escalão. Os elementos em contato, normalmente, devem receber engenharia em reforço. Uma das mais importantes funções da Eng é prestar auxílio e assistência na formulação e implementação do plano de barreiras.

4.4.8.8 Liderança

4.4.8.8.1 O exercício da liderança é fundamental nesse tipo de operação. Para que a liderança possa ser exercida com o máximo de iniciativa, é necessário que os Cmt, em todos os níveis, conheçam a intenção do Cmt do Rgt ou Bda.

4.4.8.8.2 Os Mov Rtg, por serem um movimento em direção à retaguarda, exercem considerável influência no moral da tropa. Isso ressalta a importância da liderança em todos os escalões de comando.

4.4.8.9 Planejamento dos Movimentos Retrógrados

4.4.8.9.1 O planejamento de um Mov Rtg deve ser meticuloso e completo, evitando o estabelecimento de medidas de coordenação e controle desnecessárias. As medidas prescritas devem ser essenciais à segurança, à condução das fases do movimento e à manutenção da unidade de comando.

4.4.8.9.2 Em um retraimento, a situação em que ele é executado – com ou sem a pressão do Ini – condiciona as medidas de coordenação e controle a serem utilizadas que, de acordo com a situação, serão menos ou mais restritivas.

4.4.8.9.3 A ação retardadora engloba, nas fases de seu desenvolvimento, os outros dois tipos de movimentos retrógrados – o retraimento entre as posições de retardamento e, caso seja empregado o processo de retardamento por posições alternadas, a retirada para a posição posterior, após ser acolhido na posição à sua retaguarda.

4.4.8.9.4 Os planos e ordens de um retraimento incluem os aspectos a seguir enumerados:
a) nova posição a ser ocupada e missão após realizado o retraimento;
b) organização para o Cmb, reforços e apoios recebidos;
c) Z Aç e Itn a serem utilizados;
d) F Seg e outras medidas de segurança;
e) planejamento para o apoio de fogo;
f) planejamento para ruptura do contato em caso de retraimento involuntário;
g) a ação a ser iniciada, em caso de ataque Ini após o retraimento voluntário;
h) medidas de disfarce;
i) horário e prioridade para o retraimento dos elementos;
j) medidas de controle de tráfego;
k) planejamento para evacuação ou destruição do excesso de suprimento;

l) evacuação de baixa e prisioneiros de guerra (PG);
m) plano de comunicações; e
n) planejamento para o apoio de serviços.

4.4.8.9.5 O Cmt do Esqd que executa um retraimento deve indicar aos seus elementos as providências a seguir mencionadas:
a) localização da nova posição ou Z Reu, escolhida com antecedência que permita seu reconhecimento;
b) medidas para preparação e ocupação da nova posição, incluindo a organização da defesa, o dispositivo do Esqd, a localização dos trens e PC e as instruções para os elementos que se deslocam dentro da área;
c) o Esc Sp pode designar os caminhos de retraimento do Esqd. Quando o Esqd opera em larga frente, é desejável que cada Pel receba seu próprio caminho de retraimento. Se o retraimento implica movimento através de uma posição defensiva ocupada por outra unidade, é necessária uma cerrada coordenação. O Cmt Esqd designa um Elm de ligação para executar a coordenação com o Cmdo da tropa que faz o acolhimento (Aclh). As medidas de coordenação e controle devem ser disseminadas por todos os pelotões. O planejamento deve incluir a previsão de guias a serem fornecidos pela unidade que acolhe, estabelecimento de ligação e comunicações e sinais de reconhecimento;
d) força de segurança – se necessário, é designado um Pel para a missão de retaguarda; e
e) horário de retraimento – normalmente determinado pelo Esc Sp.

4.4.8.10 Ação Retardadora

4.4.8.10.1 Generalidades
a) A Aç Rtrd é um movimento retrógrado no qual uma força terrestre, sob pressão, troca espaço por tempo, procurando infligir ao Ini o máximo de retardamento e o maior desgaste possível, sem se engajar decisivamente no Cmb. Na execução de uma Aç Rtrd, o mínimo de espaço é trocado pelo máximo de tempo.
b) Uma Aç Rtrd exige, normalmente, o emprego dos princípios da defesa em cada posição de retardamento. Em sua execução, são conduzidas ações ofensivas e defensivas. A ação em cada posição deve obrigar o Ini a desdobrar-se prematuramente e a perder tempo na preparação do seu ataque.
c) Existem três técnicas de retardamento: o retardamento em posições sucessivas, o retardamento em posições alternadas e o retardamento que combina as duas outras técnicas.
d) O Esqd C Mec, executando uma Aç Rtrd, emprega elementos de segurança (PO e patrulhas) à frente das posições e elementos de retardamento.
e) O Esqd C Mec, em virtude de suas características e possibilidades, é elemento apto para realizar uma Aç Rtrd.
f) O Esqd integrado em um RC Mec pode pertencer ao escalão da força retardadora ou à reserva.
g) O Esqd C Mec de Bda atua, normalmente, de forma idêntica ao Esqd C Mec

de RC Mec. As posições de retardamento do Esqd C Mec não são organizadas em profundidade. Utiliza-se o máximo poder de Cmb em primeiro escalão sobre as prováveis VA do Ini.
h) Normalmente, o Esqd C Mec não designa reserva em Aç Rtrd.

4.4.8.10.2 As considerações básicas da Aç Rtrd são:
a) controle deve ser centralizado e ação descentralizada;
b) máximo aproveitamento do terreno;
c) forçar o Ini a desdobrar e a manobrar;
d) máximo emprego de obstáculos;
e) manutenção do contato com o Ini; e
f) evitar o engajamento decisivo.

4.4.8.10.3 Processos de Execução da Aç Rtrd
a) A Aç Rtrd pode ser executada em posições sucessivas, posições alternadas ou pela combinação desses processos.
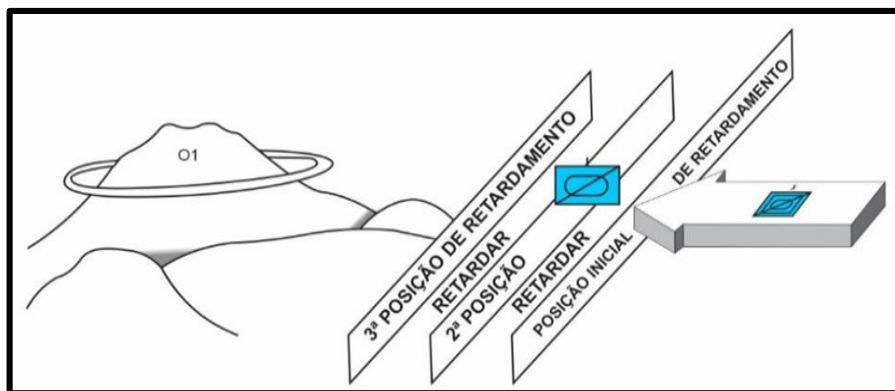
Fig 4-15 – Posições de retardamento

b) Na Aç Rtrd em posições sucessivas, o Esqd oferece o máximo de resistência organizada na posição inicial de retardamento (PIR) e continua a oferecer resistência em cada uma das posições de retardamento sucessivas. Em face das largas frentes que normalmente recebe, este é o tipo de ação retardadora adotado com mais frequência pelo Esqd por ser o que lhe permite concentrar o maior poder de Cmb à frente, em cada posição.
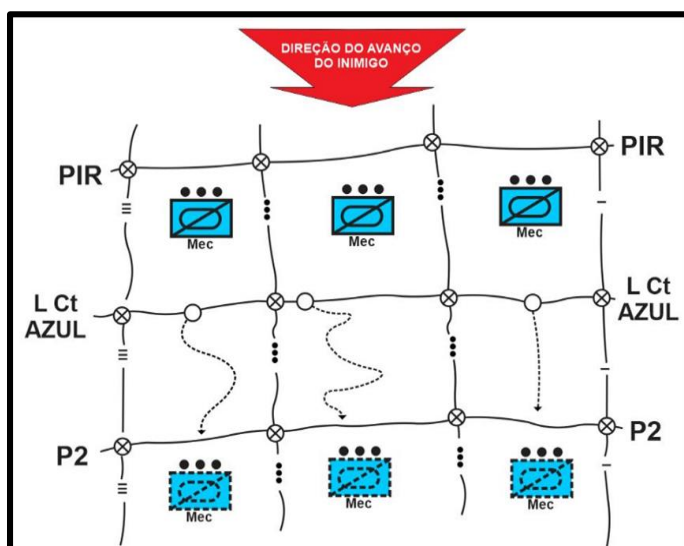
Fig 4-16 – Aç Rtrd – Esqd C Mec retardando em posições sucessivas

c) Na Aç Rtrd em posições alternadas, o Esqd C Mec raramente opera em frente suficientemente estreita para permitir o retardamento em posições alternadas. Não é o processo mais comum do emprego do Esqd C Mec. Entretanto, o Esqd pode realizar esse tipo de movimento, quando estiver enquadrado na manobra de um Rgt ou Bda, revezando a ocupação das Pos Rtrd com outras SU ou U.
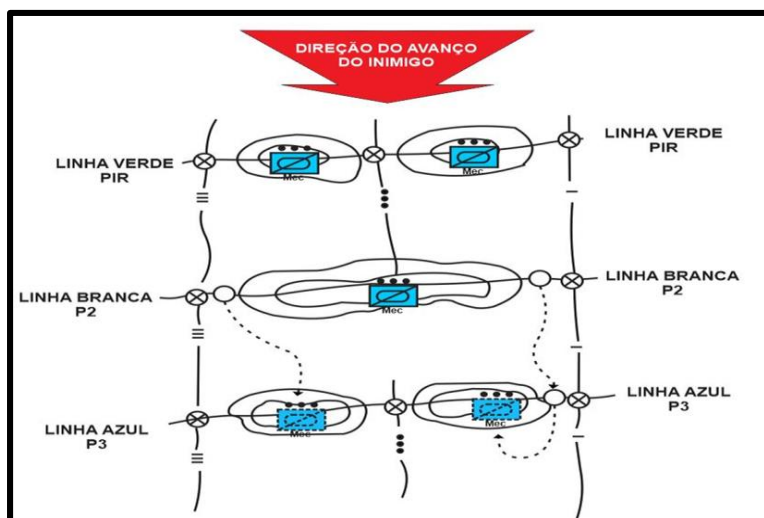
Fig 4-17 – Aç Rtrd – RC Mec retardando em posições alternadas

4.4.8.10.4 Planejamento

a) Por ser o planejamento da ação retardadora centralizado, o Esqd recebe as diretrizes básicas do Esc Sp de forma pormenorizada.

b) As posições de retardamento e o prazo a ganhar são determinados pelo Esc Sp. O principal objetivo desta medida é a coordenação entre as forças empenhadas e o estabelecimento de um horário planejado para a operação.

c) Cabe ao Cmdo do Esqd reconhecer as posições de retardamento e definir exatamente a localização dos pelotões.

d) Posições de retardamento descontínuas devem ser levantadas pelo Esqd em sua Z Aç para serem utilizadas sempre que necessário, visando a impor ao Ini o máximo de perdas, em tempo, material e pessoal ao longo do retardamento.

e) As ordens dadas ao Esqd devem especificar, pelo menos:

- organização para o Cmb;
- localização geral da PIR;
- localização geral das posições de retardamento, principais e alternativas (linhas de controle intermediárias);
- zonas de ação;
- prazos a ganhar durante a operação;
- pontos de ligação entre as forças de manobra;
- ações em final de missão; e
- limitações impostas à operação.

f) O Cmt Esqd C Mec deve atribuir itinerários de retraimento para seus elementos subordinados após a L Ct intermediária, logo após suas respectivas Z Aç. Se houver itinerários disponíveis, deve atribuir um para cada Elm subordinado, a fim de coordenar e facilitar o movimento. Em caso de deficiência de itinerários, pode haver itinerários comuns, devendo-se para isso estabelecer pontos de controle nos pontos de confluência e prioridades de passagem.

g) O Esqd C Mec de Bda atua, normalmente, de forma idêntica ao Esqd C Mec de RC Mec.

4.4.8.10.5 Escolha das Posições de Retardamento

a) O terreno favorável a uma boa posição de retardamento deve oferecer uma ou mais das características abaixo indicadas, as quais permitem infligir grande número de perdas ao Ini, além de retardar ao máximo a sua ação:

- linha de alturas perpendiculares à direção de atuação do Ini;
- obstáculos à frente e nos flancos, principalmente rios obstáculos;
- elevações que permitam boas condições de observação e bons campos de tiro;
- itinerários desenfiados para os deslocamentos (retraimentos e rocadas); e
- boa rede de estradas e condições de transitabilidade através do campo.

b) O Esc Sp designa para o Esqd uma Z Aç, o traçado geral da PIR, posições de retardamento sucessivas e o tempo que o Ini deve ser mantido à frente de cada posição. As posições são estabelecidas suficientemente afastadas de modo a obrigar o Ini a desdobrar-se para atacar e a reorganizar-se depois de cada ataque. Tão logo quanto possível, o Cmt do Esqd C Mec reconhece as posições de retardamento que lhe foram designadas.

c) L Ct são previstas para coordenação e controle do movimento, podendo transformar-se, em caso de necessidade, em posições de retardamento alternativas. Existe a necessidade de ser levantada pelo menos uma linha de controle intermediária às posições de retardamento, o que dá flexibilidade à manobra.
d) Se a profundidade da Z Aç permitir, é sempre conveniente que as posições de retardamento fiquem distanciadas, de modo a obrigar o Ini a se reorganizar e a montar um novo ataque em face de cada posição, considerando principalmente o alcance dos meios da Art Ini. Entretanto, não se deve ceder ao Ini grande faixa do terreno, deixando de ganhar um prazo maior.

4.4.8.10.6 Organização do Terreno e Limites
a) No planejamento de uma ação retardadora, os limites entre os pelotões são estabelecidos em função dos seguintes fatores:
- largura da Z Aç;
- áreas consideradas passivas;
- frentes consideradas secundárias;
- número de VA e corredores de mobilidade para o Ini, que incidem nas posições de retardamento;
- prosseguimento das VA no interior da nossa Z Aç;
- obstáculos; e
- diretrizes do Esc Sp.

b) Os obstáculos naturais são agravados e obstáculos artificiais são construídos dentro das limitações do material disponível, do tempo e da mão de obra.
c) P Blq, valor Pel, são organizadas nas posições de retardamento da mesma maneira que nas Op de segurança.
d) A posição é organizada em largura e com pequena profundidade.

4.4.8.10.7 Dispositivo do Esqd C Mec
a) O Cmt Esqd designa para os Pel zonas de ação dividindo as VA mais prováveis do Ini, compatíveis com o poder de Cmb de cada Elm subordinado, considerando ainda a importância e profundidade dessas VA. Cada VA e o terreno que a domina são atribuídos a um mesmo Elm de manobra. Cada Z Aç de Pel deve incluir, sempre que possível, um itinerário de retraimento através de estrada, ainda que com pequenos trechos de interligação através do campo, em terreno firme.
b) Os pelotões são desdobrados para bater as VA prováveis do Ini. A largura da Z Aç e o número de VA que a ela conduzem determinam o dispositivo a ser adotado. Sempre que possível, tendo em vista apoiar o Esqd de uma única posição de tiro, as peças de apoio são emassadas. O Esqd, normalmente, não constitui uma reserva. Quando a largura da zona de ação permitir, um Pel deve ser colocado em profundidade, para bloquear as penetrações do Ini, reforçar os elementos de primeiro escalão e proteger seu retraimento.
c) O PCP, sempre que possível, deve estar localizado bem à retaguarda, a fim de evitar frequentes deslocamentos e interferência com as ações dos Elm de combate. Sua localização deve proporcionar condições para as ligações com os

elementos subordinados, vizinhos e com o Esc Sp e estar próxima de estradas, as quais lhe facilitam futuros deslocamentos. O PCP retrai, normalmente, ao final da 1ª fase do retraimento.
d) O PCT deve ser desdobrado bem à frente, com os elementos engajados, para que o Cmt possa controlar e intervir nas ações.
e) Após as ATSU prestarem o apoio necessário junto à PIR, são deslocadas para próximo da L Ct, dentro da Z Aç da SU, de onde possam apoiar eficientemente a operação de retraimento, o deslocamento para a nova posição de retardamento, bem como a ocupação desta.
f) O controle e a segurança dos elementos do apoio logístico são de vital importância na Aç Rtrd. O planejamento da operação deve prever um adequado apoio logístico durante o deslocamento para cada posição de retardamento e na ocupação dela.
g) O suprimento dos elementos de combate é executado imediatamente após sua chegada às novas posições de retardamento. Tão logo julgar conveniente, o responsável pela ATSU dirige os trens para próximo da L Ct imediatamente à retaguarda da posição de retardamento ocupada, de onde podem apoiar eficientemente a operação.

4.4.8.10.8 Organização para o Combate do Esquadrão
a) A organização de uma posição de retardamento assemelha-se a de uma posição defensiva. A maior parte da potência de fogo do Pel é orientada na direção geral do Ini, sem descurar da segurança de flanco e de retaguarda. As VBC Cav/VBR são utilizadas para bloquear as prováveis VA dos Bld Ini e para executar o fogo direto de longa distância. Os fuzileiros recebem missões de proteção às VBC Cav/VBR e de bloqueio às VA dos elementos a pé. Os fogos de metralhadora e lança-granadas devem ser cruzados.
b) O plano de apoio de fogo deve prever fogos para a defesa, fogos para o apoio a contra-ataques e fogos para cobrir o retraimento. Os fogos defensivos devem ser concentrados nas formações iniciais do avanço do Ini.
c) Os exploradores operam à frente da posição inicial, proporcionando alerta antecipado da aproximação do Ini. À aproximação deste, retraem, mantendo o contato com o Ini, ajustando os fogos de apoio e informando sobre qualquer tentativa deste de evitar ou desbordar a posição.
d) Fogos de longo alcance são desencadeados tão à frente quanto possível. Esses fogos normalmente são executados pela artilharia e pelos morteiros. As VBC Cav/VBR e as demais armas abrem fogo quando o Ini estiver dentro de seus alcances eficazes.
e) Os PO, localizados nos flancos da posição, permanecem cobertos e não atiram, a menos que forçados pela ação do Ini. O Cmt do Esqd, embora tendo de manter contato cerrado com todos os Pel, procura localizar-se com o que estiver engajado na ação mais crítica. O Esqd não retrai até que seja autorizado pelo Esc Sp. Normalmente, os pelotões menos engajados retraem em primeiro lugar e auxiliam o desengajamento dos demais. O Cmt deve permanecer na posição de retardamento até que o último Pel retraia.

4.4.8.10.9 Segurança na Ação Retardadora

a) Generalidades:

- durante a ação retardadora, o Ini fará o máximo esforço para desbordar ou destruir a força retardadora;
- o Cmt Esqd deve prestar particular atenção para que o Ini não desborde seus flancos ou o surpreenda na posição;
- um reconhecimento contínuo é uma das melhores maneiras de proporcionar segurança;
- o reconhecimento pode ser ampliado por radares da seção de vigilância terrestre e observação (SVTO) e SARP, orgânico do Esqd ou do Esc Sp; e
- uma coordenação cerrada entre as frações vizinhas é essencial, de modo a evitar a apresentação de um flanco exposto ao Ini.

b) Segurança à frente:

- se os elementos da força retardadora não estão em contato com o Ini, devem ser tomadas precauções para se evitar a surpresa e para que o alerta da aproximação do Ini seja dado o mais cedo possível;
- durante o dia, postos de observação e patrulhas são estabelecidos à frente das posições de retardamento; e
- à noite, são substituídos por postos de escuta. Os itinerários que conduzem das posições aos PO devem ser escolhidos cuidadosamente a fim de evitar sua observação pelo Ini.

c) Segurança nos flancos:

- o Esqd, em uma posição de retardamento, deve estabelecer sua própria segurança de flanco pelo estabelecimento de observação em todas as direções, patrulhas e ligação com as unidades vizinhas;
- um reconhecimento cuidadoso propicia aos elementos da força retardadora o levantamento das VA mais favoráveis ao Ini para desbordar a força retardadora; e
- os elementos da testa de qualquer força inimiga, tentando progredir por tais vias de acesso, poderão ser detidos ou emboscados.

4.4.8.10.10 Ocupação de uma Posição de Retardamento

a) A ocupação de uma posição de retardamento pelo Esqd é planejada e conduzida de acordo com os princípios e fundamentos das ações da defesa. Entretanto, o Cmt dá maior ênfase ao engajamento do Ini no maior alcance eficaz de seu armamento e na disposição de sua força no terreno, de modo que possa executar o retraimento planejado para a próxima posição de retardamento.

b) Os fatores básicos a serem considerados para a ocupação de uma posição de retardamento incluem:

- posições de tiro principais;
- posições de muda;
- posições suplementares;
- observação;
- campos de tiro longínquos;
- cobertas e abrigos;
- desenfiamento de torre e de couraça;

- preparação de roteiros de tiro;
- segurança (incluindo postos de observação, patrulhas e o emprego de Fuz Mec para a proteção aproximada das VBC Cav/VBR);
- coordenação com outros elementos, incluindo os de apoio de fogo e engenharia;
- itinerários de retraimento; e
- existência de obstáculos.

c) A preparação da posição prossegue enquanto o Ini não for engajado. São selecionadas posições principais, de muda e suplementares para cumprimento das missões específicas do retardamento em posição. Os Cmt de VBC Cav/VBR devem conhecer perfeitamente os caminhos para tais posições. As VBC Cav/VBR são posicionadas, inicialmente, com desenfiamento de torre e devidamente cobertas, avançando para uma posição com desenfiamento de couraça no momento do tiro. Suas metralhadoras são integradas no plano de fogos das SU. Deve ser feito o máximo emprego das armas coletivas.
d) As posições de tiro normalmente localizam-se à retaguarda da crista topográfica das elevações, de modo a obter extensos campos de tiro. Deve-se observar também o fácil acesso dessas posições aos itinerários de retraimento abrigados. Posteriormente, durante a ação, a VBC Cav/VBR pode utilizar as posições de tiro de muda e as posições suplementares.
e) As viaturas não empregadas no retardamento são colocadas em local coberto e abrigado à retaguarda da posição. As viaturas PC, de manutenção e de saúde são, normalmente, colocadas à retaguarda da posição de retardamento posterior, para assegurar apoio contínuo durante o período crítico do retraimento da posição.
f) As metralhadoras das VBC Fuz/VBTP podem ser desdobradas no terreno sobre os seus reparos terrestres, caso não possam ser empregadas embarcadas e não comprometam a presteza do retraimento.
g) Sempre que possível, as peças de apoio são centralizadas.

4.4.8.10.11 Conduta na Ação Retardadora
a) Tão logo o Ini entre no alcance máximo da artilharia e dos morteiros, os fogos são desencadeados. Ao cerrar sobre a posição, o Ini é colocado sob o máximo volume de fogos de todas as armas da força retardadora, de modo a obrigá-lo a desdobrar-se, executar reconhecimentos e outras manobras que consomem tempo. Os fogos aproximados devem bater os acidentes capitais e as VA com a maior eficácia possível.
b) O êxito da missão de retardamento depende, em grande parte, de uma judiciosa distribuição do tempo a ganhar. Essa distribuição do tempo resulta de um minucioso reconhecimento, de segurança apropriada e oportunos informes de Cmb. O escalão imediatamente superior deve ser mantido informado da situação da força, de modo que seja assegurado o recebimento da ordem de retraimento antes que a força torne-se decisivamente engajada. Os Pel não retraem sem autorização do Cmt Esqd.
c) Ao receber a ordem para iniciar o retraimento de uma posição, o Pel executa um retardamento contínuo até a próxima posição de retardamento ou até uma

linha de acolhimento, ao retrair da última posição. Os elementos que já estiverem na posição de retardamento seguinte, à aproximação do grosso do Esqd, tomam o Ini sob seus fogos, realizando tiros sobre a tropa amiga, caso não haja uma força de proteção atuando como retaguarda. Quando acolhidos na posição de retardamento, os elementos do grosso reorganizam a constituição dos Pel e passam a retardar nessa posição durante o prazo previsto.
d) O Cmb aproximado é, em princípio, evitado, sendo empregado somente quando for absolutamente necessário.
e) Na conduta da Aç Rtrd, deve-se obedecer a todas as prescrições referentes ao retraimento e à retirada.
f) O Esqd C Mec normalmente não constitui uma reserva (Res).
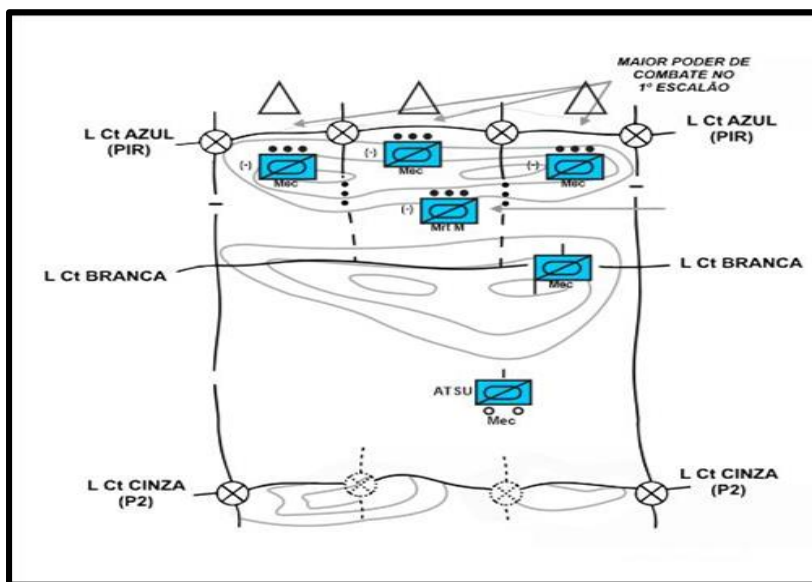
Fig 4-18 – Dispositivo do Esqd C Mec na Ação Retardadora

g) O comando, o controle e o horário para o desencadeamento do C Atq são fatores particularmente críticos. O Cmt deve exercer cuidadosa vigilância, de modo a evitar que sua unidade venha a se tornar tão engajada com o Ini que não possa romper o contato. C Atq para restabelecimento da posição são realizados visando à conquista de objetivos limitados e são apoiados por artilharia, morteiros e elementos da força retardadora.
h) No planejamento inicial, os limites das Z Aç na PIR são definidos por linhas contínuas até o limite de retaguarda dos Pel de 1º Esc (aproximadamente 2 km). A partir daí, são definidos por linhas descontínuas, pelas várias possibilidades do Ini de atuar na frente e nos flancos do Pel, em face da extensa frente e da grande profundidade da Z Aç, ocasionando frequentes reformulações no planejamento inicial.

4.4.8.11 Retraimento

4.4.8.11.1 Generalidades

a) É o movimento retrógrado no qual toda ou parte de uma força desdobrada rompe o contato físico com o Ini. Ele pode ser executado durante o dia ou à noite, com ou sem pressão do Ini.
b) O Esqd C Mec, em uma operação de retraimento, executa um movimento para longe do Ini para preservar ou recuperar a liberdade de ação, seja cumprindo missão no quadro da manobra do Esc Sp, seja agindo isoladamente.
c) O retraimento pode ser diurno ou noturno e executado com ou sem pressão do Ini.
d) O retraimento diurno deve ser evitado, sempre que possível, para fugir aos fogos observados do Ini e à atuação de sua F Ae, ambos capazes de causar pesadas baixas ou provocar a perda da liberdade de manobra.
e) Quando o retraimento diurno for imperioso, cresce a importância do emprego de minas, fogos de artilharia, fumígenos e apoio aerotático.
f) A relativa proteção blindada, a mobilidade, o poder de fogo e a ação de choque do Esqd minimizam os inconvenientes do retraimento diurno, particularmente quando se faz necessária uma manobra para desaferrar os elementos em contato com o Ini.
g) No planejamento de um retraimento noturno, o Esqd deve estar adestrado nas Op sob iluminação artificial, que pode ser empregada pelo Esc Sp, na eventualidade de perda do sigilo da operação, caso não possua dispositivos de visão noturna.
h) Em qualquer retraimento, todos os meios capazes de reduzir a observação inimiga (fumígenos, por exemplo) devem ser utilizados, particularmente quando houver perda do sigilo da operação.
i) Os retraimentos sem pressão do Ini são vantajosos em relação aos executados sob pressão.
j) No planejamento de um retraimento, devem ser previstos planos alternativos para os elementos subordinados, destinados ao atendimento de situações que impliquem retraimentos com ou sem pressão do Ini.
k) Em qualquer uma das situações em que o retraimento é executado, o contato pelo fogo e visual com o Ini deve ser mantido, suficiente para proporcionar dissimulação, segurança e contribuir para evitar um rápido avanço do Ini. Uma força provê segurança e dissimulação, para que as tropas em contato possam executar seu retraimento sem que o Ini cerre rapidamente sobre elas.
l) O retraimento pode ser facilitado pela execução de C Atq de objetivos limitados.
m) Os planos e ordens para um retraimento devem ser preparados pormenorizadamente.
n) Tempo suficiente deve ser proporcionado aos elementos subordinados, para executar um reconhecimento durante o dia.
o) O Esqd C Mec, tanto de Bda ou RC Mec, quando na Res, pode ser empregado como F Seg, apoiando o retraimento do grosso Esc Sp.

4.4.8.11.2 Retraimento sem Pressão do Ini

a) É aquele realizado sem que haja, ou possa haver, durante a sua execução, interferência apreciável das F Ter Ini. Exige emprego de contravigilância eficaz e depende, principalmente, da velocidade de execução e da dissimulação. Pode ser realizado furtivamente ou em conjunto com um ataque terrestre, para desviar a atenção do Ini.

b) Em seu planejamento, devem ser previstas medidas para o caso de detenção e interferência no movimento. Os períodos de escuridão ou pouca visibilidade, os terrenos cobertos e a superioridade aérea favorecem esse tipo de retraimento. A utilização de fumígenos e de itinerários cobertos auxiliam na redução da observação inimiga.

c) O Esqd C Mec destaca parte de suas forças, inclusive elementos da Res e de apoio, para permanecer em contato com o Ini. Tais forças são chamadas destacamento de contato. Elas proporcionam segurança e protegem o retraimento do grosso.

d) O destacamento de contato tem por missões:

- a fisionomia da frente (comunicações, fogos e outras atividades);
- retardar e iludir o Ini, de forma a evitar sua interferência durante o retraimento; e
- ficar em condições de atuar como retaguarda do grosso da força.

e) O planejamento, em geral, prevê o retraimento simultâneo da maioria dos elementos empregados em primeiro escalão. Quando o Cmt do Esc Sp não tiver determinado, o Cmt do Esqd especifica o valor, a composição e o dispositivo do destacamento de contato, tomando por base os fatores da decisão (missão, Ini, terreno, meios e tempo).

f) A composição normalmente é de cerca de um terço dos elementos de manobra, inclusive a Res, e de um terço a metade das armas de apoio orgânicas.

g) O destacamento de contato deve ter um Cmdo único. Em geral, um Cmt Pel que defende a parte mais importante da frente assume o Cmdo desse destacamento. O Cmt do destacamento deve controlar a operação e manter o tráfego de mensagens de Cmdo, como se ocupasse a posição com todo o seu efetivo (manutenção da fisionomia da frente).

h) Todo o esforço deve ser feito para que os elementos do destacamento de contato tenham mobilidade superior à do Ini.

i) O retraimento dos elementos da frente, menos o destacamento de contato, é iniciado pelos trens e viaturas do PC. Os Pel, simultaneamente, deslocam-se para a retaguarda, utilizando-se dos itinerários de retraimento previamente reconhecidos e da forma mais discreta possível.

j) Em uma Z Reu, previamente selecionada e ocupada pelo menor espaço de tempo possível, é formada a coluna de marcha do Esqd.

k) Após formada a coluna de marcha, o movimento posterior é efetuado de maneira semelhante ao de uma retirada.

l) Após o retraimento dos elementos de 1º escalão, o destacamento de contato assume a responsabilidade total da Z Aç do Esqd.

m) O retraimento do destacamento de contato deve ser iniciado a tempo de não permitir que o movimento seja executado sob pressão do Ini.

n) Ao iniciar o retraimento, o destacamento de contato atua como retaguarda do grosso que retrai. Esse destacamento mantém o contato com o Ini e combate, se necessário, até ser acolhido pelo grosso em uma nova posição de retardamento, ou pelo Esc Sp.
o) Se o retraimento for noturno, os fogos devem ser utilizados para abafar o ruído das lagartas e dos motores das viaturas.
p) Se o retraimento for descoberto pelo Ini, o Esqd passa a executá-lo utilizando as técnicas de um retraimento sob pressão. Para isso, todos os comandos subordinados devem ter conhecimento dos planos alternativos e da intenção do Cmt.
q) O retraimento sem pressão, em geral, é executado em três fases:
- 1ª fase – retraimento dos trens da SU e do posto de Cmdo;
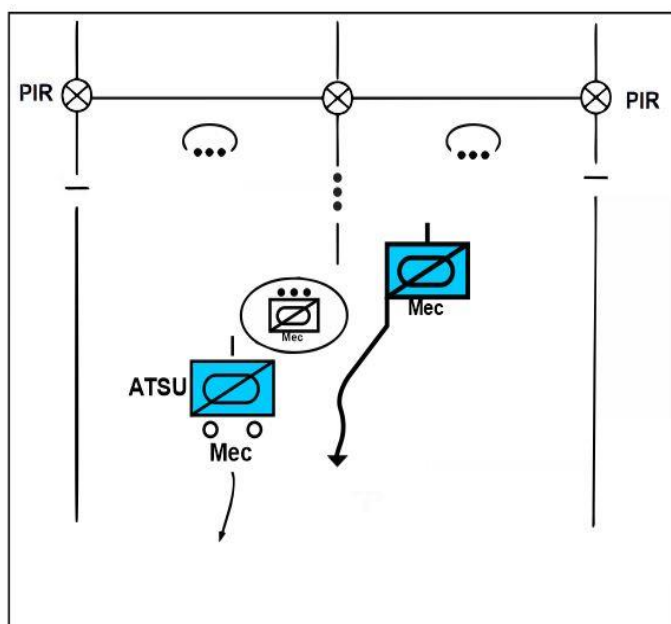
Fig 4-19 – Retraimento sem pressão do Ini (1ª fase)

- 2ª fase – retraimento dos pelotões em primeiro escalão, menos o destacamento de contato; e
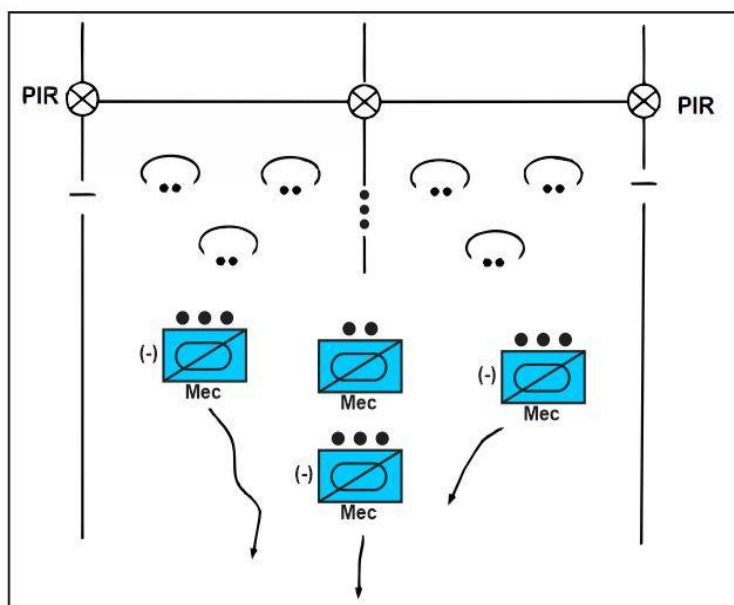
Fig 4-20 – Retraimento sem pressão do Ini (2ª fase)

- 3ª fase – retraimento do destacamento de contato.
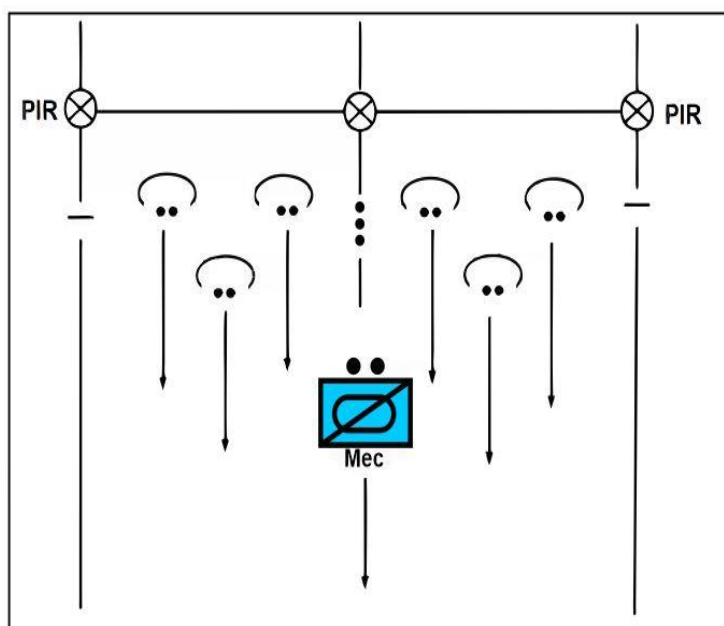
Fig 4-21 – Retraimento sem pressão do Ini (3ª fase)

4.4.8.11.3 Retraimento sob Pressão do Inimigo

a) É aquele realizado sob pressão ou ameaça iminente do Ini, isto é, forças ponderáveis atacam ou estão em condições de (ECD) atuar com fogos diretos sobre as tropas que retraem.

b) Os fogos disponíveis devem ser empregados contra os elementos avançados do Ini.

c) Os movimentos para a retaguarda são coordenados. As condições adversas associadas a esse tipo de movimento aconselham que o retraimento seja protegido pela escuridão ou por condições de reduzida visibilidade. Uma defesa cerrada pode levar a que se adie o movimento, até que as condições de visibilidade sejam favoráveis ao retraimento.

d) O Esc Sp pode constituir uma F Ptç para assegurar o movimento dos elementos avançados que retraem sem deixar elementos em contato. O Esqd C Mec, dependendo da situação pode constituir a F Ptç ou parte dela. A estreita coordenação entre essas forças é um fator crítico na execução desse tipo de retraimento.

e) São missões da F Ptç:

- proteger o retraimento dos elementos que estejam engajados;
- retardar o Ini e evitar a sua interferência no retraimento do grosso; e
- ficar em condições de atuar como retaguarda da força principal.

f) Após o acolhimento pela força de proteção, se for o caso, o grosso do Esqd forma as colunas de marcha, por Pel, em geral sem designação de Z Reu, e se desloca para a retaguarda, empregando a retirada.

g) As condições adversas, nesse tipo de retraimento, acarretam o aumento no número de baixas. Por isso, é mais favorável sua realização à noite ou sob condições de pouca visibilidade. Um forte dispositivo de retardamento e um eficaz apoio de fogo podem atrasar o retraimento até que as condições de visibilidade favoreçam a sua execução.

h) Para assegurar a rapidez do retraimento, os elementos não imprescindíveis à operação retraem antecipadamente, por infiltração, o que evita o congestionamento dos eixos rodoviários quando o grosso retrair.

i) O retraimento sob pressão do Ini pode ser realizado em três ou em duas fases, dependendo da existência de uma força de proteção constituída pelo Rgt:

- 1ª fase – retraimento dos trens da SU e do PC (menos o grupo de comando);
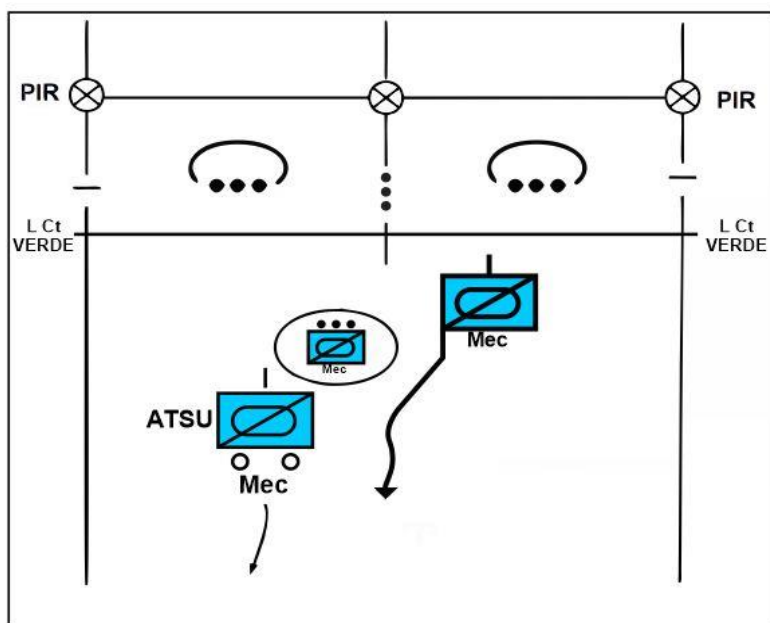
Fig 4-22 – Retraimento sob pressão do Ini (1ª fase)

- 2ª fase – retraimento dos Elm de primeiro escalão e do grupo de comando, iniciado pelos menos engajados até o acolhimento pela F Ptç; e
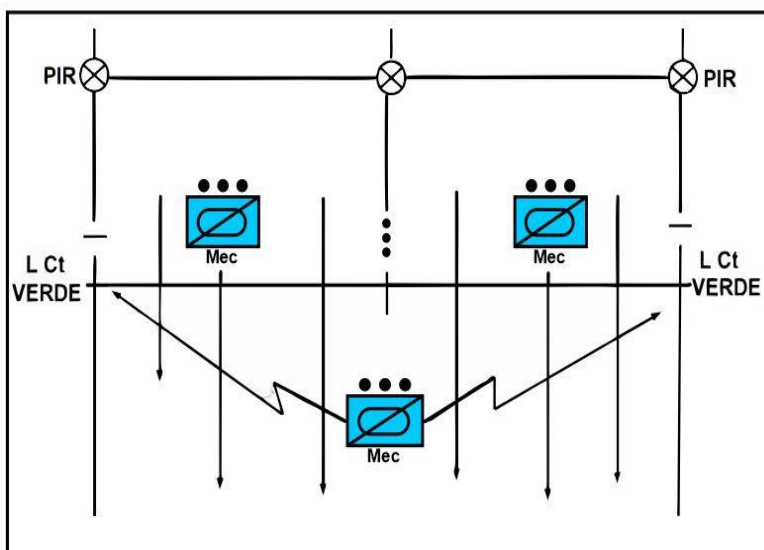
Fig 4-23 – Retraimento sob pressão do Ini (2ª fase)

- 3ª fase – retraimento da força de proteção, utilizando técnicas de retardamento, após o acolhimento dos elementos de primeiro escalão.
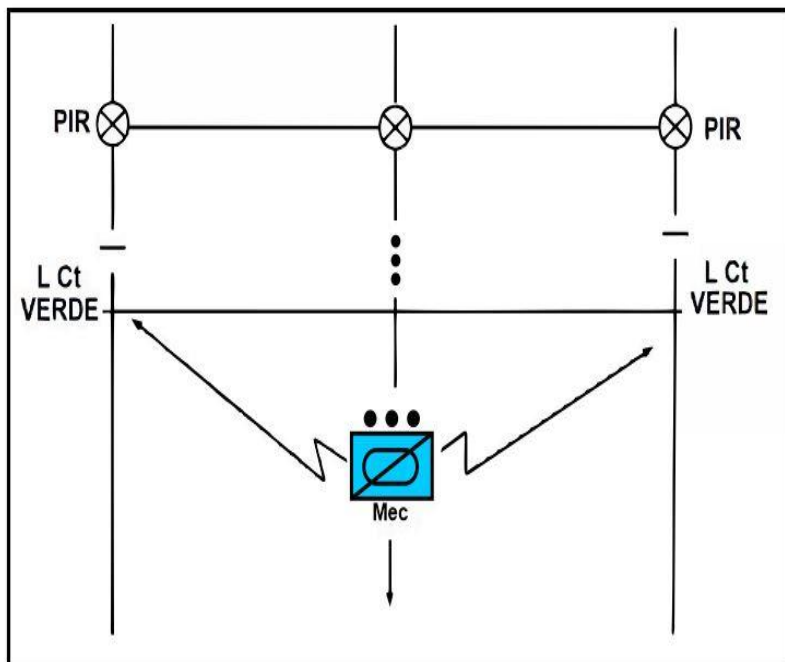
Fig 4-24 – Retraimento sob pressão do Ini (3ª fase)

4.4.8.12 Retirada

4.4.8.12.1 Generalidades

a) Retirada é o tipo de movimento retrógrado no qual uma força, não em contato, desloca-se para longe do Ini, a fim de evitar o Cmb em condições desfavoráveis. A retirada pode ser feita seguindo-se a um retraimento. Normalmente, é executada para permitir que as Op futuras de Cmb sejam conduzidas sob condições mais favoráveis, em local ou oportunidade mais conveniente.

b) A retirada pode ser realizada com as seguintes finalidades:
- ampliar a distância entre o Ini e a força amiga;
- reduzir a distância de apoio entre forças amigas;
- assegurar um terreno mais favorável; e
- adaptar-se a um reajustamento de dispositivo do Esc Sp.

4.4.8.12.2 Execução da Retirada

a) Quando a retirada é precedida de um retraimento, as forças em contato (destacamento de contato e F Ptç proveem a segurança à retaguarda).

b) Na retirada, o Esqd organiza-se de modo inverso ao da M Cmb. São designados itinerários e objetivos de marcha ou posições à retaguarda para os

elementos que marcham com o grosso. O controle deve ser descentralizado no estágio inicial da retirada, passando gradativamente à centralização, à medida que aumenta a distância do Ini.
c) A segurança do Esqd é realizada de maneira semelhante à da M Cmb. Ela é proporcionada pela Vgd, Fg e Rtgd. A retaguarda emprega técnicas para retardar a progressão do Ini e evitar a interferência dele no movimento do grosso. O Cmt Esqd deve estar atento à tentativa de envolvimento de sua unidade por parte do Ini.

4.5 OPERAÇÕES DE COOPERAÇÃO E COORDENAÇÃO COM AGÊNCIAS

4.5.1 GENERALIDADES

4.5.1.1 As Operações de Cooperação e Coordenação com Agências (OCCA) são Op executadas em apoio aos órgãos ou instituições (governamentais ou não, militares ou civis, públicos ou privados, nacionais ou internacionais), definidos genericamente como agências.

4.5.1.2 São executadas normalmente em situações de não guerra, mas podem ser desencadeadas em situações de guerra, simultaneamente com as Op Ofs e Def.

4.5.1.3 Nessas Op, a liberdade de ação do Cmt está limitada pela norma legal que autorizou o emprego da tropa. Assim, o emprego é episódico, limitado no espaço e tempo.

4.5.1.4 Nas OCCA, o poder militar pode ser usado no âmbito interno e externo, não envolvendo o Cmb propriamente dito, exceto em circunstâncias especiais.

4.5.1.5 São consideras OCCA: garantia dos poderes constitucionais; garantia da lei e da ordem (GLO); atribuições subsidiárias; prevenção e combate ao terrorismo; sob a égide de organismos internacionais; em apoio à política externa em tempo de paz ou crise; e outros tipos de Op, em situação de não guerra (como segurança de grandes eventos, segurança e garantia de eleições *etc*.).

Fig 4-25 – Ação subsidiária – Pel C Mec apoiando a Defesa Civil

4.5.1.6 O Esqd C Mec pode ser empregado em todos os tipos de OCCA, entretanto, a operação de GLO é a operação a ser realizada com maior frequência e a que será abordada em maiores detalhes.

4.5.2 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO NAS OPERAÇÕES DE GARANTIA DA LEI E DA ORDEM

4.5.2.1 Generalidades

4.5.2.1.1 As Op de GLO constituem-se no tipo mais comum de OCCA que o Esqd C Mec pode ser empregado em situação de não guerra.

4.5.2.2 Conceitos Básicos

4.5.2.2.1 Garantia da Lei e da Ordem
a) Atuação coordenada das Forças Armadas (FA) e dos órgãos de segurança pública na execução de ações e medidas provenientes de todas as expressões do poder nacional em caráter integrado e realçado na expressão militar.
b) A garantia da lei e da ordem tem por finalidade garantir o pleno funcionamento dos poderes constitucionais e a manutenção da lei e da ordem.

4.5.2.2.2 Ações e medidas preventivas têm caráter permanente e, normalmente, restringem-se às atividades de inteligência e comunicação social. Algumas Op tipo polícia, de menor porte, podem ser realizadas, em caráter episódico, em um quadro de cooperação com os governos estaduais ou com o Ministério da Justiça, visando a evitar o agravamento da perturbação da ordem.

Fig 4-26 – Pel C Mec em operação de GLO

4.5.2.2.3 Agentes perturbadores da ordem pública (APOP) são pessoas ou grupos de pessoas cuja atuação momentaneamente comprometa a preservação da ordem pública ou ameace a incolumidade das pessoas e do patrimônio.

4.5.2.2.4 Regras de Engajamento (RE)

a) As regras de engajamento caracterizam-se por uma série de instruções predefinidas que orientam o emprego das unidades que se encontram na área de operações, consentindo ou limitando determinados tipos de comportamento, em particular, o uso da força, a fim de permitir atingir os objetivos políticos e militares estabelecidos pelas autoridades responsáveis.

b) Dizem respeito à preparação e à forma de condução tática dos combates e engajamentos, descrevendo ações individuais e coletivas, incluindo as Aç Def e de pronta resposta.

c) Normalmente, contêm regras de caráter geral para a Op em questão, regras para a utilização da força, regras para a utilização do armamento, RE específicas (peculiares à operação considerada) e outros procedimentos para o emprego da tropa.

4.5.2.2.5 Intenção hostil é o propósito de praticar ato delituoso, evidenciado por atitudes e comportamentos suspeitos, indicando a possível ocorrência de hostilidade, com ameaça à integridade física de pessoas ou danos ao patrimônio.

4.5.2.2.6 Ato hostil é a ação agressiva e deliberada com o intuito de provocar os efeitos lesivos ou danosos contra, respectivamente, pessoas ou patrimônio.

4.5.2.2.7 Autodefesa é o emprego ponderado, proporcional e legítimo da força por parte de militar ou da tropa contra oponente que cometa ato hostil, com o propósito de garantir e salvaguardar o pessoal, o material e as instalações.

4.5.2.2.8 Legítima defesa é o uso moderado dos meios necessários para repelir injusta agressão, atual ou iminente, a direito próprio ou de outrem, proporcionalmente à violência sofrida e apenas até cessar a agressão.

4.5.2.2.9 Reação mínima é a menor intensidade de violência, suficiente e necessária, para repelir ou prevenir o ato hostil, se possível, sem danos ou lesões.

4.5.2.3 As Atividades de Comunicação Social, Inteligência e Negociação em Operação de Garantia da Lei e da Ordem

4.5.2.3.1 Comunicação Social (Com Soc)

a) A defesa dos direitos humanos e proteção das minorias são alguns dos temas que sempre têm espaço nas manchetes da mídia nacional e internacional, não importando a verdadeira história de cada caso. A população brasileira vê, através da mídia, a atuação da tropa federal quando empregada contra o APOP. Alguns órgãos da mídia podem explorar aspectos negativos da operação, segundo suas posições ideológicas, de forma tendenciosa e contrária à atuação da F Ter. A exposição das ações da tropa na mídia deve ser tratada com cuidado e atenção.

b) Em função disso, a obtenção do apoio da população deve ser um objetivo tático a ser conquistado diariamente pela tropa empregada em uma Op GLO. Um simples incidente, intencionalmente explorado na mídia, pode macular a imagem da tropa e da F Ter, prejudicando o imprescindível apoio da população.

c) O Cmt Esqd C Mec e os integrantes da SU geralmente não estão autorizados a conceder entrevistas. Normalmente, em situações de emprego da tropa, um oficial superior ou o próprio Cmt da OM recebe essa tarefa.

d) Os Esqd C Mec Bda possuem militares responsáveis pelas atividades de relações públicas e Com Soc, podendo receber elementos do Esc Sp em reforço para essas atividades.

e) A tropa está sempre sendo observada pela população local, logo uma tropa bem fardada e equipada, adestrada e disciplinada, com um padrão de conduta ilibada, procurando sempre a correção de atitudes e de procedimentos, causa um impacto positivo e transmite confiança e seriedade ao povo. Esse aspecto favorece tanto a dissuasão, como cria um ambiente de respeito aos militares que executam a Op em contato direto com a população.

4.5.2.3.2 Inteligência

a) A atividade de inteligência nas Aç de GLO, no nível Esqd, está limitada à coleta de dados, ou seja, informar os fatos ocorridos de forma clara e precisa, sem conter opiniões ou análises, procurando esclarecer da melhor forma possível cada situação. Não deve haver, por parte do Cmt Esqd C Mec, a preocupação em produzir conhecimentos, executando Aç de busca.

b) O Cmt Esqd C Mec e seus Cmt frações devem esclarecer cada situação. A produção de conhecimentos não é a missão precípua do Esqd C Mec. O maior aliado da tropa na obtenção de informes/informações é a população local e as denúncias anônimas.

4.5.2.3.3 Normalmente, o Cmt Esqd C Mec não é responsável pelas negociações, cabendo a ele a realização da segurança dos negociadores, quando determinado, e a atuação com o objetivo de dissuadir os APOP.

4.5.2.4 Planejamento do Esqd C Mec em uma Operação de GLO

4.5.2.4.1 Quanto à missão:

a) a definição, com exatidão e clareza, das ações a realizar; e

b) a definição das RE que devem ser empregadas.

4.5.2.4.2 Quanto aos oponentes:

a) a identificação dos líderes (fotografias);

b) a definição da sinalização visual empregada para identificação das lideranças durante as manifestações;

c) a definição dos meios que empregam para conduzir a massa (carros de som, megafones, sinais *etc*.);

d) a identificação da existência de estrangeiros, mulheres, crianças, pessoas com deficiência física e idosos entre os oponentes;

e) a identificação da sua forma de atuação e se possuem armas de fogo; e

f) a identificação do funcionamento do seu apoio logístico (alimentação, medicamentos *etc*.).

4.5.2.4.3 Quanto ao terreno:

a) as dimensões e os acessos à área ocupada e como fazer o seu isolamento;

b) a identificação dos itinerários de fuga da área ocupada;

c) as características da área (urbana, rural): edificações, bosques, cursos de água, transitabilidade, características das ruas (comprimento e largura) *etc*.; e

d) a previsão das condições meteorológicas.

4.5.2.4.4 Quanto aos meios:

a) a necessidade de maximizar o emprego do princípio da massa;

b) a experiência da tropa no tipo de operação a realizar;

c) a disponibilidade de helicópteros como meio de observação e informação para a tropa que se encontra no solo, acerca das atividades, localização e conduta da força adversa;

d) a presença da Polícia Militar (PM) em controle operacional das Forças Armadas;
e) a presença de representantes dos organismos governamentais ligados ao problema (IBAMA, FUNAI e outros);
f) a existência de assessoria jurídica para a tropa;
g) a existência ou presença de representação do poder Judiciário e a constituição de um “cartório móvel”;
h) a disponibilidade de instalações, recursos e pessoal para atendimento médico aos APOP que necessitarem ou resolverem desistir de participar das ações, ou para aqueles atingidos acidentalmente (dano colateral) pela tropa, durante uma determinada ação;
i) a existência de transporte civil para evacuação ou deslocamento da massa popular, se for o caso;
j) a existência ou presença de pessoal militar das assessorias de Com Soc e imprensa;
k) a existência de equipamento, armamento e munição (Mun) especiais, para emprego na GLO, principalmente para o grupo de exploradores e o GC;
l) o recebimento pelo Esqd C Mec de instrução e adestramento com os equipamentos da operação de GLO;
m) a existência de equipamentos de som portáteis e de boa potência para a transmissão de orientações, ordens e mensagens à população. Se esse equipamento permite que as mensagens do Cmt da tropa (Cmt da unidade ou negociador) sejam ouvidas pelos APOP. Se esse equipamento de som pode ser instalado em uma VB do Pel ou em outra viatura em apoio à operação do Esqd C Mec; e
n) a existência de equipamentos e elementos especializados em fotografia e filmagem.

4.5.2.4.5 Quanto ao tempo:
a) definição dos prazos para os ensaios, para o aprestamento da tropa e sua ambientação, para o deslocamento até a região da operação, para a tomada do dispositivo e para efetivar o cumprimento da missão; e
b) definição do prazo que o APOP poderá subsistir no local em que será isolado, com os meios disponíveis.

4.5.2.4.6 No estudo de situação, deve-se procurar uma linha de ação (L Aç) em que não haja, em um primeiro momento, o confronto físico entre a tropa e a massa conduzida pelos APOP. Assim, deve-se planejar a operação executando as ações: de demonstração de força, de negociações; e de emprego da tropa.

4.5.2.5 Fases do emprego do Esqd C Mec em uma Op GLO:
a) 1ª fase – recebimento da missão e retirada de dúvidas;
b) 2ª fase – planejamento sumário da missão;
c) 3ª fase – expedição da ordem preparatória e aprestamento do Pel;
d) 4ª fase – reconhecimentos;
e) 5ª fase – planejamento detalhado da missão;

f) 6ª fase – expedição da ordem ao Esqd;
g) 7ª fase – ensaios e treinamentos;
h) 8ª fase – inspeção final de material, equipamento e armamento;
i) 9ª fase – deslocamento para a área da operação;
j) 10ª fase – execução da operação; e
k) 11ª fase – reversão (regresso, manutenção e relatórios).

4.5.2.6 Uso da Força e Regras de Engajamento

4.5.2.6.1 Generalidades
a) Partindo de uma atuação pacifica da tropa até atingir uma situação em que seja necessário o emprego do armamento letal, diversas etapas serão percorridas.
b) Quanto ao uso da força, podemos considerar:
- força – uso, ou ameaça de uso, de meios físicos para alcançar um objetivo autorizado;
- força desarmada – uso de força física, antes do uso da "força armada";
- força não letal – nível de força que não é pretendida nem desejável para causar morte, independente de ela ocorrer ou não;
- força mínima – mínimo grau de força autorizada, necessária e razoável em determinadas circunstâncias, para alcançar o objetivo. O mínimo grau de força é aplicável sempre quando a força for usada. O mínimo de força pode ser a força letal, se apropriada;
- força armada – uso de armas, inclusive armas de fogo e baionetas, para alcançar um objetivo autorizado; e
- força letal – nível de força pretendido ou desejável para causar morte, independente de ela ocorrer ou não. Este é o último grau de força.

4.5.2.6.2 São assuntos relacionados ao uso da força e RE a serem esclarecidos pelo Cmt Esqd C Mec:
a) O que devo considerar como ato e intenção hostil?
b) Qual o grau do uso (gradativo) da força que devo empregar?
c) Situações para abertura de fogo?
d) Situações que caracterizam a legítima defesa?
e) Como proceder em caso de prisão em flagrante delito?
f) Como proceder na confecção do auto de prisão?
g) Procedimentos em caso de provocação?
h) Quais as regras de engajamento?
i) Tipo de armamento que estou autorizado a conduzir e empregar?
j) Equipamentos a serem fornecidos para a tropa?
k) Tempo para ensaio das ações com o Esqd?

4.5.2.6.3 Limitação do Uso da Força e das Restrições à População
a) Na GLO, a execução de ações em força pode vir a ser fator de desgaste para as forças legais. Esse desgaste cresce vertiginosamente com o passar do tempo

e se alimenta de fatos, desde situações graves, como a morte de inocentes, até a execução de medidas simples que afetem a rotina da população.
b) A necessidade de evitar o desgaste da força legal impõe a limitação, ao mínimo necessário, do emprego de ações em força ou que sejam restritivas à população.
c) Nas RE do Esc Sp, devem constar medidas que regulem a graduação da força a ser empregada pela tropa.
d) Especial atenção deve ser dada pelo Cmt Esqd e comandantes de seções/grupos a fim de evitar o dano colateral. Na execução de determinada operação, deve-se ter o devido cuidado para não vir a ferir ou matar, acidentalmente, uma pessoa inocente. Caso venha a ocorrer, tal fato pode ser explorado pela mídia e pelos APOP, causando revolta na população local, desgastando a imagem e colocando a opinião pública contra o Exército, podendo levar à desmoralização da tropa.

4.5.2.6.4 As regras de engajamento normalmente:
a) preveem o estabelecimento de limites de tolerância que antecedem o início do engajamento tático;
b) definem os procedimentos da tropa caso seja necessário o emprego da força em diversas situações, tais como a autodefesa, contra-ataques diretos ou ameaça à integridade física, manifestações e ações hostis;
c) devem ser do conhecimento de todos os militares envolvidos na operação e de todas as autoridades civis e militares envolvidas;
d) abrangem o maior número de situações possíveis de ocorrência em cada Op;
e) devem ser elaboradas de forma a orientar as ações da tropa e proporcionar um uso da força compatível com cada situação que se apresente; e
f) para cada ação das RE, devem ser elaboradas situações passíves de ocorrer, como exemplos para a tropa.

4.5.2.7 Emprego de Blindados em GLO

4.5.2.7.1 As características dos blindados conferem as seguintes vantagens para o seu emprego:
a) **mobilidade** – permite que o deslocamento da tropa de um local para outro seja realizado com maior rapidez;
b) **proteção blindada** – favorece o deslocamento da tropa em áreas dominadas pelos APOP, protegendo-a de possíveis ataques;
c) **apoio de fogo** – proporciona fogo seletivo e efetivo em função do armamento orgânico, notadamente as armas automáticas e as modernas torres de tiro;
d) **sistema de comunicações amplo e flexível** – permite ligações rápidas e continuadas com o Esc Sp e os elementos subordinados;
e) **capacidade de dissuasão** – realiza demonstração de força;
f) **plataforma de IRVA** – modernas tecnologias de IRVA podem ser embarcadas nos blindados; e
g) **remoção de obstáculos** – meios blindados possuem boa capacidade de transposição e/ou destruição de obstáculos, barricadas e cursos de água.

4.5.2.7.2 Por suas características, os blindados apresentam as seguintes restrições em Op GLO:
a) poder de fogo restrito em áreas edificadas e cobertas;
b) restrição dos sensores IRVA;
c) canalização do movimento;
d) trânsito de veículos e pedestres que impedem o deslocamento;
e) quebra do sigilo desejável; e
f) necessidade de transporte rodoviário ou ferroviário.

4.5.3 OPERAÇÕES TIPO POLÍCIA NAS MISSÕES DE GLO

4.5.3.1 Generalidades

4.5.3.1.1 As principais missões em GLO que podem ser desempenhadas pelo Esqd C Mec nas operações tipo polícia são:
a) controlar a população;
b) proporcionar segurança à tropa, às autoridades, às instalações, aos serviços essenciais, à população e às vias de transportes;
c) isolar os APOP de seus apoios;
d) impedir a saída dos APOP de uma zona de Op;
e) dissuadir a população, fazendo-a desistir da sua intenção;
f) diminuir o poder de Cmb dos APOP e restringir sua liberdade de atuação;
g) apreender material e suprimentos dos APOP; e
h) levantar os locais para bloqueios de estrada.

4.5.3.1.2 No cumprimento dessas missões, o Esqd C Mec, com seus pelotões, pode executar as seguintes ações:
a) estabelecer postos de bloqueio e controle de estradas (PBCE), postos de bloqueio e controle de estradas em vias urbanas (PBCVU), área rural e rodovias;
b) realizar busca e apreensão de pessoas, armamento, munição e outros materiais, interdição e vasculhamento de áreas;
c) identificar e controlar pessoas;
d) controlar distúrbios;
e) realizar Op de demonstração de força;
f) realizar o patrulhamento de vias;
g) realizar escoltas de comboio; e
h) realizar a segurança de áreas e instalações (segurança de pontos sensíveis).

4.5.3.2 Posto de Bloqueio e Controle de Estrada, em Vias Urbanas, Área Rural e Rodovias

4.5.3.2.1 Generalidades
a) Os PBCE/PBCVU são estabelecidos por meio do emprego de barreiras para controlar o movimento da população da área; capturar membros e materiais diversos dos APOP; isolar os APOP na área de operações, impedindo a entrada de seus apoios e reforços; obter informes; bloquear acessos e restringir a

liberdade de movimento dos APOP; tudo com a finalidade de apoiar as operações de GLO.
b) Um PBCE/PBCVU normalmente é empregado pelos Pel, sendo instalado por determinação do Cmdo da U ou SU, com a finalidade de cumprir uma ou mais das seguintes missões:
- controlar o movimento ao longo de um eixo específico;
- realizar um monitoramento contínuo do movimento em uma estrada;
- bloquear veículos ou pessoal suspeito;
- prevenir a evasão de material controlado;
- impedir a entrada de civis ou militares não autorizados em uma área específica;
- inspecionar veículos e pessoal com relação ao transporte de armas, munição e explosivos;
- assegurar o uso correto dos eixos pelo tráfego civil e militar; e
- reagir, no caso de tentativa de fuga, resistência à prisão e ataque às tropas.

4.5.3.3 Operações de Busca e Apreensão e Vasculhamento de Áreas

4.5.3.3.1 As Op de busca e apreensão destinam-se a aprisionar APOP e a apreender o seu armamento, munição e outros itens de posse não permitida à população e a restringir a liberdade de ação do APOP.

4.5.3.3.2 As operações de busca e apreensão devem ser realizadas em plena conformidade com os dispositivos legais de garantia das pessoas – mandados judiciais e outras providências definidas na lei – particularmente quando a operação é executada nas condições de normalidade.

4.5.3.3.3 Regras de conduta e de engajamento devem estar bem definidas e devem ser do conhecimento de toda a tropa.

4.5.3.3.4 As prisões em flagrante delito são comuns. O ideal é que o Cmt Pel, na necessidade de realizar um flagrante delito, determine que algum dos seus Cmt de grupo/seção dê a voz de prisão e atue como condutor da pessoa presa. Após a saída de um Cmt de grupo, a fim de conduzir o preso, outro Cmt de grupo/seção assume a sua função até seu retorno. Tal conduta visa a evitar que o Pel permaneça por longos períodos de tempo sem o seu Cmt. Ressalta-se que o contato entre o Cmt SU e a assessoria jurídica do Esc Sp é de fundamental importância nessa situação.

4.5.3.3.5 A existência de uma "delegacia itinerante" por parte da Bda/Rgt, em conjunto com os órgãos de segurança pública, facilita a ação da prisão em flagrante delito por parte do Pel.

4.5.3.3.6 Os comandantes devem tomar todos os cuidados devidos para evitar situações em que a conduta da tropa seja questionada, principalmente no que se refere ao tratamento das pessoas e o respeito à propriedade alheia.

4.5.3.3.7 As Op de busca e apreensão podem ser realizadas em um local determinado e com objetivos (pessoal e/ou material) bem definidos, ou abranger grandes áreas rurais ou urbanas.

4.5.3.3.8 Nas operações de busca e apreensão e vasculhamento de áreas, o Pel do Esqd C Mec pode atuar em uma das seguintes forças: cerco, incursão, vasculhamento e segurança.

4.5.3.3.9 Dentro de um Esqd C Mec, cada Pel assume uma dessas forças, em formação de Pel C Mec ou constituindo Pel Provs.

4.5.3.3.10 Ao Elm de cerco cabe isolar a área onde se realiza a busca e apreensão, seja ela uma casa, um bairro ou uma localidade. Para a ação em um bairro, deve-se:
a) verificar se a largura das ruas permite o emprego das viaturas do Esqd;
b) reconhecer o tamanho do bairro, a fim de que o efetivo do Esqd C Mec seja apropriado para isolar todas as ruas, becos, entradas e saídas do bairro;
c) definir por meio de fotografias os itinerários de entrada e rotas de fuga do bairro;
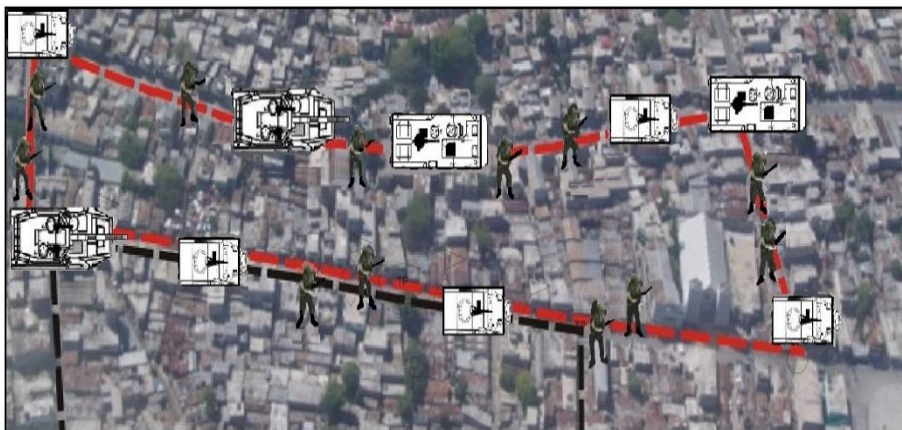
Fig 4-27 – Ocupação de quadras de um bairro para interdição

d) determinar as ruas e os becos onde serão posicionados as viaturas e os fuzileiros desembarcados; e
e) definir as principais edificações onde podem ser dispostos os atiradores e observadores do Esqd. Esses elementos são conduzidos pelas viaturas blindadas do Esqd até a entrada do edifício que será utilizado como posto de observação e tiro e, posteriormente, resgatado pelas mesmas viaturas. Deve existir comunicação entre todas as VB e as esquadras/patrulhas que estão desembarcadas.

4.5.3.3.11 Os fuzileiros e/ou patrulheiros que desembarcarem com a finalidade de vigiar becos e ruas devem estar devidamente abrigados nas construções das ruas.

4.5.3.3.12 O Pel fecha os acessos a determinada área empregando suas VB e outros materiais de fácil e rápido emprego, como concertinas e cavalos de frisa.

4.5.3.3.13 O Elm de incursão tem por missão penetrar na área isolada e realizar efetivamente a busca e a apreensão do pessoal ou material. Normalmente, uma tropa especializada realiza a "entrada tática", e o Pel C Mec, na sequência, realiza o vasculhamento.

4.5.3.3.14 A "entrada tática" no local suspeito ("aparelho") presume grande risco, logo o Pel C Mec somente realiza esse tipo de ação com muito adestramento da tropa e com o uso de equipamentos e munições especiais. Por essa razão, delega-se essa tarefa a tropas especializadas. Após o investimento dessa tropa, o Pel C Mec, com seu grupo de combate e exploradores, executa um vasculhamento no local.

Fig 4-28 – Itinerários de acesso e de fuga, principal e alternativo dos pontos de cerco

4.5.3.3.15 As VB do Pel podem ser empregadas para a abertura de locais suspeitos. Cabe ressaltar que toda entrada em propriedade particular deve estar amparada por ordem do Esc Sp (determinação judicial) ou RE.

4.5.3.3.16 A força de vasculhamento deve revistar todos os locais suspeitos de uma residência ou rua, como por exemplo: bueiros, lustres, caixas d'água e outros, ou seja, locais onde possa ser escondido algum objeto ilícito.

Fig 4-29 – Tropa se deslocando para realizar a entrada tática no “aparelho”

4.5.3.3.17 A F Seg atua como Res e deve estar pronta para enfrentar eventuais resistências e proteger, evacuar ou substituir as demais forças.

4.5.3.3.18 O Esqd C Mec emprega seus Pel C Mec basicamente nas forças de: cerco, vasculhamento e segurança.

4.5.3.3.19 As Op de busca e apreensão encerram grande potencial de desgaste para a força legal, principalmente quando conduzidas em área urbana, por isso devem ser cuidadosamente planejadas, possuir objetivos bem definidos e estar apoiadas em adequadas operações de inteligência.

4.5.3.4 Interdição de Área

4.5.3.4.1 As ações de interdição de áreas visam a impedir o acesso de pessoas não autorizadas a áreas ou instalações de vital importância na situação considerada.

4.5.3.4.2 As mesmas considerações sobre cerco (isolamento) são aplicáveis para a interdição, sendo que, nesse caso, a entrada de pessoas e veículos a determinada área é restrita ou impeditiva. Pode ser interditado tanto o acesso a uma instalação como a um quarteirão ou bairro.

4.5.3.4.3 A interdição deve ser bem executada de forma a evitar a evacuação. As evacuações visam a retirar pessoas de áreas ou instalações onde sua presença não seja permitida. Nas ações de evacuação, é muito provável que ocorra confronto da força legal com elementos neutros ou inocentes úteis. Dessa maneira, as ações de evacuação são muito propícias à intenção do APOP de criar “mártires” para o movimento. Em virtude disso, crescem de importância as ações de interdição, evitando que posteriormente seja necessário realizar uma evacuação.

4.5.3.4.4 As interdições são medidas preventivas, enquanto as evacuações são medidas corretivas. Assim, é evidente que as primeiras apresentam menor risco de desgaste para a força legal e, consequentemente, devem ser priorizadas nos planejamentos.

4.5.3.4.5 As interdições, sempre que possível, devem ser instaladas durante os horários de menor movimento (madrugadas) e de surpresa, de modo a evitar atritos da tropa que realiza a interdição com civis em trânsito no local ou que procuram evitar o estabelecimento da interdição.

4.5.3.4.6 Deve-se dar especial atenção aos residentes da área em que é conduzida a interdição. Os moradores deverão ser cadastrados e identificados para poder circular pelas barreiras (se for o caso).

4.5.3.5 Identificação de Pessoas e Controle de Movimentos

4.5.3.5.1 A identificação de pessoas e o controle de movimentos visam a identificar e aprisionar APOP.

4.5.3.5.2 A identificação de pessoas pode ser feita em PBCE/PBCVU ou em patrulhamentos.

4.5.3.5.3 Os militares que executam a identificação devem ser instruídos sobre as formas legais de identificação das pessoas e a validação dos documentos possíveis de serem usados pela população local.

4.5.3.5.4 O controle de movimentos é feito normalmente em PBCE/PBCVU e pode ser apoiado em medidas restritivas, como proibição de acesso a determinadas áreas, toque de recolher e outras providências.

4.5.3.5.5 As medidas de controle de movimento devem ser objeto de planejamento detalhado e integrado com órgãos policiais e de administração civil, de modo a reduzir ao mínimo os transtornos à população.

4.5.3.5.6 Os integrantes dos Pel do Esqd C Mec devem memorizar as faces dos procurados. Para isso, deve-se utilizar cartazes espalhados pela base em locais como entrada de rancho, banheiros, entrada de alojamentos e até mesmo colocar essas faces nos naipes do baralho a ser distribuído a tropa como diversão.

4.5.3.6 Controle de Distúrbios

4.5.3.6.1 Tais ações são frequentemente empregadas em operações de GLO e podem ser executadas em situação de normalidade.

4.5.3.6.2 Os meios da F Ter só devem ser empregados em ações de controle de distúrbios depois de esgotados os meios da PM, em uma operação de GLO, ou quando o distúrbio ocorrer em área sujeita à administração militar.

4.5.3.6.3 Para o Esqd C Mec atuar no controle de distúrbios, deve estar dotado de equipamentos, armamentos e munições especiais. Dependendo da reação dos APOP, o Pel, dentro do uso gradativo da força, pode empregar até mesmo o seu armamento orgânico (fuzil e metralhadora), a fim de proteger a tropa.

4.5.3.6.4 O APOP tenta desestabilizar a tropa por meio de xingamentos, ofensas e atirando objetos diversos. Cabe à tropa estar preparada para essa situação, sabendo que vai sofrer todo tipo de pressão psicológica sem poder reagir, sob o risco de perder a razão e o APOP conseguir o seu objetivo.

4.5.3.6.5 A princípio, o Esqd C Mec apenas deve monitorar uma passeata ou manifestação. Entretanto, essa concentração de populares na rua pode ser conduzida pelo APOP para realizar saques, depredações e agressões.

4.5.3.6.6 Iniciando com a advertência, passando pelo gás lacrimogêneo e terminando com o tiro de fuzil e de metralhadora, o uso gradativo da força deve ser proporcional à atuação do APOP.

4.5.3.6.7 Em uma Op de controle de distúrbios, são constituídas a força de choque, equipe de observação e base de fogos, força de cerco, força de isolamento, força de reação, força de Res, equipe de apoio. O Pel C Mec, nas operações de controle de distúrbios, pode constituir qualquer uma dessas forças.

4.5.3.7 Demonstração de Força

4.5.3.7.1 As demonstrações de força visam a dissuadir o APOP e/ou as pessoas que ele conduz de atitudes que possam ocasionar confronto com a força legal.

4.5.3.7.2 O emprego de tropas blindadas ou mecanizadas, com viaturas sobre rodas, e o sobrevoo de aeronaves têm grande poder dissuasório e são muito eficazes nesse tipo de ação. Por esse motivo, o Esqd C Mec se constitui uma tropa adequada para esse fim.

4.5.3.7.3 As demonstrações de força devem ser apoiadas por operações psicológicas e ações cívico-social.

4.5.3.8 Patrulhamento Mecanizado de Vias Urbanas e Rodovias

4.5.3.8.1 O Esqd C Mec realiza o patrulhamento nas vias urbanas, principalmente nos locais de maior risco para a tropa, quando o risco aumenta por causa da escuridão e o trânsito de veículos diminui, facilitando o movimento das VB.

4.5.3.8.2 Manifestantes podem bloquear vias urbanas e/ou estradas, causando transtorno, dificultando ou até mesmo impedindo a prestação de serviços e criando obstáculos para que as forças legais se aproximem da turba.

4.5.3.8.3 O principal objetivo do Esqd é o de garantir uma tranquilidade à localidade, realizando um policiamento ostensivo, percorrendo um itinerário variado e predefinido.

4.5.3.8.4 Esse patrulhamento visa a dar maior segurança à população e evitar que os APOP tenham liberdade e se aproveitem da escuridão para realizar ações ilícitas como vandalismo, saques, assaltos, sequestros e fechamento de ruas por meio de barricadas.

4.5.3.8.5 Todas as VB podem participar do patrulhamento, entretanto as mais aptas são as VBC Fuz/VBTP do grupo de Cmb, a VBC Mrt (VBTP) da peça de apoio e as VBMT Rec LSR do grupo de exploradores. Esse patrulhamento pode ser individual, entretanto o mais seguro é lançar uma dupla de viaturas para cada rua patrulhada.

4.5.3.8.6 Os maiores riscos a uma tropa C Mec durante o patrulhamento são: as barricadas, as emboscadas, os fossos, os atiradores de escol, o arremesso de coquetéis Molotov e os materiais utilizados para obstruir ruas.

4.5.3.9 Escolta de Comboios

4.5.3.9.1 A escolta de comboios, em uma operação de garantia da lei e da ordem, segue as mesmas TTP previstas para essa tarefa em operações convencionais, adaptando-se a conduta da tropa às RE e às restrições para o emprego da força previstas para a operação de GLO.

4.5.3.10 Segurança de Áreas e Instalações (Pontos Sensíveis)

4.5.3.10.1 Generalidades
a) Ponto sensível (P Sen) – é qualquer ponto cuja destruição ou neutralização possa gerar danos significativos de cunho econômico, militar e para o moral e o bem-estar da população.
b) Tipos de P Sen:
- instalações militares e governamentais;
- serviços públicos (água, luz, gás);
- instalações e serviços de telecomunicações (telefonia, rádio e televisão);
- instalações do setor de combustíveis;
- instalações de transportes (aeroportos, portos, pontes);
- hospitais, postos de saúde, ambulatórios; e
- agências bancárias e outras instalações financeiras.

CAPÍTULO V

MOVIMENTO E MANOBRA
OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.1.1 As operações complementares (Op Cmpl) destinam-se a ampliar, aperfeiçoar e/ou complementar as Op básicas (Ofs, Def e de OCCA), a fim de maximizar a aplicação dos elementos do poder de Cmb terrestre e a contribuir para o incremento de seus resultados.

5.1.2 O Esqd C Mec é capaz de realizar diversos tipos de Op Cmpl em função de suas características, possibilidades e meios orgânicos, contudo o presente manual aborda apenas as operações de segurança e urbanas, por serem mais relevantes para o Esqd.

5.2 OPERAÇÕES DE SEGURANÇA

5.2.1 GENERALIDADES

5.2.1.1 A segurança é uma Op Cmpl executada, normalmente, no contexto das Op básicas.

5.2.1.2 A operação de segurança (Op Seg) tem por objetivo geral a manutenção da liberdade de manobra e a preservação do poder de Cmb necessário ao emprego eficiente da força principal.

5.2.1.3 A Seg compreende um conjunto de medidas adotadas por elementos de uma força, visando a se prevenir e se proteger da inquietação, da surpresa, da observação e de qualquer outra forma de perturbação de suas atividades por parte do Ini. Essas medidas devem permitir detectar a ameaça inimiga, propiciando tempo e espaço necessários para que a tropa protegida possa manobrar a fim de evitar, neutralizar ou destruir essa ameaça.

5.2.1.4 A Op Seg (operação complementar) não pode ser confundida com a Ação de Segurança (Ação Comum às Operações Terrestres). O que as diferencia é a finalidade da ação, quem determina sua execução, a sua amplitude, o valor da tropa empregada e em benefício de quem é executada.

5.2.1.5 As operações complementares guardam um estreito vínculo com as operações básicas, enquanto as ações comuns caracterizam-se por não serem dirigidas diretamente à imposição da derrota ou do desgaste do inimigo, nem à

defesa do terreno, mas sim à consecução de condições mais favoráveis ao sucesso das operações.

5.2.2 FINALIDADE DA OPERAÇÃO DE SEGURANÇA

5.2.2.1 O Esqd C Mec executa uma Op Seg, em princípio, com as finalidades abaixo (todas ou parte delas):
a) negar ao Ini o uso da surpresa sobre seu Esc Sp e/ou o monitoramento de suas ações;
b) impedir que o Ini interfira, de modo decisivo, nas ações de seu Esc Sp (força principal);
c) restringir a liberdade de atuação do Ini nos ataques a pontos sensíveis da Z Aç de seu Cmt Rgt ou Cmt Bda;
d) possibilitar ao seu Cmt Rgt ou Cmt Bda manter a iniciativa das ações, fornecendo-lhe o tempo necessário para reagir às ações do Ini; e
e) preservar o sigilo das operações do corpo principal para o qual opera.

5.2.2.2 O Esqd C Mec é responsável por sua própria segurança, mesmo que se beneficie daquela proporcionada por outra força.

5.2.2.3 A constante ligação entre o Esqd C Mec e o corpo principal em proveito do qual opera é um ponto vital para o sucesso das Op Seg.

5.2.3 FUNDAMENTOS DA OPERAÇÃO DE SEGURANÇA

5.2.3.1 Os seguintes fundamentos devem balizar o planejamento e a execução de uma Op Seg de um Esqd C Mec:
a) proporcionar o alerta preciso e oportuno ao Cmt da tropa, para a qual estiver realizando a segurança;
b) atuar suficientemente distante da tropa em proveito da qual opera, de modo a garantir a esta o prazo e o espaço suficientes para que possa manobrar, evitando o engajamneto decisivo com o Ini;
c) orientar a execução da missão em função da força em proveito da qual opera. O Esqd C Mec (F Seg) deve manobrar de acordo com a localização ou com o movimento de seu Esc Sp (tropa em proveito da qual opera), interpondo-se entre ele e a conhecida ou provável ameaça do Ini;
d) executar um contínuo reconhecimento. Ao executar uma missão de segurança, o Esqd C Mec deve empregar seus Pel C Mec executando um contínuo e agressivo reconhecimento, capaz de fornecer informes precisos e atualizados sobre o terreno e o Ini em sua zona de ação e, ainda, possibilitar o posicionamento adequado em relação à tropa, em proveito da qual opera, e à ameaça inimiga;
e) manter o contato com o Ini; e
f) fornecer informes precisos e oportunos sobre a ameaça Ini a fim de garantir um espaço de manobra ao seu Esc Sp, em proveito do qual realiza a Op Seg.

5.2.4 GRAUS DE SEGURANÇA

5.2.4.1 Existem três graus distintos de segurança que condicionam as tarefas do Esqd C Mec, integrado em uma F Seg:

a) **cobertura** (Cob) – proporciona segurança a determinada região ou força, com elementos distanciados ou destacados, orientados na direção do Ini e que procuram interceptá-lo, engajá-lo, retardá-lo, desorganizá-lo ou iludi-lo antes que ele possa atuar sobre a região ou força coberta;

b) **proteção** (Ptç) – proporciona segurança a determinada região ou força, pela atuação de elementos no flanco, frente ou retaguarda imediatos, de forma a impedir a observação terrestre, o fogo direto e o ataque de surpresa do Ini sobre a região ou força protegida; e

c) **vigilância** (Vig) – proporciona segurança a determinada força ou região, pelo estabelecimento de uma série de postos de observação, complementados por adequadas ações, que procuram detectar a presença do Ini logo que ele entre no raio de ação ou no campo dos instrumentos do elemento que a executa.
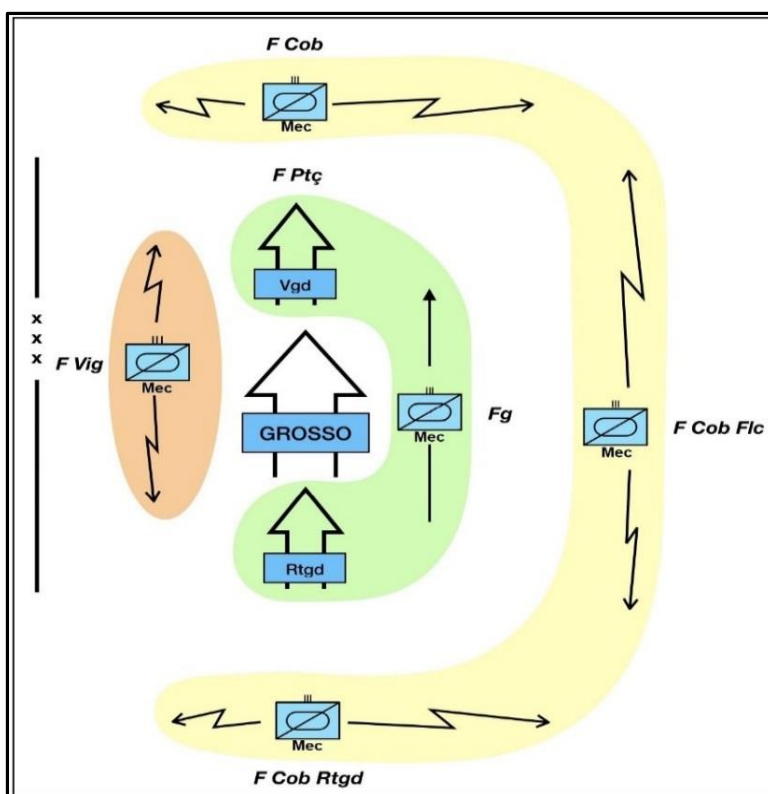
Fig 5-1 – Posicionamento das F Seg em relação ao grosso

5.2.5 FORÇAS DE SEGURANÇA

5.2.5.1 As Op Seg são realizadas, basicamente, por forças de cobertura, de proteção e de vigilância.

5.2.5.2 Também executam missões de segurança a força de ligação (F Lig), a força de segurança de área de retaguarda e as F Seg que operam na A Seg da Def A, ocupando os PAC e os PAG**.**

5.2.5.3 O Esqd C Mec pode integrar qualquer uma dessas F Seg, F Cob, F Ptç (Vgd, Fg e Rtgd) e F Vig.

5.2.5.4 Força de Cobertura

5.2.5.4.1 Generalidades
a) A F Cob normalmente é constituída por uma Bda C Mec. É uma F Seg taticamente autônoma que opera a uma considerável distância (60 a 120 Km), orientada na direção do Ini, em proveito de uma força estacionada ou em movimento.
b) A F Cob é empregada quando a força em proveito da qual opera está engajada em Op Ofs ou Def.
c) Em função de sua posição em relação ao grosso (Esc Sp), a F Cob pode ser uma força de cobertura avançada (F Cob Avç), uma força de cobertura de flanco (F Cob Flc) ou uma força de cobertura de retaguarda (F Cob Rtgd).
d) As missões de uma F Cob são normalmente muito amplas, podendo incluir:
- o esclarecimento da situação;
- a desorganização e destruição da F Ini;
- a conquista de acidentes capitais do terreno; e
- o retardamento do Ini.

e) O RC Mec é o menor elemento que pode constituir uma F Cob, devendo, para isso, receber meios de Cmb (Inf, Cav) e de Ap Cmb (Art e Eng) em reforço ou apoio, necessários ao cumprimento dessa missão, dotados de mobilidade compatível com a da U.
f) O Esqd C Mec pode integrar uma F Cob do Rgt ou da Bda, não atuando isoladamente nesse tipo de Op.

5.2.5.5 Força de Proteção

5.2.5.5.1 Generalidades
a) A F Ptç é uma F Seg que opera à frente, no flanco ou à retaguarda de uma força estacionada ou em movimento, a fim de protegê-la contra a observação terrestre, os fogos diretos e o ataque de surpresa do Ini. Ela repele, destrói ou retarda, de acordo com suas possibilidades, os elementos Ini que ameacem a força protegida (F Ptg).
b) A F Ptç opera dentro do alcance dos fogos de apoio da F Ptg e, de acordo com sua posição em relação à força principal, denomina-se Vgd, Fg ou Rtgd.

c) A F Ptç é constituída normalmente de elementos orgânicos da força protegida, ou que a estejam reforçando.
d) O Cmt da F Ptg normalmente define, em suas diretrizes, o seguinte:
- poder de combate da F Ptç;
- responsabilidade e disponibilidade de Ap F para a F Ptç;
- área de responsabilidade da F Ptç;
- limite de Rg da F Seg; e
- Eng disponível.
e) O Esqd C Mec, operando como uma F Ptç, pode receber de seu escalão superior Elm Eng e apoio de fogo de Art ou Mrt P.
f) A velocidade de progressão do Esqd C Mec como F Ptç é regulada pela da força em prol da qual atua.
g) A força de proteção deve estar suficientemente afastada do grosso, de modo a assegurar o tempo e o espaço necessário à sua manobra, para fazer face a uma ameaça inimiga.
h) O Cmt Esqd C Mec, ao planejar seu emprego como uma F Ptç (ou integrando uma F Ptç), deve tomar as seguintes providências:
- estudar a situação na carta e selecionar as prováveis vias de acesso do Ini;
- escolher posições no terreno que possibilitem barrar o avanço do Ini nessas VA;
- prever a ocupação das P Blq entre a retaguarda da unidade testa do grosso (vanguarda) e a Rtgd do último Elm da coluna de marcha;
- prover a segurança da área entre o eixo de progressão do grosso e o itinerário de marcha do Esqd (área de Seg);
- prever P Lig entre o grosso e o Esqd e, ainda, entre as P Blq de suas SU;
- selecionar um itinerário de progressão para o Esqd, caso não tenha sido determinado pelo Esc Sp. A distância entre esse itinerário e o do grosso deve ser tal que esteja dentro da capacidade de reconhecimento de um Esqd C Mec e dentro do Ap F do grosso; e
- coordenar o emprego de elementos aéreos, se disponíveis.

5.2.5.5.2 O Esqd C Mec como Vanguarda

a) A Vgd é uma força de proteção que opera à frente do grosso e atrás da F Cob (quando esta for empregada), dentro da distância de apoio da F Ptg, para proporcionar o esclarecimento da situação o mais cedo possível, assegurar a progressão ininterrupta do grosso, protegê-lo contra surpresa, proteger o desdobramento do grosso quando ele tiver que entrar em ação e facilitar a progressão do grosso pela remoção de obstáculos, limpeza de itinerários e localização de itinerários alternativos (desbordamentos), de acordo com suas possibilidades.
b) Progride e se desloca tão longe quanto a situação o permitir, dentro da distância de apoio da força que o destacou. Essa distância deve proporcionar ao Cmt da F Ptg liberdade de ação, sem, contudo, expor o Esqd ao risco de ser desbordado, nem destruído pelo Ini antes que o grosso possa lhe dar apoio. O deslocamento pode ser contínuo ou por lanços. A progressão por lanços é empregada quando o contato com o Ini é iminente e o terreno favorece essa

técnica.
c) Executa contínuos reconhecimentos (frente e flancos) e repele ou destrói pequenos grupos Ini antes que eles possam interferir no avanço da força protegida. Quando a Vgd encontra F Ini mais poderosas ou áreas fortemente defendidas, prontamente toma uma ação agressiva para esclarecer a situação, empregando todos os meios disponíveis para determinar a localização, o valor e o dispositivo do Ini.
d) Não deve estar tão afastado que corra o risco de ser destruído pelo Ini antes que o grosso possa lhe dar apoio. Essas distâncias são reduzidas durante a noite, em terreno movimentado e sob condições meteorológicas adversas.
e) Adota um dispositivo em coluna ou em linha de Pel. A formação em coluna é empregada quando a situação do Ini for conhecida e a F Ptg estiver se deslocando em apenas um E Prog. A formação em linha é empregada quando a situação do Ini for desconhecida e a F Ptg estiver se deslocando em mais de um E Prog.
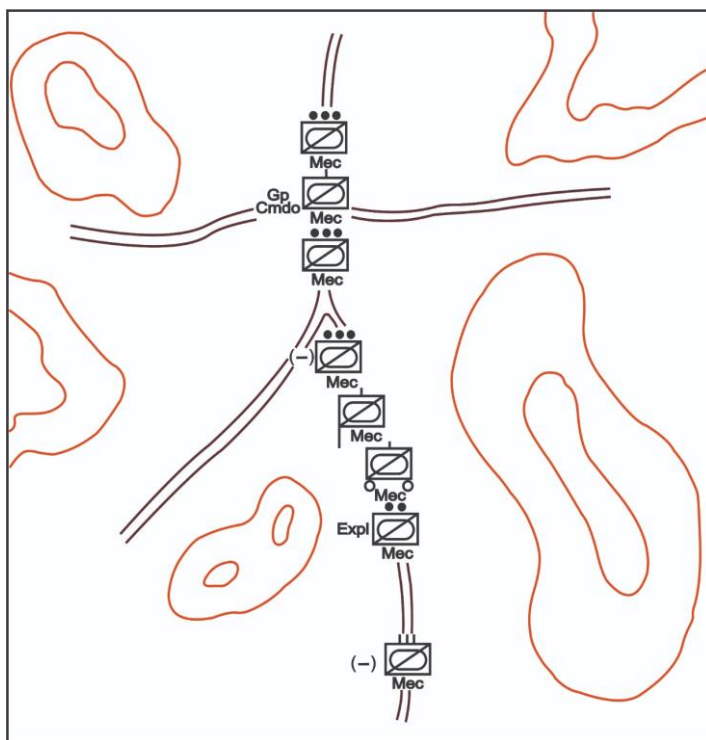
Fig 5-2 – Esqd C Mec Vgd na formação em coluna

f) Desloca-se empregando técnicas de reconhecimento de zona, quando desdobrado.
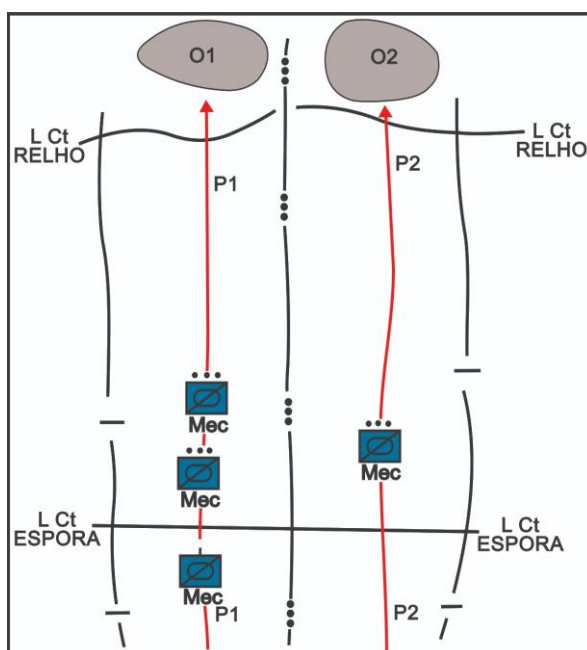
Fig 5-3 – Esqd C Mec compondo Vgd. Deslocamento por eixos paralelos

g) O Esqd C Mec que vai à testa da coluna do Rgt tem a prioridade de fogos do Rgt.
h) O quadro abaixo apresenta algumas características normais das formações do Esqd C Mec empregado como Vgd.

Características das Formações do Esqd C Mec na Vanguarda	
Frações	- Esqd em coluna de Pel
Elm testa	- 1 (um) Pel C Mec ou Pel Provs desdobrado em um eixo
Res ou 2º Esc	- 1 (um) ou 2 (dois) Pel C Mec ou Pel Provs em 2º Esc
Mrt Me	- Centralizado à Rg do Pel testa
PCT (Esqd de Bda) PC (Esqd de Rgt)	- À Rg do Pel testa
PC (Esqd de Bda)	- Desloca-se por lanços de R Dstn em R Dstn
Trens	- Deslocam-se por lanços de R Dstn em R Dstn
Ap Eng (sfc)	- Desloca-se à Rg Pel testa

Quadro 5-1 – Formações do Esqd C Mec na Vanguarda

i) Ao estabelecer o contato com o Ini, o Pel testa adota uma atitude agressiva para esclarecer a situação.
j) Esclarecida a situação, o Cmt Esqd C Mec deve, sempre que possível, empregar as suas forças para fixar ou destruir a resistência Ini assinalada.
k) Caso o Pel testa não consiga prosseguir no seu deslocamento em face da ação do Ini, o Esqd adota uma atitude defensiva, ocupando uma posição no terreno em condições de apoiar a ultrapassagem (Ultr) da F Ptg. Nessa situação, apesar de adotar uma atitude defensiva, os seus Pel realizam ações para levantar o dispositivo do Ini a fim de orientar as Aç da F Ptg.
l) À noite, ou quando o contato com o Ini for iminente, a velocidade de marcha deve ser ditada pela vanguarda, ao passo que, em outras ocasiões, a Vgd ajusta-se à velocidade do grosso.
m) O Esqd Vgd é responsável por sua segurança à frente e nos flancos, devendo, para isso, observar em todas as direções, manter intervalos e distâncias adequadas, permanecer alerta e pronto para emprego, usar a técnica de reconhecimento pelo fogo, deslocar-se rapidamente e tomar medidas passivas de defesa aérea.
n) Durante a emissão da ordem, deve incluir:
- itinerário ou eixo de progressão do grosso;
- velocidade de deslocamento do grosso;
- apoio de fogo disponível;
- frente a ser ocupada;
- apoio aéreo disponível;
- situação tática; e
- ação em fim de missão.

o) Em geral, ataca diretamente da coluna de marcha, para destruir as forças inimigas que tentem impedir sua progressão. O Cmt Esqd C Mec deve estar atento para realizar ataques de oportunidade, sempre que a situação o permitir.
p) Ao estabelecer o contato com o Ini, o Esqd C Mec deve adotar os seguintes procedimentos:
- o Pel em primeiro escalão deve desdobrar-se e ocupar, imediatamente, posições de onde possa observar, atirar ou ser empregado contra o Ini;
- o Cmt Esqd deve, imediatamente, informar o contato com o Ini ao escalão imediatamente superior, estabelecendo, em sequência, ações necessárias para determinação do dispositivo, composição, valor, atividades recentes e atuais e peculiaridades do Ini encontrado; e
- depois de esclarecer a situação, o Cmt Esqd deve selecionar uma L Aç que seja apropriada à situação e que assegure o cumprimento da missão recebida, informando ao Esc Sp sua decisão. Tão logo obtenha dados complementares do Ini, deve ser reportado ao Esc Sp.

5.2.5.5.3 O Esqd C Mec como Flancoguarda
a) Generalidades:
- a Fg é uma F Seg que opera no flanco de uma força estacionada ou em deslocamento, para protegê-la da observação terrestre, dos fogos diretos e de qualquer Atq surpresa do Ini. Ela destrói ou retarda o Ini de acordo com suas

possibilidades. No cumprimento de sua missão, ela pode empregar ações Ofs ou Def;
- a Fg é móvel quando a força protegida está se deslocando. Quando a força protegida está conduzindo uma defesa em posição, a Fg é normalmente fixa, mas deve estar preparada para conduzir uma ação de Fg Mv, quando necessário;
- em uma Op Ofs, uma tropa pode lançar flancoguarda fixa em determinadas regiões, particularmente quando a ameaça inimiga for de pouca monta ou quando a situação não indicar a possibilidade de atuação do Ini;
- a distância não é fixa e depende dos fatores da decisão. Contudo, quanto mais forte for a Fg, maior a distância do grosso em que ela pode operar;
- caso o flanco a ser protegido torne-se muito extenso, o Cmt incumbido da Fg pode propor ao Cmt do grosso atuar como uma F Vig;
- dependendo do grau de segurança que se deseja, a Fg pode deslocar-se entre as P Blq por lanços sucessivos, caso seja necessário menos segurança e mais velocidade, ou por lanços alternados, caso seja necessário mais Seg;
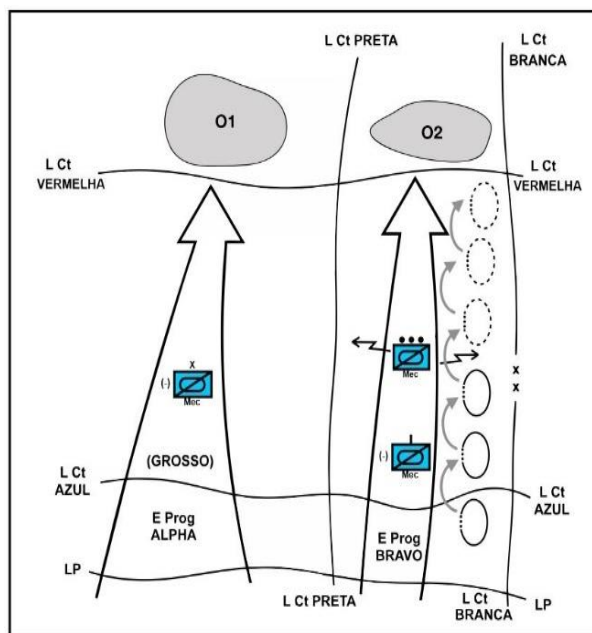
Fig 5-4 – Esqd C Mec compondo Flancoguarda – Deslocamento por lanços sucessivos
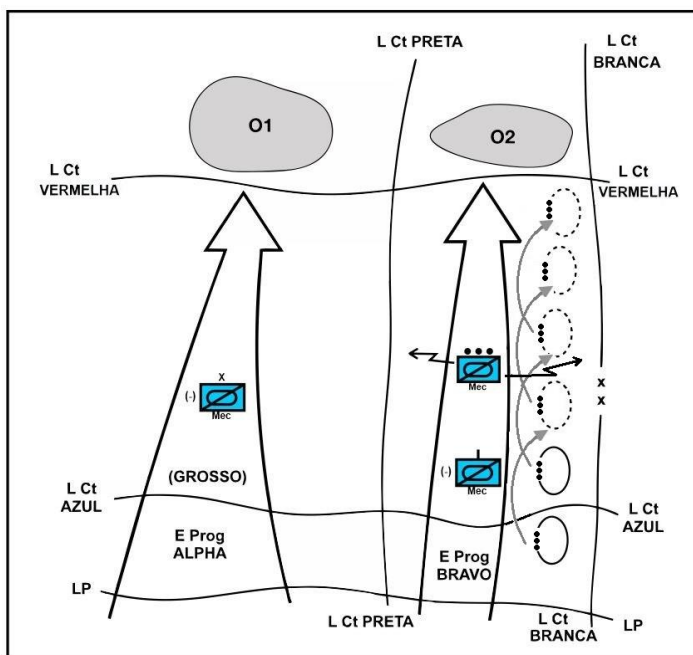
Fig 5-5 – Esqd C Mec compondo F Ptç Flancoguarda – Deslocamento por lanços alternados

- o Esqd Vgd na Fg tem a tríplice missão de agir como Vgd; realizar a segurança da área entre o grosso e o itinerário de progressão deste; e manter o contato com a retaguarda da unidade testa do grosso;
- no planejamento de uma Fg**,** normalmente são estabelecidas pelo Esc Sp duas linhas de controle paralelas ao deslocamento do grosso e uma área, para delimitar a ação da SU compondo uma Fg: uma L Ct, mais próxima ao deslocamento da força protegida, denominada linha de controle intermediária; outra L Ct, mais afastada e à frente das primeiras posições de bloqueio a serem ocupadas pelo Esqd C Mec, para deter o avanço do Ini ou a ação de seus elementos de reconhecimento, denominada de L Ct externa ou linha de segurança (L Seg). A área entre a L Ct externa (L Seg) e a L Ct intermediária é a Z Aç daquele Esqd C Mec;
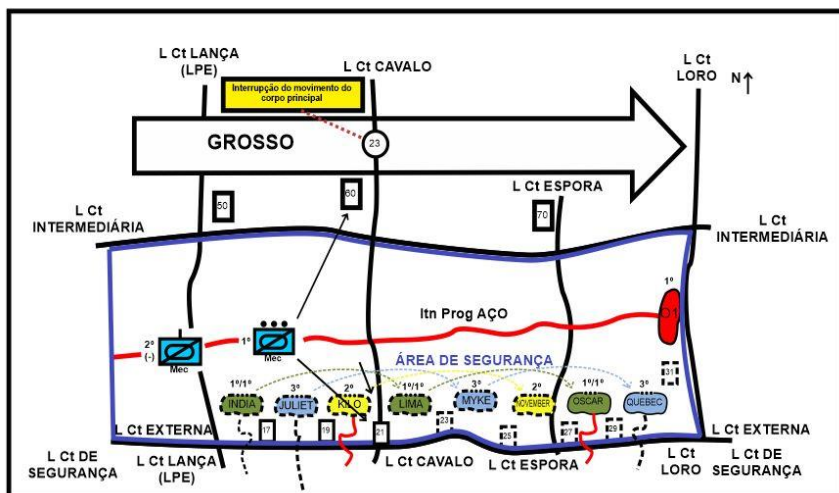
Fig 5-6 – Z Aç Esqd C Mec compondo Flancoguarda

- em princípio, a velocidade de progressão da Fg móvel (Mv) durante o dia deve ser regulada pelo deslocamento do grosso. À noite, em função da situação tática (sempre sob a coordenação do Esc Sp), a velocidade pode ser determinada pelo deslocamento da Fg; e
- se a área a proteger tornar-se tão extensa que não possa ser protegida adequadamente, o Cmt da Fg deve solicitar autorização ao Cmt do grosso para vigiar parte dela ou ser liberado da responsabilidade de segurança de parte da retaguarda.

b) Flancoguarda móvel:
- como Fg Mv de uma força em Op Ofs ou realizando um movimento retrógrado (Op Def), o Esqd C Mec protege o corpo principal deslocando-se por um itinerário paralelo ao do grosso, em condições de ocupar P Blq sobre as principais penetrantes que incidem no flanco da F Ptg;
- o Esqd C Mec, empregado como Fg Mv, deve estar em condições de manter uma contínua observação sobre as penetrantes que incidem no flanco da F Ptg; reconhecer a zona entre a F Ptg e a linha de P Blq; manter o contato com a retaguarda da unidade testa do grosso; destruir ou repelir os Elm Rec do Ini; destruir, repelir ou fixar as F Ter Ini antes que elas engajem com fogos diretos a F Ptg; e manter contato com a unidade retaguarda do grosso (F Ptç);
- as P Blq dos Pel C Mec planejadas pelo Esqd C Mec para iniciar a ação de bloqueio do Ini devem ser localizadas em terreno com boas características defensivas, dominar as penetrantes que incidam sobre o Flc da F Ptg e estar a uma distância do corpo principal de modo a proporcionar-lhe tempo e espaço para manobra;
- caso não tenha sido determinado pelo Esc Sp, o Cmt Esqd C Mec deve selecionar um itinerário de deslocamento para o Esqd que seja interior às P Blq e permita fácil acesso a elas. Sobre esse itinerário são localizadas as

regiões de destino;
- o esquema de manobra do Esqd C Mec deve prever a ocupação das P Blq selecionadas e a segurança da área entre o eixo de progressão da F Ptg e a linha de P Blq dos Pel C Mec do Esqd que realiza a Fg. Esta frente é da responsabilidade do Pel testa e deve ser compatível com a capacidade de reconhecimento de zona do Pel C Mec testa;
- o Esqd deve, no planejamento da missão, estabelecer P Lig à frente e entre as P Blq. Quando as P Blq forem ocupadas, os P Lig definem a área de responsabilidade de cada Pel;
- caso o Esc Sp não imponha ao Esqd C Mec uma L Ct Intermediária, cabe ao Cmt Esqd propor essa linha, que baliza a última linha em condições de ser ocupada pela Fg ainda no cumprimento da sua missão;
- a Z Aç balizada pela linha de P Lig, imposta pelo Esc Sp, e a linha de P Blq definem a frente de Rec de zona do Pel Vgd do Esqd na flancoguarda;
- o Esqd C Mec testa de uma Fg Mv tem como missões atuar como vanguarda, reconhecer a área entre o grosso e a linha de P Blq e ligar-se com a Rg do Elm testa do corpo principal;
- a SU que se deslocar à retaguarda da Fg Mv deve ligar-se com a Rg do Elm da retaguarda do grosso;
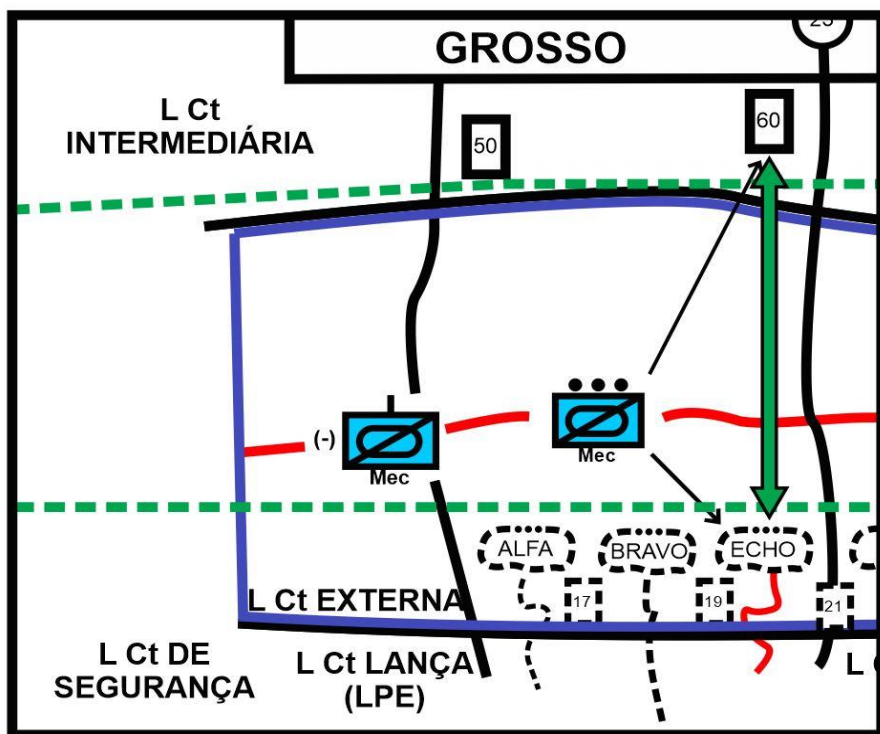
Fig 5-7 – Frente do Pel testa

- os processos básicos de deslocamento de Fg Mv são o movimento contínuo e movimento por lanços de Pel (alternados e sucessivos). O Cmt Esqd C Mec escolhe o mais adequado, levando em consideração, particularmente, a velocidade do grosso, o terreno e as possibilidades do Ini;
- a progressão em movimento contínuo é usada quando a F Ptg avança sem paradas e a possibilidade de atuação do Ini no flanco é remota;
- a progressão por lanços alternados de Pel é usada quando a F Ptg avança com pouca velocidade e há possibilidade de forte ameaça inimiga;
- a progressão por lanços sucessivos de Pel é usada quando a F Ptg faz altos frequentes e curtos e não há previsão de forte ameaça inimiga;

<table>
<tr><th colspan="3">VANTAGENS E DESVANTAGENS DOS PROCESSOS DE DESLOCAMENTO</th></tr>
<tr><th rowspan="2">Obs</th><th colspan="2">Movimentos por lanços</th></tr>
<tr><th>Lanços alternados</th><th>Lanços sucessivos</th></tr>
<tr><td>Considerações sobre o Ini e a F Ptg</td><td>- Ação forte do Ini no Flc é esperada.
- F Ptg desloca-se lentamente.</td><td>- Ação fraca do Ini no Flc é esperada.
- F Ptg desloca-se com altos frequentes e curtos.</td></tr>
<tr><td>Vantagens</td><td>- Mais seguro.</td><td>- Menos seguro.</td></tr>
<tr><td>Desvantagens</td><td>- Mais lento.</td><td>- Mais rápido.</td></tr>
<tr><td>Observações</td><td>- Durante os lanços, sempre um Pel C Mec está em posição.</td><td>- Durante os lanços, a desocupação e ocupação da P Blq é realizada pelos Pel C Mec de forma simultânea.</td></tr>
</table>

Quadro 5-2 – Vantagens e desvantagens dos processos de deslocamento

- após o cruzamento da L Ct que baliza o início da operação, o Pel Vgd, já desdobrado, cumpre a sua missão empregando técnicas de reconhecimento de zona. Esse Pel tem, também, a missão de realizar a ligação com a Rtgd do Elm testa da F Ptg;
- o 2º Esc do Esqd C Mec desloca sobre o intinerário (Itn) de progressão (Prog), devendo ocupar as regiões de destino mediante ordem (Mdt O). Os elementos de manobra que integram o 2º Esc do Esqd deslocam sobre o Itn Prog e ocupam as P Blq, Mdt O, face à evolução da situação do Ini e da F Ptg;
- em final de missão, a Fg Mv adota um dispositivo de Fg fixa e ocupa P Blq que barrem as Pntr que incidam no Flc da F Ptg. A Res em final de missão já é prevista no planejamento inicial;
- o Esqd C Mec realizando uma Fg Mv, em princípio, não deve prever uma reserva em seu planejamento inicial. Durante o seu deslocamento, emprega a maioria do seu poder de Cmb nas P Blq;
- em uma missão de Fg Mv, inicialmente, a prioridade de fogo (Prio F) do Esqd C Mec é do Pel Vgd. Tal Prio pode ser alterada a partir do momento em que outros Pel estabelecerem o contato com o Ini;
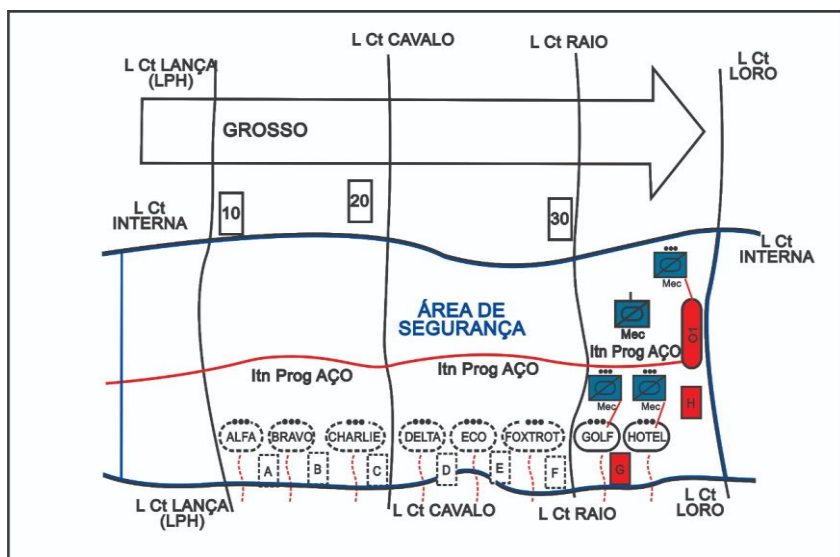
Fig 5-8 – Dispositivo em final de missão da Fg Mv

- o Ap F Art Cmp pode ser prestado pela Art da F Ptg;
- é desejável que o Elm Art que apoia esta manobra tenha a possibilidade de atirar em um setor de 360º, pois a Fg Mv desdobra seus meios em duas direções divergentes;
- o Cmt Esqd C Mec deve direcionar o apoio disponível de Eng Cmb para a execução de serviços que aumentem a mobilidade da Fg;
- em situações estáticas, particularmente em final de missão, a Eng Cmb pode apoiar o Esqd por meio da realização dos serviços de organização do terreno e lançamento de obstáculos (contramobilidade);
- é desejável que os Elm Eng Cmb que apoiam a SU disponham de equipamentos especializados, particularmente as vituras blindadas especiais lança-ponte (VBE L Pnt), de grande utilidade para aumentar a mobilidade da flancoguarda;
- o caráter dinâmico da Op Fg Mv faz com que os elementos de Ap Cmb (Art e Eng) sejam um fator multiplicador do poder de Cmb do Esqd C Mec; e
- o pouco tempo disponível para a preparação das P Blq faz com que a integração dos fogos e das barreiras à manobra do Esqd seja fundamental para o sucesso da Op.

c) Flancoguarda fixa:
- compondo uma Fg fixa de uma F Def, o Esqd C Mec ocupa, com seus Pel C Mec, P Blq semelhantes às ocupadas em final de uma missão de Fg Mv; e
- compondo uma Fg fixa, o Esqd C Mec deve manter uma Res posicionada em profundidade e em condições de desaferrar, por meio de C Atq, elementos que estejam decisivamente engajados, reforçar os Elm em 1º Esc ou acolher, em uma Pos intermediária, os Elm de 1º Esc que estiverem mais pressionados.

5.2.5.5.4 O Esqd C Mec como Retaguarda

a) Compondo uma F Ptç Rtgd, o Esqd C Mec opera à Rtgd da força principal (grosso), seja em um movimento desta para a frente, seja durante um Mov Rtg.

b) Durante o movimento para a frente, a retaguarda neutraliza ou retarda as F Ini que atacarem a Rtgd do grosso, protege os trens e realiza a coleta dos extraviados. A Rtgd marcha a uma distância prescrita pelo Cmt do grosso (no máximo na distância do apoio de Art do grosso).

c) O Esqd C Mec compondo a Rtgd desloca, em princípio, pelo mesmo eixo da força em proveito da qual atua. O Cmt Esqd emprega sua SU como em uma Aç Rtrd, ocupando posições de Cmb com seus Pel C Mec, atribuindo-lhes Z Aç e itinerários de retraimento, controlando o movimento por L Ct e P Ct.

d) Durante um retraimento, a Rtgd assegura o desengajamento da força principal. Emprega tática de ação retardadora e retrai por lanços, adequando sua velocidade de deslocamento à da força para a qual age em proveito (grosso) ou deslocando-se de acordo com planos previamente estabelecidos. A Rtgd não deve permitir seu desbordamento pelo Ini ou que este a force a cerrar sobre o grosso.
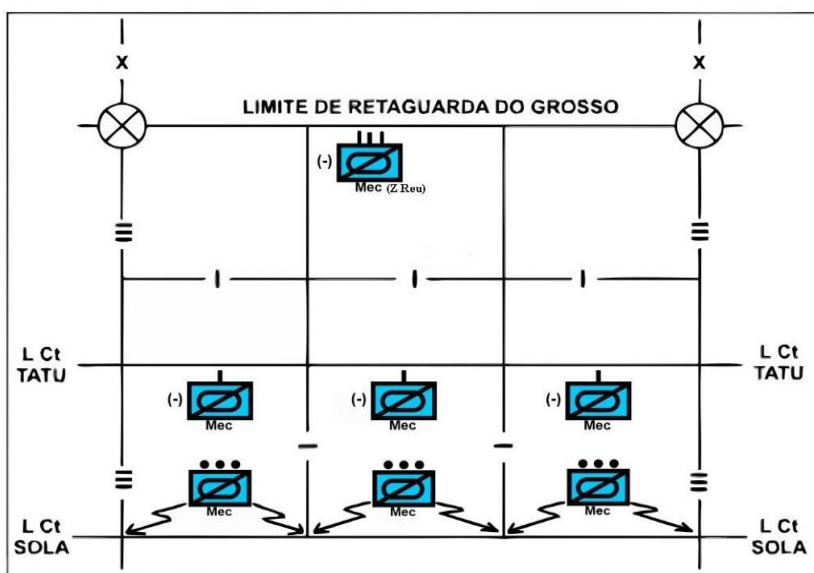
Fig 5-9 – Esqd C Mec integrando uma F Rtg (RC Mec) Rtrd por setores

e) Quando C Atq, a retaguarda, normalmente, não conta com o auxílio do grosso, a não ser o apoio de fogo, e destrói todo o material que não puder ser evacuado. Se dispuser de Elm Eng, estes são empregados para executar destruições e instalar campos de minas e outros obstáculos, a fim de retardar ao máximo a progressão do Ini.

f) No planejamento de uma ação de retaguarda o Cmt Esqd C Mec deve:

- analisar o terreno, a fim de selecionar posições de retardamento;

- verificar os meios e adotar a organização para o combate adequada ao tipo de missão;
- designar os elementos que receberão missões de reconhecimento e segurança, particularmente nos Flc da formação;
- determinar as missões aos elementos de apoio, se houver;
- verificar os planos da F Ptg e assegurar a ligação contínua com o comandante dessa força;
- designar os elementos para o prévio reconhecimento das posições de retardamento; e
- prever os deslocamentos e a localização do PC e dos trens.

5.2.5.6 Força de Vigilância

5.2.5.6.1 Generalidades

a) A vigilância (Vig) é o menor grau de segurança que pode ser proporcionado para uma força. Esse grau de segurança permite que o Cmt Esc Sp economize meios em parte da frente e concentre o seu poder de Cmb na parte mais importante da Z Aç.

b) Compreende um conjunto de ações realizadas por uma força em proveito do Esc Sp, com a finalidade de proporcionar segurança a uma determinada força ou região, pelo estabelecimento de uma série de PO, complementados por adequadas ações, que procuram detectar a presença do Ini tão logo este entre no raio de ação dos instrumentos óticos ou sensores eletrônicos do elemento que executa a Vig.

c) O Esqd C Mec, compondo uma F Vig, estabelece uma “cortina de Vig” (fixa ou móvel) em determinada parte da Z Aç do Esc Sp com seus Pel C Mec, com a finalidade básica de dar o alerta oportuno sobre a aproximação do Ini e suas atividades ou sobre as atividades civis nessa área. Essa Vig é realizada pelo estabelecimento de uma série de PO e pelo patrulhamento de partes específicas da Z Aç.

d) O Esqd C Mec orgânico de Rgt pode ter o apoio da seção de vigilância terrestre e observação – SVTO – (aeronaves remotamente pilotadas, radares de Vig Ter, câmeras de longo alcance *etc.*) e a seção de caçadores (Sç Cçd) do Esqd C Ap e, quando disponível, o apoio da F Ae e da Aviação do Exército (Av Ex). O Esqd C Mec orgânico de Bda tem, em seu Pel Cmdo Ap, os meios que podem cooperar na operação de vigilância (RVT, SARP e caçadores).

e) O Esqd C Mec pode atuar como F Vig operando à frente, Flc ou Rtgd da força principal que a destacou.

f) As ações de vigilância realizadas pelo Esqd C Mec (compondo F Vig) têm por finalidade:

- proporcionar um alerta oportuno da aproximação do Ini;
- obter e manter o contato visual com forças inimigas e informar sobre seu deslocamento;
- informar sobre as atividades do Ini e/ou sobre atividades civis em determinada área;
- destruir ou repelir patrulhas inimigas; e

- impedir o avanço das forças inimigas pelo emprego dos fogos de longo alcance, tanto os de apoio como os orgânicos.

g) O Esqd C Mec compondo F Vig deve combater para sua própria proteção, procurando destruir ou repelir pequenas patrulhas inimigas, quando necessário ao cumprimento de sua missão.

h) A F Vig retrai (mediante ordem do Esc Sp) quando pressionada, mantendo sempre o contato com o Ini. Diferente das F Cob e F Ptç, a F Vig não tem responsabilidade territorial entre ela e a tropa para qual opera.

5.2.5.6.2 Planejamento da F Vig

a) A extensão da frente a ser vigiada é definida pelo Esc Sp baseada nos fatores da decisão.

b) A linha de Vig é materializada por uma L Ct, imposta pelo Esc Sp, com a característica restritiva de limitar o avanço da F Vig.

c) A missão de Vig e a distância que a F Vig deve manter do grosso são definidas por este, considerando os seguintes fatores:

- manobra do Esc Sp;
- critérios para o engajamento (Engj) e destruição do Ini;
- critérios para desengajamento e mudança de posição;
- frente a vigiar;
- reforços disponíveis;
- apoio de fogo;
- penetrantes que incidem na força vigiada;
- meios aéreos disponíveis; e
- apoio de engenharia.

d) Na faixa de terreno existente entre a linha de Vig e o corpo principal (grosso), o Esqd C Mec deve manobrar para:

- destruir os elementos de reconhecimento Ini;
- evitar que o Ini penetre na sua Z Aç facilmente;
- ocupar PO alternativos; e
- manter o contato com o Ini.

e) O Cmt da força em proveito da qual o Esqd C Mec realiza a missão de Vig deve definir em suas diretrizes (ordens, plano *etc*.):

- o traçado geral da linha de Vig;
- a Z Aç do Rgt (frente e profundidade);
- as unidades a serem vigiadas;
- a duração provável da missão;
- os critérios para engajamento e destruição do Ini;
- os critérios para desengajamento e mudança de posição; e
- as missões futuras do Rgt.

f) Após receber a missão de Vig, o Cmt Esqd C Mec deve realizar um reconhecimento da área de operações sobre a carta-terreno e concluir sobre:

- as principais VA do Ini;
- os pontos críticos para a F Ini em deslocamento;
- área de interesse; e
- prováveis AE.

g) Em decorrência da análise realizada acima, considerando os meios existentes, o Cmt do Esqd C Mec deve dividir sua Z Aç entre os seus Pel.
h) Normalmente o Cmt Esqd define em seu planejamento (Plj) a posição dos PO e enfatiza aos Cmt Pel as áreas ou pontos que requeiram uma atenção especial.
i) O Esqd C Mec deve estabelecer P Lig entre as Z Aç de suas frações e confeccionar um plano de patrulhamento detalhado a fim de vigiar os espaços vazios.
j) Na execução de uma F Vig Mv, o Itn Prog da F Seg é especificado pelo Cmt Esqd C Mec.
k) O Cmt Esqd deve selecionar L Ct paralelas à linha de Vig inicial a fim de coordenar o retraimento e de servir como linhas de Vig subsequentes.
l) O poder de Cmb da Res do Esqd C Mec é, em princípio, o de 1 (um) Pel. Esse Pel tem a missão de destruir pelo fogo e pela manobra os Elm de Rec Ini.
m) Os Elm Ap F (Art, Mrt, F Ae e Av Ex) têm os seus planejamentos integrados à manobra do Esqd. Fogos indiretos são realizados para inquietar e desorganizar o Ini antes das linhas de Vig e para destruí-lo no interior das AE previstas.
n) O Esqd deve atribuir como prioridade para o Elm Eng Cmb em reforço a realização de trabalho de organização do terreno, seja na preparação de PO e P Blq, seja na construção de obstáculos para apoiar as ações de contrarreconhecimento (contramobilidade).
o) O emprego de Vig Ter e caçadores (Cçd) deve ser orientado para aumentar a capacidade de Vig sobre os principais corredores de mobilidade do Ini.
p) Os meios aéreos disponíveis (F Ae e/ou Av Ex) são empregados para aumentar a capacidade de Vig do Esqd à frente da linha de vigilância.
q) O Cmt da F Vig define, em suas diretrizes, os aspectos referentes ao engajamento do Ini, desengajamento da tropa e de apoio de fogo. Pode levantar esses aspectos obtendo respostas aos seguintes questionamentos:
- qual o poder de Cmb do Ini que será engajado pelo Esqd?
- onde o Esqd realizará o seu engajamento?
- onde a Res realizará os seus engajamentos?
- quais são as condições para o desengajamento dos Elm 1º escalão?
- como será mantido o contato durante a mudança da linha de vigilância?
- qual é a Prio Ap F?
- qual é o Ap F disponível?
- como serão apoiados os engajamentos?
- como serão apoiados os retraimentos?

5.2.5.6.3 Atuação da Força de Vigilância
a) Estabelecido o contato visual com o Ini, este deve ser mantido. As posições inimigas devem ser passadas com precisão e oportunidade ao Cmt Esqd C Mec que, por sua vez, o repassa o mais breve possível ao Esc Sp.
b) O Esqd, normalmente, ao compor uma F Vig, tem quatro fases:
- deslocamento e ocupação da linha de vigilância;
- observação e engajamento do Ini;
- desengajamento e mudança de posição; e
- retraimento e acolhimento pela força em proveito da qual opera.

c) O Esqd C Mec desloca-se para a linha de vigilância inicial da seguinte forma:

- **marcha tática (M Tat)** – este processo é o mais rápido, porém o menos seguro. Ele é apropriado para situações em que o contato com o Ini não é provável, o tempo para ocupação da linha de vigilância é reduzido e existem Elm aéreo (Ae) conduzindo Op Rec ou Vig Amv à frente da posição;
- **reconhecimento de eixo** (Rec E) – este processo é mais lento do que a M Tat, porém é mais seguro. Ele é apropriado para situações em que o contato com o Ini é pouco provável, o tempo disponível é reduzido ou quando Elm Ae conduzem Op Rec aeromóvel (Amv) à frente da posição; e
- **reconhecimento de zona** – este método é o mais adequado, porém o mais lento, pois a F Vig reconhece o terreno no qual combaterá. Também é o processo mais seguro. É apropriado quando existe tempo disponível e a situação do Ini é desconhecida.

d) Ao atingir a linha de vigilância inicial, o Esqd C Mec desdobra-se em sua Z Aç, estabelece os PO, coloca em execução o plano de patrulhamento e implementa todas as demais medidas previstas no planejamento. O Pel Res ocupa a posição inicial que lhe foi destinada, ficando em condições de cumprir suas missões. As frações de Vig Ter Obs e a de Cçd são empregadas de forma centralizada pelo Esqd C Mec, deslocando-se para as posições, onde iniciam a execução de suas missões.

e) Estabelecido o contato com o Ini, a F Vig procura determinar o seu valor, dispositivo e direção do movimento. Os PO mantêm o contato visual e a Res SU de acordo com os critérios de Engj definidos, manobra para destruir os Elm Rec Ini nas AE selecionadas.

f) Os fogos das armas de apoio são realizados o mais à frente possível, para desorganizar o Ini. Nas AE são lançados fogos para destruir o Ini no seu interior.

g) Em presença de F Ini superior, o Esqd C Mec deve retrair (mediante autorização do Esc Sp) e ocupar a linha de vigilância seguinte. O Esqd deve manter o contato com o Ini durante o retraimento (Ret). Os Elm de Ap F são empregados para dificultar a progressão do Ini.

h) A missão do Esqd C Mec é executada de linha de vigilância em linha de vigilância, sucessivamente, até ser acolhido pela força em proveito da qual opera.

i) Sob determinadas circunstâncias, a F Vig pode permitir a infiltração de Elm Rec com o objetivo de contatar o esforço principal Ini. Precauções devem ser tomadas para assegurar que os elementos que se infiltrarem não venham a comprometer a F Vig.

j) Quando o Flc de uma força em movimento deve ser vigiado, a missão é conduzida como uma operação de Vig móvel, com as seguintes ressalvas:

- o Esqd C Mec, normalmente, não tem responsabilidade pela área entre a força protegida e a SU, como acontece com a Fg;
- o Esqd C Mec nem sempre estará dentro do alcance do apoio da força em proveito da qual opera; e
- a F Vig ocupa PO, ao longo do flanco, em vez de P Blq.
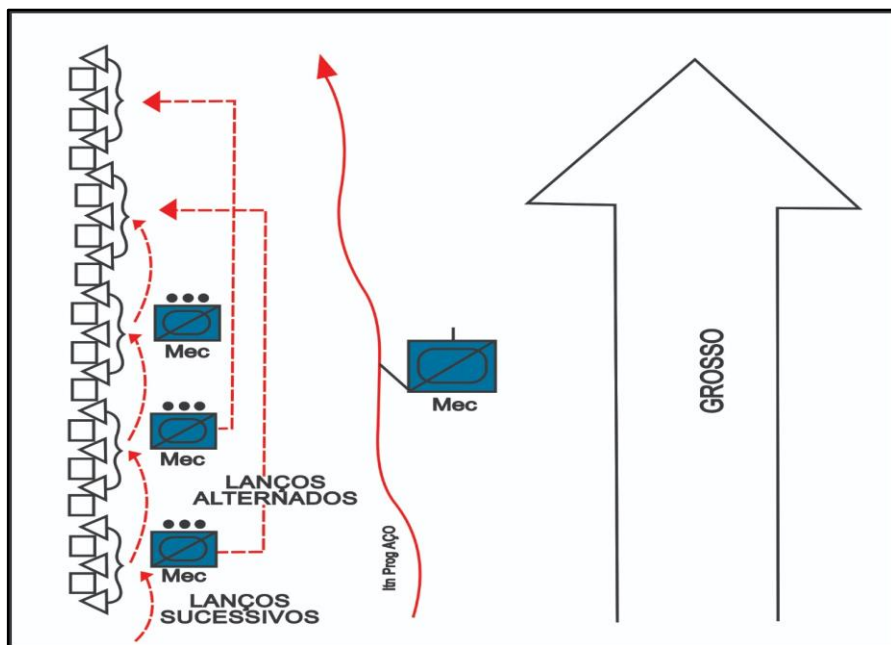
Fig 5-10 – Esqd C Mec em uma Vig móvel no flanco do grosso

5.2.6 RECONHECIMENTO

5.2.6.1 Generalidades

5.2.6.1.1 O Rec é a busca direta de informes que tenham valor militar, sobre a região de operações e o Ini (suas atividades e meios). Dos informes obtidos, são produzidas informações de Cmb as quais permitem ao Cmdo realizar o planejamento e a condução de sua manobra.

5.2.6.1.2 O Rec (parte da Op Cmpl Seg) deve ser encarado como um conjunto de TTP a ser empregado pelo Esqd C Mec e seus Pel, no contexto de uma Op Seg, particularmente de Cobertura (avançada) e de Proteção (Vgd, Fg e Vig) e de Vigilância.

5.2.6.1.3 O reconhecimento e a segurança complementam-se e estão intimamente ligados**.** Todo reconhecimento proporciona certo grau de segurança ao escalão enquadrante da força que realiza a Op Rec, particularmente nas missões de Rec que objetivem a busca de informes sobre o Ini. O RC Mec ou uma Bda, ao realizarem uma Op Seg, buscam estabelecer contato com o Ini por meio do Rec.

5.2.6.1.4 O Esqd C Mec, ao realizar uma Op Seg, busca estabelecer contato com o Ini por meio de ações de Rec, conduzidas pelos seus elementos de manobra.

5.2.6.1.5 Em função de sua organização, os Esqd C Mec são os Elm de manobra da F Ter mais vocacionados para realizar ações de reconhecimento.

5.2.6.2 Fundamentos do Reconhecimento

5.2.6.2.1 Os fundamentos do reconhecimento devem orientar o planejamento e o emprego dos Esqd C Mec:
a) orientar-se segundo os objetivos de informação;
b) transmitir, com rapidez e precisão, todos os informes obtidos;
c) evitar um Engj decisivo;
d) manter o contato com o Ini; e
e) esclarecer a situação.

5.2.6.3 Ações Durante o Contato com o Inimigo no Reconhecimento

5.2.6.3.1 As ações durante o contato são ações pré-planejadas a ser desencadeadas pela tropa durante a missão de Rec, ao ser estabelecido o contato com o Ini. São as seguintes as ações a ser executadas pelos Esqd C Mec durante as missões de Rec:
a) Desdobrar e informar:
- desdobrar implica a tomada de posições pelas frações do Esqd C Mec e a formação adequada que lhes permitam atirar, observar ou ser empregadas contra o Ini; e
- ao entrar em contato com o Ini, a SU ou fração que reconhece deve imediatamente informar ao Esc Sp o ocorrido.
b) Esclarecer a situação:
- as SU devem envidar esforços para determinar o dispositivo, o valor, a localização, a composição e a atitude do Ini.
c) Selecionar uma linha de ação:
- nesta etapa, após reconhecer a posição inimiga para obter o maior número possível de informes, o Cmt da força de reconhecimento (F Rec) seleciona uma L Aç compatível com a situação, visando ao prosseguimento de sua missão, e decide se ataca o Ini, se mantém o contato ou se desvia e prossegue na missão; e
- a decisão (ou L Aç) de desviar as resistências inimigas é adotada quando autorizada pelo Esc Sp e deve ser previsto o emprego de elementos para manter o contato, vigiando-o e informando a sua atitude.
d) Informar sobre a L Aç selecionada:
- o Cmt da tropa que realiza F Rec deve transmitir ao Cmt Esc Sp os informes adicionais obtidos e a L Aç selecionada para o prosseguimento da missão. O Cmt Esc Sp, ao receber essas informações de seus subordinados, pode autorizar, alterar ou cancelar a linha de ação proposta, apoiando-a, se necessário, com os meios disponíveis.

5.2.6.4 Características das Ações de Reconhecimento

5.2.6.4.1 As ações de reconhecimento possuem características próprias, que condicionam o planejamento e o emprego da tropa que realiza essas ações. São características do reconhecimento:
a) o planejamento deve ser centralizado e a sua execução descentralizada;
b) a segurança deve ser estabelecida e mantida durante o movimento;
c) na sua execução, deve ser dada ênfase ao uso da rede viária;
d) é fundamental a iniciativa dos comandos subordinados;
e) a ação requer o máximo acionamento dos órgãos de informações;
f) os informes obtidos devem ser rapidamente transmitidos;
g) carência de informações sobre o Ini; e
h) sua execução deve ser rápida e agressiva.

5.2.6.5 Tipos de Reconhecimento

5.2.6.5.1 São quatro os tipos de reconhecimento: de ponto (Rec P), de eixo (Rec E), de zona (Rec Z) e de área (Rec A).

5.2.6.5.2 Reconhecimento de Ponto
a) Visa à obtenção de informes pormenorizados sobre a presença inimiga e/ou sobre as características de um determinado local bem definido ou estrutura específica, de particular importância para a manobra do Esc Sp (como pontes, instalações específicas *etc*.). Pode-se dizer que o ponto a ser reconhecido é uma área de dimensões muito reduzidas, exigindo TTP diferentes das empregadas no Rec A.
b) O Rec P é executado em um ponto específico, durante a realização de um Rec Z, de área ou de eixo.
c) Os EEI e o grau de detalhamento a serem buscados devem estar claramente definidos, a fim de orientar o esforço de reconhecimento.
d) O Rec P não é normalmente atribuído a um Esqd C Mec, podendo ser uma missão atribuída às suas frações subordinadas (Pel C Mec, G Exp *etc*.).
e) O deslocamento da tropa até o ponto a ser reconhecido é semelhante ao realizado no Rec A.

5.2.6.5.3 Reconhecimento de Eixo
a) No cumprimento dessa ação, deve-se levantar informes relacionados ao Ini (valor, natureza, dispositivo, atitude, atividades realizadas *etc*.) e ao terreno (condições de trafegabilidade dos eixos e terrenos adjacentes a eles, passagens de vaus, capacidade das pontes, áreas minadas *etc*.) do eixo objetivo de seu reconhecimento, em sua Z Aç.
b) Elementos de Eng Cmb podem apoiar o Esqd C Mec, auxiliando no levantamento dos informes sobre o terreno, particularmente aqueles de natureza mais técnica. Entretanto, os Elm C Mec devem possuir condições de, quando não disponível o apoio da Eng Cmb, produzir dados semelhantes aos que seriam levantados pela tropa especializada de engenharia.
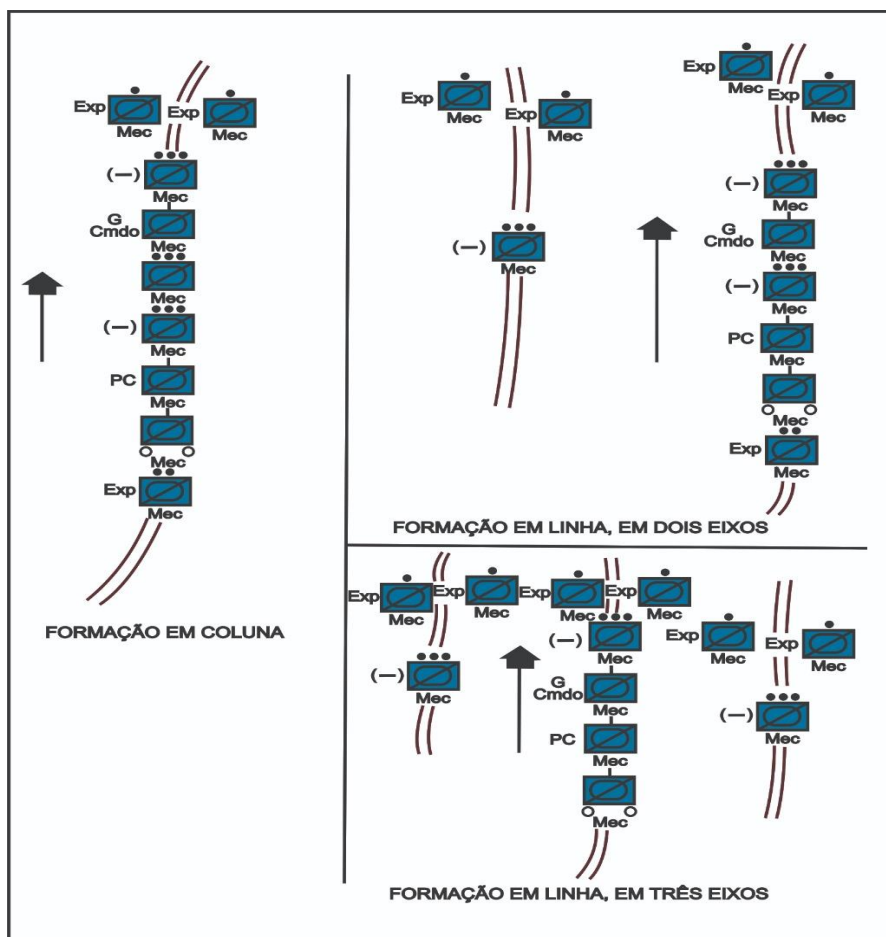
Fig 5-11 – Esqd C Mec no Rec E (exemplos de formações)

5.2.6.5.4 Reconhecimento de Área

a) O Esqd C Mec pode cumprir a missão de reconhecimento de área na Z Aç do Esc Sp.

b) Essas áreas podem ser localidades, bosques, regiões de passagem sobre rios obstáculos *etc*.

c) O Rec A assemelha-se a um Rec Z. Ambos empregam as mesmas TTP, só que em uma “zona” de dimensões reduzidas. O Rec A difere do Rec Z no tipo de deslocamento empregado até a área a ser reconhecida.

d) Quando a tropa que realiza o Rec A aproxima-se de área a ser reconhecida, ela desdobra suas frações no terreno. Uma parte dessas frações proporciona segurança para o restante executar o reconhecimento. Deve ser adotada uma formação que proporcione adequada e contínua segurança aos elementos que reconhecem a área.
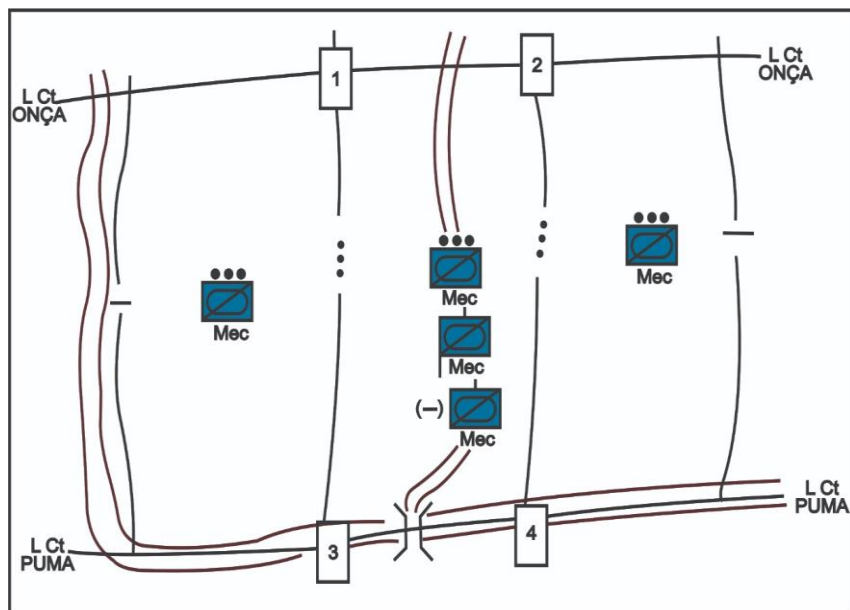
Fig 5-12 – Esqd C Mec em Rec A

5.2.6.5.5 Reconhecimento de Zona

a) O Esqd C Mec pode receber a missão de reconhecer partes ou faixas da Z Aç do Esc Sp.

b) No Rec Z, a tropa busca obter informes detalhados sobre a região de operações e sobre o Ini ao longo de uma Z Aç que lhe foi imposta.

c) Ao realizar uma Op Seg (Cob, Ptç ou Vig), quando em movimento ou deslocando-se para a área onde deve atuar, o Esqd C Mec deve engajar seus Pel C Mec (ou parte deles) na realização do reconhecimento de sua Z Aç.

d) Esse tipo de reconhecimento é considerado uma missão deduzida do Esqd C Mec nas Op Seg. O Esqd, quando executa uma Op Seg, deve empregar sempre parte de seus elementos subordinados na busca do contato com o Ini, de dados sobre este e suas atividades, bem como dados do terreno que possibilitem um melhor conhecimento da região.
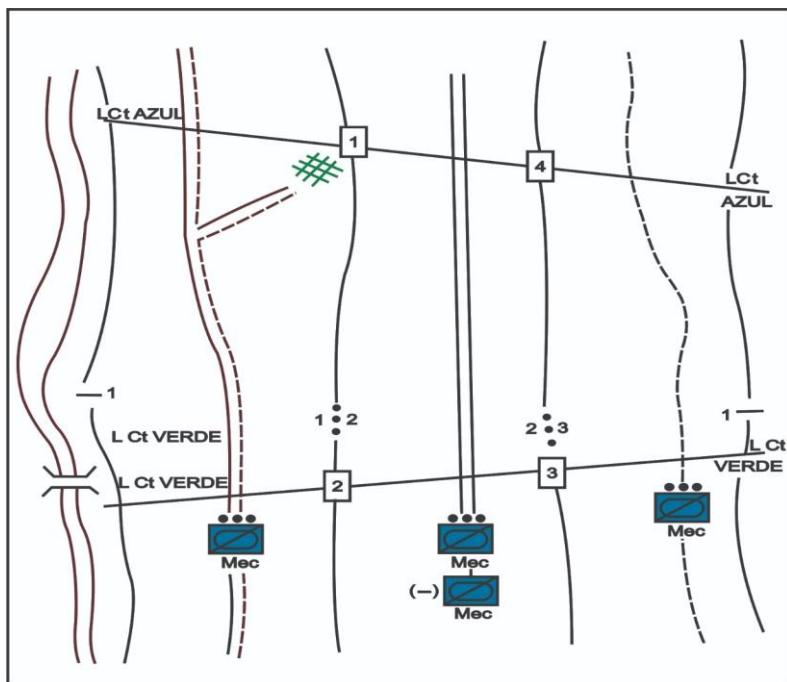
Fig 5-13 – Esqd C Mec em um Rec Z

5.2.6.5.6 Os meios de reconhecimento aéreo (F Ae e Av Ex), as ARP, os RVT, as CLA e os caçadores são importantes complementos para as missões de reconhecimento dos Esqd C Mec.

5.2.6.6 Planejamento do Reconhecimento

5.2.6.6.1 Fatores da Decisão

a) Missão:

- na missão imposta à tropa que realiza o reconhecimento, estão os objetivos a serem obtidos e transmitidos durante a missão, sejam eles sobre o Ini ou sobre o terreno. Esses objetivos (informes) são necessários ao planejamento e à condução das operações do Esc Sp; e
- a missão de reconhecer está intimamente ligada à missão do Esc Sp.

b) Inimigo:

- no planejamento de uma missão de reconhecimento, as informações disponíveis sobre o Ini são, normalmente, vagas ou quase nulas. As possibilidades do Ini são enunciadas em termos gerais. Consideram-se as linhas favoráveis do terreno e verificam-se as possibilidades que o Ini tem de atingi-las com os primeiros elementos de suas forças conhecidas, ou seja, de "atuar" nessas linhas;
- como o Esqd C Mec está realizando uma Op Seg em proveito do Esc Sp, com a finalidade principal de proteger ou cobrir o grosso desse escalão, é

fundamental a busca de informes sobre o Ini, suas peculiaridades e deficiências, seu material, atitudes e ações que realiza; e

- esses dados, que devem ser obtidos pelo Esqd C Mec, servem de base para o seu Esc Sp levantar as possibilidades, vulnerabilidades e capacidade de atuar do Ini sobre a força protegida ou coberta.

c) Terreno e condições meteorológicas:

- o estudo do terreno no Rec Z deve ser realizado de maneira ampla e global, dando-se ênfase ao estudo das penetrantes que permitam a aproximação do Ini e ao estudo dos acidentes capitais a serem ocupados pelo Esqd C Mec para bloquear o avanço desse Ini;
- os principais acidentes capitais a serem considerados são: regiões com comandamento para a ocupação das P Blq, rios obstáculos, regiões que dominam os pontos críticos sobre os eixos, regiões pantanosas e regiões de matas densas; e
- deve ser considerado que o termo “penetrante” abrange as estradas ou caminhos e qualquer parte do terreno que permita ao Ini aproximar-se do grosso.

d) Meios:

- quando o Esqd C Mec constitui uma F Ptç, geralmente, vai operar em uma larga frente, necessitando possuir um poder relativo de Cmb para fazer frente ao Ini. Nas missões de proteção, dependendo do Ini e do terreno, o Esc Sp deve considerar a possibilidade de reforçar com meios de Ap F, de Eng ou CC. O mesmo deve ser considerado na missão de Vig em uma frente muito extensa;
- para não perder a capacidade de intervir no combate e nas ações de reconhecimento, o Cmt Esqd C Mec deve constituir, sempre que possível, uma reserva;
- nas ações de reconhecimento das Op Seg, o Esqd C Mec deve utilizar ao máximo os meios de reconhecimento aéreo colocados à sua disposição, ampliando a capacidade de reconhecimento de seus Pel C Mec; e
- da mesma forma que os meios aéreos, os RVT, as CLA e os Cçd orgânicos ou do Esc Sp podem ampliar as capacidades de reconhecimento.

e) Tempo:

- no planejamento de uma missão de reconhecimento, o tempo é fator decisivo, tendo influência determinante nessas ações;
- o tempo disponível impacta a emissão de ordens, o aprestamento da tropa, os ensaios para a missão, as atividades logísticas e o próprio cumprimento da missão. Em muitas situações, os informes solicitados pelo Esc Sp são úteis se transmitidos até determinada data/hora; e
- nas missões de cobertura (F Cob) e de vanguarda (F Ptç), quando disponíveis dados sobre o Ini à frente do grosso, a tropa que realiza o reconhecimento até a linha onde inicia a missão de cobertura ou ao longo do itinerário do grosso deve receber de seu Esc Sp a localização da LPE com o Ini. De posse dessa informação, o Cmt pode determinar o tempo estimado da aproximação do Ini. Isso facilita o seu planejamento, permitindo acrescentar ou suprimir etapas.

f) Considerações civis:

- no planejamento das ações de reconhecimento (Op Seg), o Cmt da tropa deve considerar, em seu planejamento, as possíveis influências da população e das organizações civis da área no cumprimento de sua missão (ações hostis conhecidas, densidade demográfica, apoio às ações de nossa tropa *etc.*);
- outro fator importante na execução da missão de Rec de áreas povoadas é a repercussão dessas ações na mídia; e
- na análise das considerações civis em uma missão de reconhecimento, devem ser levantados aspectos relativos à área, estrutura, capacidade, organização, população e aos eventos (AECOPE) na Z Aç ou ao longo do Itn Rec.

5.2.6.6.2 Ordens e Decisões de Reconhecimento

a) Quando o Esqd C Mec constitui uma Fg, o Cmt do Esqd, ao dividir seus Pel para o cumprimento da missão, deve determinar que o Pel Vgd realize um Rec Z entre a L Ct externa (L Seg) e L Ct interna impostas pelo Esc Sp (delimitam a A Seg). Esse Pel C Mec deve ligar-se com a Rtgd da tropa que realiza a missão de Vgd do grosso. Nesse reconhecimento, deve levantar informes sobre o terreno e o Ini na A Seg. Os outros Pel C Mec deslocar-se-ão à retaguarda da SU Vgd do RC Mec, em condições de ocuparem P Blq ao longo da L Ct externa, barrando o Ini que tentar atuar sobre o Flc do grosso.

b) No planejamento do Rec, o Cmt Esqd C Mec deve considerar que os dados médios disponíveis são empregados apenas como uma base inicial de planejamento. Em Cmb, as distâncias e frentes são determinadas pelo estudo de situação. Normalmente, utilizam-se os seguintes dados médios como referência para as frentes a serem reconhecidas pelo Esqd C Mec, isolado ou enquadrado em um RC Mec (apenas para o planejamento inicial):

- Pel C Mec: 4 km (base teórica de 2 km de frente por patrulha); e
- Esqd C Mec: 8 km (dois Pel em 1º Esc) ou 12 km (com três Pel em 1º Esc).

c) Sempre que o Cmt Esqd C Mec recebe a missão de realizar uma Op Seg, deve ser considerada como uma missão deduzida a necessidade de realizar reconhecimentos em sua Z Aç (entre a L Ct externa e a L Ct interna ou na A Seg) em proveito próprio e do Esc Sp.

5.2.6.7 Conduta no Reconhecimento

5.2.6.7.1 O Rec realizado pelas SU deve ser conduzido de maneira audaciosa e agressiva, fazendo-se o máximo emprego da mobilidade, proteção Bld e potência de fogo.

5.2.6.7.2 O Cmt do Esqd coordena e dirige as ações de reconhecimento dos Pel C Mec e dos elementos que estiverem em reforço.

5.2.6.7.3 Quando o contato é estabelecido, o Cmt Pel C Mec esclarece a situação para determinar o valor, a localização, a composição, o dispositivo e a atitude do Ini em sua Z Aç, transmitindo os informes ao seu Cmt SU.

5.2.6.7.4 O Cmt Esqd C Mec deve ter sempre presente que a missão do Esqd é de segurança. A finalidade desse Rec do Esqd C Mec é obter informes em proveito da missão do Esc Sp. Assim sendo, o Esqd, na ação de Rec, deve empreender o máximo de esforço para que todos os informes em sua Z Aç, positivos e negativos, sejam prontamente transmitidos ao Esc Sp.

5.2.6.8 São medidas de coordenação e controle, no Rec, as descritas a seguir.

5.2.6.8.1 Itinerário de progressão – consiste no caminho a ser percorrido pelas SU até a L Ct que baliza o início do cumprimento da missão de reconhecimento. Também é utilizado quando uma SU precisa entrar na Z Aç de outra SU. A SU, ao percorrer um itinerário de progressão, executa apenas os Rec necessários à sua própria Seg.

5.2.6.8.2 Ponto inicial (PI) – baliza o início do movimento da SU ou fração a partir de uma Z Reu. É representado por um círculo com a inscrição “PI” ao centro.

5.2.6.8.3 Ponto de liberação (P Lib) – ponto de liberação das frações para suas respectivas zonas de ação para o início do reconhecimento. O PI e o P Lib podem coincidir. Nesse caso, opta-se pela representação do P Lib.

5.2.6.8.4 Eixo de reconhecimento – direção de movimento que orienta a execução do reconhecimento pela SU. A SU que recebe a missão de reconhecer um eixo tem que percorrê-lo em toda a sua extensão. Os acidentes do terreno que, de posse do Ini, possam dificultar ou impedir o movimento do Esqd C Mec sobre o eixo são também reconhecidos. Qualquer desvio imposto pelo terreno ou pelo Ini somente é realizado mediante ordem do Cmt Esqd C Mec.

5.2.6.8.5 Zona de ação – é uma faixa do terreno utilizada para atribuir responsabilidade à fração que realiza o Rec. Além de definir responsabilidade, é uma medida restritiva ao movimento e ao fogo. A SU somente pode manobrar ou atirar na Z Aç de outro elemento coordenando essa ação. Os limites e as L Ct são utilizados para definir a Z Aç das SU.

5.2.6.8.6 Limites – servem para delimitar as Z Aç das peças de manobra do Esqd C Mec.

5.2.6.8.7 Linhas de controle – permitem ao Cmt coordenar e controlar a progressão de suas peças de manobra. Os Elm subordinados não se detêm nas L Ct durante o Rec; eles devem apenas informar quando as atingem, a não ser que recebam ordem em contrário. As L Ct podem delimitar um Rec de localidade ou de uma área específica.

5.2.6.8.8 Pontos de controle – são medidas que servem para controlar o movimento das SU. Basicamente os P Ct devem ser lançados pelo Cmt Esqd

onde é imprescindível o Rec de regiões de passagem sobre rios obstáculos, onde houver mudança significativa na direção dos eixos de Rec, nas localidades dentro da Z Aç, importantes como objetivos de informação *etc*. O Cmt Esqd C Mec não deve lançar muitos P Ct para não sobrecarregar os Cmt Pel.

5.2.6.8.9 Ponto de ligação – é um ponto facilmente identificável no terreno onde dois ou mais elementos subordinados têm que estabelecer um contato físico para a troca de informes. Os elementos, ao estabelecerem o contato, informam esse contato ao Esc Sp. O contato só pode ser desfeito com autorização da autoridade que o determinou. Os P Lig devem ser lançados em pontos do terreno que permitam a aproximação dos elementos subordinados, preferencialmente sobre estradas e trilhas. Devem ser usados quando a distância entre dois objetivos for maior que 4 km e o seu limite cruza a L Ct.

5.2.6.8.10 Objetivos (Obj) – representam o final do Rec executado pelas SU, sendo lançados preferencialmente em regiões dominantes do terreno que permitam às SU estabelecerem P Blq para os seus Pel C Mec.

5.2.6.8.11 Região de destino – local para onde são deslocados os elementos não empregados em 1º escalão. Deve ser prevista em locais que permitam apoiar as ações dos Elm empregados em 1º escalão. O local deve:
a) estar dentro de uma distância que permita segurança, dispersão;
b) possuir rocadas para toda a Z Aç; e
c) ser localizado em uma posição coberta e, se possível, abrigada.

5.2.6.9 Emprego do Reconhecimento Aéreo no Esqd C Mec

5.2.6.9.1 O Esqd C Mec pode contar com o apoio das aeronaves de asas rotativas da Av Ex nos reconhecimentos terrestres. Além dessas aeronaves, o Esqd pode contar, também, com as suas ARP (Esqd C Mec Bda) ou as do Esqd C Ap do RC Mec.

5.2.6.9.2 Aeronaves da Força Aérea e Aviação do Exército
a) O Esqd C Mec pode utilizar os dados e os informes obtidos por meios aéreos da F Ae e da Av Ex.
b) O Esqd deve utilizar esses informes e dados do Rec aéreo para reduzir a incerteza e facilitar a rápida tomada da decisão. Eles auxiliam o Cmdo do Esqd C Mec a entender melhor a situação, visualizar todo o campo de batalha, reduzir riscos e moldar as decisões, contribuindo para reduzir o tempo de reação, espaço para a manobra e para o uso do poder de Cmb.

5.2.7 FORÇA DE LIGAÇÃO

5.2.7.1 A F Lig é uma F Seg (Op Cmpl) que estabelece a ligação física entre duas forças de maior valor, visando a preencher áreas não ocupadas, ou seja, tamponar uma brecha entre forças amigas.

5.2.7.2 O Esqd C Mec pode receber a missão de ligar seu Esc Sp com outra GU ou DE, cumprindo essa missão como uma F Lig. Essa missão pode ser cumprida tanto em operações ofensivas como em Op Def.

5.2.7.3 A amplitude do intervalo entre as forças amigas, o terreno e as possibilidades do Ini condicionam o dispositivo a adotar. Quanto maior for a ameaça inimiga nesse intervalo entre as forças, maior será a necessidade de o Esqd C Mec ser reforçado para missão (blindados, apoio de fogo e engenharia de comate).

5.2.7.4 Em geral, o Esqd recebe um eixo para a progressão entre seu Esc Sp e a força com a qual deve ligar-se. Há necessidade de manter o contato físico com os elementos vizinhos e o planejamento da força de ligação deve estar perfeitamente coordenado com esses vizinhos. Entre os pelotões do Esqd C Mec, o contato pode ser físico, visual ou pelo rádio.

5.2.7.5 A progressão dos elementos de 1º escalão é controlada pelo Cmt do Esqd e é condicionada pela progressão das forças a serem ligadas.

5.2.7.6 Durante a progressão, todo o esforço deve ser feito para a destruição do Ini encontrado. Caso isso não seja possível, o Ini deve ser fixado até que se obtenha a permissão para desbordá-lo ou que se recebam meios para sua destruição. Qualquer contato estabelecido com tropa inimiga deve ser imediatamente informado.

5.2.7.7 Na defesa, em geral, a missão de ligação é cumprida pela vigilância ou pelo retardamento na frente atribuída ao Esqd.

5.2.8 FORÇA DE SEGURANÇA DE ÁREA

5.2.8.1 Generalidades

5.2.8.1.1 A Força de Segurança de Área é uma F Seg (Op Cmpl) encarregada da segurança de uma determina da área pelo seu Esc Sp.

5.2.8.1.2 A segurança de área de retaguarda (SEGAR) compreende a defesa da área de retaguarda (DEFAR) e o controle de danos (C Dan).

5.2.8.1.3 A DEFAR é o conjunto de medidas e de ações executadas pelos elementos da F Ter que possuem responsabilidades territoriais. Destina-se a assegurar a normalidade no desempenho de atividades e tarefas dos elementos de Cmb, de Ap Cmb e de Ap log, localizados nas respectivas áreas de retaguarda.

5.2.8.1.4 As atividades de DEFAR e de C Dan são distintas. Os locais específicos, na área de retaguarda, onde ocorrem suas ações são normalmente

diferentes. São também diferentes os critérios de responsabilidade de cada uma dessas atividades:
a) as atividades de C Dan são orientadas para as instalações (recuperação, restauração, avaliação técnica de danos, necessidade de trabalho a realizar, material e meios a empregar *etc.*). Essas ações são mais específicas da Eng; e
b) as atividades de DEFAR são orientadas para o Ini, cuja localização e destruição são procuradas antes que elas possam atacar as U e instalações, sendo uma atividade frequentemente executada visando à Seg do perímetro da área de retaguarda e dos eixos de suprimento (E Sup).

5.2.8.1.5 As principais ameaças inimigas na área de retaguarda são:
a) ações realizadas por sabotadores, guerrilheiros e elementos Ini infiltrados; e
b) bombardeios aéreos e de artilharia.

5.2.8.1.6 As medidas tomadas contra as ações de sabotadores, guerrilheiros e Elm infiltrados fazem parte da DEFAR. As medidas para reduzir os efeitos dos bombardeios inimigos e para assegurar a continuidade ou restabelecer o Ap Log, após esses bombardeios, constituem o C Dan.

5.2.8.1.7 As medidas de defesa aérea, bem como as destinadas a enfrentar ameaças inimigas de vulto na área de retaguarda, como os desembarques aeroterrestres, aeromóveis e anfíbios de forças consideráveis, são parte da batalha principal e estão excluídas da DEFAR.

5.2.8.1.8 Em uma SEGAR, o Esqd C Mec normalmente participa das atividades de DEFAR. Eventualmente, em situações muito específicas, como nos grandes desastres ou nas catástrofes da natureza, o Esqd C Mec pode ser empregado nas ações de C Dan.

5.2.8.1.9 Na DEFAR, o Cmt Esqd C Mec deve analisar a possibilidade de empregar os seus meios em Pel Provs, devido à variedade de missões que as frações vão cumprir.

5.2.8.2 O Esqd C Mec na Defesa de uma Área de Retaguarda

5.2.8.2.1 O Cmt Esqd C Mec, ao receber uma missão de DEFAR, deve:
a) estudar a sua área de responsabilidade (A Rspnl) e a sua área de interesse, devendo concluir sobre:
- as características defensivas do terreno;
- a rede viária existente;
- os corredores de mobilidade mais favoráveis para o Ini;
- as instalações existentes;
- as zonas de lançamento (ZL), locais de aterragem e regiões de homizio que possam interferir na Seg da área a defender; e
- as regiões externas à Z Aç do Esqd da qual a Art Ini possa intervir na A Rspnl do Esqd.

b) reconhecer, se possível, a sua Z Aç a fim de confirmar o estudo realizado;
c) ligar-se com os Cmdo vizinhos e com os existentes dentro da sua A Rspnl; e
d) estabelecer seu plano de DEFAR, com base no estudo de situação, nos reconhecimentos e nas ligações realizadas.
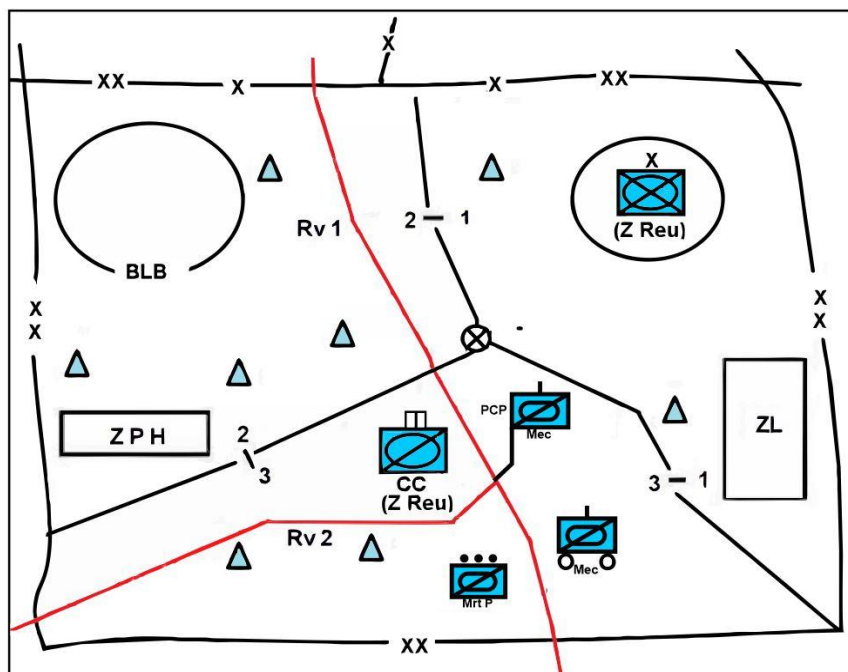
Fig 5-14 – Esqd C Mec de RC Mec na DEFAR

5.2.8.2.2 Os principais tópicos do plano de DEFAR do Esqd C Mec devem ser:
a) dispositivo de Vig a ser instalado na área de responsabilidade;
b) ações contra as forças de guerrilha;
c) controle da população civil (ligar-se com a Com Soc do Esc Sp);
d) proteção das instalações e dos eixos existentes;
e) sistemas de alarme a serem instalados;
f) planos de emprego para a Res;
g) diretrizes para o emprego da SVTO; e
h) planos alternativos.

5.2.8.2.3 O Esqd C Mec como FDAR, em sua A Rspnl, deve executar as seguintes missões:
a) segurança dos eixos de suprimentos;
b) proteção das instalações;
c) segurança contra Atq de forças paraquedistas, aeromóveis e de guerrilha; e
d) localização, fixação e destruição do Ini que se infiltrar ou entrar na área de retaguarda.

5.2.9 EMPREGO DAS ARP, RVT E CAÇADORES EM APOIO ÀS OPERAÇÕES DE SEGURANÇA

5.2.9.1 Generalidades

5.2.9.1.1 As Op Seg caracterizam-se por serem realizadas em áreas muito extensas, incerteza sobre o Ini e suas atividades, além da atuação deste sobre a A Seg a fim de obter dados sobre o grosso (Esc Sp) e suas atividades. Ainda se caracterizam por apresentar poucos dados sobre a região de operações, efetivos disponíveis normalmente menores que o necessário para a missão e a necessidade de se ganhar tempo para que o Esc Sp possa manobrar e antecipar-se às ações do Ini.

5.2.9.1.2 Nesse cenário, o emprego de aeronaves remotamente pilotadas, RVT, equipamentos de observação de longa distância e caçadores pode suprir as deficiências da F Seg e maximizar suas possibilidades, permitindo que cumpra a missão em melhores condições.

5.2.9.2 As Aeronaves Remotamente Pilotadas nas Op Cmpl Seg

5.2.9.2.1 As ARP são componentes essenciais para ampliar o alcance e a eficácia das operações terrestres, pois, atuando como multiplicadores do poder de combate, possibilitam ao Esqd C Mec antecipar-se às mudanças nas condicionantes de um ambiente operativo que se mantêm em constante evolução. Permitem, também, ao Cmt SU obter vantagens significativas sobre o seu oponente, sendo a principal delas a superioridade das informações.

5.2.9.2.2 O RC Mec e o Esqd C Mec de Bda possuem, em suas estruturas organizacionais, frações de Vig Ter e observação que enquadram equipes que operam as ARP.

5.2.9.2.3 No RC Mec, cabe ao S-3 e S-2 o planejamento de emprego, supervisão e controle do Gp ARP em proveito dos seus esquadrões. No Esqd C Mec de Bda, o planejamento e o emprego das ARP também são realizados pelo S-2/S-3 da subunidade.

5.2.9.2.4 Ao planejar o emprego das ARP, devem ser considerados os seguintes aspectos:
a) os informes a serem obtidos sobre o Ini e o terreno;
b) a oportunidade de emprego das ARP, considerando que podem denunciar uma determinada operação ou fase desta ao Ini;
c) as condições climáticas;
d) a urgência dos informes;
e) a situação tática; e
f) o tempo disponível para a busca de informes.

5.2.9.2.5 As ARP podem ser empregadas pelo Esqd C Mec:
a) quando estiver integrando uma F Cob à frente da tropa que se desloca para a linha de controle que baliza o início da missão, à frente das posições iniciais da F Cob, ou, à retaguarda da F Cob, entre esta e o grosso; e
b) na F Ptç e na força de Vig, à frente da linha de Seg (L Ct externa na Fg e de PO na Vig) ou na área entre as F Ptç e o grosso.

Fig 5-15 – Seção de Vigilância Terrestre e Observação – Turma SARP Catg 1

5.2.9.2.6 A ARP, Catg 1 do RC Mec, é, em princípio, empregada sob controle direto do S-2. Eventualmente, o planejamento e o controle dessa ARP podem ser realizados por um Cmt Esqd C Mec. Essas aeronaves podem operar da área de retaguarda da U ou das Z Aç dos Esqd em 1º escalão.

5.2.9.2.7 As ARP Catg 0 do RC Mec podem ter o planejamento de emprego e o controle realizados tanto pelo S-2 do Rgt como pelos Cmt SU. No Esqd C Mec/Bda, tanto o planejamento como o emprego são executados pelo S-2/S-3 da SU. No RC Mec, as ARP Catg 0 são distribuídas ou não para as SU em função do estudo de situação e das diretrizes de emprego do Cmt Rgt (1 ARP por SU, 2 ou mais ARP para determinada SU, todas sob controle do Rgt). As ARP do RC Mec podem ser empregadas de forma:
a) centralizada, sob controle do S-2;
b) descentralizada, com uma Eq ARP em apoio a cada Esqd C Mec; e
c) descentralizada, com as 3 (três) ou 2 (duas) Eq ARP em Ap a um determinado Esqd C Mec.

5.2.9.2.8 Como essas aeronaves podem ser detectadas e observadas pelo Ini, o S-2 do RC Mec ou o S-2/S-3 do Esqd C Mec de Bda devem definir, em seu estudo de situação, a fim de não comprometer a manobra ou denunciar a posição ocupada pela F Seg, a área sobre a qual as ARP podem operar e em que fase da Op podem ser empregadas.

5.2.9.2.9 Nas Op Seg, as ARP podem ser empregadas para:
a) levantar informes sobre a parte da A Seg e a frente desta que não podem ser cobertas pelos Elm Seg terrestre;
b) esclarecer a situação tática, fornecendo informações em tempo real sobre as atividades do Ini, seu valor, organização, natureza e direção de deslocamento;
c) coletar informações de forma antecipada sobre o terreno na área, eixo ou zona a ser percorrida, reconhecida, coberta, protegida ou vigiada;
d) obter informações atualizadas sobre as condições climáticas à frente ou no interior da A Seg ou área de interesse;
e) detectar, localizar e identificar elementos Ini de reconhecimento, observadores de artilharia e morteiros, caçadores, radares de Vig Ter e equipes operando ARP à frente da linha de Seg;
f) detectar, localizar e identificar elementos inimigos infiltrados na A Seg;
g) discriminar e, em alguns casos, identificar alvos de interesse da F Seg, a considerável distância de maneira segura, de dia ou à noite;
h) acompanhar o movimento do Ini que se desloca na direção da A Seg e do grosso, em tempo real e de forma contínua, com vistas a avaliar e identificar suas intenções, evitando surpresas;
i) cooperar no Rec do eixo, área ou zona, fornecendo dados para a tropa sobre o terreno e o Ini à sua frente, complementando o Rec terrestre;
j) realizar a vigilância de áreas entre os PO na L Seg da F Vig, cobrindo áreas do terreno não observadas pelos PO, ou áreas não percorridas pelas patrulhas, particularmente nas missões da F Vig em larga frente;
k) manter a observação (contato) com o Ini quando a F Seg tiver que retrair ou concluir a missão em determinada área, zona ou eixo;
l) levantar informes que possam orientar ou auxiliar a ação da força de contrarreconhecimento da F Seg, orientando o seu deslocamento, alertando-a sobre a localização dos alvos dessa operação, emboscadas do Ini ou deslocamento deste;
m) cobrir áreas não cobertas pelo patrulhamento terrestre, informar sobre forças inimigas infiltradas, acompanhar o deslocamento de comboios, informar a localização da área de aterragem ou desembarque de forças aeromóveis ou aeroterrestres na A Seg da Força de DEFAR; e
n) levantar dados sobre a localização dos elementos de segurança da tropa em posição, a localização do Ini e informes sobre o eixo de deslocamento da força de junção.

5.2.9.2.10 Nas ações de reconhecimento, as ARP podem ser empregadas para:
a) ampliar a consciência situacional do Cmt Esqd C Mec durante a Aç Rec, esclarecendo a situação, mantendo-o informado sobre a evolução da situação

das forças amigas e inimigas em sua Z Aç, coletando informações de forma antecipada do Ini e do meio ambiente;
b) atuando à frente da fração testa no Rec E (Z Aç), informando em tempo real a presença de Ini, a situação de trafegabilidade dos eixos (existência de obstáculos, estado aparente das pontes *etc.*), permitindo assim o aumento do alcance, da velocidade e efetividade do Rec terrestre dos Esqd C Mec;
c) informar a existência e o estado dos eixos ou itinerários alternativos para contornar posições inimigas ou obstáculos sobre o eixo ou Z Aç da SU;
d) ampliar os golpes de sonda realizados em transversais ao eixo de deslocamento;
e) informar a efetividade dos fogos de Mrt Me ou outros fogos em Ap;
f) confirmar dados obtidos na carta sobre a Z Aç; e
g) antecipar as ações da F Rec às ações do Ini.

5.2.9.3 Os Radares de Vigilância Terrestre (RVT) e as Câmeras de Longo Alcance (CLA) nas Op Seg

5.2.9.3.1 Os RVT e as CLA são equipamentos que podem contribuir de forma decisiva para as Op Seg, obtendo informes precisos sobre o Ini e permitindo o conhecimento antecipado de sua manobra.

5.2.9.3.2 O RC Mec e o Esqd C Mec possuem, em suas estruturas organizacionais, frações de vigilância terrestre e observação: SVTO e grupo de vigilância terrestre e observação. Esses grupos são integrados por turmas de Vig Ter Mv (que podem operar o RVT instalado em viatura ou sobre reparo no solo) e turmas de Vig Ter transportável (que podem operar seu RVT instalado sobre uma viatura ou sobre seu reparo no solo, podendo ser dividido em partes e transportado em fardos por militares a pé).

5.2.9.3.3 O emprego dos RVT/CLA é planejado, coordenado e controlado pelo S-2, em ligação com o S-3 do RC Mec ou do S-2/S-3 de Esqd C Mec de Bda.

5.2.9.3.4 As Tu Vig Ter podem ser empregadas de forma centralizada, sob o controle direto do S-2, ocupando postos de observação nas Z Aç SU/Z Aç Pel ou, de forma descentralizada, sob controle dos Esqd C Mec do RC Mec ou Pel C Mec do Esqd C Mec de Bda em suas Z Aç.

Fig 5-16 – Radar de vigilância terrestre (RVT)

5.2.9.3.5 Ao realizar o planejamento de emprego dos RVT e CLA, o Cmt Esqd C Mec deve considerar:

a) que o RVT emite ondas eletromagnéticas que podem ser detectadas pelo Ini. O emprego do RVT deve ser planejado de forma a não denunciar as posições ocupadas pelas F Seg;

b) o RVT e a CLA necessitam de visada direta para detectar o seu alvo. Quando instalados em locais que possuam comandamento sobre o terreno, podem realizar observação a longas distâncias, mesmo sobre grandes massas de água;

c) para emprego do RVT e da CLA, é fundamental a determinação da visibilidade do terreno a ser observado, por meio do perfil de observação do ponto estação (sítio radar) na carta, para a determinação das partes do terreno que serão vistas pelos equipamentos e as partes que não serão observadas;

d) a oportunidade de emprego dos RVT, considerando que podem denunciar uma determinada operação ou fase desta ao Ini;

e) as condições climáticas;

f) a situação tática; e

g) a forma (centralizada ou descentralizada) como o RVT e a CLA serão empregados pelas SU.

Fig 5-17 – RVT com câmera de longo alcance (CLA)

5.2.9.3.6 Nas Op Seg, os RVT/CLA podem ser empregados para:
a) detecção de alvos Ter e aéreos móveis, em baixa altitude, identificando-os, analisando-os e acompanhando o seu movimento;
b) acompanhamento de alvos selecionados e realizção de Vig de zona restrita;
c) detecção, associação, classificação e rastreamento automático de alvos como homens isolados, tropas, viaturas de Cmb, caminhões, comboios, helicópteros (próximos ao solo) e embarcações; e
d) obtenção precisa das coordenadas geográficas de alvos (azimute e distância), bem como sua velocidade e trajetória.

5.2.9.3.7 Nas Op Seg, quando do emprego desembarcado das frações do Esqd C Mec, as Tu Vig Ter podem ser empregadas para aumentar a eficácia e a possibilidade de sobrevivência dos Exp e Fuz frente ao Ini, vetorando o seu deslocamento para mantê-los orientados durante condições de visibilidade limitada, alertando sobre possíveis emboscadas, deslocamentos e manobras Ini.

5.2.9.3.8 As Tu Vig Ter podem, também, detectar alvos para as peças de manobra e de Ap F do Esqd C Mec, fornecendo um alcance preciso e um azimute da direção do Ini, principalmente, durante condições de visibilidade limitada.

5.2.9.4 Emprego dos Caçadores do Esqd C Ap nas Op Seg

5.2.9.4.1 Os Cçd do Esqd C Ap são equipados e adestrados para realizar o tiro preciso sobre alvos específicos e para observar, coletar e fornecer informações detalhadas e críticas sobre o Ini. Seu emprego pode contribuir de forma decisiva, abatendo ameaças às VB do Esqd C Mec, destruindo alvos críticos para a manobra do Rgt, obtendo informes precisos sobre o Ini e permitindo o conhecimento antecipado de sua manobra, possibilitando ao Cmt Esqd C Mec anular ameaças e obter sobre o seu oponente uma significativa superioridade de informações.

5.2.9.4.2 O planejamento, a coordenação e o acompanhamento do emprego dos Cçd são realizados no RC Mec ou no Esqd C Mec de Bda:
a) pelo S-2, para a obtenção de informes sobre o Ini e o terreno;
b) pelo S-3, para as missões de apoio de fogo ou destruição de alvos críticos selecionados; e
c) todas essas missões são coordenadas entre o S-2 e o S-3 de forma a não interferirem na manobra.

Fig 5-18 – Seção de caçadores – armamento antipessoal

5.2.9.4.3 O Cmt Esqd C Mec deve considerar que o emprego prematuro dos caçadores pode comprometer o sigilo da Op.

5.2.9.4.4 O S-2 deve fornecer à Seç ou Tu Cçd informações oportunas que possam influenciar o cumprimento de sua missão. Deve, também, demarcar áreas restritas (posições das Eq Cçd) no plano de fogos da SU.

Fig 5-19 – Seção de caçadores – armamento antimaterial

5.2.9.4.5 Nas Op Seg, normalmente, o emprego dos Cçd é sempre realizado de forma centralizada pelo Esqd C Mec, mesmo que eles operem nas Z Aç dos Pel C Mec (ou provisórios). Em determinadas situações táticas (estudo de situação S-2 e S-3), os Esqd C Mec de RC Mec podem receber como reforço a Seç Cçd ou uma de suas Tu Cçd. Nesse caso, o seu emprego deve ser planejado pelo Cmt Esqd C Mec.

5.2.9.4.6 Por operar nas Z Aç das SU do Esqd C Mec, sempre deve haver uma coordenação cerrada entre a Seç/Tu Cçd e o Esqd/Pel C Mec na Z Aç na qual estiver operando. A fração de Cçd deve, inicialmente, ocupar uma posição central na Z Aç do Pel em que estiver operando. Depois de se inteirar das missões desse Pel e da localização e dispositivo das suas frações subordinadas, a Seç/Tu Cçd passa a operar de forma independente nessa Z Aç, sem interferir na manobra do Pel.

5.2.9.4.7 Os Cçd têm sua eficácia ampliada em áreas com bons campos de tiro e observação, bem como onde puderem ter liberdade de ação para escolher suas próprias posições no terreno.

5.2.9.4.8 Nas Op Seg, os caçadores podem ser empregados:

a) apoiando a F Seg com um fogo direto preciso, de longo alcance, que pode afetar o moral do Ini e comprometer a sua capacidade de deslocar-se livremente para executar sua missão;

b) na identificação e neutralização das armas AC (e suas guarnições) que bloqueiam ou impedem o deslocamento da tropa mecanizada;
c) na eliminação de Cçd inimigos, observadores de Art e morteiros, elementos de reconhecimento Ini e equipes de operação de RVT e ARP que buscam obter informes sobre a F Seg e o grosso; e
d) na obtenção de informes sobre o terreno e o Ini.

5.3 OPERAÇÕES URBANAS

5.3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.3.1.1 As Op urbanas servem para obter e manter o controle de parte ou de toda uma área edificada ou para negá-la ao Ini.

5.3.1.2 O Esqd C Mec muito provavelmente tem de combater em uma área urbana, seja em operações ofensivas, defensivas ou complementares para limpar uma área edificada defendida pelo Ini e prosseguir em seu avanço, para manter abertas as vias de comunicações terrestres críticas em sua Z Aç ou quando da inexistência de elementos mais aptos à realização de ações nessas áreas.

5.3.1.3 No Cmb em área urbana, por se desenvolver em terreno humanizado, cresce de importância a análise das considerações civis no planejamento e na fase da condução das operações.

5.3.1.4 A restrição ao movimento de viaturas e os limitados campos de tiro e de observação dificultam o emprego de forças mecanizadas nas operações em áreas edificadas. A canalização do movimento das viaturas facilita a sua destruição, por meio da utilização de armas anticarro, minas terrestres e dispositivos explosivos improvisados pelo Ini em presença.
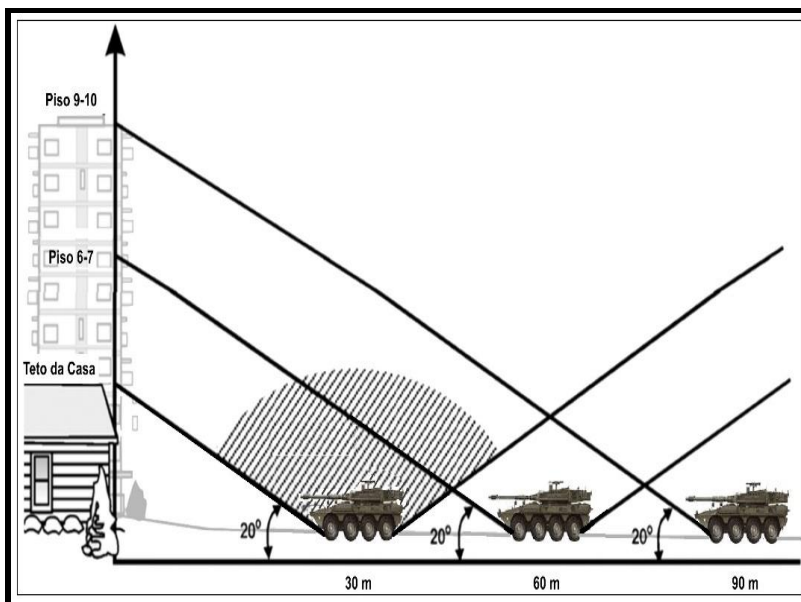
Fig 5-20 – Exemplo de restrição de observação (elevação)

5.3.1.5 O Cmt Esqd C Mec, ao planejar o emprego em uma área urbana, deve considerar os seguintes fundamentos:
a) realizar previamente operações de inteligência;
b) conduzir o combate aproximado;
c) evitar a aglomeração de meios na área;
d) manter o controle;
e) minimizar os danos colaterais;
f) separar combatentes de não combatentes;
g) interpretar a dimensão humana da A Op;
h) preservar a infraestrutura crítica; e
i) restaurar os serviços essenciais.

5.3.1.6 As Op urbanas podem ser divididas em três etapas:
a) etapa 1: planejamento;
b) etapa 2: preparação; e
c) etapa 3: execução.

5.3.1.7 No transcurso das operações, sempre que possível, as áreas urbanas devem ser desbordadas pelo Esqd C Mec. O emprego do Esqd no assalto às áreas edificadas não se constitui na melhor exploração das suas características.

5.3.1.8 O melhor emprego para um Esqd C Mec é no cerco ou no seu isolamento. Caso receba a missão de participar do investimento da área urbana, a melhor forma de organizar o Esqd é constituindo Pel Provs.

5.3.2 PLANEJAMENTO DAS OPERAÇÕES URBANAS

5.3.2.1 O planejamento do Rec de uma localidade/área edificada deve ser focado nos seguintes elementos:
a) análise das informações (inteligência) disponíveis (banco de dados);
b) determinar objetivos de Rec e Vig;
c) plano de infiltração e exfiltração;
d) sincronização do plano de Rec terrestre e aéreo;
e) coordenar o Ap F; e
f) contínuo melhoramento do croqui/planta da área.

5.3.2.2 O estudo do terreno deve ocorrer seguindo os fatores específicos abordados no manual de campanha Regimento de Cavalaria Mecanizado.

5.3.2.3 Medidas de Coordenação e Controle

5.3.2.3.1 Na figura abaixo, observa-se um método para a divisão da localidade em quadras e ruas. Para a designação das ruas, preferencialmente, deve ser utilizado o nome real dela.
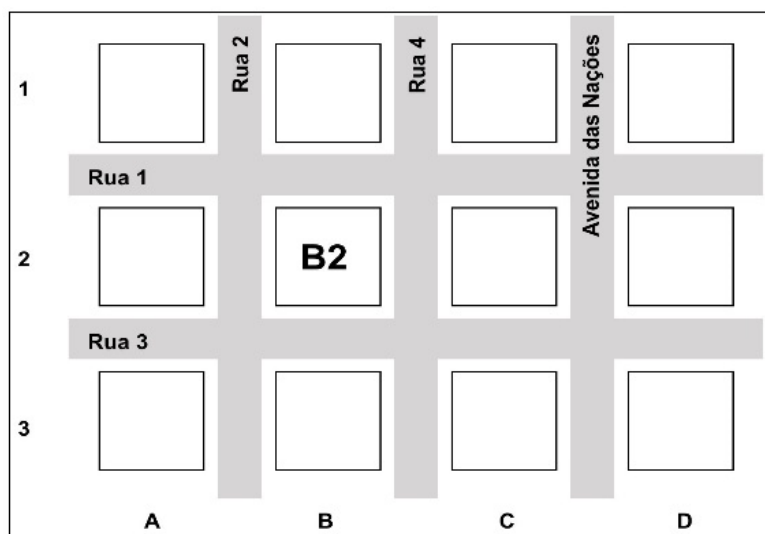
Fig 5-21 – Exemplo de método para a designação de quadras e ruas

5.3.2.3.2 Uma deficiência desse método é que ele não contempla todas as necessidades de acordo com o *layout* da cidade.

5.3.2.3.3 Podem ser utilizados os P Ct, L Ct, P Lig, limites, objetivos, região de interesse para a inteligência (RIPI), entre outras. Atenção especial deve ser dada à marcação dos limites, devendo-se utilizar a linha da borda das construções, de maneira a definir a responsabilidade por determinada rua (VA).
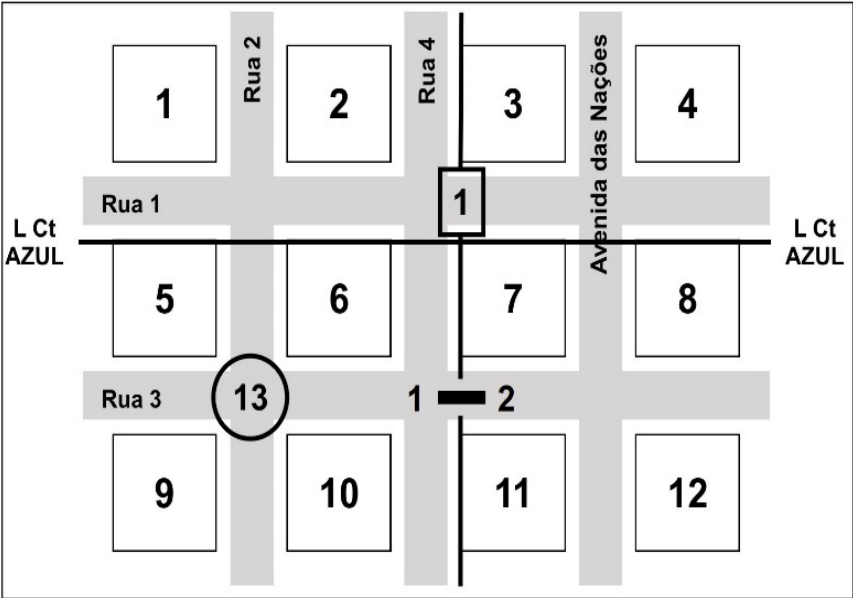
Fig 5-22 – Exemplos de medidas de coordenação e controle

5.3.2.3.4 Para a designação de objetivos horizontais em ruas, caso não exista nenhuma medida de coordenação (por exemplo, um P Ct), utiliza-se preferencialmente o padrão longitude e latitude. Esse ponto pode ser um entroncamento, cruzamento, rotatória *etc*. Da mesma forma, pode ser detalhado com a utilização dos pontos cardeais (cruzamento da rua 2 com rua 1 NE).
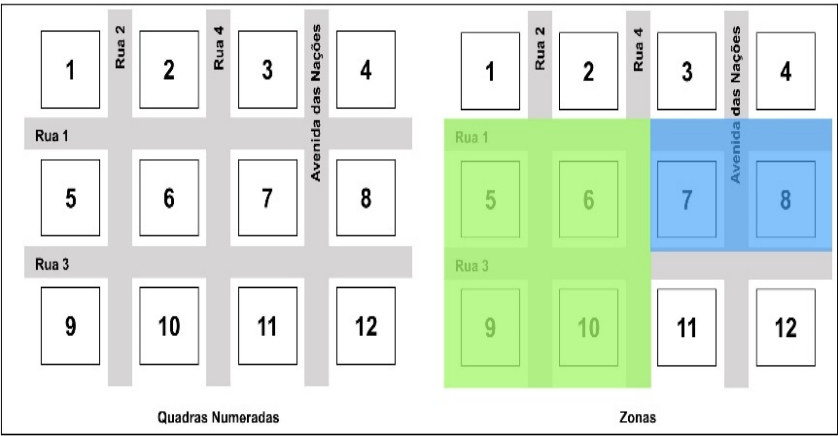
Fig 5-23 – Exemplo de divisão e designação de quadras e ruas

5.3.2.3.5 Para a designação de objetivos horizontais nas quadras, um método que pode ser utilizado é o de referência dos pontos cardeais (quadra 1 SE).
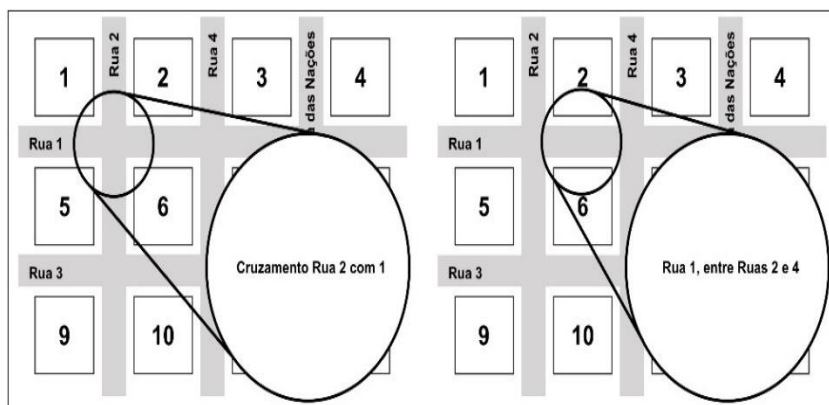
Fig 5-24 – Exemplo de objetivos horizontais em ruas
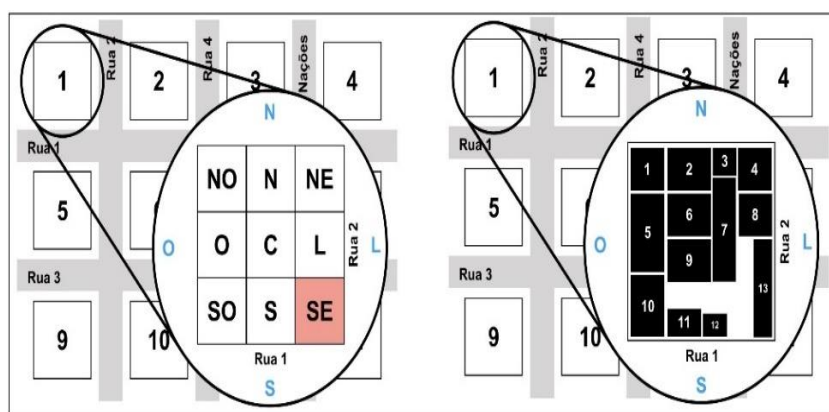
Fig 5-25 – Exemplo de objetivos horizontais em quadras

5.3.2.3.6 A padronização da designação de objetivos horizontais desde o nível SU até o nível Pel é de extrema importância para a coordenação do Ap F indireto e aéreo, devendo constar das NGA.

5.3.2.3.7 Para a designação de objetivos verticais, pode ser utilizado o método dos pontos cardeais, ou ainda a designação de cores ou porção (frente, fundos, lado direito ou esquerdo, sendo que estes dois últimos métodos estão diretamente relacionados com a direção de Atq (ataque linear – posição de referência).
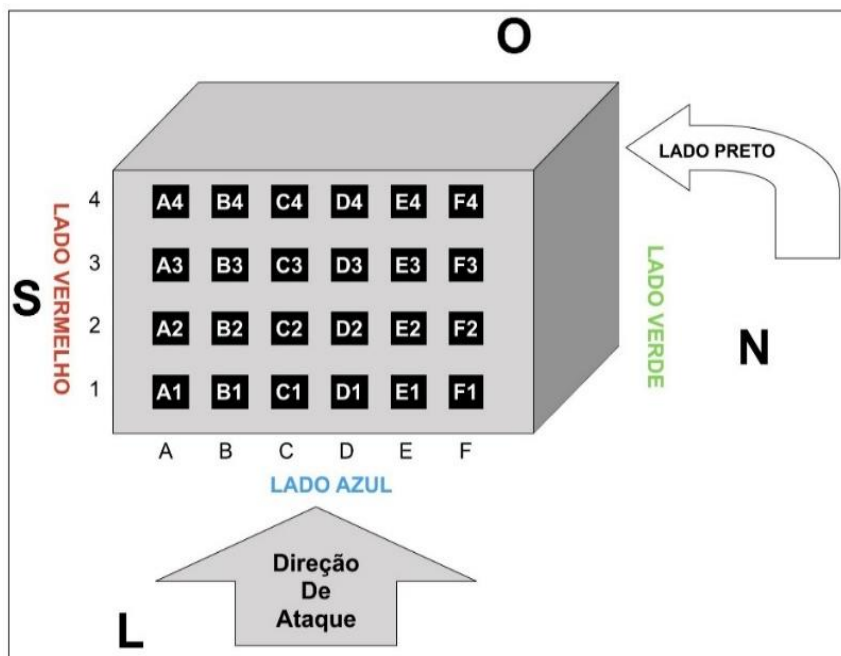
Fig 5-26 – Exemplo de objetivos verticais em construções

5.3.2.3.8 Designação de Objetivos

a) Quando o Esqd C Mec constituir ou integrar o Elm encarregado apenas da captura da localidade, enquanto outros Elm a desbordam ou isolam, recebe objetivos definidos e limitados no interior da localidade. Quando a localidade estiver contida por inteiro na sua Z Aç, ela pode constituir o objetivo de um de seus Pel C Mec, enquanto outros Elm a desbordam ou isolam no caso das pequenas localidades. Caso seja necessário empregar mais de um Pel C Mec para a conquista da localidade, o Esqd deve marcar objetivos de Pel em seu interior.

b) Quanto à sua posição relativa, os objetivos marcados pelo Esqd C Mec aos Elm subordinados podem estar situados:

- fora da localidade, em acidentes capitais dominantes das VA, para os elementos encarregados de desbordá-los ou isolá-la; e
- nas orlas anterior e posterior da localidade e, às vezes, entre ambas as orlas, para os Elm encarregados da limpeza da área edificada.

c) No interior da área edificada, podem ser designados como objetivos:

- instalações de utilidade pública, tais como estações de estrada de ferro, usinas de energia elétrica, estações elevatórias ou de captação de tratamento de água, postos telefônicos, portos, aeródromos e pontes;
- instalações militares e fortificações;
- edifícios da administração pública;
- pontos dominantes; e
- edificações de importância para o cumprimento da missão.

d) A forma geométrica da maioria das áreas edificadas facilita a designação de objetivos. O objetivo da orla anterior permite ao atacante reajustar seu dispositivo, cerrar à frente as armas de Ap e descentralizar o controle, tendo em vista a progressão no interior da localidade. O objetivo da orla posterior, caracterizando a última ação da limpeza da localidade, possibilita, se for o caso, o reajustamento e os reconhecimentos para o desembocar da localidade, no prosseguimento das operações. Os objetivos entre as orlas anterior e posterior atendem às necessidades de coordenação, limpeza e segurança.
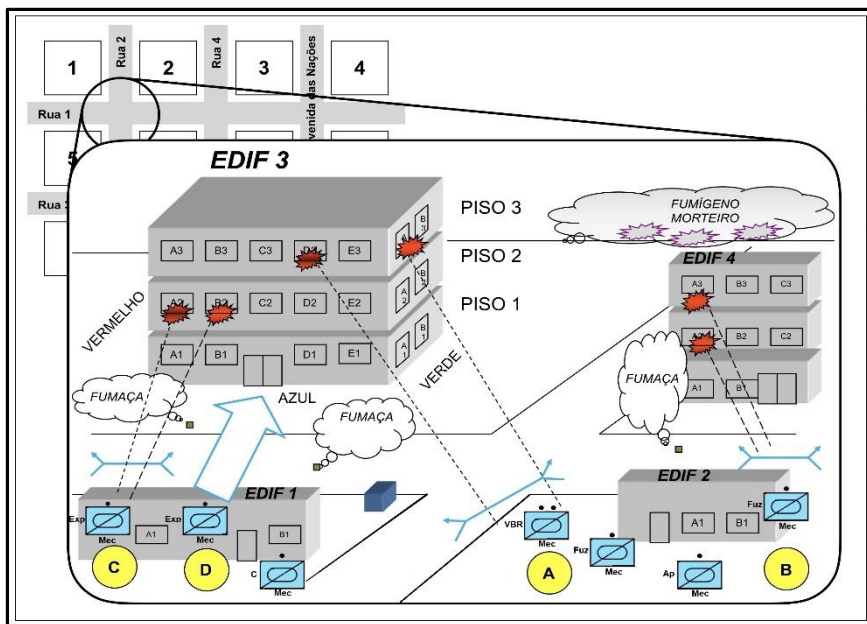
Fig 5-27 – Exemplo de ações da tropa mecanizada em área edificada

5.3.2.4 Apoio de Fogo

5.3.2.4.1 Quanto ao Ap F, o Esqd deve ter a capacidade de concentrar os fogos, sejam eles diretos ou indiretos. Para tanto, o controle dos fogos é vital para o cumprimento da missão, em que a compreensão das técnicas de Engj e controle de fogos devem ser do entendimento de todos, em função da constante necessidade de ajustes, controle da distribuição e mudanças de alvos.

5.3.2.4.2 Apoio de Fogo Direto

a) Para neutralizar a ação de inimigos a pé podem ser empregadas as metralhadoras das VB (e das viaturas táticas leves. Essas armas podem bater objetivos em andares mais altos ou ser empregadas dentro das edificações.

b) Os lança-granadas (L Gr) do G Exp e as armas AC leves (lança-rojões descartáveis) podem ser empregados, também, contra o Ini a pé, nas vias de

deslocamento ou no interior das edificações (uso restrito). Seu emprego pode ser eficiente contra barricadas, na abertura de pequenas passagens em paredes e muros, contra guarnições de armas automáticas, AC e na destruição de viaturas.

c) O canhão das VBC Cav (VBR) dos Pel C Mec é empregado como arma AC e em apoio à progressão dos Fuz e Exp na destruição de barricadas, abertura de passagens nas edificações contra frações inimigas em deslocamento nas vias de circulação. Seu emprego, entretanto, fica restrito ao nível das vias de circulação e aos andares mais baixos das edificações, em função do seu reduzido ângulo de elevação (em curtas distâncias).

d) A Seç Cçd do Pel Cmdo tem o emprego de seu armamento direcionado, prioritariamente, para a neutralização das armas anticarro e suas guarnições, facilitando a progressão das VBC Cav (VBR) da SU no interior da localidade. É empregada, também, na neutralização de franco-atiradores (*snipers*) e de outros alvos específicos.

e) A Seç MAC deve ser preservada para o combate AC a partir de posições elevadas à retaguarda dos elementos de 1º escalão ou nos Flc ou, ainda, para bater alvos muito específicos, quando não houver a possibilidade de sua neutralização por outros armamentos.

5.3.2.4.3 Apoio de Fogo Indireto

a) Os Mrt Me possuem um efeito limitado contra as estruturas de uma localidade, inclusive as espoletas com retardo raramente penetram, causando danos apenas ao pavimento que foi atingido, caso a estrutura seja menos resistente.

b) O fogo indireto dos Mrt P do RC Mec ou da Art de campanha (Cmp) do Esc Sp é mais efetivo contra alvos estruturais.

c) As construções mais altas podem causar a detonação prematura das granadas com sensores de aproximação, tanto dos Mrt como da Art Cmp. Da mesma forma, existe a necessidade de atentar para os espaços mortos para a trajetória do tiro.
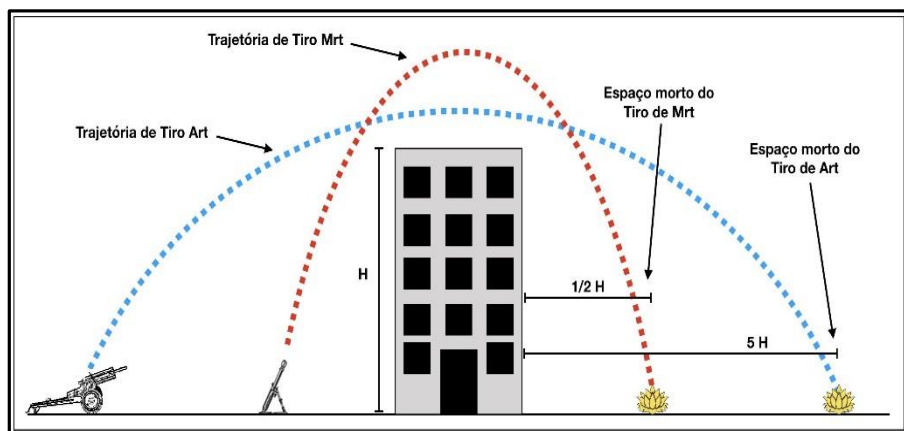
Fig 5-28 – Relação da trajetória de tiro de Art e Mrt – espaços mortos

5.3.2.4.4 As medidas de coordenação de fogos devem ser cuidadosamente planejadas devido à proximidade entre as forças amigas e inimigas. Ao planejar o Ap F, deve ser observado:
a) o terreno dessa área edificada, que fornece um maior número de posições cobertas e abrigadas que um terreno aberto;
b) a limitação que a área edificada impõe à observação terrestre;
c) a difícil condução e correção do tiro, pelo bloqueio da área de alvos pelos edifícios e outras construções;
d) a dificuldade da aquisição de alvos, em função das muitas posições e itinerários de deslocamento cobertos e abrigados do Ini;
e) a dificuldade de os observadores avançados determinarem os espaços mortos proporcionados pelas edificações (ângulos mortos); e
f) o emprego eficaz dos tiros de tempo para limpar as posições de Cçd nos telhados dos prédios.

5.3.2.4.5 A utilização de armas de tiro indireto quando no investimento a uma localidade deve ser precedida de um estudo judicioso sob a ótica das considerações civis, de modo a evitar excessivos danos colaterais, visando a manter o apoio da opinião pública.

5.3.2.4.6 No Cmb em área edificada, deve ser considerada a necessidade de se estabelecerem medidas de coordenação de fogos restritivas (linha de restrição de fogos – LRF, área de restrição de fogos ou áreas de fogo proibido), a fim de se proteger locais ocupados por civis ou instalações críticas no interior da localidade.

5.3.2.5 Apoio Aéreo Aproximado

5.3.2.5.1 O apoio aéreo aproximado é uma ação realizada por aviões e/ou helicópteros contra alvos hostis que estão perto de forças amigas, que requeiram coordenação de fogo aéreo e movimentos da F Ter.

5.3.2.5.2 O guia aéreo avançado (GAA), integrante da F Ter, e o controlador aéreo avançado (CAA), piloto da F Ae, são os Elm qualificados que podem auxiliar o Cmt Esqd C Mec no planejamento da solicitação de apoio aéreo aproximado. Esses elementos, a partir de uma posição avançada no terreno, fornecem as instruções mais precisas possíveis para que o piloto proceda ao ataque ao objetivo selecionado.

5.3.2.6 Apoio de Engenharia

5.3.2.6.1 O Esqd C Mec pode receber o Ap de elementos de Eng Cmb do Esc Sp, a fim de contribuir para o aumento de sua mobilidade, proteção e atuar na contramobilidade do Ini.

5.3.2.7 Reserva

5.3.2.7.1 O valor da Res do Esqd C Mec é mensurado em função da Z Aç atribuída ao Esqd, da expressão da localidade (se agindo isoladamente), da resistência que o Ini possa oferecer e dos reforços recebidos, se for o caso.

5.3.2.7.2 As restrições do Cmb no interior das cidades e as dificuldades de movimento, observação e comunicações tornam maiores as necessidades de reservas no escalão SU. Em consequência, a reserva do Esqd é, normalmente, menor que a do Cmb normal e poder consistir de apenas um Pel. Pequenas reservas de Pel são mantidas bem à frente, e a reserva do Esqd C Mec segue os Pel do escalão de Atq.

5.3.2.7.3 A Res tem como missões básicas repelir C Atq e realizar a limpeza das resistências desbordadas, podendo, ainda, receber missão de:
a) proteger um Flc exposto;
b) atuar no Flc, sob resistência inimiga que detenha uma SU do escalão de Atq, beneficiando-se da progressão da subunidade mais avançada;
c) substituir um Elm do escalão de Atq; e
d) corrigir erros de direção.

5.3.3 ATAQUE EM ÁREA URBANA

5.3.3.1 O ataque a uma localidade envolve o emprego de uma força de isolamento e uma força de investimento. No ataque a uma área urbana, o Esqd C Mec pode receber a missão de isolar a área da localidade ou investir. Como força de isolamento, pode aproveitar melhor suas características de tropa mecanizada.

5.3.3.2 A força de isolamento bloqueia as VA à localidade, conquistando regiões que interceptem suas entradas e saídas. A missão dessa força é apoiar a força de investimento, neutralizando os elementos inimigos que tentem entrar ou sair da localidade. Forças-tarefas (FT) à base de tropas de C Mec constituem os elementos mais adequados para compor uma força de isolamento.

5.3.3.3 A força de investimento, que executa a progressão no interior da localidade, é constituída, basicamente, por Fuz e Exp, atuando desembarcados, apoiados cerradamente pelas VB das frações da SU, sempre que possível (em função da defesa AC inimiga).

Fig 5-29 – Progressão das VBC Cav (VBR) à frente dos Fuz Mec

5.3.3.4 Em princípio, a melhor forma de organizar o Esqd C Mec para o investimento da localidade é constituir Pel Provs. Dessa forma, a progressão é realizada pelos Fuz Mec e Exp apoiados cerradamente pelas VBC Cav (VBR).

5.3.3.5 Durante a fase inicial do investimento, os Fuz e os Exp, em princípio, devem realizar o Atq desembarcados. Na Prog no interior da localidade, os Fuz e Exp devem, sempre que possível, avançar protegidos pelas VBC Cav (VBR), VBC Fuz (VBTP) e VBMT Rec.
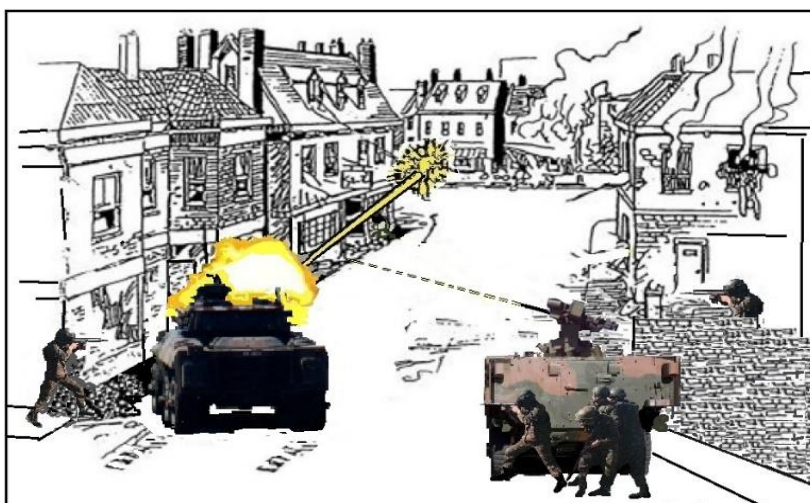
Fig 5-30 – Apoio de Fogo dos Fuz Mec e Exp na segurança aproximada das VBC Cav (VBR) e VBC Fuz (VBTP)

5.3.4 DEFESA EM ÁREA URBANA

5.3.4.1 A defesa de uma área urbana é organizada em torno dos acidentes capitais que possibilitem a manutenção da integridade da defesa e proporcione facilidades ao movimento do defensor.

5.3.4.2 Sistemas subterrâneos podem facilitar o movimento de forças a pé e proporcionar abrigos contra Atq aéreos. Os escombros e outros obstáculos são empregados ao máximo, sendo a defesa organizada em profundidade.

5.3.4.3 Apesar das edificações oferecerem vantagens ao defensor, dentro de áreas construídas, os meios Bld não podem ser empregados na sua plenitude.

5.3.4.4 Quando receber a missão de defender uma localidade, o Esqd C Mec deve ocupar e manter as orlas dessa localidade com seus Fuz Mec e Exp desembarcados, apoiados pelas VB da SU. O Cmt Esqd C Mec deve concluir, em seu estudo de situação, a melhor forma de organizar o Esqd.

5.3.4.5 Se o Esqd receber em Ap uma FT Bld, essa tropa deve ser preservada para realizar, inicialmente, C Atq fora da área edificada, passando, em seguida, a integrar a reserva.

CAPÍTULO VI

MOVIMENTO E MANOBRA
AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES TERRESTRES

6.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.1.1 Ações comuns podem ser realizadas por tropas de qualquer natureza, desde que tenham as capacidades necessárias.

6.1.2 Tais ações podem ser realizadas independentemente do tipo de Op básica ou complementar que esteja acontecendo em situação de guerra ou de não guerra. São executadas de acordo com a necessidade e podem ser realizadas em proveito da tropa que a executa ou do Esc Sp.

6.1.3 Entre as ações comuns às Op Ter, previstas no manual de campanha Operações, o Esqd C Mec possui melhores condições de realizar as seguintes ações:
a) reconhecimento, vigilância e segurança; e
b) substituição de tropas de combate.

6.2 AÇÕES COMUNS DE RECONHECIMENTO, VIGILÂNCIA E SEGURANÇA

6.2.1 GENERALIDADES

6.2.1.1 As ações comuns de Rec, Vig e Seg completam-se mutuamente e proporcionam a obtenção de dados sobre o Ini e a A Op, propiciando melhores condições para a tomada de decisão e maior proteção à tropa empregada.

6.2.1.2 Os meios de Vig e Rec (SARP, RVT, Cçd *etc.*), orgânicos ou não, devem ser empregados pelo Esqd C Mec sempre que disponíveis.

6.2.1.3 As ações comuns de Seg são as seguintes:
a) SEGAR;
b) ações contra Bld;
c) ações contra forças aeroterrestres e aeromóveis;
d) ações contra forças irregulares;
e) ações contra forças de infiltração; e
f) contrarreconhecimento (C Rec).

6.2.1.4 As TTP e as considerações específicas das ações de Rec e Vig estão descritas no Cap V.

6.2.2 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO NAS AÇÕES COMUNS DE SEGURANÇA

6.2.2.1 As ações comuns de Seg compreendem o conjunto de medidas adotadas pelo Esqd C Mec visando a prevenir-se e proteger-se da inquietação, da surpresa e da observação por parte do Ini em todos os tipos e missões a serem realizadas.

6.2.2.2 Ações Contra Blindados

6.2.2.2.1 A ação contra Bld é planejada para cobrir as prováveis VA de Bld inimigos, inclusive nas áreas do terreno aparentemente desfavoráveis ao seu emprego.

6.2.2.2.2 Apesar de ser uma ação de caráter Def, deve ser planejada para todas as Op e missões do Esqd onde o Ini possa atuar com Bld.

6.2.2.2.3 No planejamento dessa ação contra Bld, deve-se tirar o máximo proveito dos obstáculos naturais, das crateras e dos campos de minas AC, para facilitar a destruição dos meios do adversário ou para canalizá-los para os campos de tiro das armas AC. A ação contra Bld, também entendida como Defesa Anticarro (DAC), é estabelecida em profundidade, ao longo de toda a Z Aç da SU.

6.2.2.2.4 Na ação contra Bld, todas as frações do Esqd C Mec devem participar do Engj do Ini, empregando seu armamento AC orgânico (MAC, lança-granadas, lança-rojões descartável, canhão das VBC Cav-VBR *etc*.), em suas respectivas áreas de atuação ou emprego na Z Aç do Esqd C Mec.

6.2.2.2.5 Os MAC do RC Mec ou Esqd C Mec/Bda têm papel importante no planejamento da ação comum contra Bld (DAC), sendo empregados normalmente de forma centralizada, aprofundando a DAC e barrando a penetração de força Bld nos Flc ou na Rtgd.

6.2.2.2.6 No planejamento da ação comum contra Bld, o Cmt Esqd deve destacar, em seu esquema de manobra, as porções do terreno impeditivas ao trânsito de blindados, como florestas, bosques muito fechados, barragens, lagoas, regiões alagadiças *etc*. Isso permite uma visão mais clara das possíveis VA por onde possam surgir os Bld do Ini e das prováveis AE. Especial atenção deve ser dada às estradas e regiões descampadas.

6.2.2.2.7 Nas Op Def ou em situações estáticas do Cmb, o Esqd C Mec deve tirar o máximo proveito dos obstáculos naturais e artificiais (campos minados, fossos AC, por exemplo), visando à canalização do movimento do Ini para as AE, particularmente, onde as VA para Bld estão claramente identificadas.

6.2.2.3 Ações Contra Forças Aeroterrestres e Aeromóveis

6.2.2.3.1 As ações contra um envolvimento aeroterrestre ou um assalto Amv devem iniciar com a identificação de possíveis ZL, zonas de desembarque (Z Dbq), locais de aterragem (Loc Ater), zonas de pouso de helicópteros (ZPH) e campos de pouso na Z Aç do Esqd.

6.2.2.3.2 O plano de fogos do Esqd em Ap a essa ação comum de Seg deve incluir concentrações nessas prováveis áreas, e o plano de barreiras (nas Op Def) deve prever o lançamento de obstáculos para interditar tais locais e para bloquear as VA orientadas para o interior da posição ocupada pelo Esqd C Mec.

6.2.2.3.3 Identificado o risco do emprego dessas forças, cabe ao Cmt Esqd estabelecer um sistema de Vig para dar o alerta antecipado. A rapidez na contenção e no C Atq (Aet ou Amv) sobre o Ini que conseguiu realizar um envolvimento vertical ou um assalto Amv é vital para impedir a sua reorganização.

6.2.2.3.4 A Def contra forças Aet e Amv inclui sistemas de armas de DAAe, medidas de identificação e alarme, tropas em condições de defender prováveis ZL e Z Dbq e uma reserva com mobilidade tática para a destruição da tropa Ini.

6.2.2.3.5 Os objetivos do Ini, nessas Op, são cortar as linhas de suprimento, atacar áreas de Ap Log, garantir regiões de passagem, impedir o reforço da reserva aos elm em 1º Esc ou acelerar o cerco.

6.2.2.3.6 Uma operação Aet ou Amv é planejada e executada em diversas fases. As fases de maior interesse para o Esqd C Mec são a do deslocamento aéreo da tropa Aet ou Amv, o assalto e as Op subsequentes.

6.2.2.3.7 Na fase do deslocamento aéreo, o esforço do Esqd C Mec deve estar na montagem e na Op de um sistema de Vig que permita, com antecedência, identificar esse deslocamento e os locais do assalto. Caso estejam disponíveis armas com capacidade de DAAe ou o Ap da AAAe (Bda ou DE), deve ser iniciado o Atq às aeronaves utilizadas pelo Ini.

6.2.2.3.8 Na fase do assalto Aet ou Amv, o Esqd C Mec deve focar suas ações na destruição dos helicópteros (assalto aeromóvel) e na destruição da F Ini no solo, impedindo que ela possa se reorganizar e iniciar sua Aç Ofs.

6.2.2.4 Ações Contra Forças de Infiltração

6.2.2.4.1 A infiltração é a forma de manobra tática Ofs na qual uma força é desdobrada à retaguarda de uma posição inimiga por meio de um deslocamento dissimulado, com a finalidade de cumprir missão que contribua diretamente para o sucesso de uma manobra do escalão enquadrante da força infiltrante.

6.2.2.4.2 Normalmente, são objetivos de uma força de infiltração:
a) atacar posições sumariamente organizadas;
b) atacar pontos fortes, Res, instalações de Cmdo ou logísticas no Flc ou na Rtgd do Ini;
c) ocupar posições importantes que contribuam com a ação principal do Esc Sp;
d) conquistar terreno decisivo no contexto geral da Op; e
e) conduzir Op de inquietação e desgaste à retaguarda do Ini.

6.2.2.4.3 O planejamento do Esqd C Mec contra as forças de infiltração deve considerar que a não linearidade e a não continuidade da frente de Cmb facilitam as ações de infiltração do Ini.

6.2.2.4.4 As F Ini podem infiltrar-se e reunir-se em áreas à Rtgd dos Elm em 1º Esc para atacar, destruir e causar confusão nas instalações de C^2 e de logística do Esqd C Mec.

6.2.2.4.5 Todo esforço do Esqd C Mec deve ser feito para identificar as prováveis Z Reu ou pontos de concentração na Rtgd, onde deve ser dada prioridade para a destruição ou neutralização do Ini, antes mesmo de que este possa organizar-se e desencadear suas ações.

6.2.2.4.6 As ações contra forças de infiltração englobam todas as medidas executadas para se negar ao Ini informações sobre as ações e intenções do Esqd. As medidas de segurança normalmente adotadas pelo Esqd incluem ações para impedir o reconhecimento Ini (C Rec), segurança das informações, segurança das comunicações e segurança física (tropa, viaturas e instalações).

6.2.2.4.7 As seguintes medidas devem ser adotadas pelo Esqd C Mec para a defesa contra forças de infiltração:
a) planejar o emprego de patrulhas (à frente e no interior da posição ocupada pelo Esqd C Mec, ou Z Aç) e PO para localizar o Ini que tenta se infiltrar ou que já se infiltrou e procura reorganizar-se;
b) empregar na Vig todos os meios disponíveis para aumentar a Seg (dispositivos eletrônicos de vigilância, equipamentos de infravermelho, artifícios iluminativos, obstáculos de arame farpado, minas antipessoal *etc*.);
c) planejar e colocar em execução as ações de C Rec;
d) se disponível, planejar o emprego de meios aéreos no Rec à frente e nos Flc da posição do Esqd;
e) planejar e implementar medidas de Seg passiva (camuflagem, dispersão, utilização de cobertas e abrigos, disciplina de luzes e ruídos *etc*.). Na Def, todas as posições devem ser enterradas à medida que o tempo permita e, sempre que possível, devem ser construídos abrigos subterrâneos. Todas as posições das armas devem possuir cobertura protetora contra os efeitos dos fogos inimigos;
f) escalonar as posições ocupadas pela tropa em profundidade para aumentar e ter a eficiência e eficácia contra o Rec Ini, aproveitando o terreno para a montagem de emboscadas e para a destruição do Ini dentro de AE;

g) levantar e manter sob vigilância todas as áreas no interior da posição ou à Rtgd dos elementos em 1º escalão que possam servir de área de concentração ou reorganização de Elm inimigos infiltrados (Aet, Amv e Ter);
h) planejar o emprego da Res em toda a Z Aç para fazer frente às F Ini que se infiltrarem no dispositivo do Esqd; e
i) planejar fogos em apoio às ações contra forças de infiltração e ações planejadas da Res.

6.2.2.5 Ações Contra Forças Irregulares

6.2.2.5.1 No campo de batalha moderno, podem ocorrer Op e ações diversas à frente, nos Flc e na Rtgd do Esqd, de forma contínua ou não, desencadeadas por forças convencionais ou irregulares, com esses atores tomando parte na fluidez do Cmb. Diante desse cenário de incertezas, agentes descaracterizados (ou infiltrados na população) apresentam-se como as maiores ameaças à SU. Essas forças podem estar dispersas em amplos espaços, atuando primordialmente ao longo dos eixos rodoviários e nas localidades.

6.2.2.5.2 As forças e infraestruturas localizadas na área de Rtgd são vulneráveis às ações de forças irregulares. O Cmt Esqd deve dar atenção às medidas para impedir o apoio externo a essas forças, em coordenação com o planejamento da SEGAR do Esc Sp.

6.2.2.5.3 A efetividade das ações das forças irregulares depende, em grande parte, do apoio da população da área e de informações atualizadas sobre as nossas Op, exigindo atenção à Seg das comunicações e às medidas de Ptç eletrônica.

6.2.2.5.4 Para impedir ou neutralizar a ação de forças irregulares, é importante localizar possíveis áreas para o estabelecimento de suas bases, identificar seus líderes e colaboradores, negar o uso de suas fontes de suprimento e meios de comunicações.

6.2.2.5.5 As Op contra forças irregulares compreendem um conjunto abrangente de esforços integrados, civis e militares, desencadeados para derrotar forças irregulares, nacionais ou estrangeiras, dentro ou fora do território nacional.

6.2.2.5.6 Os seguintes requisitos fundamentais devem ser seguidos pelo Esqd C Mec para o êxito de suas Op contra forças irregulares:
a) conquistar o apoio da população é o aspecto mais importante. As Op contra forças irregulares bem-sucedidas devem ter como essencial possibilidade de êxito o apoio da população local na Z Aç do Esqd;
b) contribuir para a vitória na guerra de informação;
c) manter a iniciativa das ações;
d) possuir boa rede de informantes (que depende do apoio da população);
e) integração de esforços entre Elm civis e militares na Z Aç do Rgt;

f) mobilidade – a do Esqd C Mec é, em princípio, maior que a das forças irregulares;
g) busca permanente da surpresa;
h) emprego de Op psicológicas do Esc Sp; e
i) manter um contínuo adestramento da tropa contra forças irregulares, atualizando-o de acordo com os métodos empregados pela força irregular.

6.2.2.5.7 As principais ações, a serem planejadas pelo Esqd C Mec em sua Z Aç, para impedir ou neutralizar a ação das forças irregulares, devem ser:
a) localizar possíveis áreas para o estabelecimento de bases da força irregular;
b) identificar seus líderes e colaboradores; e
c) negar o uso de suas fontes de suprimento e meios de Com.

6.2.2.5.8 Nesse tipo de Op, a missão do Esqd C Mec em sua Z Aç é erradicar a ameaça proveniente das forças irregulares, principalmente de seu braço armado, isolando-o de seus apoios locais, desmantelando sua infraestrutura e neutralizando seu poder de Cmb. Nesse contexto, o Esqd C Mec deve realizar as seguintes ações:
a) prover a Seg, especialmente de área de Rtgd e de pontos sensíveis;
b) reconhecer a área de atuação das forças irregulares;
c) monitorar RIPI;
d) conquistar e manter acidentes capitais que possibilitem o desdobramento de outras tropas;
e) realizar ações diretas em conjunto com tropas especiais (que estiverem operando em sua Z Aç ou áreas vizinhas);
f) patrulhar vias de tráfego e itinerários de deslocamento motorizado e a pé;
g) ocupar posições para bloquear, manter o controle ou o acesso às áreas de interesse;
h) estabelecer postos de segurança estáticos (PSE) e P Blq e PBCE/PBCVU;
i) conduzir atividades, em conjunto com Elm de assuntos civis e assessorado por Op de forças especiais (quando disponíveis ou atuando em sua Z Aç), para obter o apoio da população local;
j) realizar isolamento e cerco em apoio às Op especiais (se for o caso);
k) executar ações de controle da população;
l) realizar escoltas de comboio e de autoridades; e
m) compor a reserva de um escalão considerado, quando determinado.

6.2.2.5.9 O Esqd C Mec pode realizar demonstrações de força para manter a força irregular em constante preocupação. No entanto, ao empregar os seus Bld, é importante considerar a possibilidade de emboscados pelas forças irregulares com utilização de armas AC e mesmo meios improvisados.

6.2.2.5.10 As forças irregulares atuam, normalmente, para desgastar e colocar o Esqd em um constante estado de alerta. Com isso, é fundamental que o Cmt Esqd e os Cmt Pel exerçam suas lideranças para manter os subordinados confiantes e motivados para o Cmb.

6.2.2.6 Segurança de Área de Retaguarda

6.2.2.6.1 A ação comum de SEGAR difere da operação complementar SEGAR apenas por ser planejada pelo RC Mec ou Esqd C Mec/Bda, realizada em proveito próprio (RC Mec ou Esqd C Mec/Bda). Nessa SEGAR (ação comum) devem ser empregadas as mesmas TTP, medidas de coordenação e controle e dados de planejamentoda da Op Cmpl SEGAR.

6.2.2.7 Contrarreconhecimento

6.2.2.7.1 O C Rec é um conjunto de TTP utilizadas pela F Seg nas missões de Cob, Ptç e Vig, destinadas a impedir, pelo Cmb, que elementos de Rec Ini obtenham informações sobre as nossas forças ou desdobrem meios que possam interferir no Cmb. O C Rec pode ser conduzido por meio de Aç Ofs (C Rec Ofs) ou Def (C Rec Def).

6.2.2.7.2 As TTP existentes antes da adoção dessa ação comum de C Rec previam que uma tropa executando uma Op ou ação de Seg deveria impedir o acesso do Ini a uma determinada área e impedir que realizasse a observação ou tiros diretos sobre a tropa coberta ou protegida. Com a adoção de novos meios de Cmb como as ARP, CLA e os RVT, bem como a ampla utilização de Cçd, essas ações tornaram-se insuficientes para a cobrir ou proteger o Esc Sp, pois o Ini, empregando esses novos meios, não necessita mais entrar na área de Seg ou aproximar-se até a distância de observação ou tiro direto para obter os informes desejados.

6.2.2.7.3 O C Rec ofensivo procura, deliberadamente, o contato com elementos de reconhecimento do inimigo, destruindo-os ou neutralizando-os pelo combate à frente da linha de segurança ou dos objetivos ocupados pela F Seg.

6.2.2.7.4 O C Rec Def procura evitar que elementos de Rec do Ini penetrem em determinadas áreas ou regiões da zona de ação da unidade ou do escalão superior. Pode ser conduzido à Rtgd de obstáculos naturais ou artificiais. Procura canalizar as faixas de infiltração do Rec Ini para AE onde serão destruídos ou neutralizados.

6.2.2.7.5 No nível Esqd, as ações de Rec são um complemento às ações e às TTP de Seg. Em princípio, no Esqd C Mec, não deve ser criada uma força específica para a execução das medidas e ações de C Rec. Todos os Elm da F Seg devem estar comprometidos com o C Rec e a execução de Aç Ofs para a destruição do Rec Ini à frente da L Seg ou no interior da A Seg.

6.2.2.7.6 Os Elm que conduzem as medidas e ações de C Rec devem ser escalonados em profundidade para terem maior eficiência e eficácia contra o Rec Ini, aproveitando o terreno para a montagem de emboscadas e para a destruição do Ini dentro de AE.

6.2.2.7.7 O apoio da Av Ex e da F Ae aumenta a eficácia do Cmb de C Rec, seja pela possibilidade de localização antecipada dos Elm Rec Ini e suas faixas de infiltração, seja pela destruição do Ini pelo fogo das Anv.

6.2.2.7.8 A utilização de equipamentos de visão noturna, individuais e veiculares, e de RVT aumenta muito a eficácia do C Rec, tendo em vista que possivelmente o Ini infiltra os seus meios de Rec à noite.

6.2.2.7.9 Planejamento e Execução do Contrarreconhecimento
a) As ações e medidas básicas de C Rec devem constar das NGA do Esqd C Mec. Durante o planejamento das Op Seg, pode surgir a necessidade de emprego de outras medidas e ações de C Rec não previstas nessas NGA. Essas novas medidas devem constar da ordem de operações (O Op) do Esqd C Mec, nas prescrições diversas ou nas ordens aos Elm subordinados.
b) No C Rec, o Esqd emprega seus pelotões, reforçados ou não por elementos de apoio ao combate (Mrt P, radar, ARP, Cçd *etc*.), para detectar e destruir o reconhecimento Ini, pelo fogo ou pelo Cmb aproximado, à frente da L Seg ou no interior da A Seg.
c) O S-2/S-3 do Esqd C Mec de Bda ou do RC Mec é o responsável pelo Plj do C Rec (o que levantar, onde buscar informações, onde realizar as ações, os objetivos e finalidade das ações de C Rec *etc*.).

6.2.2.7.10 Para mais informações sobre o emprego da tropa de cavalaria mecanizada no C Rec, recomenda-se consultar o item 4.14.2.4.7 do manual de campanha Brigada de Cavalaria Mecanizada, o item 6.2.4.7 do MC Regimento de Cavalaria Mecanizado e o item 8.2.4.2 do caderno de instrução Pelotão de Cavalaria Mecanizado.

6.3 AÇÃO DE SUBSTITUIÇÃO DE SUBUNIDADE DE COMBATE

6.3.1 GENERALIDADES

6.3.1.1 O Esqd C Mec pode executar uma substituição por meio de uma ultrapassagem, substituição em posição ou acolhimento. O Esqd pode, também, participar de uma substituição ordenada pelo Esc Sp ou dirigir e controlar substituições de seus Pel.

6.3.1.2 As substituições são Op Cmb realizadas por uma SU, ou parte dela, quando assume a Z Aç ou a missão de outra SU em qualquer missão de Cmb.

6.3.2 Os tipos de operações de substituição são:
a) substituição em posição;
b) ultrapassagem; e
c) acolhimento.

6.3.3 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO NA SUBSTITUIÇÃO EM POSIÇÃO

6.3.3.1 Generalidades

6.3.3.1.1 A substituição em posição é uma Op Cmb na qual uma SU é substituída, em uma área, por outra SU, após ordem do Esc Sp.

6.3.3.1.2 A substituição em posição é realizada com um dos seguintes objetivos:
a) dar continuidade a uma Def;
b) para preparação de um Atq;
c) para o prosseguimento de um Apvt Exi; e
d) em uma Op Seg, quando houver necessidade de substituir a tropa.

6.3.3.2 Planejamento da Substituição em Posição

6.3.3.2.1 Quando o Esqd C Mec realiza a substituição de outra SU em posição, recebe de seu Esc Sp a ordem preparatória, as condições de execução da substituição e outras informações relacionadas com a visibilidade, os prazos *etc*.

6.3.3.2.2 O Esc Sp, normalmente, determina que a substituição seja realizada à noite ou em condições de visibilidade reduzida; o intervalo de tempo no qual a Op deva ser realizada; e a sequência de substituição a ser empregada.

6.3.3.2.3 Após receber a ordem preparatória, o Cmt Esqd, com seu EM (no caso do Esqd C Mec de Bda), analisa a missão, expede ordens preparatórias e estabelece ligações com a U a ser substituída.

6.3.3.2.4 O Cmt Esqd, normalmente, estabelece seu PC nas vizinhanças PC da SU a ser substituída.

6.3.3.2.5 Trabalhos conjuntos são executados entre os Cmt das SU envolvidas na Op, visando a detalhar a ação e estabelecer critérios que não tenham sido definidos pelo Esc Sp.

6.3.3.2.6 Ao realizar a coordenação, deve-se observar o seguinte:
a) a troca de planos e de pessoal de ligação:
- ao Cmt Esqd C Mec devem ser fornecidas pela força substituída todas as informações necessárias, inclusive, planos defensivos existentes, planos de fogos, de barreira e C Atq; e
- para proporcionar maior eficiência na troca de informações, o Esqd C Mec recebe da SU substituída Elm de ligação, que são distribuídos pelos PC, a partir do escalão Pel.
b) a sequência da substituição (quando não especificada pelo Cmdo que ordena a substituição), para estabelecer uma Def mais forte durante a substituição, é executada por fases, da Rtgd para a frente ou da frente para a Rtgd;

c) a missão subsequente atribuída à SU que está executando;
d) as características da região de Op;
e) o efetivo e a eficiência de Cmb da SU substituída;
f) as possibilidades de o Ini descobrir a substituição e de reagir contra esta;
g) a necessidade de variar os padrões ou processo de substituição;
h) o valor e o tipo dos Elm envolvidos na substituição e a necessidade de manter o sigilo;
i) as substituições devem ser realizadas em períodos de visibilidade reduzida, normalmente à noite, a fim de manter o sigilo da Op;
j) por ser uma Op complexa, exige uma ampla coordenação entre os comandos das tropas substituídas e substitutas;
k) a ocasião da passagem do Cmdo:

- a ocasião ou as circunstâncias em que o Cmt que substitui assume a responsabilidade pela área são claramente estabelecidas por acordo mútuo ou pelo Esc Sp;
- até que se realize a passagem do Cmdo, o comando da SU substituída é responsável pela área e pelo cumprimento da missão, exercendo o controle operacional sobre todos os Elm subordinados da SU substituta que tenham completado sua parte na substituição. Durante esse período, as SU que chegam devem enquadrar-se aos planos de defesa do Elm que é substituído;
- normalmente, o Cmt Esqd C Mec assume o Cmdo quando os seus comandos subordinados assumem as responsabilidades dos Pel da área de defesa avançada e quando tiverem sido estabelecidos meios adequados de comunicações para controlar toda a Z Aç. Após a passagem de Cmdo, o Cmt substituto assume o controle operacional de todas as frações que devem sair e não tenham ainda sido substituídas; e
- deve haver uma cerrada coordenação entre os comandos e os Elm de comunicações das SU. A SU substituta utiliza, após a assunção de Cmdo, todos os sistemas de comunicações da SU substituída, sem comprometimento da fisionomia da frente. Sempre que possível, o pessoal de comunicações deve ser substituído antes dos Elm de combate.

l) o reconhecimento – todo o esforço deve ser feito no intuito de um completo Rec diurno pelo Cmt Esqd C Mec, membros do seu EM (Esqd C Mec de Bda) e todos os Cmt de elementos operacionais envolvidos na substituição;
m) a segurança – é feito o máximo esforço para impedir que o Ini tome conhecimento da substituição. Além de executar a substituição à noite ou durante os períodos de visibilidade reduzida, são observadas algumas medidas de segurança:

- as atividades normais na A Op são mantidas durante a substituição. A SU que substitui mantém os fogos de inquietação e interdição, patrulhas, tráfego de comunicações e movimentos anteriormente empregados pela SU que sai;
- são adotadas restrições quanto ao valor dos destacamentos avançados e dos de Rec da SU que substitui. Tais destacamentos deslocam-se para a A Op por infiltração;
- as redes de comunicações da SU substituída são utilizadas até que a Op de substituição seja completada;

- o plano de fogos da SU que é substituída é coordenado pela SU que substitui até que se realize a passagem do Cmdo;
- um plano integrado de dissimulação é executado, tanto pela SU que substitui como pela SU substituída; e
- a DAAe fica permanentemente em alerta e em condições de atuar durante a substituição.

n) as medidas de segurança – todo esforço deve ser feito para evitar revelar a operação ao Ini:
- manutenção da fisionomia da frente pela tropa substituída (patrulhas, fogos, comunicações e outros);
- sistema de rádio da tropa substituta em silêncio;
- defesa antiaérea em alerta durante a substituição; e
- limitação dos efetivos para os reconhecimentos.

o) o controle de movimento – a SU substituta e a SU substituída estabelecem um único Cmdo de trânsito, para o controle das SU que se deslocam para dentro e para fora da área;

p) a troca de equipamentos:
- em razão das dificuldades na colocação apropriada das armas durante a noite, o Cmt da SU substituída acerta a troca de armas que não podem ser facilmente removidas ou são necessárias para assegurar o emprego eficiente dos fogos;
- como alternativa, os reparos das metralhadoras pesadas e as placas base dos Mrt podem ser trocadas. A troca é na base de arma por arma. A autorização para tais trocas deve ser incluída na ordem de substituição do Cmt do escalão imediatamente superior; e
- a SU substituída deixa na posição os suprimentos volumosos e em excesso, tais como munições, materiais de fortificação de campanha, fios de telefone já lançados e outros suprimentos e equipamentos de difícil remoção.

q) o apoio logístico – as SU substituta e substituída coordenam o seguinte:
- transferência de suprimento;
- uso das instalações;
- transferência de PG;
- controle de refugiados;
- desdobramento dos órgãos de serviço;
- uso dos meios de transporte; e
- controle de trânsito.

6.3.3.2.7 Planejamento Simultâneo

a) O Esqd C Mec e a SU substituída expedem ordens determinando as substituições de acordo com os procedimentos coordenados na fase de planejamento.

b) Antes da expedição de ordens de Op, são distribuídas ordens fragmentárias aos Pel para permitir o planejamento simultâneo em todos os Esc interessados.

c) Quando o Esqd C Mec substitui SU de natureza diferente, o planejamento deve incluir a adaptação do dispositivo adotado pela SU substituída aos meios disponíveis no Esqd C Mec.

6.3.3.2.8 Sequência e Processo de Substituição

a) Sequência da substituição:

- a substituição na posição é executada em etapas, para garantir a eficiência da defesa durante a Op;
- as Res podem ser substituídas em primeiro lugar, seguidas pela substituição dos Elm avançados ou vice-versa;
- normalmente, quando a maioria das forças está desdobrada no LAADA, a substituição é conduzida da frente para a Rtgd; e
- a possibilidade de o Ini descobrir ou interferir na Op, aliada às características da região de Op e ao prazo disponível para execução da substituição, é fator que o Cmt Esqd considera na escolha do processo de substituição dos elementos desdobrados no LAADA.

b) Os fogos da SU substituída e da SU substituta devem assegurar o sucesso da Op e neutralizar a reação do Ini, no caso de a Op ser descoberta. Antes do início da Op, os fogos das armas de apoio (orgânicas das SU ou em apoio) devem prosseguir na realização de suas missões de tiro, de modo a não fornecer indícios ao Ini das atividades que estão sendo executadas na substituição.

c) Um esquema cuidadoso das substituições a serem executadas pelos Pel deve ser elaborado pelo Cmt do Esqd C Mec, a fim de reduzir ao mínimo o movimento de tropas na área de operações.

d) A substituição é conduzida tão rapidamente quanto possível para assegurar o controle e o sigilo. A SU substituída fornece Seg e Vig durante a execução da Op.

e) A coordenação com as SU vizinhas e de apoio fica a cargo da SU substituta.

f) O Esqd C Mec não designa Z Reu para escalões menores que SU. As Z Reu das SU são separadas, ao máximo possível, para diminuir a vulnerabilidade aos fogos Ini. As Z Reu das SU podem ser substituídas por pontos de liberação das SU e por pontos de liberação dos Pel, respectivamente. Evita-se a permanência excessiva dentro da Z Reu.

g) Os Fuz Mec, os Exp e os Elm das peças de apoio desembarcam o mais à frente possível, assegurando-se de não comprometer o sigilo da Op e deslocam-se a pé para ocupar as posições. As VBC Cav/VBR deslocam-se para a frente após completada a substituição pelas tropas desembarcadas.

h) As VBC Cav/VBR podem ser substituídas, individualmente ou por seções.

i) Os Esqd C Mec a ser substituídos podem retrair suas VBC Cav/VBR por infiltração, antes da substituição, de modo que tais ações não comprometam a Op.

j) Quando da passagem de Cmdo, o Cmt do Esqd C Mec substituto assume o controle de todos os Pel no setor, inclusive daqueles que ainda não foram substituídos.

k) Se ocorrer um ataque, antes de o Cmt Esqd ter assumido a responsabilidade do setor, os elementos da SU já desdobrados passam ao controle operacional da SU a ser substituída, para fazer face à ação inimiga.

l) As mudanças na organização da Def, desejadas pelo Cmt do Esqd C Mec que realiza a substituição, somente são iniciadas após a troca de responsabilidade sobre a posição.
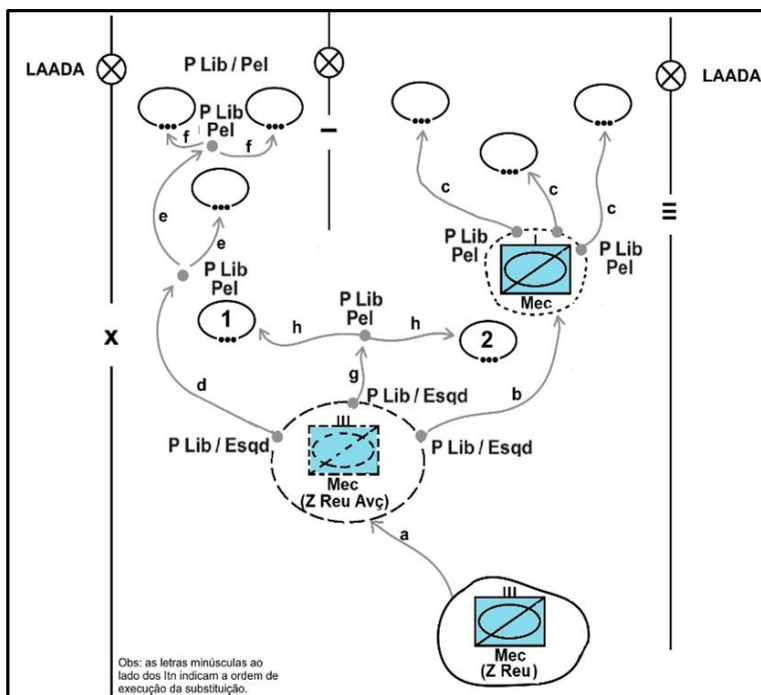
Fig 6-1 – Substituição em posição executada por um Esqd C Mec de RC Mec

6.3.3.2.9 Transferência de Responsabilidades dos Campos Minados

a) A transferência de responsabilidade de um campo minado de um Cmt para outro é feita por meio de um relatório.

b) O relatório de transferência deve ser assinado por ambos os Cmt e deve incluir um certificado onde o comandante do elemento substituto atesta que lhe foi mostrado no terreno ou, de outra maneira, todas as minas dentro de sua zona de responsabilidade, assumindo a completa responsabilidade por elas.

c) Essa transferência inclui os campos de proteção local, bem como os campos de minas ordenados pelo Esc Sp.

d) O relatório de transferência é remetido ao Esc imediatamente Sp que tenha autoridade sobre ambos os Cmt das forças que participaram da substituição.

6.3.4 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO NA ULTRAPASSAGEM

6.3.4.1 Generalidades

6.3.4.1.1 Ultrapassagem é uma operação na qual uma SU prossegue ofensivamente através de outra que se encontra em contato com o Ini.

6.3.4.1.2 O Esqd C Mec executa uma ultrapassagem para substituir uma subunidade desgastada ou desfalcada, para prosseguir ou iniciar um ataque ou para mudar o ritmo de uma operação.

6.3.4.1.3 A ultrapassagem pode ser realizada com a finalidade de:
a) realizar uma mudança de direção de ataque; e
b) iniciar uma ofensiva em frente na qual há estabilização.

6.3.4.1.4 Os elementos da SU ultrapassada permanecem em posição e apoiam a SU que ultrapassa até que seus fogos tornem-se ineficazes. A SU ultrapassada pode permanecer em posição ou ser empregada em outra ação. A SU em contato provê todo o apoio possível ao Esqd C Mec que vai ultrapassá-la.

6.3.4.2 Planejamento da Ultrapassagem

6.3.4.2.1 As normas de planejamento de uma ultrapassagem são semelhantes às da substituição em posição.

6.3.4.2.2 A realização de uma ultrapassagem exige um contato cerrado entre os comandantes das unidades que participam da operação. Nesse contato, é realizada uma reunião de planejamento para que sejam acertados todos os detalhes da operação.

6.3.4.2.3 O Cmt do Esqd C Mec que recebe uma ordem preparatória para uma operação que exija ultrapassagem liga-se, o mais cedo possível, com a SU a ser ultrapassada.

6.3.4.3 Coordenação da Ultrapassagem

6.3.4.3.1 Troca de Informações
a) A SU em contato fornece todos os informes possíveis, do Ini e do terreno, para a SU que vai realizar a ultrapassagem.
b) Tais informes devem incluir o valor, o dispositivo, a composição das forças inimigas e a localização dos blindados, armas anticarro e obstáculos inimigos.

6.3.4.3.2 Troca de planos táticos é executada entre as SU participantes da operação, inclusive dos planos de comunicações.

6.3.4.3.3 Reconhecimento
a) Um completo Rec deve ser feito pelo Cmt Esqd, bem como pelos Cmt Pel.
b) O Rec deve abranger os itinerários para os locais de ultrapassagem, o local em si mesmo e a localização das tropas em posição.
c) O Rec visual deve ser feito da área avançada da posição. Para isso, aeronaves podem ser utilizadas.

6.3.4.3.4 Segurança
a) Deve ser feito o máximo esforço para evitar que o Ini tome conhecimento da ultrapassagem.
b) O movimento através das posições deve ser conduzido à noite, o que exige um estrito controle e Rec antecipado, além da existência de guias nos Pel.

c) Os fogos de apoio, de morteiro pesado e artilharia devem ser solicitados, durante o movimento, para encobrir o ruído das Vtr.
d) Se o movimento através das posições for conduzido durante o dia, a fumaça pode ser empregada sobre os PO identificados e à frente das posições inimigas.
e) Enquanto a ultrapassagem está ocorrendo, a concentração de tropa apresenta-se como um excelente alvo para o Ini. Assim, a ultrapassagem deve ser realizada o mais rapidamente possível.

6.3.4.3.5 Seleção das Áreas de Ultrapassagem
a) Normalmente, as áreas selecionadas para ultrapassagem não devem estar ocupadas, mas localizadas entre os elementos da SU em posição ou em seus flancos.
b) Tal procedimento reduz a vulnerabilidade que se cria quando uma SU ultrapassa diretamente através de posições ocupadas por outras tropas. A área de ultrapassagem nada mais é do que uma faixa de terreno a ser utilizada para a ultrapassagem, compatível com o escalão que ultrapassa e previamente reconhecida, na qual a tropa que ultrapassa o faz sem perda de tempo e sem ocupar a área. A área de ultrapassagem não exclui a posição de Atq.
c) Pode ser necessário que a SU em contato reajuste seu dispositivo, a fim de permitir uma ultrapassagem mais satisfatória.

6.3.4.3.6 Prioridade para Utilização de Itinerários e Áreas
a) O Cmdo que dirige a ultrapassagem normalmente estabelece uma prioridade nas estradas e em determinadas áreas.
b) O Esqd C Mec que vai ultrapassar deve ter prioridade para utilização.
c) Informações completas ou informes sobre as estradas a serem utilizadas e áreas a serem ocupadas devem ser difundidos o mais cedo possível.
d) Os itinerários estabelecidos para os deslocamentos através da posição devem ser bem sinalizados e controlados. O ideal é que o Esqd C Mec e a SU em contato proporcionem guias até o escalão Pel.
e) O controle do trânsito, na área do Elm ultrapassado, é da responsabilidade deste até que a responsabilidade pela Z Aç seja transferida para o Esqd que ultrapassa.

6.3.4.3.7 Passagem do Comando
a) A hora e as condições em que a responsabilidade pelo controle da zona de ação é transferida ao Cmt que executa a ultrapassagem devem resultar de um acordo entre os dois comandantes interessados ou serem determinadas pelo escalão superior.
b) Normalmente, o Cmt do Esqd C Mec que ultrapassa assume responsabilidade pela Z Aç na hora do Atq. A responsabilidade pela Z Aç pode ser transferida na ocasião do desencadeamento dos fogos de preparação ou mais cedo, mediante ordem do Cmdo que determinar a ultrapassagem ou acordo entre as SU.
c) Em princípio, o Cmt SU em contato exerce o controle operacional sobre os Elm do Esqd C Mec em sua Z Aç até que a responsabilidade por essa área passe para o Cmt que realiza a ultrapassagem. Nessa ocasião, o Cmt Esqd assume o

controle das operações táticas de ambas as forças até que seja completada a ultrapassagem.

6.3.4.3.8 Apoio ao Combate e Logística

a) O elemento em contato proporciona todo o apoio ao Esqd C Mec, particularmente em relatórios de campos de minas, fornecimento de guias, Ap F e outros Ap Cmb.

b) Os elementos de Ap F das SU em contato são normalmente integrados no plano de Ap F do Esqd que vai realizar a ultrapassagem.

c) Os observadores avançados (OA) de Art e de Mrt em Ap ao Esqd devem manter contato com seus correspondentes para a troca de informações e tomar conhecimento dos pormenores do plano de Ap F.

d) Devido aos problemas de controle de Seg da tropa que ultrapassa, apenas os meios de fogos indiretos (Mrt Me) da SU em contato devem ser empregados para apoiar a SU que ultrapassa.

e) Dentro de suas possibilidades, a SU que está sendo ultrapassada fornece o Ap Log para o Esqd durante e imediatamente após a ultrapassagem. Esse Ap pode incluir o serviço de saúde, a condução de PG, o controle de trânsito, o controle de extraviados e o auxílio no manuseio de mortos. Normalmente, não inclui o apoio de suprimentos de classes III e V.

f) Havendo necessidade, dentro das possibilidades da SU substituída em prestar Ap, áreas de reabastecimento, dentro e fora das posições, são reconhecidas pelo pessoal do Esqd C Mec, auxiliado pelos guias fornecidos pelas SU em contato.

6.3.4.3.9 Outras Coordenações

a) Limpeza e marcação de brechas através de campos minados e obstáculos amigos, para permitir uma rápida ultrapassagem, são executadas pela SU que está sendo ultrapassada.

b) O Esqd C Mec deve providenciar seu próprio pessoal de controle para as brechas ou desfiladeiros, a fim de fiscalizar cada Pel.

c) Planos de dissimulação para manter o sigilo e facilitar a obtenção da surpresa devem ser realizados entre as SU envolvidas na ultrapassagem.

6.3.4.4 Execução da Ultrapassagem

6.3.4.4.1 Os Elm do Esqd C Mec iniciam seus deslocamentos da posição da Rtgd para a linha de partida na ocasião prevista.

6.3.4.4.2 Cuidadosos cálculos de marcha devem ser feitos para que os Pel ataquem na hora determinada, sem necessidade de usar posições de Atq. Esse procedimento reduz, ao mínimo, o tempo durante o qual as duas SU ficam concentradas na área avançada.
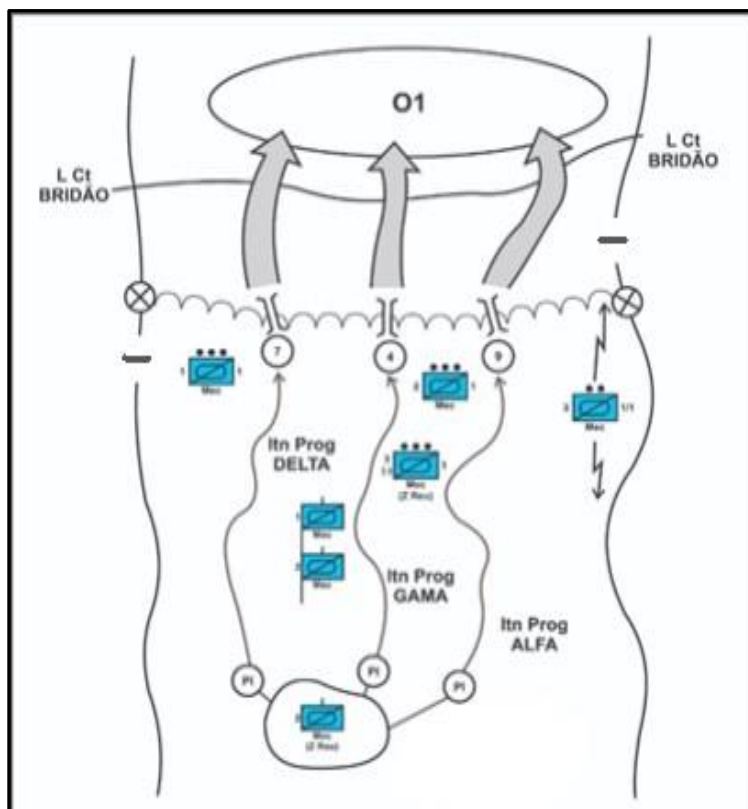
Fig 6-2 – O Esqd C Mec na ultrapassagem de outro Esqd C Mec

6.3.4.4.3 Não se deve, contudo, abdicar das vantagens fornecidas pela adoção de P Atq sem um meticuloso planejamento, notadamente se a ultrapassagem (Ultr) precede um Atq Coor.

6.3.5 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO NO ACOLHIMENTO

6.3.5.1 Generalidades

6.3.5.1.1 O acolhimento (Aclh) é uma Op na qual uma força que realiza um Mov Rtg passa através da Z Aç de uma outra força que ocupa uma P Def à Rtgd. O acolhimento perdura até que as forças que retraem coloquem-se sob proteção dos fogos do Elm à retaguarda.

6.3.5.1.2 Essa Op é bastante empregada pelas F Seg em retraimento para a ADA (Op Def) ou no retraimento de uma F Vig (Op Seg). É utilizada, também, quando se deseja substituir uma força que esteja demasiadamente empenhada ou se encontra muito desfalcada. Pode também ocorrer como parte de um Mov Rtg ou para permitir o retraimento de uma força que cumprirá uma outra missão.

6.3.5.1.3 As medidas são estabelecidas da mesma forma que na ultrapassagem, podendo-se considerar essa Op uma “ultrapassagem para retaguarda”. Deve ser estabelecido um sistema de identificação mútua entre as tropas.

6.3.5.1.4 O acolhimento pode ocorrer com ou sem contato com o Ini. Quando conduzido em contato com o Ini, o contato perdura até que as forças que retraem coloquem-se sob a proteção dos fogos do Elm que executa o acolhimento.

6.3.5.1.5 Após acolhida, a SU que retrai pode:
a) deslocar-se para área de repouso, a fim de reorganizar-se ou passar por outro período de instrução;
b) cobrir o retraimento de outra SU, quando integrando escalão que executa uma Aç Rtrd em posições alternadas; e
c) deslocar-se para outra área, a fim de ser empregada em uma nova situação.

6.3.5.2 Planejamento do Acolhimento

6.3.5.2.1 Coordenação
a) Nenhum Cmt, seja o que retrai, seja o que se encontra em posição, exerce o Cmdo sobre o outro, mas cada força pode apoiar a outra pelo fogo e pela manobra.
b) Após ter recebido a ordem preparatória, o Cmt Esqd estabelece ligações com seus correspondentes da subunidade em posição para coordenar o planejamento da operação. O pessoal de ligação é responsável direto pela coordenação dos pormenores. A troca de elementos de ligação é feita até o nível pelotão.
c) Um plano pormenorizado de reconhecimento deve ser preparado e cuidadosamente coordenado entre a SU a ser acolhida e a que se encontra em posição.

6.3.5.2.2 Seleção das Áreas de Passagem
a) Sempre que possível, as áreas ou pontos selecionados para a passagem das tropas que retraem devem estar desocupados e localizados entre os Elm da SU em posição, ou em Flc.
b) O dispositivo na P Def, os planos de fogos, a Seg, a vulnerabilidade e a missão subsequente do Esqd C Mec devem ser levados em conta na seleção das áreas ou pontos de passagem.
c) A vulnerabilidade aos Atq do Ini pode ser reduzida pela seleção de áreas ou de pontos que possibilitem ao Esqd passar pelos Flc ou áreas desocupadas da unidade em posição.

6.3.5.2.3 Itinerário de Retraimento
a) O Esqd utiliza vários itinerários de retraimento e evita a utilização de Z Reu ou paradas no interior da posição da SU que faz o acolhimento.
b) O Esqd deve ter prioridade nos itinerários e na utilização das instalações.

c) Quando possível, os itinerários de retraimento, particularmente para Elm de VBR, devem evitar locais organizados da P Def (núcleos de defesa).
d) O Cmt Esqd é responsável pelo controle de tráfego à frente da P Def, enquanto o Cmt em posição é responsável pelo controle do tráfego à Rtgd de sua área.

6.3.5.2.4 Assunção da Zona de Ação
a) A hora e as condições em que a responsabilidade pelo controle da zona de ação é transferida para o comandante da SU em posição são determinadas por entendimentos entre os dois Cmt interessados ou fixadas pelo escalão superior.
b) Na Aç Rtrd, a responsabilidade pela Z Aç, por parte do Cmt da força que retrai, termina por ocasião de seu acolhimento na posição. A cooperação e a coordenação são essenciais para que o retraimento se processe em boas condições.
c) Normalmente, em um retraimento através de uma posição à Rtgd, o Cmt da SU em posição assume a responsabilidade pelo controle da Z Aç quando a tropa que retrai atinge uma linha de segurança de apoio de Art ou uma linha de controle designada.

6.3.5.2.5 Apoio ao Combate e Apoio Logístico
a) O Esqd C Mec deve receber todo o apoio por parte da SU em posição.
b) Os fogos devem ser coordenados entre as duas forças participantes da Op. O Ap F prestado pela SU em posição é de grande importância, especialmente com relação à cobertura a ser dada aos destacamentos deixados em contato com o Ini.
c) Áreas de abastecimento devem ser escolhidas à Rtgd dos elementos que realizam o acolhimento para proporcionar abastecimento de emergência, quando necessário. As prioridades devem ser previamente definidas. Em princípio, a SU acolhida deve ter, após o Aclh, a oportunidade para ressuprimento em melhores condições (seja em zona de reunião, seja em instalações do Esc Sp, para o caso de emprego imediato). A fim de acelerar a consecução do acolhimento (Seg) e preservar a SU que acolhe e que passa para o primeiro escalão, para cumprir as missões subsequentes, não é conveniente utilizar as instalações logísticas (Log) da SU em posição, salvo para emergências (por exemplo manutenção de viaturas).
d) Os Itn Ret devem ser selecionados de modo a permitir o emprego de todas as armas da P Def, nas melhores condições possíveis.

Fig 6-3 – SU Mec acolhida por SU Bld

6.3.5.2.6 Medidas de Coordenação e Controle
a) As medidas por meio das quais a Op deve ser controlada e coordenada são previstas pelo Esc Sp ou acertadas entre os Cmt interessados.
b) Qualquer alteração das medidas de controle planejadas deve ser coordenada entre as U envolvidas e levadas ao conhecimento de todos os Elm interessados.
c) As medidas de coordenação e controle normalmente usadas são: os P Lig, os pontos de passagem, os Itn Ret, a hora de passagem e os sinais de Rec.

6.3.5.3 Execução do Retraimento

6.3.5.3.1 Na hora prevista, os elementos do Esqd C Mec iniciam o deslocamento para Rtgd. Sempre que possível, o Esqd inicia e termina esse deslocamento durante períodos de visibilidade reduzida, evitando utilizar Z Reu, principalmente dentro da Z Aç da SU que acolhe, e evitando deter-se na área de retaguarda da SU em posição, uma vez que isso provoca um desnecessário aumento de densidade de tropas na área de operação.

6.3.5.3.2 O Cmt Esqd em posição designa e controla vários itinerários para obter a necessária dispersão e para acelerar o movimento do Ret.

6.3.5.3.3 O Cmt Esqd é responsável pela identificação do último Elm de sua organização a passar através da SU em posição.

6.3.5.3.4 A fim de reduzir a densidade de tropas durante o Aclh, é conveniente retrair, em primeiro lugar, os Elm de Ap Log, a reserva (se houver), os Elm de Cmdo não essenciais e, posteriormente, os demais Elm de Cmdo e de Cmb.

6.3.5.3.5 No retraimento através de P Def de um escalão imediatamente Sp, o Esqd é responsável pelo controle do trânsito à frente da A Seg do escalão considerado; a SU em posição é responsável pelo controle do trânsito da posição para a Rtgd; e o Esc Sp, pelo controle de trânsito do Esqd desde o limite de Rtgd da SU em posição até a área de reunião ou nova posição.

CAPÍTULO VII

MOVIMENTO E MANOBRA
OPERAÇÕES EM AMBIENTES ESPECIAIS

7.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

7.1.1 O Esqd C Mec pode ser empregado em ambientes operacionais com características tão peculiares que exigem da tropa TTP específicos para o cumprimento de sua missão.

7.1.2 Neste capítulo, aborda-se o emprego do Esqd C Mec nos seguintes ambientes operacionais com características especiais: serra e terrenos montanhosos; matas densas e selva; e caatinga.

7.1.3 Operações nesses ambientes requerem um intensivo programa de preparação e apronto da tropa a fim de aclimatar os meios, humanos e materiais, e adaptar a doutrina às condições da área de emprego.

7.1.4 A aclimatação da tropa deve focalizar a adaptação dos quadros às diversas situações climáticas e intempéries de uma maneira geral.

7.1.5 Os elementos de saúde têm importância capital nessas atividades, determinando as enfermidades mais comuns e a resposta fisiológica da tropa quando em Op no ambiente adverso e hostil. Deve ser implementado um programa de medicina preventiva a fim de evitar um elevado número de baixas durante o emprego.

7.1.6 O material e os equipamentos individual e coletivo devem ser adaptados, garantindo maior durabilidade e conforto à tropa.

7.2 OPERAÇÕES EM SERRAS E TERRENOS MONTANHOSOS

7.2.1 GENERALIDADES

7.2.1.1 As características e as possibilidades do Esqd C Mec e de suas VB, se exploradas adequadamente, podem contribuir para o sucesso das Op nas regiões de serras e terrenos montanhosos, aumentando o poder de Cmb da tropa nesse ambiente operacional.

7.2.1.2 O relevo compartimentado das regiões de serras e de montanhas dificulta a construção de estradas, limita e retarda o movimento de tropas Mec aos poucos eixos existentes, tornando os deslocamentos vulneráveis aos fogos de

Art e aviação inimigos, bem como às emboscadas e aos Atq de surpresa desencadeados por forças a pé e Amv.

7.2.1.3 As regiões de serras e os terrenos montanhosos caracterizam-se, também, por mudanças rápidas e extremas da temperatura, acompanhadas por neblina ou chuva, o que dificulta e restringe, ainda mais, a observação e os campos de tiro.

7.2.1.4 Nesse cenário, crescem de valor como acidentes capitais as alturas que dominam as vias de transportes, as regiões de passagem entre as montanhas e as Pnt.

7.2.2 CONDUTA NAS OPERAÇÕES DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO NAS REGIÕES DE SERRAS E TERRENOS MONTANHOSOS

7.2.2.1 Tendo em vista as características dessas regiões, as ações a serem conduzidas por um Esqd C Mec restringem-se ao Rec e à Seg. As Aç Rtrd podem ser executadas desde que as posições de retardamento sejam servidas de itinerários de retraimento cobertos e abrigados. As demais Op, Ofs e Def, são limitadas pelo terreno, porém podem ser executadas, em caráter excepcional ou quando inseridas no contexto das demais missões. O deslocamento embarcado é praticamente limitado às estradas e caminhos.

7.2.2.2 As regiões de serras e montanhas, em virtude das restrições que impõem ao movimento, possibilitam a economia de meios, particularmente nas missões de Rec e de retardamento.

7.2.2.3 O emprego das VBC Cav (VBR) como base de fogos também é restrito, tendo em vista que, na maioria das vezes, essas viaturas ficam confinadas ao leito das estradas e trilhas. Em consequência, na constituição do Pel (ou fração) testa ou Vgd, deve-se priorizar o emprego de Fuz em detrimento das VBC Cav (VBR). Essas VB podem ter dificuldade para bater alvos localizados em cotas mais elevadas que as suas, em função do ângulo de tiro vertical de seu armamento principal, principalmente nos terrenos restritos e encaixotados.

7.2.2.4 As serras e montanhas apresentam problemas para as comunicações, afetando diretamente o sistema de C^2. As comunicações rádio, em especial, as de pequeno alcance, são afetadas pelos obstáculos interpostos e pela diferença de altitudes entre as estações, o que aumenta a importância do aprofundamento no estudo do terreno, das condições meteorológicas e do Ini, da realização de ensaios e do estabelecimento de NGA e condutas para cada fase da Op.

7.2.2.5 Tendo em vista as dificuldades de deslocamento e de coordenação, um excesso de medidas de coordenação e controle pode acarretar atrasos desnecessários à Op. Essas medidas devem restringir-se ao estritamente necessário, particularmente aos P Lig.

7.2.2.6 As Pnt, por serem locais de passagem obrigatória, revertem-se em regiões de capital interesse para as Op, devendo ser objeto de especial atenção, tanto no reconhecimento, nas Op Seg, no Apvt Exi, quanto na Aç Rtrd. Nas Op de cunho Ofs, a transposição das Pnt deve ser precedida de um cuidadoso Rec desta, realizado pelo Pel (ou fração) testa, bem como do Rec das regiões adjacentes visando a retirar os tiros diretos e a observação da segunda margem da Pnt. Na Aç Rtrd, as regiões de pontes são utilizadas, normalmente, como obstáculos onde se apoiam as posições de retardamento.

7.3 OPERAÇÕES EM REGIÕES DE MATAS DENSAS E SELVA

7.3.1 GENERALIDADES

7.3.1.1 As características e possibilidades do Esqd C Mec e de suas VB, se exploradas adequadamente, podem contribuir para o sucesso das Op nas regiões de densa cobertura vegetal, como as regiões cobertas pela floresta amazônica, mata atlântica, mata de araucárias e por matas cultivadas (reflorestamento), as quais permitem o emprego de forças Mec em determinados locais específicos, como estradas, aeroportos, campos de pouso e localidades, aumentando o poder de Cmb da tropa que opera nessas áreas.

7.3.1.2 Nas regiões de selva, particularmente na selva amazônica, a trafegabilidade normalmente se restringe às estradas, às trilhas e aos rios existentes. As estradas, que são em pequeno número, quando são de terra, dependem dos períodos de estiagem. As trilhas, estreitas e primárias, só atendem ao homem a pé. Já os rios, apesar de abundantes e de se constituírem em excelentes vias de transporte fluvial, ao contrário das estradas, dependem da pluviosidade para a sua plena utilização. Deve-se, ainda, considerar que, em determinados locais, a trafegabilidade fica de tal maneira restrita pela vegetação, várzeas, igapós e lagos, que só é possível o deslocamento fluvial e, em terra, pelas frações desembarcadas (a pé).

7.3.1.3 A selva e as regiões de matas densas caracterizam-se por árvores de grande porte, cujas copas são fechadas e superpostas, dificultando a penetração da luz solar, diminuindo sensivelmente o alcance da observação, dificultando o movimento do homem a pé, impedindo o movimento de viaturas em seu interior, reduzindo os campos de tiros e restringindo a exploração das Com rádio.

7.3.1.4 Nas regiões tropicais, as dificuldades impostas pela selva e pelas matas densas são agravadas pelo clima quente e úmido, que provoca uma acentuada fadiga física e moral do Cmb, além de propiciar um ambiente susceptível ao desenvolvimento de micro-organismos e insetos transmissores de inúmeras doenças, muitas delas letais. O clima (particularmente a umidade) pode ter efeito semelhante sobre as VB, demais viaturas, armamento e optrônicos do Esqd, exigindo a adoção de práticas diferenciadas de manutenção e conservação.

7.3.1.5 A vegetação da selva e das matas densas tropicais ou subtropicais, associada ao relevo ondulado e às chuvas, se por um lado dificulta o movimento, por outro, oferece cobertura para a execução de incursões, infiltrações e envolvimento sobre tropas estacionadas ou em deslocamento, favorecendo a obtenção da surpresa. Portanto, essa característica desse ambiente pode acarretar em um fator de força ou fraqueza para as frações do Esqd C Mec.

7.3.1.6 Em função das peculiaridades do Cmb nas regiões de mata densa e de selva, o emprego do Esqd C Mec fica, em princípio, restrito aos eixos Ter existentes na região, às localidades e às áreas desmatadas ou abertas que possam existir ao longo dos eixos.

7.3.2 CONDUTA NAS OPERAÇÕES NAS REGIÕES DE SELVA E DE MATAS DENSAS

7.3.2.1 Emprego do Esqd C Mec nas Regiões de Selva e de Matas Densas

7.3.2.1.1 O emprego do Esqd C Mec, nas regiões de selva e de matas densas, dificulta a exploração de algumas de suas características e é necessária a adoção de técnicas e processos de Cmb e de Ap Log especiais. As principais modificações táticas e logísticas devem ser:
a) grande redução na mobilidade das frações, restrita aos eixos e espaços abertos junto a estes e nas localidades;
b) redução dos campos de tiro e de observação;
c) alterações nas técnicas e no processo de deslocamento;
d) permanente necessidade de Seg em todas as direções;
e) maior dependência do Ap Fuz desembarcados e da Eng;
f) maior importância das missões de Def e Seg de áreas de Rtdr, como as de escolta de comboios, a Def de pontos fortes e a Seg de pontos sensíveis;
g) maior necessidade de manutenção de todos os equipamentos, armamentos e viaturas e o consequente aumento do consumo de suprimentos classe III e IX;
h) maior dificuldade na exploração das comunicações rádio;
i) realização de maior número de missões desembarcadas, particularmente dos Exp e Fuz;
j) restrições ao emprego dos canhões das VBC Cav (VBR) e dos Mrt; e
k) adaptação dos seus meios orgânicos ao transporte fluvial.

7.3.2.1.2 As restrições impostas pelo terreno à manobra, particularmente pela densa cobertura vegetal, diminuem sensivelmente a possibilidade de emprego do Esqd C Mec em Op Ofs ou Def em regiões de selva e matas densas, condicionando esse emprego quase que somente às Op Seg (Vig, Rec, Ptç), nas quais o terreno e a vegetação possibilitarem o emprego da SU.

7.3.2.1.3 O pequeno efetivo de Fuz do Pel C Mec, mesmo acrescido dos Exp, e a dificuldade de emprego das VB e demais viaturas da SU fora do eixo restringem o seu emprego nas Aç Ofs em regiões de densa cobertura vegetal. A tropa Mec,

em princípio, só deve realizar Op Ofs do tipo Atq, durante a execução de ações de Rec e nas missões de Seg, por ocasião dos Cmb de encontro, dos Atq Oport e dos Atq indispensáveis ao cumprimento dessas missões.

7.3.2.1.4 O emprego do Esqd C Mec nas Op Def, em regiões de densa cobertura vegetal, só deve ocorrer em situações excepcionais, em função das mesmas restrições para o emprego da Su nas Op Ofs, acrescidas da facilidade que a cobertura vegetal proporciona para a execução de incursões e infiltrações por parte do Ini. A tropa Mec pode ser empregada na defesa de P Sen ao longo dos eixos terrestres e de grandes bases de Cmb nas regiões desmatadas, nas cidades ou nas áreas de Rtgd.

7.3.2.1.5 Nas Op Rec e de Seg, em regiões de densa cobertura vegetal, o Pel testa do Esqd deve deslocar-se executando lanços sucessivos de frações, como forma de evitar uma emboscada da tropa como um todo. Na iminência do contato ou na possibilidade de transpor área sob o controle do Ini, todas as viaturas, particularmente, as VBC Cav (VBR) e VBC Fuz (VBTP), devem contar com a Def aproximada de Fuz e Exp.

7.3.2.1.6 Nas operações em regiões de matas densas ou de selva, o alcance rádio é em muito reduzido, por causa do efeito do anteparo da vegetação densa e das escarpas íngremes. A eficiência do rádio depende de sua localização e das condições atmosféricas. O emprego de Anv, quando disponíveis, deve ser considerado para a retransmissão rádio, principalmente nas situações críticas do combate.

7.3.2.2 Peculiaridades das Operações do Esqd C Mec em Regiões de Selva

7.3.2.2.1 Nas regiões de selva, o emprego do Esqd C Mec é, em princípio, restrito às missões de Seg, na Def de bases de Cmb, nos pontos fortes nas localidades, nos ancoradouros, nos campos de pouso e ao longo das estradas, nas escoltas de comboios e como reserva móvel e potente no interior de bases de Cmb de maior porte e importância. Seu emprego em Op Ofs é muito limitado e condicionado às características especiais do terreno, devendo, entretanto, ser realizado sempre que possível.

7.3.2.2.2 As principais ações táticas do Esqd C Mec nas regiões de selva são realizadas ao longo dos eixos trafegáveis existentes. Nessas ações, crescem de importância os acidentes do terreno que permitam o controle da circulação, como as localidades, os nós rodoviários, os campos de pouso e os ancoradouros.

7.3.2.2.3 Nas ações do Esqd C Mec realizadas em estradas, crescem de valor como acidentes capitais as Pnt, balsas e vaus, as localidades ao longo dos eixos, as próprias estradas e os rios navegáveis transversais a estas. A manutenção de seu domínio é indispensável ao sucesso das ações táticas e Op da SU.

7.3.2.2.4 A fim de poder cumprir suas missões em regiões de selva, em função do grande número de cursos d’água existentes ao longo dos eixos nessas regiões, o Esqd C Mec deve receber uma pequena quantidade de botes e/ou embarcações leves diversas (e as viaturas para o seu transporte), de modo a permitir a execução de Rec, golpes de sonda, Vig de Cmb nesses cursos de água, além de auxiliar no Ap Log e nas Op Cmpl e ações comuns de Seg, em complemento às Op Ter. Quando dotado de VBC Fuz ou VBTP com características anfíbias, o Esqd C Mec pode explorar essas características de suas VB para realizar a travessia de cursos de água, ampliando a área de emprego dos pelotões provisórios de fuzileiros mecanizados.

7.3.2.2.5 Os períodos chuvosos limitam ou impedem o emprego do Esqd C Mec embarcado nas estradas. Nessa situação, deve ser dada especial atenção para a possibilidade de a SU e suas frações ficarem detidas ou ilhadas em determinados locais mais baixos do terreno, em decorrência das chuvas e do repentino aumento do nível dos cursos d'água.

7.3.2.2.6 As selvas tropicais, por suas características fisiográficas, exigem que o Esqd C Mec (bem como as demais forças que não sejam desse ambiente operacional) esteja convenientemente aclimatado e familiarizado com as peculiaridades do combate na região onde vai operar antes de ser empregado.

7.3.2.2.7 A manutenção de viaturas, armamentos e equipamentos deve ser incrementada, objetivando combater a ferrugem, o mofo, o fungo nos equipamentos óticos e optrônicos e a sua deterioração causada pela excessiva umidade e pelas chuvas abundantes.

7.3.2.2.8 O Cmb nesse tipo especial de ambiente exige uma maior ação de Cmdo, particularmente na manutenção do moral da tropa e do estado de saúde dos combatentes.

7.3.2.3 Peculiaridades das Op do Esqd C Mec em Regiões de Mata Densa

7.3.2.3.1 Nas regiões de mata densa, o Esqd C Mec pode conduzir Op Def e Ofs (com restrições), bem como executar missões de Rec e de Seg, limitadas aos eixos, às clareiras, às pistas, aos campos de pouso e às localidades.

7.3.2.3.2 O movimento do Esqd em regiões de mata densa é limitado às estradas existentes e à vegetação rala a cavaleiro destas, em regiões de atividades da agropecuária ou da indústria madeireira. A formação mais indicada para o emprego da SU em deslocamentos no interior dessas regiões é “em coluna”, podendo ocorrer derivações em locais onde o terreno permitir.

7.3.2.3.3 Os Fuz e Exp são empregados para estender a Seg da SU e dos Pel no interior da mata, desbordar pontos fortes do Ini e dificultar o cerco ou o

desbordamento da SU. As VBC Cav (VBR) sofrem grande influência do meio ambiente para o seu emprego fora das estradas e trilhas existentes.

7.3.2.4 Operações do Esqd C Mec em Bosques

7.3.2.4.1 Durante as missões Seg e, nas Op Ofs, havendo dúvida sobre a presença do Ini, se a situação tática permitir, o acesso à região de bosques deve ser precedido de um Rec pelo fogo, visando a testar o dispositivo do Ini.

7.3.2.4.2 Confirmada a presença do Ini no interior do bosque, o ataque da SU ou de seus Pel deve ser, em princípio, executado em três fases:
a) ataque e ocupação da orla anterior;
b) progressão no interior; e
c) desembocar na orla posterior.
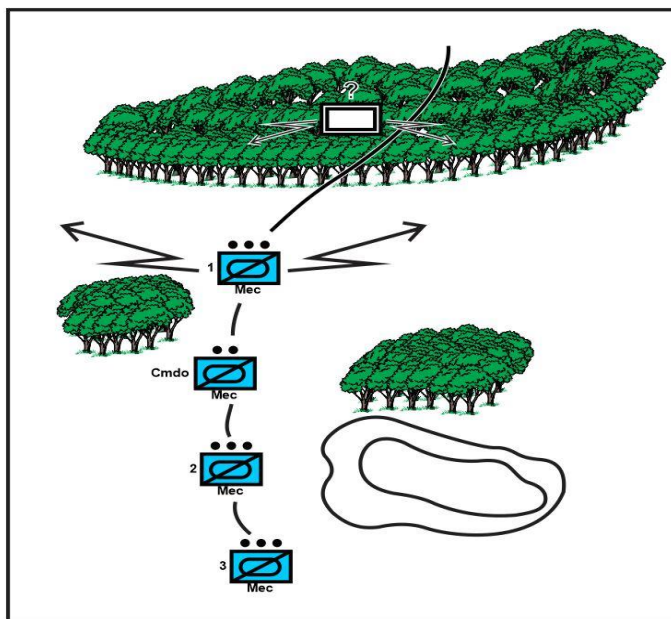
Fig 7-1 – Esqd C Mec no acesso à região de bosques

7.3.2.4.3 Ataque e Ocupação da Orla Anterior do Bosque
a) Esse Atq deve ser semelhante ao Atq a qualquer outra área defendida. A orla anterior é designada como objetivo, as VBC Cav (VBR) são empregadas na base de fogos e o assalto é realizado pelos Fuz e pelos Exp, desembarcados, que não forem empregados na Seg da tropa. Quando o escalão de ataque tiver que percorrer uma grande faixa do terreno exposta à observação e ao fogo do Ini, ele deve ser realizado durante as horas de escuridão ou coberto por fumaça. Os processos de Atq são os mesmos empregados contra uma posição organizada.

b) Quando se conquista a orla do bosque, o escalão de assalto consolida esse objetivo e se reorganiza. As distâncias e os intervalos entre as frações e as armas de apoio devem ser reduzidas de modo que o contato possa ser mantido durante o avanço através do bosque. Desde que a orla da mata não seja um bom alvo para a aviação e a Art inimigas, a consolidação e a reorganização devem ser rápidas. As VBC Cav (VBR), demais VB e viaturas só devem avançar após a consolidação do objetivo e de ter sido constatado que não há mais inimigos na área.

7.3.2.4.4 Progressão no Interior do Bosque

a) A tropa deve ficar em condições de se contrapor ao Atq do Ini, particularmente às emboscadas. Para tanto, os deslocamentos devem ser realizados por lanços e, dependendo da situação tática e da extensão dos bosques, com os Fuz desembarcados executando a Def aproximada das VB e demais viaturas da SU.

b) O bosque, por se constituir em excelente referencial para os fogos de apoio do Ini, deve ser transposto com a máxima rapidez e por escalão, evitando-se, assim, uma permanência prolongada e a concentração de tropas no interior da área.
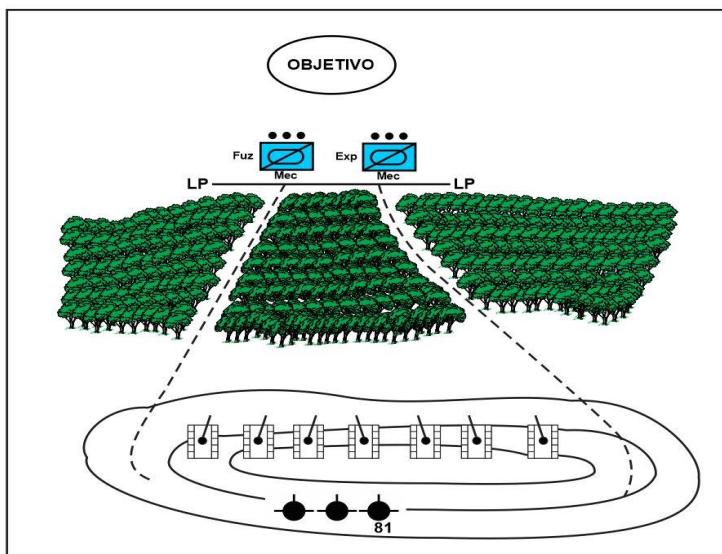
Fig 7-2 – Esqd C Mec no acesso à região de bosques

7.3.2.4.5 Desembocar na Orla Posterior do Bosque

a) O desembocar da orla posterior do bosque deve ser realizado com a máxima cautela, com os Fuz ocupando as posições de comandamento imediatamente à frente (as quais retiram o fogo direto e a observação da orla), de onde apoiam a aproximação das VBC Cav (VBR) para o prosseguimento da missão.

b) Os fogos de Art e Mrt, bem como o emprego de fumígenos, devem ser planejados para apoiar o desembocar da orla posterior.

7.3.2.4.6 O Esqd C Mec pode organizar-se para esse Atq, na região do bosque, com os seus Pel C Mec ou com Pel Provs. O Esqd deve prever em suas NGA as ações e as responsabilidades para realizar o emassamento de seus meios, quando necessário.

7.4 OPERAÇÕES NA CAATINGA

7.4.1 GENERALIDADES

7.4.1.1 As regiões de caatinga possuem as seguintes características gerais, que condicionam a manobra e o Ap log do Esqd C Mec:
a) o relevo é normalmente suave, com amplos espaços que favorecem a manobra, porém a superfície pedregosa e a vegetação característica da região dificultam o deslocamento da tropa Mec; e
b) as condições climáticas adversas dificultam as Op e a adaptação do homem devido às temperaturas elevadas, à poeira, ao solo pedregoso e à vegetação hostil.

7.4.2 CONDUTA NAS OPERAÇÕES EM REGIÕES DE CAATINGA

7.4.2.1 Generalidades

7.4.2.1.1 Nas regiões de caatinga, as Op do Esqd C Mec são facilitadas pela existência de campos de tiro e observação amplos e profundos, apesar de o movimento ser restrito às trilhas e estradas em determinadas áreas. A vegetação ressecada, os seixos e as pedras do terreno podem restringir o movimento de viaturas, exigir maior atenção por parte dos motoristas e maior trabalho das equipes de manutenção.

7.4.2.1.2 A doutrina prevista para as ações de Rec e Op Seg, Ofs e Def aplica-se às operações na caatinga. Entretanto, essas Op são influenciadas pelos seguintes fatores:
a) campos de tiro extensos;
b) menor restrição à manobra, porém maiores restrições quanto à localização e utilização das vias de transportes Ter;
c) aumento das necessidades de Seg e das medidas de dissimulação de Cmb, tendo em vista as dificuldades de camuflagem para forças Mec;
d) maiores possibilidades de se obter a surpresa;
e) maior dificuldade na realização do Ap Log; e
f) elevadas necessidades de suprimento e de manutenção das viaturas, armamento, optrônicos e equipamentos diversos, motivada pela poeira, elevada temperatura e terreno pedregoso.

7.4.2.1.3 Nesse tipo de Op, as formas de manobra de desbordamento e de envolvimento podem ser utilizadas, possibilitando melhor aproveitamento das características do Esqd C Mec.

7.4.2.1.4 O Ap Log é difícil, crescendo de importância o controle das localidades e das fontes de víveres e água.

7.4.2.2 Peculiaridades das Ações de Reconhecimento e Segurança

7.4.2.2.1 As ações de Rec e Seg são valorizadas nesse tipo de ambiente, que possibilita movimentos amplos por parte das tropas em presença.

7.4.2.2.2 Durante o Rec, deve-se buscar o máximo emprego dos meios aéreos que estiverem em apoio ao Esqd, a fim de determinar a localização e a direção da força principal do oponente na Z Aç da SU, particularmente nos Flc. Os Cmt devem ter cuidado especial com a manutenção do sigilo devido à poeira levantada durante os deslocamentos das viaturas.

7.4.2.2.3 Os informes a respeito dos recursos locais que possam facilitar o Ap Log devem ser incluídos nos elementos essenciais de inteligência dos Rec.

7.4.2.2.4 Nas Op Seg, a utilização de uma rede de Vig dotada de meios móveis e de comunicações de grande alcance reduzem as dificuldades causadas pelos espaços amplos, economizando os meios disponíveis. A Fg deve ser priorizada, tendo em vista a facilidade de realização de manobras de Flc por parte do Ini.

7.4.2.3 Peculiaridades das Operações Ofensivas

7.4.2.3.1 Nas Op Ofs, os desbordamentos realizados por forças móveis são favorecidos pelos amplos espaços.

7.4.2.3.2 A surpresa deve ser buscada pelo emprego das medidas de dissimulação, de comunicações e por deslocamentos rápidos realizados em período de visibilidade reduzida.

7.4.2.3.3 Os objetivos dos Atq devem englobar concentrações de tropas Ini, os entroncamentos das vias de transportes Ter, as instalações de suprimentos, as fontes de água e recursos naturais e os pontos-chave do terreno.

7.4.2.3.4 Nos Cmb, devem-se priorizar as manobras de desbordamento e envolvimento, explorando as características do terreno.

7.4.2.4 Peculiaridades das Operações Defensivas

7.4.2.4.1 De um modo geral, as Op Def são executadas de acordo com a doutrina prevista neste manual, levando-se em consideração as características da caatinga e seus efeitos sobre o Cmb.

CAPÍTULO VIII

INTELIGÊNCIA

8.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

8.1.1 A função de combate inteligência (Intlg) compreende o conjunto de atividades, tarefas e sistemas inter-relacionados, empregados para assegurar a compreensão sobre o ambiente operacional, as ameaças (atuais e potenciais), o Ini, o terreno e as considerações civis**.** Com base nas diretrizes do Cmt do Esqd C Mec e do Esc Sp, normalmente expressas nas necessidades de inteligência (NI), são executadas as tarefas associadas às atividades de IRVA.

8.2 INTELIGÊNCIA NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO DE BRIGADA

8.2.1 A 2ª Seção do Esqd C Mec de Bda é a responsável por planejar, orientar, coordenar e supervisionar todas as atividades de Intlg na sua área de responsabilidade, trabalhando de modo semelhante à do RC Mec.

8.2.2 O grupo de inteligência e operações do Esqd C Mec (Gp Intlg Op), orientado pelo S-2/S-3, deve coordenar o emprego de todos os meios orgânicos do Esqd C Mec e dos recebidos do Esc Sp para a obtenção de dados. Deve ainda, estabelecer a prioridade e a urgência para obtenção desses dados, especificando a fonte mais adequada, sempre que isso for possível.

8.2.3 O Cmt de Esqd é o principal responsável pelos assuntos de Intlg. É de sua responsabilidade orientar, coordenar e difundir os conhecimentos.

8.2.4 Nenhuma proposta do Gp Intlg Op que afete a decisão do Cmt de Esqd pode ser apresentada sem a coordenação com ele.

8.2.5 O Cmt de Esqd deve estar ciente do planejamento de Intlg, sabendo de suas necessidades, que são consolidadas no plano de obtenção de conhecimento (POC).

8.2.6 Todas as frações do Esqd C Mec têm a responsabilidade de transmitir, com oportunidade, dados e conhecimentos sobre o Ini para o Cmdo. Devido às suas características, os Pel C Mec e o Pel Provs Exp são as frações mais aptas para a busca de dados sobre o Ini e o terreno do esquadrão.

8.2.7 Em relação aos meios de sensoriamento distintos da fonte humana, o Esqd C Mec dispõe de um Gp de Vig Ter Obs no Pel C Ap. Tal grupo está organizado com duas turmas de vigilância terrestre (Tu Vig Ter – RVT) e uma turma de aeronaves remotamente pilotadas (Tu ARP). Essas três turmas contam com equipamentos que podem obter imagens da área de Op em tempo real, contribuindo para melhor consciência situacional e tomada de decisão.

8.2.8 As Tu Vig Ter do Esqd C Mec possuem os seguintes RVT:
a) a 1ª Tu equipada com 01 (um) RVT móvel, que pode operar instalado em sua viatura ou sobre reparo no solo; e
b) a 2ª Tu Vig Ter é equipada com 01 (um) RVT transportável, que pode ser empregado instalado sobre uma viatura ou sobre seu reparo no solo. Além disso, pode ser dividido em partes e transportado em fardos por militares a pé.

Fig 8-1 – Emprego do RVT

8.2.9 Cada Tu Vig Ter possui, para emprego em conjunto com os RVT, 01 (uma) câmera de imagem termal de longo alcance, as CLA (câmera de longo alcance), o que amplia bastante a capacidade de busca de informes sobre o Ini.

8.2.10 A CLA é um sistema modular de observação e aquisição de alvos em longo alcance, utilizado para observar alvos terrestres a partir do solo, nas operações de guerra e não guerra, permitindo identificá-los, analisá-los e acompanhar o seu movimento. A CLA necessita de linha de visada direta (LOS – *line of sight*) para detectar alvos. O emprego das CLA em conjunto com os RVT possibilita ao Esqd C Mec:
a) manter a observação diurna e noturna em diversas condições climáticas;

b) realizar a medição de distância com alta precisão (pelo uso de telêmetro a *laser*);
c) empregar a CLA como sistema de aquisição de alvos (aquisição da própria localização e do norte);
d) realizar o acompanhamento e rastreamento de diversos alvos; e
e) realizar a observação e condução de fogos.

8.2.11 As principais limitações ao emprego da CLA são:
a) suscetibilidade à atuação da guerra eletrônica inimiga;
b) necessidade de visada direta com alvo; e
c) bloqueio de sua visada direta pela vegetação ou obstáculos naturais.

8.2.12 O RVT é um equipamento que pode executar operações de vigilância, aquisição, classificação, localização, rastreamento e exibição gráfica automática de alvos em terra, tais como indivíduos em solo, tropas, blindados, caminhões e outros, a grande distância, de dia e à noite, possibilitando determinar suas dimensões, natureza e deslocamento (direção e velocidade).

8.2.13 O RVT necessita de linha de visada direta para detectar o seu alvo. É empregado em conjunto com a CLA. As principais possibilidades do emprego dos RVT em operações são:
a) vigiar a Z Aç, em 360º ou em setores definidos, para coleta de dados sobre as forças amigas, inimigas e na ajustagem dos fogos indiretos;
b) complementar o trabalho dos OA na localização, identificação e no acompanhamento de alvos;
c) manter vigilância sobre rotas de aproximação de helicópteros e outras aeronaves inimigas, a baixa altura;
d) aumentar a capacidade de reconhecimento e de vigilância dos exploradores e de patrulhas, pela observação de áreas além do alcance visual;
e) auxiliar no controle das peças de manobra do Esqd C Mec e de elementos vizinhos, especialmente em operações noturnas, localizando-as e alertando-as sobre atividades inimigas próximas às suas posições ou ao longo dos seus itinerários e eixos de progressão; e
f) confirmar alvos detectados por outros meios de vigilância eletrônica e busca de alvos.

8.2.14 O emprego das ARP pelo Esqd complementa e reforça as capacidades militares terrestres de seus pelotões. Seu emprego típico está relacionado à obtenção de informações e à aquisição de alvos, além da visada direta e em profundidade, possibilitadas pela capacidade desses meios de sobrevoar zonas hostis.

Fig 8-2 – Emprego de ARP

8.2.15 As principais limitações das ARP (categoria 0) empregadas pelo Esqd C Mec são:
a) dependência de condições meteorológicas favoráveis;
b) possibilidade de detecção por observadores terrestres Ini, situação em que ficam vulneráveis; e
c) limitada autonomia de voo e de alcance.

8.2.16 A turma SARP é a fração que opera as aeronaves remotamente pilotadas categoria 0. Esses equipamentos permitem ao S-2/S-3 a coleta de informes precisos, com rapidez, em tempo real, complementando os informes obtidos pelos Pel C Mec.

8.2.17 O S-2/S-3 do Esqd C Mec conta, ainda, para a busca de dados de inteligência, com 01 (uma) equipe de caçadores (Pel C Ap). Tal equipe, além de suas missões de apoio de fogo sobre alvos críticos para o Esqd (armas anticarro e caçadores inimigos), pode realizar missões em proveito do sistema de inteligência, observando, coletando e fornecendo informações detalhadas sobre o Ini.

Fig 8-3 – Emprego dos caçadores

8.2.18 A função de combate inteligência, nos Esqd C Mec, além dos equipamentos e frações especializadas já citadas, conta com meios e pessoal de seus 03 (três) Pel C Mec para a obtenção e confirmação de informes.

8.3 INTELIGÊNCIA NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO DE REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO

8.3.1 O Cmt Esqd C Mec é o responsável pela execução do planejamento de Inteligência do S-2 do RC Mec, no que diz respeito à sua SU e em sua Z Aç. O S Cmt do Esqd C Mec, os Cmt Pel C Mec e Cmt Seç Cmdo auxiliam o Cmt Esqd C Mec na execução das ações de inteligência na SU.

8.3.2 O Cmt de Esqd orienta a sua SU na execução das ações de inteligência e coordena a difusão dos conhecimentos de inteligência recebidos do RC Mec.

8.3.3 O emprego dos Pel C Mec e suas frações, nas missões de Inteligência planejadas pelo S-2 do RC Mec, é orientado e supervisionado pelo Cmt SU.

Fig 8-4 – Emprego dos exploradores

8.3.4 Compete, também, ao Cmt SU o emprego das frações especializadas de busca de dados do Esqd C Ap (RVT, ARP, Cçd) recebidas em apoio (de acordo com o Plj do S-2).

8.3.5 O Cmt SU deve coordenar as ações de seu Esqd com as ações das frações especializadas do Esqd C Ap que estarão operando em sua Z Aç, sob coordenação direta do S-2 do RC Mec.

8.3.6 Todas as frações do Esqd C Mec têm a responsabilidade de transmitir, com oportunidade, dados e conhecimentos sobre o Ini e sobre a região de operações para o Cmt Esqd C Mec. Este analisa e consolida os informes recebidos de seus elementos subordinados e os remete ao S-2.

8.3.7 O emprego das frações especializadas do Esqd C Ap pelo Esqd C Mec de RC Mec (recebidas em reforço ou apoio) segue as mesmas orientações constantes do Esqd C Mec/Bda.

8.4 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO E A CONSCIÊNCIA SITUACIONAL

8.4.1 A consciência situacional é a percepção precisa dos fatores e condições que afetam a execução da tarefa durante um determinado período de tempo. O aumento do nível de consciência situacional permite maior assertividade no processo de tomada de decisão e planejamento de ações futuras, decidindo pelo emprego de meios na medida certa e nos momentos e locais decisivos.

8.4.2 A inteligência contribui para a consciência situacional do comandante de Esqd, pois permite o conhecimento do ambiente operacional e das ameaças presentes.

8.4.3 No Esqd C Mec, cresce de importância o princípio da oportunidade, uma vez que as condições do ambiente operacional e do espaço de batalha alteram-se muito rapidamente, obrigando o Cmt a reavaliar a situação frequentemente.

8.4.4 A utilização dos meios recebidos em apoio e dos meios de Intlg orgânicos do Esqd C Mec permite a execução mais efetiva do Processo de Integração Terreno Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis (PITCIC) e o acompanhamento das ações em desenvolvimento. Dessa forma, possibilita ao Cmt Esqd uma clara consciência situacional do ambiente operativo em que atuarão suas forças.

8.4.5 Para contribuir para a obtenção da consciência situacional, é importante que a função de Cmb Intlg permeie as demais funções de Cmb, pois todos os participantes de um ambiente operativo são fontes de dados que, com a devida integração, produzem conhecimentos significativos.

8.4.6 A Intlg e a manobra são atividades inseparáveis e complementares na dinâmica do Cmb.

8.4.7 A relação existente entre a Log e a Intlg está baseada na disponibilidade de dados para que o Ap Log seja eficaz para as tropas empregadas no Cmb. Da mesma forma, presta-se a atender os meios logísticos com informações que proporcionam Ptç durante o Cmb.

8.4.8 Os EEI (elementos essenciais de inteligência) são dados, informações ou conhecimentos imprescindíveis à produção de conhecimentos sobre as dimensões do ambiente operacional e sobre as possibilidades da ameaça.

8.4.9 Qualquer possibilidade de ameaça ou característica da A Op que possa impactar a missão do Esqd ou que impeça o cumprimento de uma L Aç é um EEI. Os EEI traduzem as NI da mais elevada prioridade, relativas à ameaça e às características da A Op.

8.4.10 Embora os EEI expressem as NI prioritárias do Esc Sp, eles podem ter origem no Esqd C Mec, sob a forma de propostas.

8.4.11 A natureza e a quantidade de EEI variam de acordo com o tipo, a fase da operação e a disponibilidade de conhecimentos de Intlg. Entretanto, não é desejável um número excessivo de EEI, a fim de atender aos princípios básicos da Intlg militar da objetividade, oportunidade, precisão e relevância.

8.4.12 Sendo a fixação dos EEI uma decisão do Esc Sp, qualquer providência que implique sua modificação ou cancelamento, depende, também, de decisão desse escalão.

8.5 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DA BUSCA DE INFORMAÇÕES

8.5.1 O PLANEJAMENTO DE INTELIGÊNCIA DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

8.5.1.1 O planejamento de Intlg no Esqd C Mec tem como objetivos elaborar e difundir respostas às NI impostas pelo Esc Sp.

8.5.1.2 O planejamento de Intlg no nível do Esqd C Mec está voltado para o apoio ao planejamento e à condução das Op do seu Esc Sp.

8.5.1.3 O início do planejamento tático do Esqd C Mec tem por base o conhecimento de Intlg existente na subunidade e o fornecido pelo Esc Sp.

8.5.1.4 As etapas do exame de situação de inteligência são as seguintes:
a) análise da missão;
b) condições meteorológicas;
c) características da área de operações;
d) situação do inimigo ou da ameaça;
e) considerações civis;
f) possibilidades da ameaça, L Aç e confronto; e
g) conclusões.

8.5.1.5 O exame de situação de inteligência é composto por etapas que são desenvolvidas de forma simultânea ou não. O Cmt Esqd C Mec, geralmente, executa essas etapas em sequência. No entanto, pode revê-las quando julgar necessário, à medida que novas informações forem disponibilizadas, melhorando a consciência situacional, antes de produzir os anexos de Intlg da ordem de Op.

8.5.1.6 A obtenção dos dados, fase mais importante para o Esqd C Mec, consiste na exploração sistemática ou episódica de todas as fontes de dados e informações obtidas pelas frações da SU.

8.5.1.7 As fontes são formadas por pessoas, objetos e atividades por meio dos quais se podem obter dados e informações referentes ao oponente, terreno, condições atmosféricas e ambiente operacional. São numerosas e variadas, sendo as fontes abertas mais exploradas e aquelas que resultam da observação e do contato direto com o oponente.

8.5.1.8 Para o Esqd C Mec em uma Op Ofs, é fundamental a obtenção de informações que proporcionem segurança à força atacante e que permitam identificar o local e o momento adequado para concentrar o poder de Cmb suficiente para surpreender a força oponente.

8.5.1.9 Em Op Def, o Esqd C Mec deve oferecer suporte em Intlg para identificar objetivos inimigos e possíveis abordagens, vulnerabilidades e capacidades do Ini para realizar C Atq. A necessidade de dados está relacionada à obtenção da localização precisa da força oponente, sua identificação, direção do esforço principal e à localização de suas reservas.

8.5.1.10 A obtenção dos dados que alimentam o ciclo de Intlg do Esc Sp é executada pelo Esqd C Mec e suas frações. Esses dados são obtidos durante a execução das seguintes ações ou tarefas:
a) missões de segurança (particularmente a Vig e o Rec);
b) patrulhas de qualquer tipo;
c) ações de combate;
d) entrevistas do pessoal que participa, diretamente ou indiretamente, do esforço de combate;
e) exames e análise de documentos e materiais;
f) observação e escuta (sensores); e
g) busca de alvos (especialmente por radares e sensores).

8.5.1.11 Todas as frações do Esqd devem ter uma elevada consciência de Intlg que os motive a comunicar ao seu Cmt imediato os fatos e as circunstâncias observadas relativas ao oponente, ao terreno e ao ambiente operacional. Dessa forma, todo militar é um potencial agente de obtenção de dados e de informações.

8.5.2 O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO TERRENO, CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS, INIMIGO E CONSIDERAÇÕES CIVIS

8.5.2.1 O PITCIC é um processo cíclico de caráter gráfico que permite, mediante análise integrada, a visualização de como o terreno, as condições meteorológicas e as considerações civis condicionam as próprias Op e as do Ini, fornecendo dados reais e efetivos para auxiliar a tomada de decisões adequadas.

8.5.2.2 Os princípios doutrinários do PITCIC são comprovados e aplicáveis a todas as situações e em todos os escalões. Todos os comandantes de Pel e frações devem compreender e aplicar o PITCIC durante o processo decisório. Por meio desse processo, o Esc Sp pode identificar fatos e suposições sobre o Ini, terreno, condições meteorológicas e considerações civis que permitam a realização de um planejamento eficaz.

8.5.3 A EXECUÇÃO DA BUSCA DE INFORMAÇÕES

8.5.3.1 Todos os Elm subordinados ao Esqd devem desenvolver ações para a obtenção de dados e conhecimentos que têm reflexo direto no cumprimento de suas missões e na segurança, independente de receberem missões específicas no planejamento de Intlg do Esc Sp.

8.5.3.2 Os dados obtidos pelos Elm subordinados devem ser transmitidos ao Esc Sp de maneira rápida, precisa e de fácil entendimento, sem impressões ou opiniões particulares, relatando apenas as informações levantadas, evitando-se assim interferências e “achismos” durante o processamento e a análise dos dados pelo Esc Sp.

8.5.3.3 Maiores e melhores esclarecimentos sobre a inteligência nas operações e suas implicações no nível SU devem ser obtidos nos manuais Trabalho de Comando e Planejamento e Emprego da Inteligência Militar.

CAPÍTULO IX

APOIO DE FOGO

9.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

9.1.1 O Apoio de Fogo (Ap F) é um dos principais recursos de que dispõe o Cmt Esqd C Mec para intervir no Cmb. Para que possa empregá-lo onde, quando e como julgue mais conveniente, o Ap F deve estar perfeitamente sincronizado com a manobra.

9.1.2 O Cmt Esqd C Mec é o responsável pelo emprego e coordenação do Ap F disponível, evitando duplicações de esforços, batendo os alvos com os meios mais adequados e realizando a integração dos fogos com a manobra concebida.

9.1.3 O principal meio de Ap F indireto, orgânico dos Esqd C Mec, são as peças de apoio de Mrt Me dos Pel.

Fig 9-1 – Peça de apoio de Mrt 81 mm – Pel C Mec

9.1.4 A coordenação de Ap F, dentro dos Pel C Mec (ou nos Pel Provs), é exercida pelos Cmt Pel, utilizando seus meios orgânicos e auxiliado pelo sargento adjunto de pelotão (Sgt Adj Pel) e pelo OA (observador avançado).

9.1.5 Os Mrt Me dos Pel C Mec podem ser centralizados em uma Seç Provs de Mrt Me. Quando essa Seç Provs for reunida, a Tu de coordenação e centralização de fogos assume o Cmdo das peças de Mrt Me, atuando como um Gp Cmdo e uma central de tiro (C Tir) sumária.

9.1.6 O Esqd C Mec de Rgt pode receber Ap F do Pel Mrt P, da Seç MAC e da Seç Cçd, orgânicos do RC Mec. No caso do Esqd C Mec de Bda, ele possui esses elementos de Ap F orgânicos à SU, exceto o Pel Mrt P.

9.1.7 Todos os oficiais e praças da SU devem estar capacitados a pedir e ajustar os tiros de artilharia e de morteiro, como observadores de tiro, no caso da SU não receber o apoio de OA.

9.2 PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DE FOGOS NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO DE REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO

9.2.1 GENERALIDADES

9.2.1.1 Nos Esqd C Mec de RC Mec, o Cmt SU é o responsável pelo planejamento e coordenação dos fogos da SU.

9.2.1.2 O observador avançado (OA) de Art apoia o planejamento dos fogos da SU, auxiliando o Cmt Esqd, mantendo constante ligação com o Centro de Coordenação e Apoio de Fogo (CCAF) do RC Mec.

9.2.1.3 Para o planejamento e a condução dos fogos indiretos em apoio à manobra do Esqd C Mec, o Cmt SU pode ser assessorado pelo:
a) S Cmt SU: oficial de apoio de fogo da SU;
b) chefe da turma de coordenação e centralização de fogos do Esqd C Mec (Tu Coor Cntz F) e auxiliar do oficial de apoio de fogo do esquadrão (S Cmt SU);
c) observador avançado de artilharia;
d) observador avançado do Pel Mrt P do RC Mec; e
e) guia aéreo avançado ou coordenador de apoio aéreo (CAA), quando em apoio ao Esqd C Mec.

9.2.1.4 Quando da condução das Op, os OA de artilharia e de morteiro pesado formulam e transmitem os pedidos de fogos do Cmt SU ao CCAF do RC Mec e ao Pel Mrt P, observam e ajustam os tiros de Art Cmp e Mrt P. Quando em apoio ao Esqd C Mec, o CAA ou GAA realiza o mesmo trabalho dos OA Art e OA Mrt para o apoio aéreo.

9.2.2 ATRIBUIÇÕES DOS COORDENADORES DO APOIO DE FOGO DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

9.2.2.1 Cmt Esqd C Mec

- Coordenar todos os fogos em proveito da SU, com a manobra planejada.

9.2.2.2 Subcomandante Esqd C Mec

a) Assessorar o Cmt SU no planejamento e emprego dos fogos em apoio à SU.
b) Coordenar o Plj e a execução dos fogos diretos e indiretos orgânicos da SU.
c) Quando determinado, assumir o comando da base de fogos da SU.

9.2.2.3 Observador Avançado de Artilharia

a) Assessorar o Cmt SU sobre as possibilidades e limitações da Art Cmp e dos Mrt (fogos indiretos), alertando-o sobre os efeitos desejados, a oportunidade do pedido e o meio mais indicado para se bater determinado alvo (análise de alvos).
b) Apoiar o Plj de Ap F da SU, coordenando a lista de alvos de Mrt e Art.
c) Confeccionar as listas de alvos de Art, realizando a coordenação e anulando as duplicações.
d) Receber e coordenar os pedidos de tiro dos observadores de Pel (Cmt Pel, Cmt frações *etc*.).
e) Engajar alvos com tiro de Art, mediante aval do Cmt SU.
f) Contribuir com o subsistema de inteligência.
g) Quando realizar pedido de fogo próximo ou fora dos limites da Z Aç do Esqd C Mec, solicitar coordenação do O Lig Art/RC Mec, antes de fazer o pedido de tiro para a central de tiro Art ou Mrt.
h) Estabelecer comunicações com a C Tir Art, de Mrt e com os Obs Pel.
i) Estar ECD atuar como GAA, desde que habilitado.
j) Informar ao O Lig Art/RC Mec quando da aproximação dos Elm mais avançados do Esqd C Mec das medidas de coordenação de apoio de fogo (linha de segurança de apoio da artilharia, linha de coordenação de apoio de fogo, LRF *etc.*).

9.2.2.4 Chefe da Tu Coor Cntz F do Esqd C Mec

a) Assessorar o S Cmt SU na coordenação dos fogos diretos e indiretos da SU.
b) Quando necessário, assessorar o OA Art no emprego dos Mrt Me da SU e no planejamento dos fogos indiretos da SU.
c) Quando centralizados os Mrt Me da SU, assumir o comando e empregar a Seç Provs Mrt Me.

9.2.2.5 Observador Avançado de Morteiros Pesados

a) Assessorar quanto às peculiaridades do Mrt P do RC Mec.
b) Confeccionar a lista de alvos de Mrt.
c) Substituir o OA Art quando do seu impedimento.
d) Auxiliar o OA Art na coordenação das listas de alvos de Art e de Mrt.
e) Contribuir com o sistema de inteligência.

9.2.2.6 Representante do Apoio de Fogo Aéreo (CAA ou GAA em Apoio à SU)
a) Assessorar o Cmt SU sobre as possibilidades e limitações do apoio de fogo aéreo.
b) Guiar as aeronaves da força aerotática em missões pré-planejadas ou imediatas.
c) Informar o resultado das missões ao Cmt SU, ao CCAF/RC Mec e à força aerotática.
d) Coordenar os fogos aéreos e os fogos terrestres indiretos com o oficial de fogos da subunidade e com o CCAF do RC Mec.
e) Realizar os pedidos de apoio aéreo da SU ao CCAF do RC Mec em coordenação com o OA Art.

9.2.3 PLANEJAMENTO DOS FOGOS

9.2.3.1 A SU incorporada não possui um CCAF, ficando essa incumbência a cargo da unidade.

9.2.3.2 O Cmt Esqd C Mec, assessorado pelos coordenadores do apoio de fogo, levanta alvos e prevê concentrações para apoio à manobra planejada da SU.

9.2.3.3 Durante esse trabalho, os OA (Art e Mrt P) preparam as listas de alvos que, uma vez aprovadas pelo Cmt SU, são enviadas para:
a) o CCAF RC Mec, a lista de alvos da artilharia; e
b) a C Tir Pel Mrt P, a lista de alvos do Mrt P.

9.2.3.4 A coordenação entre o Cmt SU e observadores (Art e Mrt) evita duplicações, tornando mais eficiente o planejamento de fogos no escalão SU. O Cmt SU faz o ajuste entre as concentrações de Mrt Me e as de Mrt P levantadas.

9.2.3.5 Com base nas listas de alvos de Mrt dos Esqd C Mec e na sua própria lista de alvos, o Pel Mrt P elabora o plano provisório de fogos de morteiro (PPFM), que é enviado para CCAF do RC Mec.

9.2.3.6 O CCAF RC Mec integra a lista de alvos de Art Cmp das SU e o PPFM, elaborando o plano provisório de apoio de artilharia (PPAA), enviando-o à C Tir do grupo de artilharia de campanha (GAC).

9.2.3.7 A C Tir do GAC confecciona o plano de fogos de artilharia (PFA) e o submete à aprovação do CCAF da brigada. Aprovado na GU, o PFA é remetido ao CCAF do RC Mec. Com base no PFA, o RC Mec elabora o plano de fogos de morteiro (PFM) pesado. O PFM e o PFA são enviados aos Esqd C Mec.

9.2.3.8 O PFA e o PFM, com as listas de alvos e tabelas de Ap F, são os documentos que os OA Art e OA Mrt utilizam para assessorar o Cmt SU na solicitação do apoio de fogo planejado e aprovado pelo Esc Sp.

9.2.4 PEDIDOS DE APOIO DE FOGO TERRESTRE

9.2.4.1 Os pedidos de fogos terrestres são feitos, normalmente, por intermédio do OA Art, a fim de garantir o rápido desencadeamento do fogo solicitado e não sobrecarregar as redes de comando.

9.2.4.2 Em situações estáticas, o fogo previsto é pedido ao OA Art pela referência da sua designação numérica no plano de apoio de fogo (PAF). Os pedidos de tiro para bater alvos inopinados são enviados ao OA Art com a descrição do alvo e a urgência dos fogos.

9.2.4.3 O OA Art solicita as missões de tiro aos órgãos de direção de tiro (C Tir Art ou C Tir Mrt P) que possam desencadear o fogo com maior eficácia e no tempo exigido.

9.2.4.4 A coordenação das missões de tiro, com emprego simultâneo de mais de um meio de apoio de fogo, ocorre no CCAF do RC Mec para os pedidos de seus esquadrões.

9.2.4.5 Durante a evolução do combate, o Cmt Esqd C Mec pode propor, se necessário, a atualização da lista de alvos altamente compensadores.

9.3 PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DE FOGOS NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO DE BRIGADA

9.3.1 O Ap F no Esqd C Mec de brigada é muito semelhante ao do Esqd C Mec de RC Mec. As principais diferenças são:
a) o Esqd C Mec de Bda possui um EM para assessorar o Cmt SU;
b) a SU não conta com o apoio de fogo do Pel Mrt P do Rgt;
c) as ligações são feitas diretamente com o GAC e o CAF da brigada; e
d) o S-2/S-3 participa diretamente da coordenação dos fogos, podendo existir a presença do O Lig Art.

9.3.2 PLANO DE APOIO DE FOGO

9.3.2.1 O plano de apoio de fogo (PAF) é o documento que integra a manobra e regula o emprego de todos os meios de Ap F, sejam eles orgânicos, em apoio ou em reforço ao Esqd C Mec de Bda.

9.3.2.2 Esse plano complementa o conceito da operação, contendo ordens e normas para a execução coordenada do Ap F. É um anexo à ordem ou plano de Op do Esqd no qual, em subparágrafos apropriados, são tratadas as particularidades dos diversos meios de Ap F e do emprego dos agentes químicos que devam ser do conhecimento geral.

9.3.2.3 O plano de fogos de Art ou seu extrato constitui, em princípio, a base do plano de Ap F do Esqd C Mec.

9.3.2.4 Normalmente, o PAF do Esqd C Mec de brigada é elaborado após a integração e coordenação dos planos de fogos das armas orgânicas e planos de fogos das armas que atuam em proveito do Esqd.

9.3.2.5 Execução do Planejamento

9.3.2.5.1 O planejamento do Ap F, em termos gerais, começa logo que o Cmt Esqd tenha concluído a análise da sua missão. Nessa oportunidade, sempre que possível, ele deve emitir uma diretriz sobre fogos, a fim de orientar o trabalho de planejamento.

9.3.2.5.2 O planejamento efetivo começa quando o Cmt toma a sua decisão e enuncia, para o EM, as linhas gerais do seu conceito da Op.

9.3.2.6 Elaboração do Plano de Apoio de Fogo

9.3.2.6.1 O Cmt Esqd C Mec, assessorado pelo S-2/S-3, pelo OA da artilharia e pelo Ch Tu Coor Cntz F, levanta alvos e prevê concentrações de Art, tendo em vista o apoio à sua manobra.

9.3.2.6.2 Os Cmt Pel C Mec, por sua vez, levantam alvos e preveem concentrações de Mrt Me. Após isso, remetem seus planos de fogos de Mrt Me para o OA, para comparação a fim de evitar duplicação de alvos.

9.3.2.6.3 Com base nas listas de alvos dos Pel C Mec e na lista de alvos do OA Art, é preparado um plano provisório de apoio de fogo da SU. Esse plano provisório é enviado à C Tir GAC. Esta, com base nos planos de fogos de todas as peças de manobra, confecciona o PFA da brigada e o submete à aprovação do CCAF da brigada. Aprovado na GU, o PFA da brigada é remetido ao Esqd C Mec.

9.3.2.6.4 Com base no PFA da brigada, o Esqd C Mec elabora o plano de apoio de fogo da SU.

9.3.2.6.5 A coordenação exercida pelo Cmt Esqd, auxiliada pelo OA de artilharia e demais elementos envolvidos no planejamento dos fogos, é muito importante, pois busca evitar duplicações de fogos e maior eficácia do Ap F.

9.4 APOIO DE FOGO

9.4.1 APOIO DE FOGO DE ARTILHARIA

9.4.1.1 O Esqd C Mec, normalmente, recebe o apoio de fogo da artilharia de campanha proporcionado pela Bda.

9.4.1.2 A Art Cmp das Bda pode descentralizar seus meios, atribuindo a uma bateria a missão tática de apoio direto ao Esqd C Mec de brigada.

9.4.1.3 No levantamento de alvos de artilharia de campanha (lista de alvos de Art Cmp) que será enviado pela SU ao CCAF RC Mec ou diretamente pelo Esqd C Mec de brigada à C Tir do GAC, a SU deve priorizar os seguintes alvos, situados a distâncias superiores ao alcance dos meios orgânicos da SU e do RC Mec (Mrt P), para serem batidos pela Art Cmp:
a) posições de metralhadoras em abrigos cobertos;
b) espaldões concretados;
c) colunas de viaturas e blindados;
d) estacionamento de viaturas;
e) áreas de reunião de tropas;
f) pontos de suprimento;
g) postos de observação; e
h) tropa a pé em deslocamento ou desdobrada no terreno.

9.4.1.4 A ligação da SU com o CCAF do RC Mec ou com a C Tir do GAC é realizada pelos OA, fornecidos pela Art, que acompanham o Cmt SU. Os OA formulam e transmitem os pedidos de fogos, bem como observam e ajustam o tiro de Art.

9.4.2 DO PELOTÃO DE MORTEIRO PESADO PARA O ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO ORGÂNICO DE REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO

9.4.2.1 O Pel de Mrt P tem como missão proporcionar Ap F indireto e contínuo às peças de manobra do RC Mec.

9.4.2.2 O Pel é empregado, normalmente, centralizado sob o controle do Cmt Rgt. Atua na base de fogos, em apoio às Op da U como um todo ou de qualquer de suas peças de manobra.

9.4.2.3 Apesar de a ação de conjunto ser a melhor forma de empregar o Pel Mrt P, quando houver limitações de alcance dos Mrt P ou impossibilidade de se exercer o controle centralizado do Pel, suas seções podem ser descentralizadas para emprego em apoio direto ou reforço às SU.

9.4.2.4 Os fogos de apoio do Pel Mrt P são integrados e coordenados com os fogos de Art e de Mrt Me dos Pel C Mec.

9.4.2.5 As ligações do Pel Mrt P com os Esqd C Mec, em 1º escalão, são asseguradas pelos OA, enviados por esse Pel.

Fig 9-2 – Apoio de fogo de morteiro pesado – RC Mec

9.4.3 A SEÇÃO DE MÍSSEIS ANTICARRO

9.4.3.1 A Seç MAC é uma fração de Ap F orgânica (e não uma peça de manobra) do Esqd C Ap do RC Mec ou do Pel C Ap do Esqd C Mec de Bda.

9.4.3.2 A Seç MAC é constituída por duas peças que não devem ser empregadas descentralizadas. Deve-se buscar o apoio mútuo entre as peças e o cruzamento de seus fogos, seja em Op Ofs ou Def, para maior eficácia de seus fogos.

9.4.3.3 A Seç MAC é empregada em locais de onde possa Engj prioritariamente VBC CC e VBR. Como missão secundária, a Seç MAC pode ser empregada contra armas AC, outras armas coletivas, espaldões, casamatas *etc*. Entretanto, deve ser muito bem avaliado o custo-benefício do emprego dessa fração fora de sua missão principal.

Fig 9-3 – Apoio de fogo anticarro – MAC

9.4.3.4 Seu emprego é, normalmente, feito em ação conjunta (Aç Cj), sob o controle direto do Cmt Esqd, mas, dependendo da situação tática, o Cmt pode decidir empregá-la reforçando um Pel C Mec para aprofundar ou ampliar a DAC em uma parte específica de sua Z Aç.

9.4.3.5 Nas Aç Ofs, a seção opera, normalmente, junto aos elementos de 1º escalão ou nos Flc do Esqd. Nas Aç Def, a seção deve ser empregada à retaguarda dos Elm em 1º escalão ou Flc do Esqd, sendo disposta em profundidade, em condições de bater as prováveis VA de Bld, de preferência em situação de flanqueamento nas AE.

9.4.3.6 A Seç MAC, em princípio, não deve acompanhar o escalão de assalto em um Atq. Deve apoiar a progressão do escalão de assalto de uma única posição ou deslocar-se por lanços, ocupando outras posições, quando a situação o exigir. Após a conquista do objetivo, a seção deve deslocar-se para o objetivo conquistado para bater prováveis VA de Bld Ini.

9.4.3.7 Nas Aç Def, o efeito dos MAC deve ser maximizado, buscando a melhor posição em relação à aproximação do Ini. Nessas Op, os Msl devem ser empregados em seu alcance máximo de utilização, batendo o Ini antes que as VBR possam engajá-lo ou dando profundidade à DAC no interior da P Def.

9.4.4 APOIO DE FOGO AÉREO – MISSÕES AÉREAS IMEDIATAS

9.4.4.1 No decorrer do combate, podem surgir necessidades de apoio de fogo aéreo que, por sua natureza, não podem ser planejadas. São as chamadas missões imediatas.

9.4.4.2 O acionamento dos meios aéreos em alerta normalmente origina-se no Esqd C Mec de brigada ou no RC Mec, onde há uma equipe de controle aerotático (ECAT), com guia aéreo avançado (GAA) ou controlador aéreo avançado (CAA). O OA Art, quando qualificado como GAA, realiza o pedido e conduz o vetoramento das aeronaves para o ataque ao alvo.

9.4.4.3 Os acionamentos das missões imediatas são encaminhados pelo ECAT do Esqd C Mec de brigada ou do RC Mec batalhão direto à célula de coordenação de operações aéreas (CCOA) que funciona no centro de operações (ou correspondente) da força aérea componente (FAC).

9.4.4.4 As aeronaves serão vetoradas por órgão da FAC para o local do pedido de fogo aéreo, onde é feito o contato terra-avião (CAA ou GAA-aeronave).

9.4.4.5 Os pedidos imediatos devem levar em consideração que as missões de ataque são dirigidas a alvos sensíveis de grande importância militar e cuja localização não foi obtida durante a fase de planejamento.

CAPÍTULO X

LOGÍSTICA

10.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

10.1.1 A logística deve, em princípio, deslocar-se em direção aos Elm de 1º escalão, de forma a proporcionar-lhes apoio cerrado e contínuo, contribuindo para manter sua impulsão e capacidade de durar na ação. Somente em situações especiais e pontuais, os Elm em 1º escalão devem dirigir-se às instalações logísticas do Esc Sp.

10.1.2 Os encargos logísticos do Esqd C Mec devem ser, tanto quanto possível, minimizados e colocados sob responsabilidade do RC Mec e da Bda, de forma a permitir que a SU concentre-se nas atividades de Cmb e no acompanhamento da situação tática.

10.1.3 APOIO LOGÍSTICO DO REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO AOS SEUS ESQUADRÕES DE CAVALARIA MECANIZADOS

10.1.3.1 A logística, no RC Mec, é planejada, controlada e supervisionada pelo S-1 e pelo S-4, sob a supervisão e sincronização do S Cmt do Rgt. Sua execução cabe ao Esqd C Ap, às Seç Cmdo das SU e, eventualmente, às frações logísticas do Batalhão Logístico (B Log) da Bda em apoio.

10.1.3.2 O RC Mec tem capacidade para desdobrar áreas de trens (AT) em determinadas situações de Cmb. Essas áreas podem ser de combate, mais avançadas, e de estacionamento, mais à retaguarda do dispositivo. A partir dessas AT, é prestado o Ap Log às SU do RC Mec. Nas Op de grande mobilidade, tal apoio é feito a partir dos trens do RC Mec (embarcado), ao longo dos eixos de deslocamento ou nas regiões de destino.

10.1.4 APOIO LOGÍSTICO DA BRIGADA AO SEU ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

10.1.4.1 A logística da Bda é planejada, controlada e supervisionada pelo E-1 e pelo E-4, sob a supervisão e sincronização do chefe de EM.

10.1.4.2 O Ap Log ao Esqd C Mec de Bda é prestado por uma base logística de brigada (BLB).

10.2 RESPONSABILIDADE LOGÍSTICA NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

10.2.1 COMANDANTE

10.2.1.1 O Cmt Esqd C Mec é o responsável pela logística, não podendo delegar essa responsabilidade. Compete a ele o planejamento e a supervisão da logística na SU.

10.2.1.2 Ele é o responsável pela manobra logística da SU, devendo assegurar o Ap Log às suas frações e aos Elm em apoio e reforço. Deve solicitar, controlar e coordenar a distribuição do suprimento (Sup), gerenciar a manutenção, supervisionar o apoio de saúde e administrar o seu efetivo e material.

10.2.1.3 O Cmt Esqd C Mec/RC Mec é auxiliado, em suas tarefas Log, pelo S Cmt, pelos Cmt Pel, pelo encarregado de material (Enc Mat) e pelo sargenteante (Sgte). No Esqd C Mec/Bda, o Cmt é auxiliado nas tarefas logísticas pelo S Cmt, S-1, S-4, oficial médico, Cmt Pel C Ap e pelos Cmt Pel.

10.2.2 SUBCOMANDANTE

10.2.2.1 O S Cmt Esqd é o principal assessor do Cmt SU no planejamento, coordenação e fiscalização da logística e na sincronização desta com a manobra da SU.

10.2.2.2 No Esqd C Mec/RC Mec, o principal assessor do S Cmt é o Enc Mat (Cmt Seç Cmdo). O Sgte (Cmt Tu Pes) é o principal assessor do S Cmt para a coordenação da função Log de recursos humanos (RH).

10.2.2.3 No Esqd C Mec/Bda, os principais assessores do S Cmt são o S-1, o S-4, o oficial médico e o Cmt Pel C Ap.

10.2.3 OFICIAL DE LOGÍSTICA – S-4

10.2.3.1 No Esqd C Mec/Bda, o S-4 é o principal assessor do Cmt SU para as atividades da logística de material. Tem como seus auxiliares diretos o Cmt Pel C Ap, o Enc Mat e os integrantes do Gp Log.

10.2.3.2 Suas principais atribuições são:
a) planejar e coordenar a manobra logística do Esqd C Mec;
b) assistir o Cmt SU e mantê-lo informado sobre as atividades logísticas sob sua responsabilidade;
c) planejar, coordenar e supervisionar todas as atividades logísticas referentes ao material do Esqd C Mec;
d) apoiar os Pel em suas necessidades logísticas referentes ao material;
e) coordenar e supervisionar as atividades e os deslocamentos dos trens da SU;

f) redigir o parágrafo 4º da ordem de Op, após ter realizado seu exame de situação, recebendo do S-1 a parte referente à logística do pessoal;
g) elaborar e fornecer relatórios de Log, quando solicitados; e
h) antecipar-se às necessidades de Ap Log, encaminhando os pedidos de apoio ao Esc Sp.

10.2.4 OFICIAL DE PESSOAL – S-1

10.2.4.1 No Esqd C Mec/Bda, o S-1 é o principal assessor do Cmt e S Cmt da SU para as atividades da logística de pessoal (RH). Tem como seus auxiliares diretos os integrantes do Gp Pes, além do Cmt Pel C Ap e demais Cmt Pel.

10.2.4.2 Suas principais atribuições são:
a) fornecer informações sobre a Log dos RH, necessárias para o planejamento e a conduta das Op;
b) realizar o estudo continuado da situação, para fins de planejamento;
c) apresentar proposta de diretrizes e planos referentes à logística dos RH; e
d) supervisionar a execução das ordens e diretrizes relacionadas a RH.

10.2.4.3 O S-1 controla o efetivo do Esqd C Mec por meio das mensagens diárias de efetivo (MDE) remetidas pelos pelotões e elementos em reforço, do sumário diário de pessoal (SUDIPE) e do mapa da força. Elabora, também, outros registros e relatórios necessários ao controle do pessoal e à gestão dessa função logística.

10.2.5 OFICIAL MÉDICO

10.2.5.1 No Esqd C Mec/Bda, o oficial médico é o assessor do planejamento, da coordenação e execução das atividades de saúde. Mantém o S-1 constantemente informado sobre a situação sanitária da SU.

10.2.5.2 Assessora o S-4 quanto ao suprimento de classe (Cl) VIII e à manutenção do material de saúde.

10.2.5.3 Propõe normas gerais de ação, particularmente quanto à localização do posto de socorro (PS) do Esqd, à execução dos primeiros socorros, à coleta, triagem e evacuação de feridos e à prevenção e ao controle de doenças. Sugere e supervisiona a assistência médica da SU aos PG e ao pessoal não militar na Z Aç do Esqd C Mec (quando autorizado).

10.2.6 COMANDANTE DO PELOTÃO DE COMANDO E APOIO

10.2.6.1 No Esqd C Mec/Bda, o Cmt Pel C Ap é o principal assessor Log do S-1 e do S-4 no emprego das frações e dos meios logísticos da SU, bem como os recebidos em apoio ou reforço.

10.2.6.2 Controla e supervisiona todos os aspectos referentes ao pessoal e o material de seu Pel.

10.2.7 COMANDANTES DE PELOTÃO

10.2.7.1 São os responsáveis pela Log de suas frações, controlando todos os aspectos da logísitica do pessoal e do material em seus Pel.

10.2.7.2 Os Cmt Pel devem providenciar os primeiros socorros aos seus homens e a evacuação dos feridos o mais rápido possível para o ponto de concentração de feridos – PCF (Esqd C Mec/RC Mec) ou PS do Esqd (Esqd C Mec/Bda).

10.2.7.3 Devem estar constantemente a par do estado do material dos seus Pel, prestando informações para o S Cmt SU e o S-4 (Esqd C Mec/Bda), quando determinado ou nos horários preestabelecidos. Solicitam o recompletamento da dotação logo que possível, esclarecendo se o material a ser recompletado foi perdido, destruído ou se encontra em mau estado.

10.2.7.4 Devem controlar rigorosamente os níveis de Seg estabelecidos pelo Cmt SU para a munição (Sup Cl V) e o combustível (Sup Cl III), providenciando a tempo os pedidos de remuniciamento e recompletamento.

10.2.7.5 Todas as atividades Log do Pel são assistidas pelos Sgt Adj.

10.2.8 ENCARREGADO DE MATERIAL

10.2.8.1 O Encarregado de Material – Esqd C Mec/RC Mec

10.2.8.1.1 O Enc Mat é o Cmt da Seç Cmdo e o principal assessor do Cmt e do S Cmt no que se refere ao Ap Log.

10.2.8.1.2 Cabe ao Enc Mat coordenar as atividades dos integrantes da Seç Cmdo, bem como das frações Log em apoio direto/reforço ao Esqd. Além disso, esse militar:
a) desenvolve atividades relacionadas à logística do material no âmbito da SU;
b) controla as viaturas da SU e providencia todos os tipos de Sup;
c) controla, planeja e supervisiona o trabalho do furriel (Fur), no posto de remuniciamento (P Remn), e do 2º Sgt mecânico VB/Cmt Tu Mnt, na área de manutenção (A Mnt) da SU;
d) fiscaliza, orienta e controla as atividades das frações, Elm de manutenção e suprimento, recebidos em apoio ou reforço pela SU; e
e) indica o local exato a ser ocupado pelas instalações Log da ATSU, quando esta for desdobrada no terreno. Com os trens da SU embarcados e em movimento, cabe ao Enc Mat a montagem dos comboios e o controle do movimento das Vtr.

10.2.8.1.3 Cabe ao Enc Mat a supervisão de todas as atividades e tarefas Log executadas pela Seç Cmdo e pelas frações Log do Esqd C Ap em reforço ou apoio ao Esqd, mantendo o S Cmt da SU informado sobre essas atividades e tarefas. As necessidades Log específicas da Seç Cmdo são levantadas pelo Enc Mat e encaminhadas ao S Cmt da SU.

10.2.8.1.4 O Enc Mat planeja o recebimento dos suprimentos destinados à SU (pacote logístico) na ATSU ou nas posições ocupadas pelos Pel. Ele apresenta ao S Cmt uma proposta do processo de distribuição do suprimento às frações da SU. Normalmente desempenha suas atividades em uma das Vtr 5 Ton da Tu Sup, coordenando daí toda a atividade da ATSU.

10.2.8.1.5 O Enc Mat é o Cmt ATSU, responsável pela Seg e camuflagem das instalações e Vtr desdobradas nessa área.

10.2.8.2 O Encarregado de Material – Esqd C Mec/Bda

10.2.8.2.1 O Enc Mat é o principal auxiliar do Cmt Pel C Ap e o Cmt Seç Log do Pel. Ele executa praticamente as mesmas tarefas do Enc Mat do Esqd C Mec/RC Mec, assessorando seu Cmt Pel C Ap na logística do material do Pel e da SU.

10.2.9 O SARGENTEANTE E O SARGENTO AJUDANTE

10.2.9.1 O Sargenteante no Esqd C Mec/RC Mec

10.2.9.1.1 O Sgte é o Cmt da Tu Pes, sendo o principal assessor do Cmt e S Cmt da SU sobre a função logística RH. Além disso, ele:
a) desenvolve atividades relacionadas à logística do pessoal no âmbito da SU;
b) é encarregado de todas as atividades relacionadas ao controle de efetivos, evacuação de mortos e feridos;
c) fiscaliza, controla e orienta as atividades da fração de saúde recebida em apoio ou reforço; e
d) coordena e controla todas as ações e informações sobre o efetivo da SU a serem transmitidas ao Rgt e às frações da SU.

10.2.9.1.2 O Sgte é o substituto eventual do Enc Mat da SU e de algum comandante de Pel da SU que necessite ser substituído.

10.2.9.1.3 Diariamente, em hora marcada pelo Cmt Esqd, o Sgte apronta a MDE, que será transmitida, conforme NGA da SU.

10.2.9.1.4 Quando a Seç Cmdo for desdobrada na ATSU, o Sgte monta seu núcleo de trabalho nas proximidades da Vtr do S Cmt.

10.2.9.1.5 Quando o Esqd C Mec não receber do Rgt 01 (uma) turma de evacuação (Tu Ev) em apoio direto (Ap Dto), cabe ao Sgte assumir as funções

do Cmt Tu Ev na montagem e operação sumária de um PCF próximo à sua viatura, providenciando a evacuação dos feridos e o controle dos mortos.

10.2.9.1.6 O Sgte é o responsável pela segurança e camuflagem das instalações e viaturas do PC da SU**.**

10.2.9.2 O Sargento Ajudante no Esqd C Mec/Bda

10.2.9.2.1 No Esqd C Mec/Bda, o sargento ajudante (Sgt Aj) é o Cmt Gp Pes, sendo o assessor do S-1 em todas as atividades e tarefas da função RH. Executa as mesmas funções do Sgte no Esqd C Mec/RC Mec, exceto as relativas aos feridos.

10.2.10 O FURRIEL

10.2.10.1 O Furriel no Esqd C Mec/RC Mec

10.2.10.1.1 O Fur é o Cmt Tu Sup e o principal auxiliar do Enc Mat nas tarefas de transporte e distribuição dos suprimentos para a SU.

10.2.10.1.2 Ele é o responsável pela Op e o controle do P Remn da SU que funciona, em princípio, embarcado em uma das Vtr 5 Ton do Gp Sup. O Fur mantém atualizados os registros relativos à dotação orgânica e à quantidade de Sup Cl V (munição) disponível no Esqd. É o responsável pela elaboração dos pedidos de munição (Mun) da SU.

10.2.10.1.3 Cabe ao Fur, também, o controle do nível de Seg do suprimento de Cl III (combustível) e de Cl V (Mun) da SU.

10.2.10.1.4 O Fur recebe todo o suprimento destinado à SU (pacote logístico) na ATSU ou nas posições dos Pel, conforme o planejamento elaborado pelo Enc Mat.

10.2.10.1.5 O Fur realiza o transporte de água para a SU, a distribuição das rações às frações e, eventualmente, o transporte dos mortos para o posto de coleta dos mortos (P Col Mor) do Rgt (quando frações do Esqd C Ap que entregam o suprimento à SU não realizarem essa evacuação) ou quando determinado pelo Cmt SU.

10.2.10.2 O Furriel no Esqd C Mec/Bda

10.2.10.2.1 No Esqd C Mec/Bda, o Fur é o Cmt Gp Sup do Pel C Ap.

10.2.10.2.2 Compete a ele executar as mesmas tarefas do Fur do Esqd C Mec/RC Mec, exceto o controle dos níveis de Seg do Sup Cl III e Cl V, que é realizado pelo S-4.

10.2.11 AUXILIAR DE COMUNICAÇÕES

10.2.11.1 Compete ao sargento auxiliar de comunicaçãoes (Sgt Aux Com):
a) assessorar o S Cmt SU (S-4 no Esqd C Mec/Bda) no planejamento e na orientação da manutenção preventiva de 1º escalão do manterial de comunicações (Com) da SU;
b) manter estreito contato com os Cmt Pel para levantar as necessidades de manutenção dos Eq Com. Realizar o controle dos pedidos de suprimentos para manutenção dos Eq Com; e
c) assessorar e orientar os operadores do material de Com na realização da manutenção preventiva de seus equipamentos e na solução de problemas relacionados a esse material.

10.2.12 COMANDANTE DA TURMA DE MANUTENÇÃO DA SUBUNIDADE

10.2.12.1 Compete ao Sgt Mec VB assessorar o S Cmt e o S-4 no planejamento, na organização, execução e na fiscalização do plano de Mnt da SU.

10.2.12.2 O Sgt Mec VB orienta os Cmt Pel e frações da Seç Cmdo/Pel C Ap na realização da Mnt preventiva, de baixa complexidade, das Vtr a cargo dos motoristas e de suas frações e na realização da Mnt do armamento individual e coletivo. Com sua Tu/Gp Mnt realiza a Mnt preventiva e corretiva de 1º escalão, de maior complexidade, das viaturas e armamento a cargo da SU.

10.2.12.3 Cabe ao Sgt Mec VB levantar a necessidade de material e Sup para a Mnt de viaturas e armamento da SU, solicitando-os ao S Cmt ou S-4. Quando necessário, deve solicitar ao S Cmt (Esqd RC Mec) ou S-4 (Esqd Bda) o apoio de Mnt do pelotão de manutenção (Pel Mnt)/RC Mec ou do B Log da GU. Além disso, deve manter o controle escrito dos Sup e peças de reposição pedidos e recebidos do Esc Sp.

10.2.12.4 Na ocorrência de panes nas Vtr ou no armamento, cabe ao Sgt Mec Vtr (Tu/Gp Mnt) levantar o tempo necessário para a depanagem, a mão de obra e o material necessário à manutenção do material, levando ao Cmt Seç Cmdo ou Pel C Ap uma proposta para solução do problema.

10.2.12.5 Quando a SU for apoiada por uma ou mais Tu Mnt/Pel Mnt, cabe ao 2º Sgt Mec VB coordenar o emprego dessas Tu.

10.2.13 COMANDANTES DE FRAÇÕES LOGÍSTICAS DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA AUTOPROPULSADO/RC Mec EM APOIO AO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

10.2.13.1 Comandante da Tu Ev do Pelotão de Saúde (Pel Sau)

10.2.13.1.1 Cabe ao Cmt Tu Ev do Pel Sau orientar o Enc Mat na localização do PCF na ATSU.

10.2.13.1.2 Compete ao Cmt Tu Ev a instalação e operação do posto de concentração de feridos (PCF) da SU, a coordenação da evacuação dos feridos para o posto de socorro regimental (PSR) e a aplicação dos primeiros socorros aos feridos e doentes no PCF.

10.2.13.2 Comandante da Turma de Manutenção do Pel Mnt

10.2.13.2.1 O Cmt Tu Mnt/Pel Mnt em apoio à SU realiza a manutenção corretiva de 1º escalão a cargo do Pel Mnt da OM que puder ser realizada na ATSU ou no local onde se encontram as Vtr em pane, de acordo com os meios disponíveis e o tempo para essa manutenção.

10.2.13.3 Comandante da Turma de Aprovisionamento do Pel Sup

10.2.13.3.1 Ele assessora o S Cmt e o Enc Mat no planejamento, coordenação e execução das atividades suprimento Cl I, no emprego da cozinha de campanha, na verificação da qualidade da alimentação da tropa e na supervisão de sua distribuição à SU.

10.2.13.3.2 Assessora o Enc Mat na escolha do local da área de cozinha (A Coz) na ATSU.
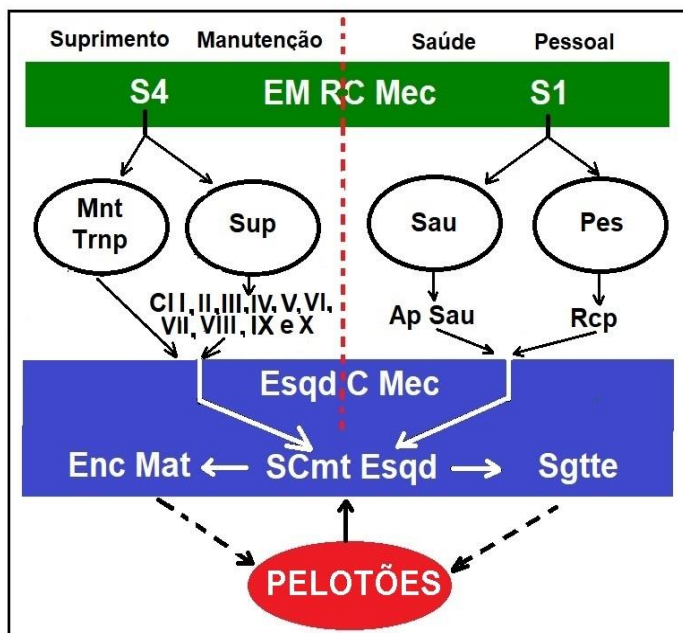
Fig 10-1 – Cadeia logística do Esqd C Mec de RC Mec

10.3 ORGANIZAÇÃO DA LOGÍSTICA NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

10.3.1 GENERALIDADES

10.3.1.1 Nos Esqd C Mec, a logística deve ser orientada para o gerenciamento do material e do pessoal. Essa Log deve ser simplificada de forma a liberar ao máximo os Elm de 1º Esc de encargos burocráticos. Ela visa a sempre colocar ou recolocar homens e equipamentos prontos para o Cmb no mais curto prazo.

10.3.1.2 A logística planejada pelo Cmt SU é executada pela Seç Cmdo no Esqd C Mec/RC Mec e pelo Pel C Ap no Esqd C Mec/Bda.

10.3.1.3 A Seç Cmdo ou o Pel C Ap da SU podem operar embarcados em suas viaturas, integrando os trens da SU ou desdobradas no terreno, mobiliando uma ATSU, de onde, sob a coordenação do S Cmt SU, executam a manobra logística.

10.3.2 A LOGÍSTICA NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO/BRIGADA

10.3.2.1 A logística realizada no Esqd C Mec de Bda é muito semelhante à realizada no RC Mec. Ela emprega os mesmos processos e métodos de planejamento, bem como as mesmas técnicas e procedimentos de execução para apoiar seus Pel. A diferença está no número reduzido de militares para esse apoio e no menor efetivo a ser apoiado. Todas as atividades realizadas e a documentação elaborada em suas seções do EM são praticamente idênticas às do RC Mec.

10.3.2.2 No Esqd C Mec de Bda, todas as ligações logísticas diárias relacionadas ao material, entre os Pel e o Esqd, devem ser realizadas por intermédio do S-4. Para a função logística RH, as ligações do Pel com a SU devem ser feitas por intermédio do S-1.

10.3.3 A LOGÍSTICA NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO/ REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO

10.3.3.1 A logística realizada no Esqd C Mec de RC Mec difere da realizada pelo Esqd C Mec/Bda em função da inexistência de um EM para apoiar o Cmt SU no planejamento e na execução da Log. Outra importante diferença é que essa SU não possui, em sua estrutura organizacional, frações de saúde e de aprovisionamento. Além disso, a sua fração de Mnt é reduzida.

10.3.3.2 No Esqd C Mec/RC Mec, as atividades de aprovisionamento, saúde e Mnt dependem do planejamento do Cmdo do RC Mec, que, em sua manobra logística, poderá ou não, a depender da situação, descentralizar frações do Esqd C Ap em apoio ao Esqd C Mec.

10.3.3.3 Em consequência, o planejamento logístico do Esqd C Mec/RC Mec é reduzido, concentrando-se no Cmt SU, assessorado pelo seu S Cmt e pelo Enc Mat. Muitos dos processos e técnicas de planejamento logístico devem ser realizados sumariamente, exigindo de seu Cmt um maior Engj.

10.3.3.4 Todas as ligações logísticas diárias relacionadas ao material, entre os Pel e o Esqd, devem ser realizadas por intermédio do S Cmt SU.

10.3.4 ORGANIZAÇÃO DO PELOTÃO DE COMANDO E APOIO DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO DE BRIGADA

10.3.4.1 O emprego e os encargos do Pel C Ap são semelhantes aos do Esqd C Ap (de forma reduzida), podendo ser reforçado por frações logísticas do B Log da Bda.

10.3.4.2 Seção de Comando

10.3.4.2.1 A Seç Cmdo do Pel C Ap possui o efetivo e os meios necessários ao apoio ao Cmdo e ao EM do Esqd C Mec/Bda. O Cmt Seç Cmdo é o 1º Sgt Aj do Gp Pes.

10.3.4.2.2 O grupo de pessoal apoia o S-1 no planejamento, controle e na execução das tarefas da função logística RH.

10.3.4.2.3 O grupo de logística apoia o S-4 no planejamento, controle e na execução das tarefas das funções logísticas Sup, Mnt e Saúde (material Cl VIII).

10.3.4.2.4 O grupo de comunicações executa tarefas de Mnt de 1º Esc do material de Com da SU, apoiando e orientando os Pel no emprego dos Eq Com.

10.3.4.3 Seção de Logística

10.3.4.3.1 A Seç Log executa a logística planejada pelo S-1 e S-4 nas áreas de manutenção do material, suprimentos, aprovisionamento e apoio de saúde.

10.3.4.3.2 Integram a Seç Log: o Gp Mnt, o Grupo de Suprimento (Gp Sup), o Grupo de Aprovisionamento (Gp Aprv) e o Grupo de Saúde (Gp Sau).

10.3.4.3.3 O Enc Mat é o Cmt da Seç Log do Pel C Ap. Ele coordena e controla as atividades do Gp Mnt e do Gp Sup. No Esqd C Mec/Bda, quem controla e emprega o Gp Aprv da Seç Log é o oficial aprovisionador, também S Cmt do Pel C Ap. O Gp Sau é empregado pelo oficial médico da SU.

10.3.4.3.4 Grupo de Manutenção (Gp Mnt)
a) O Gp Mnt executa a manutenção preventiva e corretiva de 1º Esc das viaturas e do armamento, a qual fica ao encargo do Pel C Ap.

b) Integram o Gp Mnt: a Tu Mnt de VB, a Tu Mnt de viaturas auto e a Tu Mnt de torre e armamento.
c) A Seç Mnt instala e opera a A Mnt da SU na ATSU.

10.3.4.3.5 Grupo de Suprimento
a) O Gp Sup transporta e distribui às frações da SU o suprimento recebido do Esc Sp. O Cmt Gp Sup é o Fur da SU.
b) Integram o Gp Sup as Tu Sup de classe I, III e V.
c) Essas frações conduzem a reserva orgânica da SU das respectivas classes. Elas instalam e operam os postos de suprimento Cl I, III e V.

10.3.4.3.6 Grupo de Aprovisionamento
a) Executa as tarefas e os processos relacionados ao Sup Cl I.
b) É empregado pelo S Cmt Pel C Ap, também aprovisionador da SU.
c) Instala e opera a A Coz da SU na ATSU.

10.3.4.3.7 Grupo de Saúde
a) Executa a medicina preventiva e o atendimento primário de saúde. Destina-se a prestar assistência médica aos feridos e doentes da SU.
b) É empregado pelo oficial médico do EM da SU.
c) Instala e opera o PS do Esqd na ATSU.

10.3.5 ORGANIZAÇÃO DA SEÇÃO DE COMANDO DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO DE REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO

10.3.5.1 A Seç Cmdo reúne os meios necessários ao exercício do Cmdo, ao controle do pessoal e material, à execução da manutenção e à distribuição do suprimento para a SU.

10.3.5.2 A estrutura organizacional básica da Seç Cmdo pode ser reforçada por meios de manutenção, saúde e aprovisionamento do Esqd C Ap, conforme o planejamento do S-4.

10.3.5.3 A Seç Cmdo opera, normalmente, duas instalações: o PC da SU, mobiliado com o Gp Cmdo, e a ATSU, mobiliada com o Gp Log e com as Tu Ap direto do Esqd C Ap destacadas para a SU.

10.3.5.4 Grupo de Comando

10.3.5.4.1 O Gp Cmdo enquadra o efetivo e os meios que apoiam diretamente o Cmt, o S Cmt e a sargenteação da SU no desempenho de suas funções.

10.3.5.4.2 A Tu Pes executa as tarefas da função RH e coordena as atividades de saúde. Na ATSU, ela desdobra os seus meios próximo ao PC da SU. Quando a SU recebe o apoio de uma Tu Ev do Esqd C Ap/RC Mec, as atividades dessa fração passam a ser coordenadas e supervisionadas pelo Gp Pes.

10.3.5.4.3 A Tu Com executa as tarefas de suprimento da classe VII. Orienta e supervisiona a Mnt preventiva do material de Com executada pelos usuários, realizando as tarefas de Mnt preventiva e corretiva de 1º escalão de maior complexidade, a cargo da SU.

10.3.5.5 Grupo de Logística

10.3.5.5.1 O Gp Log enquadra o efetivo e os meios necessários à execução do Ap Log à SU (exceto RH e saúde), constituindo a maior parte dos trens da SU e sendo empregado sob o Cmdo direto do Enc Mat. O Gp Log é integrado pela Tu Mnt e pela Tu Sup, devendo coordenar as atividades da Tu Aprv e da Tu Mnt em reforço ou apoio direto à SU.

10.3.5.5.2 Turma de Manutenção
a) É a fração responsável por orientar e supervisionar a Mnt preventiva de 1º Esc realizada pelas guarnições das Vtr, guarnições do armamanto coletivo e usuários do armamento individual da SU.
b) Realiza a Mnt preventiva de maior complexidade e corretiva de 1º escalão a cargo da SU.
c) Solicita ao S Cmt SU peças, sobressalentes e insumos necessários à Mnt de viaturas e armamentos, coordenando a sua distribuição aos Pel e frações do Esqd.
d) Coopera na evacuação e coleta de salvados no âmbito da SU.
e) Conduz, em suas viaturas, o Sup Cl III (óleos e lubrificantes) da SU.
f) Quando desdobrada na ATSU, a Tu Mnt opera a área de Mnt.
g) Quando a SU for apoiada por uma Tu Mnt/Esqd C Ap, o chefe da Tu Mnt da SU coordena o apoio.

10.3.5.5.3 Turma de Suprimento
a) A Tu Sup é a fração encarregada do controle e do transporte do suprimento destinado à SU, exceto das Cl VII (Tu Com), VIII (Tu Ev) e IX (Tu Mnt).
b) É a fração encarregada do transporte do Sup Cl V que não puder ser conduzido nas Vtr dos Pel e frações da SU. A Vtr da Tu Sup também transporta o suprimento de água.
c) Quando a SU não for apoiada por uma Tu Aprv/Esqd C Ap, transporta e distribui o Sup Cl I do Esqd (reserva orgânica).
d) A Tu Sup é a fração responsável por realizar tarefas de transporte na SU, como aqueles referentes ao recebimento do pacote logístico (Pct Log) em caso de necessidade urgente, no transporte de feridos, de mortos ou de PG.
e) Uma de suas Vtr 5 Ton é utilizada como P Remn da SU.
f) A Tu Sup controla e supervisiona a sua distribuição do Sup Cl III (Vtr cisterna Cl III do Esqd C Ap) aos Pel e frações. Essa Tu conduz em suas Vtr (camburões e tonéis) o combustível que não puder ser distribuído às demais Vtr (reserva da SU).

10.4 TRENS DA SUBUNIDADE

10.4.1 GENERALIDADES

10.4.1.1 Trens é a designação genérica dada ao conjunto dos elementos em pessoal, Vtr e equipamentos destinados a proporcionar Ap Log ao Esqd C Mec.

10.4.1.2 Os trens do Esqd são instalados, mobiliados e operados pela Seç Cmdo ou pelo Pel C Ap. Os trens da SU são empregados sempre reunidos em uma mesma área ou coluna de marcha. Normalmente, deslocam-se à retaguarda da coluna de marcha do Esqd, quando desdobrado no terreno, e ocupam uma área chamada de ATSU.

10.4.1.3 A localização dos trens da subunidade (TSU) ou da ATSU, quando desdobrada, é em função da missão atribuída ao Esqd. Em função da manobra logística do Cmt RC Mec ou Cmt Bda, os TSU ou a ATSU podem permanecer junto à SU (situação normal) ou próximo da área de trens de combate (ATC)/RC Mec ou BLB/GU, beneficiando-se da Seg proporcionada pelos Elm da reserva, de Ap Log ou Ap Cmb do Esc Sp.

10.4.2 CONTROLE E DESLOCAMENTO DOS TRENS DA SUBUNIDADE

10.4.2.1 O S Cmt do Esqd é o responsável pelo controle dos TSU. Ele estuda continuamente a situação, a fim de propor a oportunidade do deslocamento dos trens, de maneira a facilitar o apoio às Op futuras. As prováveis R Dstn dos trens ou ATSU devem ser levantadas antecipadamente, a fim de agilizar a manobra logística da SU. O S Cmt é auxiliado pelo Enc Mat (Esqd C Mec/RC Mec) ou pelo S-4 (Esqd C Mec/Bda).

10.4.2.2 Após a decisão de realizar um deslocamento dos TSU, o S Cmt (no Esqd C Mec/RC Mec) ou o S-4 (no Esqd C Mec/Bda, em coordenação com o S-3) providencia o Rec dos itinerários e da nova área.

10.4.2.3 Em princípio, o Cmt dos trens é o Enc Mat (Esqd C Mec/RC Mec) ou o Cmt Pel C Ap (Esqd C Mec/Bda), tendo como substitutos eventuais o Sgte ou o S Cmt Pel C Ap, respectivamente. Cabe ao Cmt TSU determinar a localização específica de cada fração, Vtr ou instalação logística na coluna de marcha dos trens ou na área onde serão desdobrados, bem como a responsabilidade pela execução dos deslocamentos (controle e da Seg).

10.4.3 LOCALIZAÇÃO DOS TRENS DA SUBUNIDADE

10.4.3.1 Em todas as situações, os trens do Esqd C Mec devem ser localizados de modo a prestar apoio oportuno, contínuo e adequado em suprimentos, evacuação médica e manutenção aos seus Pel.

10.4.3.2 A proposta de localização dos trens ao Cmt SU é realizada pelo S Cmt SU, devendo ser assessorado na elaboração dessa proposta pelo Enc Mat (Esqd C Mec/RC Mec) e pelo S-4 (Esqd C Mec/Bda).

10.4.3.3 Para a localização dos TSU (ou da ATSU), o Cmt Esqd C Mec deve manter estreito entendimento com o S-4/RC Mec ou com o E-4/Bda (Esqd C Mec/Bda).

10.4.3.4 Os fatores para localização dos TSU são abordados de forma detalhada no manual Regimento de Cavalaria Mecanizado.

10.5 ÁREA DE TRENS DA SUBUNIDADE

10.5.1 GENERALIDADES

10.5.1.1 Na ATSU, as frações logísticas da Seç Cmdo ou do Pel C Ap desdobram suas instalações logísticas. Nessa área são, também, desdobradas as instalações logísiticas operadas pelas frações recebidas em apoio do Esc Sp.

10.5.1.2 A dispersão da Seç Cmdo ou do Pel C Ap deve ser a máxima que a capacidade de C² do Enc Mat ou do Cmt Pel C Ap permitir. A Seç Cmdo e o Pel C Ap são constituídos de frações logísticas e de C² que, por sua natureza, atraem os fogos indiretos do Ini.

10.5.2 INSTALAÇÕES LOGÍSTICAS DESDOBRADAS NA ATSU

10.5.2.1 Instalações logísticas são desdobradas na ATSU para execução do Ap Log.

10.5.2.2 Uma instalação logística pode estar embarcada em Vtr ou desdobrada no terreno.

10.5.2.3 O Esqd C Mec/RC Mec normalmente desdobra, em sua ATSU, as seguintes instalações logísticas:
a) um P Remn, instalado e operado pela Tu Sup/Gp Log;
b) um PCF, instalado e operado pela Tu Ev/Pel Sau do Esqd C Ap;
c) uma A Coz, instalada e operada pela Tu Aprv do Pel Sup do Esqd C Ap; e
d) uma A Mnt, instalada e operada pela Tu Mnt da Seç Cmdo da SU. Quando o Esqd receber em apoio uma Tu Mnt/Pel Mnt do Esdqd C Ap, essa turma opera a partir dessa área.

10.5.2.4 O Esqd C Mec/Bda normalmente desdobra, em sua ATSU, as seguintes instalações logísticas:
a) um P Sup Cl V, ou P Remn, instalado e operado pela Tu Sup Cl V do Gp Sup/Seç Log do Pel C Ap;

b) um P Sup Cl I, instalado e operado pela Tu Sup Cl I do Gp Sup/Seç Log do Pel C Ap;
c) um P Sup Cl III, instalado e operado pela Tu Sup Cl III do Gp Sup/Seç Log do Pel C Ap;
d) um PS do Esqd, instalado e operado pelo Gp Sau /Seç Log do Pel C Ap;
e) uma A Coz, instalada e operada pelo Gp Aprv/Seç Log do Pel C Ap; e
f) uma A Mnt, instalada e operada pelo Gp Mnt/Seç Log do Pel C Ap. Quando a SU for apoiada por uma seção leve de manutenção (Seç L Mnt) do B Log, essa fração opera a partir dessa A Mnt.

10.5.2.5 Os Esqd C Mec podem, eventualmente, desdobrar, em suas AT, as seguintes instalações logísticas temporárias, em função da situação tática ou logística:
a) um P Col Mor – local onde são reunidos os mortos e preparados para evacuação para o Esc Sp; e
b) um posto de coleta de prisioneiros de guerra (P Col PG) – local onde são concentrados os PG para evacuação para o Esc Sp.

10.5.2.6 Essas instalações têm caráter temporário e são desdobradas, principalmente, após a conquista de objetivos, nas reorganizações e consolidações dos Pel durante Op Ofs.

10.5.3 POSTO DE REMUNICIAMENTO CLASSE V

10.5.3.1 No Esqd C Mec/RC Mec, essa instalação é montada e operada pela Tu Sup/Gp Log/Seç Cmdo, em uma das Vtr 5 ton (a outra Vtr, do Enc Mat, destina-se ao material diverso da SU). No Esqd C Mec/Bda, ela é montada e operada pela Tu Sup Cl V do Gp Sup/Seç Log/Pel C Ap, na sua Vtr 5 Ton. Essas instalações são chefiadas pelo Fur da SU (Cmt do Gp ou da Tu Sup).

10.5.3.2 Nessas viaturas são transportados os explosivos e as munições da dotação orgânica (DO) da SU não distribuída aos pelotões e Seç Cmdo ou Pel C Ap, mantida como reserva da SU ou aguardando distribuição às frações da SU.

10.5.3.3 Esse suprimento deve ser mantido embarcado o máximo de tempo possível em função do volume e de peso. Em situações estáticas, pode ser construído um paiol de campanha improvisado, quando a Mun é desembarcada.

10.5.3.4 Cabe ao Sgt Fur o controle dessas instalações e o controle dos níveis de Seg da Mun da SU, da Mun no P Remn e a distribuída aos Pel e frações da Seç Cmdo ou Pel C Ap.

10.5.3.5 De acordo com o método de ressuprimento adotado para os Pel, a Vtr do Fur ou a da Tu Sup Cl V (Pel C Ap) pode deslocar-se até as posições das viaturas dos Pel para o transbordo da Mun.

10.5.3.6 A Vtr do P Sup Cl V deve permanecer camuflada e com seu pessoal instalado ou acantonado nas proximidades. Sempre que possível, deve ser mantida uma distância de segurança entre as demais instalações, utilizando o terreno para proteger e isolar esse local.

10.5.4 PONTO DE CONCENTRAÇÃO DE FERIDOS – ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO/REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO

10.5.4.1 O PCF é desdobrado e operado pela Tu Ev do Pel Sau/Esqd C Ap.

10.5.4.2 Essa instalação funciona em torno das 02 (duas) ambulâncias (Amb) da Tu Ev (01 viatura blindada transporte especializado ambulância – VBTE Amb – e 01 Vtr de transporte especializado Amb) e destina-se a receber os feridos transportados por Elm dos Pel C Mec até o PCF.

10.5.4.3 Em determinadas situações, a VBTE Amb da Tu Ev pode deslocar-se até o local onde o ferido se encontra, a fim de evacuá-lo até o PCF ou diretamente para o PS.

10.5.4.4 O PCF é a mais avançada das instalações da ATSU, localizando-se próximo ao eixo de suprimento e evacuação (E Sup Ev) da SU.

10.5.4.5 As outras Vtr da Seç Cmdo podem ser empregadas para evacuar feridos menos graves ou se eles forem em número elevado.

10.5.4.6 Quando o Esqd C Mec receber mais de uma Tu Ev, pode ser previsto mais de um PCF.

10.5.4.7 O PCF deve ser do conhecimento de todos os militares da SU e possuir as seguintes características:
a) ser de fácil acesso aos militares feridos, transportados ou não por companheiros de Pel ou fração;
b) ser abrigado dos fogos diretos Ini; e
c) ser de fácil acesso para Amb ou permitir o transporte dos feridos para o local onde ela esteja.

10.5.5 POSTO DE SOCORRO DO ESQUADRÃO (ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO/BRIGADA)

10.5.5.1 O PS de Esqd é uma instalação logísitica desdobrada pelo Gp Sau/Seç Log do Pel C Ap. Essa instalação é operada sob o controle do oficial médico da SU. É a instalação logística mais avançada da ATSU e próxima ao E Sup Ev.

10.5.5.2 O PS de Esqd tem a mesma função do PSR. Ele executa a medicina preventiva e o atendimento primário de saúde. Destina-se a prestar assistência médica aos feridos e doentes da SU.

10.5.5.3 O Gp Sau é integrado por uma turma de triagem (Tu Trg) e uma Tu Ev. O oficial médico da SU pode empregar o Gp Sau reunido no PS de Esqd ou divido em duas instalações:
a) **01 (um) PCF** – instalado e operado pela Tu Ev na entrada do PS de Esqd, com a missão de evacuar os feridos graves dos Pel para o PS; prestar os primeiros socorros aos doentes e feridos de menor gravidade; encaminhar os feridos de maior gravidade para o posto de triagem (P Trg); encaminhar os feridos e doentes já tratados para uma área de repouso próxima ao PCF (abrigo temporário) onde permanecem em observação até serem liberados para retornar aos seus Pel; fazer retornar ao serviço os doentes e feridos considerados aptos, após o atendimento no PCF; e, eventualmente, realizar a evacuação de feridos da SU para a BLB/GU;
b) **01 (um) posto de triagem (P Trg)** – instalado e operado pela Tu Trg. Essa instalação tem por missão receber os doentes e feridos graves vindos do PCF, ou diretamente dos Pel; providenciar tratamento limitado ao necessário para salvar a vida ou um membro; fazer a profilaxia e o tratamento inicial do choque; providenciar abrigo temporário para os feridos e doentes em tratamento ou observação; fazer retornar ao serviço os doentes e feridos considerados aptos; e preparar os doentes e feridos graves para evacuação para a BLB.

10.5.5.4 O PS de Esqd possui capacidade limitada de retenção, tratamento e evacuação de feridos ou doentes. O Esc Sp encarrega-se da evacuação médica para a retaguarda, conforme a necessidade, para a BLB ou instalação de saúde mais à retaguarda.

10.5.5.5 O Gp Sau reúne os mortos no necrotério do PS de Esqd (local afastado da área de atendimento aos feridos e doentes, se possível coberto) para posterior evacuação ou recolhimento para o P Col Mor da Bda na BLB.

10.5.6 ÁREA DE COZINHA (ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO DE REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO E DE BRIGADA)

10.5.6.1 A área de cozinha é o local da ATSU onde se desdobra a Tu Aprv do Pel Sup/Esqd C Ap ou o Gp Aprv da Seç Log/Pel C Ap. Essa instalação é destinada à confecção e distribuição das refeições e rações para a tropa.

10.5.6.2 As Vtr da Tu ou Gp Aprv transportam a reserva de ração R2 da SU (rações operacionais para um dia de consumo pelo efetivo da SU). No Esqd C Mec/RC Mec, quando as Tu Aprv permanecerem centralizadas na AT/RC Mec, o Enc Mat deve transferir essas rações para outras Vtr da Seç Cmdo ou mesmo para as Vtr dos Pel, recomendando à tropa que o consumo dessa ração somente pode ser realizado Mdt O.

10.5.6.3 A A Coz é normalmente desdobrada próximo ao PC da SU para facilitar o contato do Cmt Tu ou Gp Aprv com o Sgte ou Sgt Adj sobre o efetivo a ser alimentado em cada refeição.

10.5.7 ÁREA DE MANUTENÇÃO (ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO DE REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO E DE BRIGADA)

10.5.7.1 A A Mnt é o local da ATSU onde se desdobra a Tu Mnt/Gp Log ou o Gp Mnt/Seç Log do Esqd para prestar Ap Mnt de Vtr e armamento para a SU.

10.5.7.2 Quando o Esqd C Mec/RC Mec recebe o apoio de 01 (uma) Tu Mnt do Pel Mnt/Esqd C Ap ou o Esqd C Mec/Bda, o apoio de uma Seç L Mnt/B Log, essas frações são desdobradas nessa área.

10.5.7.3 A A Mnt deve dispor de uma área para estacionamento das Vtr das frações de Mnt e de outra para as Vtr em manutenção. Cuidados especiais devem ser tomados com a camuflagem e os rastros das Vtr.

10.5.7.4 Essa instalação deve estar localizada próximo do E Sup Ev, a fim de facilitar o acesso das viaturas dos Elm de 1º escalão, em local amplo e com solo firme.

10.5.7.5 Nas Vtr das frações de Mnt da SU são transportadas as peças e sobressalentes para as viaturas e o armamento da SU, bem como o Sup Cl III (óleos, graxas e lubrificantes).

10.5.7.6 As frações de Mnt podem atuar em toda a Z Aç da SU, dependendo da situação tática e da Mnt a ser realizada. Essa Mnt das viaturas e do armamento pode ser executada nas posições dos Pel, ao longo do E Sup Ev onde foram deixadas as Vtr em pane ou na A Mnt da ATSU.

10.5.8 POSTO DE SUPRIMENTO CLASSE I (ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO/BRIGADA)

10.5.8.1 O P Sup Cl I é desdobrado e operado pela Tu Sup Cl I do Gp Sup/Seç Log do Pel C Ap. Essa instalação logística opera normalmente embarcada em sua Vtr 5 Ton.

10.5.8.2 Na Vtr 5 Ton do P Sup Cl I é transportada a reserva orgânica de suprimento Cl I da SU (quantidade de suprimento dessa classe existente e que não esteja destinada para consumo imediato e rações operacionais para um dia de consumo pelo efetivo da SU).

10.5.8.3 O Fur controla a reseva orgânica e solicita ao S-4 sua reposição quando necessário.

10.5.9 POSTO DE SUPRIMENTO CLASSE III (ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO/BRIGADA)

10.5.9.1 O P Sup Cl III é desdobrado e operado pela Tu Sup Cl III do Gp Sup/Seç Log do Pel C Ap.

10.5.9.2 Na Vtr cisterna de combustível da Tu Sup Cl III é transportada a reserva orgânica de Sup Cl III da SU.

10.5.9.3 O Fur controla a reserva orgânica de Sup Cl III e o nível de Seg desse suprimento. Quando necessário, solicita ao S-4 sua reposição.

10.5.10 POSTO DE COLETA DE MORTOS (ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO DE REGIMENTO DE CAVALARIA MECANIZADO E DE BRIGADA)

10.5.10.1 O P Col Mor é uma instalação eventual e temporária, montada na ATSU somente em determinadas situações táticas, quando o número de mortos for elevado, exigindo o desdobramento dessa instalação.

10.5.10.2 Normalmente, compete à Tu Sup/Gp Log da Seç Cmdo e ao Gp Sau/Seç Log do Pel C Ap montar e operar essa instalação.
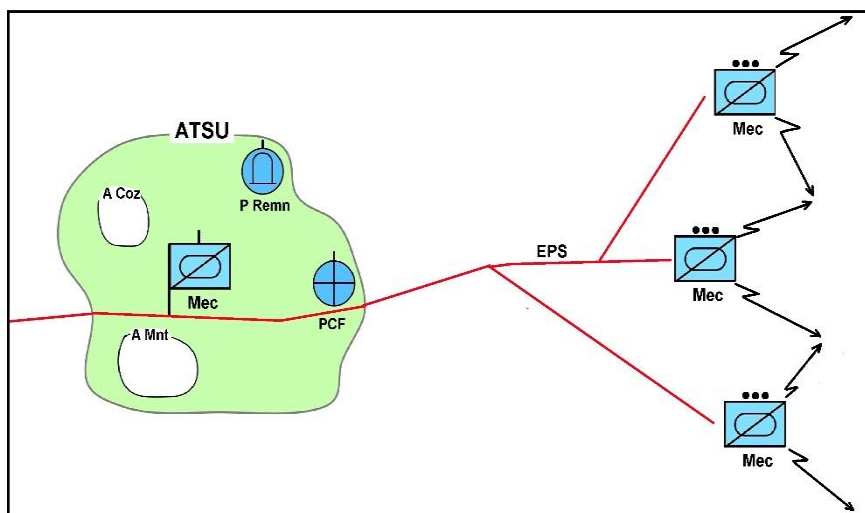
Fig 10-2 – ATSU e EPS do Esqd C Mec de RC Mec

10.5.10.3 É normalmente montado próximo ao P Remn (ou P Sup Cl V), em local coberto e, se possível, abrigado, devendo ficar fora das vistas das demais instalações da ATSU.

10.5.10.4 Nesse local, são reunidos e preparados os mortos para serem embarcados nas Vtr do Esqd C Ap ou do B Log, que transportam o Sup Cl V para a ATSU.

10.5.11 POSTO DE COLETA DE PRISIONEIROS DE GUERRA

10.5.11.1 O P Col PG é uma instalação eventual e temporária, montada na ATSU somente em determinadas situações táticas e quando for capturado um número elevado de PG. Nesse caso, essa instalação é desdobrada para a concentração e evacuação de PG para o Esc Sp, com melhores condições de segurança e controle.

10.5.11.2 Normalmente, compete ao Gp Cmdo da Seç Cmdo e à Seç Cmdo do Pel C Ap operar essa instalação.

10.5.11.3 De acordo com o número de PG, pode ser necessário o apoio dos Pel para segurança e evacuação dos PG para a AT/RC Mec ou BLB/GU.

10.6 EIXO DE SUPRIMENTO E EVACUAÇÃO

10.6.1 O E Sup Ev é a estrada ou, eventualmente, uma direção selecionada pelo Esqd C Mec para, através dela, ser executado o grosso das atividades de suprimento e evacuação da sua responsabilidade. Na Z Aç do Esqd C Mec, o E Sup Ev estende-se da ATSU até a posição dos Pel da SU em 1º escalão.

10.6.2 O Esqd C Mec é responsável pela Seg do seu E Sup Ev.

10.6.3 No RC Mec, a estrada ou direção de apoio e evacuação entre a sua AT e a ATSU do Esqd C Mec denomina-se, também, E Sup Ev, sendo a Seg desta responsabilidade do Rgt.

10.6.4 Na Bda, a estrada que liga a BLB à ATSU do Esqd C Mec/Bda denomina-se estrada principal de suprimento (EPS), sendo a sua Seg responsabilidade da Bda.

10.7 FUNÇÕES LOGÍSTICAS NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

10.7.1 GENERALIDADES

10.7.1.1 Função logística é definida como a reunião, sob uma única designação, de um conjunto de atividades logísticas afins, correlatas ou de mesma natureza. No Esqd C Mec, as funções logísticas de maior relevância são o suprimento, a manutenção e a saúde.

10.7.2 A FUNÇÃO LOGÍSTICA SUPRIMENTO

10.7.2.1 A função logística suprimento refere-se ao conjunto de atividades que trata da previsão e provisão de Sup de todas as classes. Em princípio, o Esc Sp (RC Mec e B Log/Bda) realiza a entrega dos Sup destinados ao Esqd C Mec na ATSU (situação normal) ou nas posições dos Pel (Cl III e Cl V).

10.7.2.2 Nos Esqd C Mec, os Sup Cl I, III e V são recebidos com maior frequência do Esc Sp e possuem um maior impacto nas Op da SU.

10.7.2.3 Pacotes Logísticos (Pct Log)

10.7.2.3.1 Pct Log é o conjunto de Sup necessários para o Esqd C Mec, em um determinado período de tempo (normalmente uma jornada completa) ou para determinada Op Cmb, mais as Vtr Log necessárias para transportá-los até a SU.

10.7.2.3.2 Para a tropa Mec, o emprego de Pct Log padronizado agiliza os trabalhos de preparação, transporte e distribuição de suprimentos, além de garantir um fornecimento ajustado às necessidades da SU.

10.7.2.3.3 Um Pct Log preparado para o Esqd C Mec pelo Esqd C Ap/RC Mec ou pelo B Log da Bda é modular e flexível, variando em função do número de jornadas a que se destina ou da Op a ser realizada pela SU. Em princípio, o Sup destinado para uma jornada é transportado até a ATSU por:
a) uma Vtr de Sup Cl I com reboque cisterna de água;
b) uma Vtr de Sup Cl III;
c) uma Vtr de Sup Cl V; e
d) uma Vtr de Sup de outras classes (quando necessário).
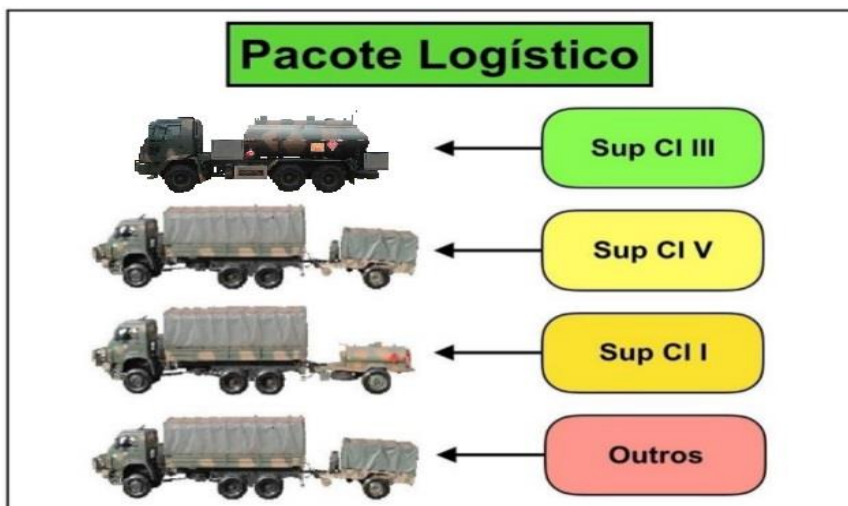
Fig 10-3 – Exemplo de pacote logístico (modular e flexível)

10.7.2.3.4 O Pct Log constitui uma única unidade de marcha, sendo entregue à SU, normalmente, durante a noite. Entretanto, dependendo da situação tática e dos meios Log disponíveis, pode ser entregue a qualquer hora, conforme a urgência e a necessidade.

10.7.2.4 Processos de Distribuição de Suprimento do Escalão Superior

10.7.2.4.1 O RC Mec e o B Log/Bda (para o Esqd C Mec/Bda) podem empregar diversos processos de entrega de Sup, em função da situação tática, da situação logística ou da Op a ser realizada.

10.7.2.4.2 Processo de Distribuição na Unidade
a) Nesse processo, cabe ao Esqd C Ap/RC Mec ou ao B Log/Bda entregar os Pct Log na ATSU do Esqd C Mec.
b) Ele é empregado sempre que possível, pois reduz os encargos logísticos do Esqd C Mec (o Ap Log deve ser deslocado para frente, em direção aos Elm de 1º escalão).

10.7.2.4.3 Processos Especiais
a) São aqueles empregados em Op de grande movimento ou quando se deve ter especial atenção à possibilidade de interrupção do fluxo de Sup.
b) Nesses processos, a responsabilidade pelo transporte do Sup cabe ao RC Mec ou ao B Log, mas a forma de entrega na SU ou o fluxo logístico são modificados, de modo a melhor atender ao Esqd C Mec.
c) São processos especiais: o comboio especial; o P Sup Mv; a Res Mv; o Sup pré-posicionado; e o Sup por via aérea.
d) Suprimento pré-posicionado:
- esse processo é muito empregado pela tropa mecanizada, particularmente nos Mov Rtg;
- é empregado, principalmente, na Def Pos, nos Mov Rtg e Op Seg, Op em que o andamento normal da manobra leva o Esqd C Mec a se movimentar em direção aos Elm Ap Log do Esc Sp; e
- o suprimento (Pct Log) necessário para a SU, em determinada situação tática, pode ser pré-posicionado no campo de batalha pelo Esc Sp, à Rtgd da posição a ser ocupada pela SU, para agilizar o Ap Log ou por medidas de Seg.

e) Reserva móvel de suprimento:
- esse processo especial de Sup pode ser utilizado nas Op Ofs de grande mobilidade, quando o E Sup Ev do RC Mec ou a EPS do B Log/GU tendem a ficar demasiadamente estendidos. Vtr de suprimento, normalmente as do Pct Log, são entregues em reforço (Ref) ao Esqd C Mec, colocando todo o suprimento necessário a determinada Op ou fase da Op junto aos TSU.

10.7.2.4.4 Deve-se evitar o processo de distribuição na instalação de suprimento. A responsabilidade pelo transporte do Sup entre a AT/RC Mec ou a BLB e a ATSU é do Esqd C Mec.

10.7.2.4.5 Durante o contato entre o Sgt Fur da SU e os Elm que realizam o ressuprimento do Esqd C Mec, a SU deve aproveitar para transmitir ou receber informações logísticas como:
a) mudança das necessidades Log em face da alteração na constituição das SU;
b) situação do efetivo, suprimento e manutenção das SU;
c) necessidades Log da SU para o período seguinte;
d) entrega e recebimento de documentos e correspondências; e
e) atualização da situação Log da SU.

10.7.2.5 Processos de Distribuição de Suprimento aos Pelotões e Frações

10.7.2.5.1 Os processos de entrega do suprimento na posição, fora da posição e o pré-posicionado podem ser utilizados para suprir os Pel e frações da SU.

10.7.2.5.2 Esses processos serão definidos pelo Cmdo da SU, após um estudo de situação, que indica o processo mais adequado para cada fase da Op ou da missão recebida.

10.7.2.5.3 O S Cmt e/ou o S-4 planejam a entrega do suprimento e informam aos Pel os detalhes dessa Op Log (processo, local, hora, segurança *etc*.). O Cmt Pel C Ap ou o Enc Mat (Esqd C Mec/RC Mec) executam a entrega de suprimento planejada pela SU.

10.7.2.5.4 Entrega de Suprimento na Posição
a) Nesse processo, os Pel permanecem em suas posições e um comboio de suprimento da SU desloca-se até cada posição de Pel, entregando o suprimento.
b) O Enc Mat, por orientação do S Cmt, organiza o comboio separando o suprimento a ser entregue a cada Pel. Embarca os Pct Log de cada Pel separado nas Vtr (exceto Cl V).
c) O Enc Mat planeja o deslocamento de modo a seguir um itinerário que aborde as posições dos Pel pela Rtgd.
d) Os Pel devem designar guias para a aproximação segura do comboio de Sup de suas posições.
e) No horário previsto, o comboio segue pelo itinerário planejado, distribuindo o Sup nos pontos balizados à Rtgd das posições dos Pel. Para o abastecimento de combustível, dependendo da situação tática, as Vtr podem deslocar-se de suas posições até o P Sup onde abastecem na Vtr cisterna ou o inverso (Vtr cisterna desloca-se até a posição das Vtr).
f) O Enc Mat deve evitar a aglomeração das Vtr no P Sup. A Vtr descarrega seu suprimento e avança para a próxima posição de Pel ou para um ponto de espera adiante, dependendo da situação tática e da distância entre as posições.
g) Esse processo é normalmente utilizado quando o terreno permite que as Vtr aproximem-se dos Pel por um caminho desenfiado ou quando o contato com o Ini for iminente e houver a necessidade de o suprimento estar na posição, no mais curto espaço de tempo.
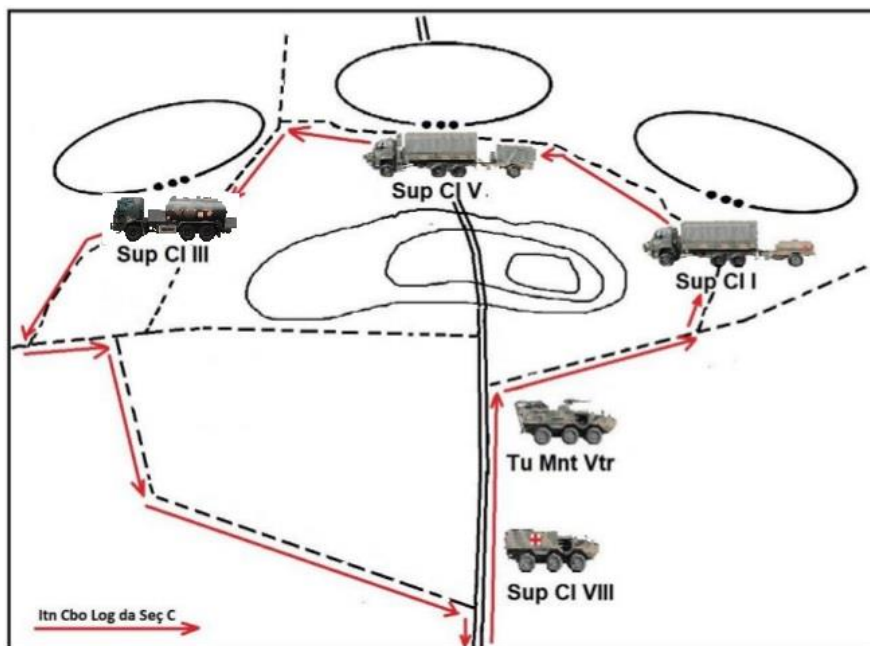
Fig 10-4 – Entrega de suprimento na posição dos pelotões

10.7.2.5.5 Entrega de Suprimento Fora da Posição

a) Nesse processo, o comboio de suprimento ocupa um ponto no terreno planejado pela SU e as Vtr dos Pel deslocam-se até esse ponto para receber o suprimento, por rodízio.

b) No ponto de suprimento planejado, as Vtr Log são colocadas em um dispositivo que se assemelha a uma “linha de servir”. Esse ponto deve ser o mais à frente possível e à Rtgd das posições dos Pel.

c) No horário planejado pela SU, cada Cmt Pel determina o deslocamento das Vtr necessárias para receber o suprimento no P Sup.

d) Em função da grande movimentação de Vtr, todas as medidas de Seg necessárias devem ser tomadas para não denunciar a posição, particularmente, na saída e no retorno das Vtr.

e) Esse processo é adotado quando o terreno não permitir a aproximação das Vtr Sup das posições dos Pel ou quando o contato com o Ini for remoto e permitir que os Pel possam ausentar-se por pouco tempo da posição (normalmente, deixam Elm em contato), ou, ainda, quando houver algum tipo de Sup desembarcado, como o suprimento Cl V.
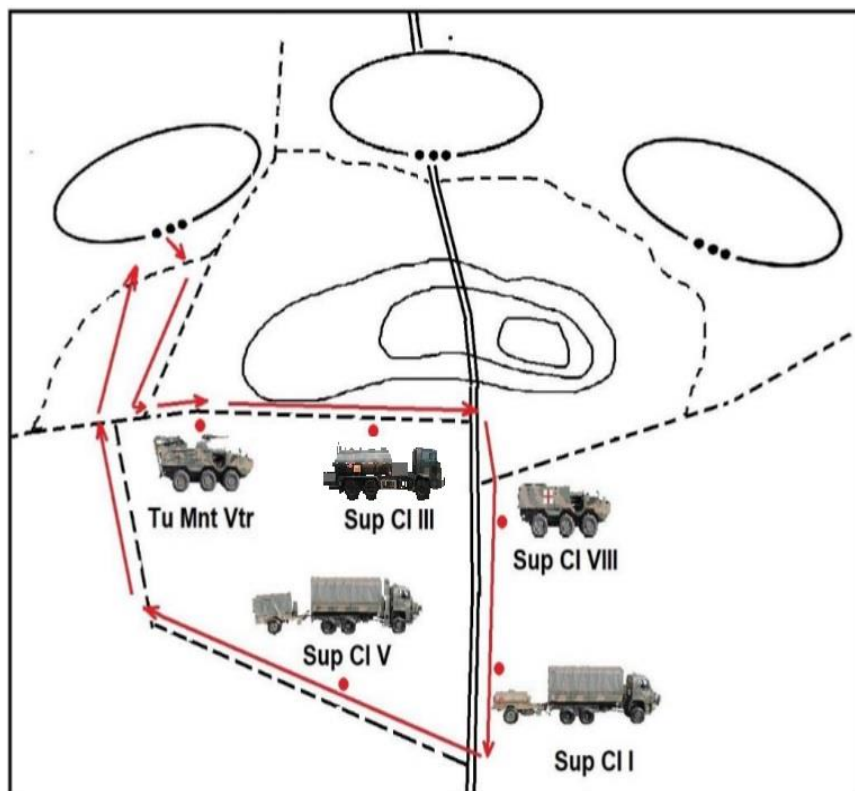
Fig 10-5 – Entrega de suprimento fora da posição – itinerário de um Pel

10.7.2.5.6 Entrega de Suprimento Pré-Posicionado

a) Nesse processo, o suprimento é colocado no terreno em posições a serem ocupadas pelos Pel, durante o desenrolar da Op.

b) O Enc Mat, por orientação do S Cmt (ou S-4), organiza pacotes de suprimento, geralmente com suprimentos de Cl III e V, que serão transportados para uma posição predeterminada (normalmente no interior ou à Rtgd de uma posição planejada para ser ocupada), para que os Pel possam apanhá-los em determinada fase da manobra.

c) Esse processo é normalmente utilizado durante as Op Mov Rtgd. Nessas Op, o suprimento é pré-posicionado em um local à Rtgd a ser ocupado pelo Pel C Mec. O Sup Cl V pode estar localizado no interior da posição de combate, junto às posições previstas para as frações.

d) Ocupada a posição de combate, o Adj Pel organiza a distribuição do Sup por “faxina” (parte do pelotão permanece em posição e outra parte recebe ou consome o suprimento, revezando ao final, com a parte que ficou em posição), à semelhança do processo de distribuição fora da posição, com as mesmas preocupações referentes à Seg e ao sigilo.
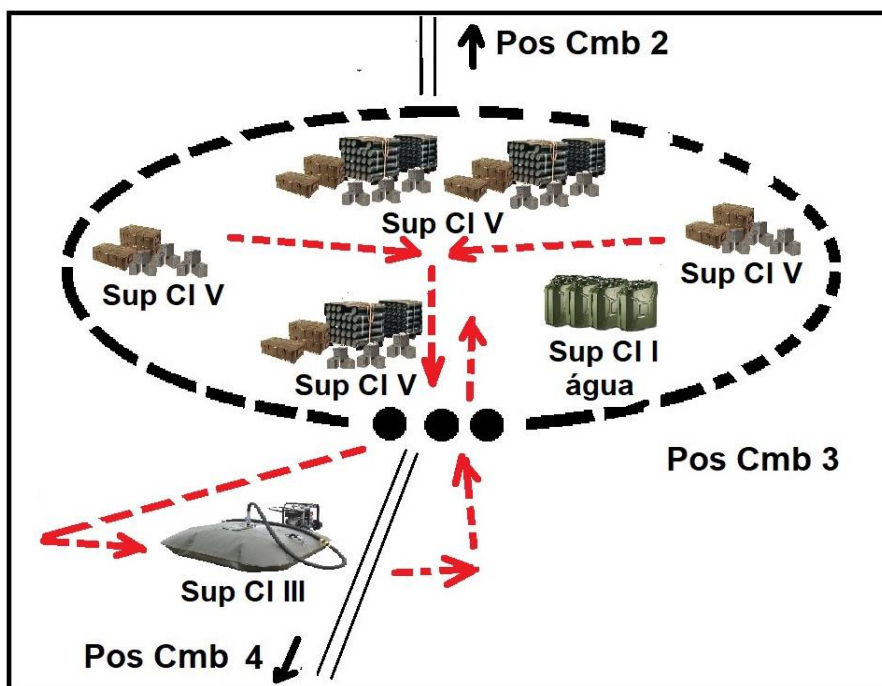
Fig 10-6 – Entrega de suprimento pré-posicionado em uma posição planejada e ainda não ocupada pelo Pel

10.7.2.6 Suprimento Classe I

10.7.2.6.1 Ração

a) Ração é a quantidade de alimentos necessários para manter um homem durante um dia. Normalmente compreende um ciclo de três refeições: jantar, café da manhã e almoço.

b) As rações normalmente utilizadas pelo Esqd C Mec são: R1, R2 e alimentação de emergência.

c) Durante o Cmb, as rações consumidas pelos Elm de 1º escalão são as R2 (rações de combate) ou alimentação de emergência.

d) As R1 (rações quentes) são consumidas, sempre que possível, em Z Reu ou situações estáticas. A distribuição da R1 depende da situação tática, da disponibilidade de água tratada para a sua confecção e de ordem do Esc Sp.

e) No Esqd C Mec/Bda, compete ao S-4, assessorado pelo aprovisionador (S Cmt Pel C Ap), a supervisão do preparo das R1 e o planejamento de distribuição de rações à tropa. No Esqd C Mec/RC Mec, esse encargo é do S Cmt assessorado pelo Enc Mat.

10.7.2.6.2 Escalonamento das Rações

a) No Esqd C Mec/RC Mec:

- com o homem: cada homem transporta uma alimentação de emergência, que

não faz parte da reserva orgânica do Rgt, e só pode ser consumida Mdt O do Cmdo RC Mec; e
- com o Esqd C Mec: conforme quadro de escalonamento abaixo.

ESCALÃO	TRANSPORTE	RAÇÃO	QUANTIDADE
SU (Tu Aprv em Ap Dto ou Ref)	Nas cozinhas	A prevista para a Op. Consumo imediato	2/3 a 1/3 da ração para o efetivo existente na SU
	Nas viaturas	R2 ou R3	1 ração para o efetivo previsto da SU

Quadro 10-1 – Escalonamento de rações – Esqd C Mec de RC Mec

b) Esqd C Mec/Bda:
- com o homem e com o Gp Aprv, a mesma quantidade prevista para o Esqd C Mec/RC Mec no “Quadro 10-1 Escalonamento das rações”;
- além dessas rações, o Esqd C Mec/Bda transporta, nas viaturas do Gp Sup, a Res orgânica de Sup Cl I da SU equivalente a mais 01 (uma) ração por efetivo previsto para a SU;
- essa Res orgânica da SU é a quantidade de Sup dessa Cl não destinada para consumo imediato (01 ração por homem com o Gp Aprv e 01 ração por homem com o Gp Sup); e
- a Res orgânica da SU é consumida quando necessário, sem que se peça autorização ao Esc Sp. Logo após ser consumida, o Esqd C Mec participa tal fato à sua Bda e pede a reposição do suprimento ao B Log.

10.7.2.6.3 Suprimento Automático ou a Pedido
a) Sempre que possível, não haverá pedido de Sup Cl I ao RC Mec (Esqd C Mec/RC Mec) ou ao B Log (Esqd C Mec/Bda), pois o Sup é automático entre o Esc Sp e o escalão subordinado.
b) O suprimento automático compreende as rações necessárias para o consumo imediato. Baseia-se no efetivo existente, informado diariamente pela SU ao S-1/RC Mec ou ao E-1/Bda (Esqd C Mec/Bda).
c) O Esqd C Mec/Bda pode fazer um pedido eventual de Sup Cl I à brigada (B Log) nas seguintes situações:
- necessidade de recomposição de sua Res orgânica, quando for atingido o nível mínimo previsto nos planos e ordens de Ap Log;
- necessidade de recomposição da quantidade de alimentação de emergência, com base no efetivo existente;
- quando o tipo de ração a ser consumida em cada uma das três refeições de um ciclo de ração não for o previsto;
- quando o excesso de rações comprometer a capacidade de transporte ou a mobilidade; e
- quando for julgado, por outras razões, estritamente necessário.
d) Por ocasião desses pedidos eventuais, a Bda (B Log) faz os reajustes necessários para a recomposição dos níveis previstos para o Esqd C Mec/Bda.

10.7.2.6.4 Preparo e Distribuição das Refeições
a) No Esqd C Mec/RC Mec, a preparação das refeições pode ser centralizada na área de trens da unidade (ATU) ou descentralizada nas ATSU. Quando a SU não recebe a Tu Aprv (cozinha centralizada), a preparação e o transporte das rações até a ATSU do Esqd C Mec ficam ao encargo do Esqd C Ap.
b) No Esqd C Bda, a preparação da refeição ocorre na ATSU pela Tu Aprv, e a sua distribuição deve ser coordenada pelo S-4.

10.7.2.6.5 Suprimento de Água
a) O Sup de água é feito durante a noite, normalmente junto com o Sup Cl I, podendo ser feito a qualquer hora na AT/RC Mec ou BLB (Esqd C Mec/Bda).
b) O S-4 RC Mec regula o horário para o abastecimento de água para os Esqd C Mec na AT do Rgt (conforme a necessidade).

10.7.2.7 Suprimento Classe III

10.7.2.7.1 Nos Esqd C Mec, o combustível é um encargo da Tu Sup/Gp Log da Seç Cmdo (Esqd C Mec/RC Mec) ou do Gp Sup/Seç Log do Pel C Ap (Esqd C Mec/Bda). Os óleos e lubrificantes para viaturas e armamento são encargos da Tu Mnt/Seç Log da Seç Cmdo (Esqd C Mec/RC Mec) ou do Gp Mnt/ Seç Log do Pel C Ap (Esqd C Mec/Bda).

10.7.2.7.2 Pedido
a) O Esqd C Mec/RC Mec remete ao S-4/Rgt um informe diário, e o Esqd C Mec/Bda remete ao E-4/Bda um relatório diário da situação de Sup Cl III, que tem efeito de pedido.
b) Esse informe ou relatório, elaborado pela Tu Sup ou Gp Sup da SU, deve informar ao Esc Sp:
- a quantidade de combustível existente nas cisternas da SU (só o Esqd C Mec/Bda); e
- a estimativa das necessidades para o período seguinte (normalmente 24 horas).

c) Com base no relatório diário de situação do Esqd C Mec/Bda, a GU abre um crédito para o seu Esqd. O crédito de Sup Cl III não consumido no período considerado não é acumulado para o período seguinte. No RC Mec, o Sup Cl III é fornecido aos Esqd C Mec conforme a disponibilidade e a missão a ser executada.

10.7.2.7.3 Recebimento
a) Em situação normal, os Esqd C Mec recebem o Sup Cl III em sua ATSU, incluído no comboio logístico do RC Mec ou do B Log.
b) No Esqd C Mec/Bda, a viatura cisterna do comboio do B Log, em princípio, pode ser trocada pela viatura cisterna vazia da SU ou a recompletará.
c) Excepcionalmente, outros meios, como tonéis ou camburões, podem ser utilizados na distribuição do Sup Cl III aos Esqd.
d) Nas Op de grande mobilidade, o B Log pode empregar processos especiais

de Sup, como manter cisternas plenas acompanhando permanentemente o deslocamento dos trens do Esqd C Mec/Bda.
e) O Sup de graxas e lubrificantes deve ser realizado pelo mesmo processo do combustível. Ele deve ser entregue, em situação normal, pelo RC Mec e pelo B Log na ATSU do Esqd C Mec.
f) O Sup Cl III distribuído pelo RC Mec para os seus Esqd C Mec deve ser entregue por uma viatura cisterna de combustível, em princípio, à noite e nas ATSU ou em locais próximos a elas. Dependendo ainda da situação tática, pode-se optar pela distribuição de combustível mais à frente, nas posições efetivamente ocupadas pelas Vtr em 1º escalão ou próximo a essas posições. De qualquer forma, as viaturas cisternas de combustível devem avançar o mais à frente que a situação tática permitir. Com a cisterna posicionada, as frações constituídas, ou Vtr isoladas, deslocam-se até o local determinado para o reabastecimento.

10.7.2.7.4 Nível de Segurança
a) No planejamento da manobra logística, em função do apoio do Esc Sp e do tipo da Op a ser desenvolvida, o S-4/RC Mec ou S-4/Esqd C Mec de Bda devem estabelecer um nível de Seg para o combustível.
b) Esse nível de Seg deve ser, em princípio, de 1/3 da capacidade do tanque de combustível da Vtr considerada.
c) Ao atingir esse nível, a Vtr deve ser abastecida na primeira oportunidade.

10.7.2.8 Suprimento Classe V

10.7.2.8.1 Pedido
a) O pedido desta classe de suprimento é feito por intermédio do informe de Sup Cl V enviado pelo S Cmt SU ao S-4/RC Mec ou da ordem de transporte enviada pelo S-4 Esqd C Mec/Bda ao E-4/GU, nos quais constam a quantidade e o tipo de Mun desejada.
b) O Esqd C Mec/Bda solicita a Mun necessária para completar sua DO. Pode ser autorizado a ultrapassar o nível da DO se houver previsão de emprego específico de Mun (como no caso do emprego do Esqd integrando a base de fogos da Bda em determinada Op ou fase desta, por exemplo).

10.7.2.8.2 Recebimento
a) O Esqd C Mec de RC Mec recebe sua Mun à noite, com o Pct Log entregue na ATSU pelo Esqd C Ap. Da mesma forma, a Mun do Esqd C Mec/Bda é entregue em sua ATSU com o Pct Log entregue pelo B Log.
b) Em situações excepcionais, o Esqd C Mec/Bda pode ter que buscar a Mun no posto de distribuição (P Distr) Cl V desdobrado dentro da BLB. Nesse caso, é necessário primeiramente autenticar a ordem de transporte no posto de controle de Mun da Bda antes de sua apanha no P Distr Cl V.
c) As Op de grande mobilidade do Esqd C Mec/Bda podem levar o B Log a empregar processos especiais, como manter reservas de Mun acompanhando permanentemente o deslocamento dos trens do Esqd.

10.7.2.8.3 Distribuição aos Pelotões
a) O remuniciamento dos Pel e demais frações do Esqd C Mec deve ser realizado, em princípio, à noite, nas posições ocupadas ou em locais próximos.
b) A Vtr de Mun deve avançar o mais à frente que a situação tática permitir.

10.7.2.8.4 Posto de Remuniciamento
a) O Esqd C Mec/Bda desdobra, em sua ATSU, um P Remn Cl V.
b) Essa instalação Log é operada pela Tu Sup Cl V do Gp Sup, funcionando, em princípio, embarcada na Vtr da fração.

10.7.2.8.5 Nível de Segurança
a) No planejamento da manobra logística, em função do Ap do Esc Sp (situação logística) e do tipo da Op a ser desenvolvida, o S-4/RC Mec e o S-4/Esqd C Mec de Bda devem estabelecer um nível de Seg para o Sup Cl V, por tipo e por arma, para os Esqd C Mec/RC Mec e Pel da SU, respectivamente.
b) Esse nível de Seg deve ser, em princípio, de 1/3 da Mun disponível por tipo e por arma.
c) Ao atingir esse nível, a fração e a SU devem ser remuniciadas na primeira oportunidade.

10.7.3 A FUNÇÃO LOGÍSTICA MANUTENÇÃO

10.7.3.1 Generalidades

10.7.3.1.1 A função logística manutenção refere-se ao conjunto de atividades que são executadas, visando a manter o material (aí incluídos equipamentos, viaturas e armamentos *etc*.) em condição de utilização, durante todo o seu ciclo de vida e, quando houver avarias, restabelecer essa condição.

10.7.3.1.2 A Mnt é uma responsabilidade de Cmdo. Portanto, o Cmt Esqd C Mec e todos os Cmt Pel e frações são responsáveis pela Mnt adequada de todo o material sob sua responsabilidade.

10.7.3.1.3 Essa responsabilidade inclui as providências para a pronta recuperação do material danificado ou em pane, visando ao seu retorno ao serviço o mais rapidamente possível.

10.7.3.1.4 Em princípio, a Mnt deve ser executada tão à frente quanto o permitirem a situação tática e a disponibilidade de tempo e recursos. Muitas vezes é preferível a ida do pessoal de Mnt ao encontro do material a proceder em sentido inverso, reduzindo a necessidade de evacuação.

10.7.3.2 Atividades da Função Logística de Manutenção no Esqd C Mec

10.7.3.2.1 Nos Esqd C Mec, particularmente em operações, são executadas, normalmente, as atividades de levantamento das necessidades de Mnt, a Mnt preventiva, a Mnt corretiva e a reparação de danos em combate.

10.7.3.3 Estrutura de Manutenção nos Esqd C Mec

10.7.3.3.1 A execução da Mnt de material, no âmbito do Esqd C Mec, estrutura-se nos seguintes elementos e frações:
a) operador ou motorista (para material que não disponha de uma guarnição designada);
b) guarnição (para material com guarnição designada); e
c) turma ou Gp Mnt da SU (orgânica da Seç Cmdo ou Pel C Ap).

10.7.3.3.2 No Esqd C Mec/RC Mec, a SU pode receber o apoio ou reforço de uma Tu Mnt do Pel Mnt/Esqd C Ap.

10.7.3.4 Escalonamento da Manutenção

10.7.3.4.1 As ações de Mnt são escalonadas com base no nível de capacitação técnica do pessoal especializado, na adequação da infraestrutura e no ferramental a ser utilizado.

10.7.3.4.2 No Esqd C Mec de brigada, é realizada a Mnt de 1º escalão (orgânica), preventiva e corretiva**.** No Esqd C Mec de RC Mec, é realizada a manutenção preventiva e a manutenção corretiva de baixa complexidade de 1º escalão. No Pel Mnt do RC Mec, são realizadas as atividades de Mnt corretiva de 1º escalão, de maior complexidade.

10.7.3.4.3 Quando o Esqd C Mec/Bda for apoiado pelo B Log com uma seção leve de manutenção (Seç L Mnt), algumas atividades do 2º escalão de Mnt (intermediário) podem ser realizadas por essa fração na ATSU.

10.7.3.4.4 Manutenção a Cargo do Esqd C Mec
a) Manutenção preventiva:
- as tarefas mais simples de manutenção preventiva, com ênfase nas ações de conservação do material e reparações de falhas de baixa complexidade, devem ser realizadas pelo operador e/ou guarnição;
- as tarefas um pouco mais complexas e que demandem mais tempo são executadas pela Tu Mnt SU, na ATSU ou nas próprias posições ocupadas pelo material, com o Ap do operador e/ou da guarnição; e
- as tarefas de maior complexidade ou que demandem maior tempo são realizadas na ATSU pelo Gp Mnt (Esqd C Mec/Bda) ou por Elm da Tu Mnt em Ap Dto ao Esqd C Mec/RC Mec, apoiados pelo operador e/ou pela guarnição.
b) Manutenção corretiva:
- as tarefas de baixa complexidade e que demandem curto espaço de tempo podem ser realizadas nas ATSU pela Tu Mnt ou Gp Mnt SU, auxiliada pelo operador e/ou pela guarnição; e
- as tarefas da manutenção corretiva de 1º escalão que exijam ferramental especializado e maior tempo de execução são realizadas nas ATSU pelo Gp Mnt ou por elementos da Tu Mnt/Pel Mnt em apoio ao Esqd C Mec/RC Mec.

10.7.4 A FUNÇÃO LOGÍSTICA SAÚDE NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

10.7.4.1 Generalidades

10.7.4.1.1 O atendimento médico adequado é uma responsabilidade do Cmt Esqd C Mec e de todos os Cmt. Ele visa à conservação dos efetivos e à preservação da eficiência e do moral da tropa.

10.7.4.1.2 No Esqd C Mec/Bda, o apoio de saúde é planejado, coordenado e controlado pelo S-1, auxiliado pelo oficial médico. O apoio de Mnt e Sup de Cl VIII é planejado pelo S-4 do Esqd C Mec de modo a ajustar-se ao plano tático. Ele é prestado no PS do Esqd na ATSU. Eventualmente, pode ser prestado o apoio de saúde inicial em um PCF, localizado à frente da ATSU, pela Tu Ev do Gp Sau (normalmente o trabalho é realizado em conjunto com a Tu Trg no PS).

10.7.4.1.3 No Esqd C Mec/RC Mec, o apoio de saúde é prestado pela Tu Ev do Pel Sau/Esqd C Ap em apoio à SU. Essa fração instala e opera um PCF na ATSU.

10.7.4.2 Tratamento e Evacuação de Feridos

10.7.4.2.1 Quando um homem é ferido ou adoece, os primeiros socorros, em princípio, devem ser prestados por um companheiro de sua fração.

10.7.4.2.2 Em seguida, os feridos/doentes que possam se locomover são encaminhados ao PCF por seus próprios meios. Aqueles que não tiverem condições de locomoção são evacuados para o PCF pelos integrantes de sua fração, por outros elementos designados pela SU ou serão assinalados no terreno e esperam a evacuação médica pela Tu Ev que apoia a SU.

10.7.4.2.3 No PCF, o ferido/doente recebe os primeiros socorros e é preparado para a evacuação até o PSR ou PS de Esqd (Esqd C Mec/Bda), se necessário, por uma Amb ou pela própria Vtr que o conduziu ao PCF.

10.7.4.2.4 No PSR ou PS do Esqd, os feridos/doentes recebem o atendimento médico necessário. Os que podem voltar ao combate em curto prazo são mantidos no PSR ou PS do Esqd ou nas suas proximidades, para que, logo que estejam aptos, retornem às suas SU ou Pel. Aqueles que não tiverem condições de retornar à frente de combate são preparados para evacuação médica.

10.7.4.2.5 Para os feridos graves, pode ser solicitada a evacuação aeromédica.

10.7.4.2.6 Quando o PSR ou o PS do Esqd desloca-se, os feridos que não podem locomover-se são deixados em Gp que serão recolhidos por Elm do batalhão de saúde do Esc Sp. Se necessário, um atendente permanece com os feridos.

10.7.5 A FUNÇÃO LOGÍSTICA TRANSPORTE

10.7.5.1 Generalidades

10.7.5.1.1 A função logística transporte refere-se ao conjunto de atividades que são executadas visando ao deslocamento de RH, materiais e animais por diversos meios, no momento oportuno e para locais predeterminados, a fim de atender às necessidades do Esqd C Mec.

10.7.5.1.2 Para um eficiente controle de movimento no Esqd C Mec, deve ser observado que:
a) o controle deve ser centralizado pelo S Cmt ou S-4 (Esqd C Mec/Bda) e a execução descentralizada pelos pelotões;
b) os movimentos devem ser fluidos e flexíveis;
c) todos os movimentos, particularmente os logísticos, devem ser regulados pelo S Cmt ou S-4 (Esqd C Mec/Bda); e
d) os movimentos devem ser realizados com Seg e com o máximo de conhecimento sobre a área e as possibilidades de intervenção do Ini.

10.7.5.1.3 O Esc Sp, normalmente, controla o movimento em sua área de responsabilidade estabelecendo normas para a circulação e o controle de trânsito. Essas normas podem constar de um plano de circulação e de transporte que regula a utilização racional da rede viária, maximizando a sua capacidade para o atendimento das necessidades identificadas nos planejamentos e assegurando a execução sistemática e ordenada do trânsito nas vias e terminais de transporte.

10.7.5.1.4 Esse plano de circulação e controle de trânsito do RC Mec ou da Bda abrange, entre outras informações, a classificação das estradas e Pnt; a coordenação com relação ao movimento e trânsito civil (se for o caso); as prioridades e regras de trânsito específicas; e as medidas de coordenação e controle. Todos os pelotões e frações da SU devem tomar conhecimento desse planejamento.

10.7.5.2 Atividades de Transporte no Esqd C Mec

10.7.5.2.1 As atividades de transporte no Esqd C Mec são de pequena monta, resumindo-se, praticamente, ao transporte de suprimentos, à evacuação de feridos, ao controle das colunas de marcha da SU e ao controle da circulação e do trânsito na sua Z Aç.

10.7.5.2.2 O Esqd C Mec, em seu planejamento logístico, estabelece um E Sup Ev, ligando a ATSU às posições dos Pel, por onde é executado o Ap Log da SU.

10.7.5.2.3 No Esqd C Mec/Bda, o S-4 é o responsável pela coordenação geral, planejamento e supervisão do transporte de Sup e evacuação de material. Ao

Cmt do Pel C Ap cabe a responsabilidade pela execução dos transportes. No Esqd C Mec/RC Mec, o planejamento é realizado pelo S Cmt, e a execução, pelo Enc Mat.

10.7.6 A FUNÇÃO LOGÍSTICA RECURSOS HUMANOS

10.7.6.1 Generalidades

10.7.6.1.1 O S-1 (oficial de pessoal) e o Gp Pes da Seç Cmdo/Pel C Ap do Esqd C Mec de Bda e o Sgte e a Tu Pes/Gp Cmdo/Seç Cmdo do Esqd C Mec de RC Mec são os responsáveis pelo planejamento, coordenação, integração e execução das atividades relativas a essa função logística nos Esqd C Mec.

10.7.6.1.2 No Esqd C Mec de Bda, as atividades e tarefas da função logística RH realizadas pela 1ª Seção são idênticas às realizadas pela mesma seção no RC Mec. Ela tem a seu cargo planejar, integrar e controlar as tarefas de controle de efetivos, recompletamento, repouso, recuperação e recreação, sepultamento, suprimento reembolsável, serviço postal, banho e lavanderia. Ela deve prever, prover e apoiar o pessoal, contribuindo para manter elevado o moral do Esqd C Mec em Op.

10.7.6.1.3 Já no Esqd C Mec de RC Mec, as tarefas da Tu Pes e do Sgte do Esqd referentes à função logística RH são muito reduzidas, já que a maior parte das atividades e tarefas é executada pela seção de pessoal do RC Mec. Essas tarefas da Tu Pes concentram-se no controle dos efetivos e na execução de medidas de Mnt do moral e de bem-estar da tropa (planejadas pelo RC Mec).

10.7.6.1.4 As atividades referentes à disciplina e justiça militar, apoio religioso, PG e assuntos civis, realizadas no Esqd C Mec de Bda (algumas no Esqd C Mec de RC Mec), não fazem parte da logística, embora sejam do sistema de RH ou do sistema de Cmdo.

10.7.6.2 Controle de Efetivos

10.7.6.2.1 O controle de efetivos é o processo que engloba os registros relativos às movimentações e às mudanças de situação (por baixa hospitalar, promoção, requalificação, questões disciplinares e outros) do pessoal da SU.

10.7.6.2.2 Para o controle de efetivos, é essencial a existência de um fluxo de informações sobre pessoal, desde as frações mais elementares até a 1ª Seção do Esqd (ou sargenteação – Tu Pes). Essas informações devem circular por intermédio de informes padronizados e/ou relatórios, com o consequente registro desses dados.

10.7.6.2.3 No Esqd C Mec de Bda, são utilizados, para controle dos efetivos, os mesmos documentos elaborados pela 1ª Seção do RC Mec: cadernos de

trabalho; diário da unidade; quadro de necessidades de recompletamento; relatório periódico de pessoal; relatório de perdas; sumário diário de pessoal; mensagem diária de efetivos; e o mapa da força.

10.7.6.2.4 No Esqd C Mec de RC Mec, os documentos de controle dos efetivos são reduzidos, limitando-se, em princípio, aos cadernos de trabalho do Sgte; ao diário da SU; à mensagem diária de efetivos; e ao mapa da força.

10.7.6.3 A Manutenção do Moral e do Bem-Estar

10.7.6.3.1 Compete ao S-1 do Esqd C Mec de Bda o planejamento, o controle e a execução dessas atividades no âmbito da SU (de acordo com normas e com o planejamaneto da Bda) ou a utilização de serviços estabelecidos pelo Esc Sp. No Esqd C Mec de RC Mec, essas atividades são realizadas pelo S-1 do Rgt, cabendo à SU a execução delas.

10.7.6.3.2 As atividades relacionadas à Mnt do moral e do bem-estar da tropa no Esqd C Mec, normalmente, incluem repouso, recuperação e recreação; suprimento reembolsável; serviço postal; banho e lavanderia; e, raramente, o emprego de mão de obra.

10.7.6.4 Tarefas do Sistema de Comando Inter-relacionadas com a Função Logística Recursos Humanos

10.7.6.4.1 Essas tarefas não fazem parte da função logística RH, mas estão diretamente relacionadas a ela e são de grande interesse do Esqd C Mec para a Mnt da operacionalidade e do moral da sua tropa.

10.7.6.4.2 Justiça e Disciplina
a) A atividade de pessoal da SU está particularmente ligada à manutenção da disciplina. Esse assunto é de particular interesse dos Cmt SU, Pel e das frações.
b) Compete ao S-1 ou ao Sgte da SU informar ao Cmt Esqd tudo que possa influir no estado disciplinar da tropa. Compete a eles, também, assessorar o Cmt SU no planejamento e na adoção de medidas preventivas e corretivas para a Mnt da disciplina.
c) As medidas preventivas incentivam a obediência e o respeito à autoridade, eliminando causas reais ou potenciais de transgressão. As medidas corretivas visam a coibir a prática das transgressões.

10.7.6.4.3 Prisioneiros de Guerra
a) Compete ao S-1 e ao Sgte da SU assessorar o Cmt Esqd C Mec em tudo que se refere a PG.
b) A SU deve fazer constar, em suas NGA, as ações a serem adotadas pelos pelotões e frações que se seguem à captura dos prisioneiros e as relacionadas à sua evacuação para a ATSU e posteriormente para o Esc Sp (AT/RC Mec ou BLB).

c) O mais cedo possível, após a captura, os prisioneiros devem ser desarmados e grupados para evacuação, separando-se oficiais, graduados, desertores, civis e mulheres.
d) O tratamento a ser dispensado aos prisioneiros é regulado pela Convenção de Genebra de 1949.
e) Os PG devem permanecer na ATSU o tempo estritamente necessário para a coordenação do transporte e escolta até o P Col PG da AT/RC Mec ou BLB. A responsabilidade de evacuação dos PG da ATSU do Esqd C Mec/Bda para o P Col PG da BLB é da Bda.

10.8 PLANEJAMENTO LOGÍSTICO NO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

10.8.1 GENERALIDADES

10.8.1.1 O planejamento logístico tem por finalidade empregar as frações logísticas do Esqd C Mec (e as frações recebidas em Ap do Esc Sp) e os recursos logísticos disponibilizados pelo Esc Sp para a execução da missão recebida, manter a prontidão operativa e aumentar o poder de Cmb dos Pel.

10.8.1.2 O planejamento logístico do Esqd C Mec deve ser capaz de disponibilizar o Ap necessário aos Pel na quantidade, local e tempo necessários. Para isso, deve determinar a composição e o deslocamento dos trens, a localização das ATSU e das regiões de destino dos trens, o eixo principal de suprimento, os processos de suprimento a serem utilizados, os níveis de Seg dos Sup a serem observados e as alterações da logísitica prevista nas NGA da SU para a Op ou missão a ser executada.

10.8.2 PRINCÍPIOS DO PLANEJAMENTO LOGÍSTICO

10.8.2.1 O Ap Log no Esqd C Mec deve ser dinâmico e voltado para atender às necessidades específicas da SU, impostas pela situação tática, a fim de proporcionar maior poder de Cmb para os Pel. Para isso, no planejamento logístico da SU, o Cmt e o EM devem orientar-se pelos princípios abaixo:
a) a logística da SU deve ir ao encontro dos Elm de 1º escalão (Pel de manobra), reduzindo-se ao máximo os deslocamentos destes até a ATSU;
b) o planejamento do Esqd deve antecipar-se às necessidades dos Pel e ser desdobrado o mais à frente possível;
c) o Ap Log da SU deve ser contínuo e utilizar todos os meios disponíveis, conforme a situação tática permitir;
d) a Mun, combustíveis, óleos, lubrificantes, peças e itens diversos, pessoal de manutenção e recompletamentos devem ser rapidamente enviados aos Pel e sempre devem estar em condições de serem empregados quando necessário;
e) o planejamento da manobra logística deve ser uma atividade contínua do Cmt, S Cmt e do EM do Esqd C Mec. A sincronização entre a logística e o

planejamento tático é essencial e deve enfocar todos os fatores que podem ter efeito significativo na missão tática;
f) a constante avaliação da situação tática (consciência situacional) e o levantamento das necessidades logísticas para as futuras Op são atividades críticas para o planejamento da manobra logística da SU; e
g) os Elm dos Pel devem ser aliviados ao máximo de seus encargos logísticos.

10.8.3 ESTIMATIVA LOGÍSTICA

10.8.3.1 A estimativa logística é uma análise dos fatores que podem afetar o cumprimento da missão do Esqd C Mec.

10.8.3.2 O S Cmt e o S-4 devem utilizar a estimativa logística para a formulação de L Aç e para o planejamento da manobra logística em Ap às Op definidas pelo Cmt Esqd C Mec. Os fatores relevantes para a confecção da estimativa são a situação do Sup disponível, particularmente das Cl I, III e V, e a disponibilidade das Vtr, principalmente as Bld.

10.8.3.3 Nos Esqd C Mec, a estimativa logística não é um documento logístico escrito a ser difundido. É um conjunto de anotações (caderno de trabalho) formuladas pelo S Cmt, S-1 e pelo S-4 da SU para que possam responder os seguintes questionamentos essenciais para o planejamento logístico inicial e o continuado:
a) qual a situação atual da Mnt, dos Sup e dos meios transportes na SU?
b) quanto e o que é necessário para apoiar a Op da SU (particularmente Sup Cl I, III e V)?
c) que tipo de Ap do Esc Sp é necessário para que a SU cumpra ou prossiga sua missão?
d) qual processo de Sup, em cada fase da Op ou missão, que melhor atende às necessidades dos Pel?
e) o que está faltando de suprimentos, manutenção e saúde para a Op ou para o prosseguimento da missão da SU?
f) qual o impacto da situação logística nas L Aç levantadas para a SU e qual a L Aç que pode ser melhor apoiada pela Log da SU?
g) onde estão e onde estarão, em cada fase da operação ou missão, os Pel e demais Elm a serem apoiados pela logísitica da SU durante a Op?

10.8.3.4 A estimativa deve seguir um processo lógico e sistemático, buscando antecipar as principais demandas/necessidades de material e recursos a serem empregados em Ap às Op, a fim de que haja um aumento de poder de Cmb dos Pel no momento e no local que forem necessários.

10.8.4 A MANOBRA LOGÍSTICA

10.8.4.1 A manobra logística é o conjunto dos planejamentos, procedimentos, métodos e ações realizadas, a fim de possibilitar o Ap ao pessoal e ao material

da SU, perfeitamente integrados e sincronizados, no espaço e no tempo, à manobra operacional definida pelo Cmt do Esqd C Mec.

10.8.4.2 O S Cmt, S-1 e o S-4 devem planejar a manobra Log do Esqd C Mec de modo a permitir que o Sup, a Mnt e o apoio de saúde estejam disponíveis para os Pel, no momento e no local (posições de Cmt, localização no itinerário de marcha ou de Rec *etc*.) que se fizerem necessários para apoiar as atividades de Cmt da SU.

10.8.4.3 O planejamento da manobra logística do Esqd C Mec deve assegurar o Ap Log durante todas as fases de uma Op da SU, sendo realizado de forma coordenada e simultânea com o planejamento tático.

10.8.4.4 Planejamento da Manobra Logística

10.8.4.4.1 Durante o processo do planejamento logístico, o Cmt e o S Cmt Esqd C Mec/RC Mec (ou S Cmt e o S-4 Esqd C Mec/Bda) devem estudar as ordens do Esc Sp, o conceito da Op, a intenção do Cmt imediato (RC Mec ou Bda), a situação tática e logística existente na SU, no RC Mec ou na GU e as peculiaridades do Esqd. Devem ser considerados, particularmente, os seguintes aspectos:
a) as necessidades dos Pel e da SU (Sup, Mnt, Sau *etc*.);
b) as disponibilidades (Sup Cl III e V particularmente);
c) a capacidade de C^2 da SU;
d) os fatores restritivos à logística e à manobra a ser realizada;
e) a disponibilidade de itens críticos (Cl III e V particularmente);
f) os fatores da decisão e sua influência na logística;
g) os fundamentos e princípios da Op a ser executada pela SU; e
h) os princípios Log a serem considerados no planejamento da SU.

10.8.4.4.2 Do conceito da Op devem ser extraídas informações fundamentais para a concepção da manobra logística do Esqd C Mec, como:
a) o que cada Pel ou fração fará no cumprimento da missão;
b) onde cada Elm apoiado estará, em cada fase e no final da missão;
c) que missão será executada pela SU ao final da Op; e
d) como os pelotões e frações da SU executarão a missão.

10.8.4.4.3 Após analisar o conceito da Op, o S Cmt, S-4 e o S-1 devem ser capazes de definir o Ap Log necessário para a Op da SU.

10.8.4.4.4 Nesse ponto da concepção da manobra logística, deve-se determinar:
a) que tipo de Ap é necessário (suprimento, manutenção, saúde *etc*.);
b) que quantidade de Ap será necessária (por Pel e fração e por fase da Op); e
c) qual a prioridade de Ap para os Pel da SU.

10.8.4.4.5 Com base nas necessidades já levantadas, o S Cmt, o S-4 e o S-1 devem avaliar as possibilidades da logística do Esqd C Mec, levantando:
a) que recursos logísticos estão disponíveis na SU ou serão recebidos do Esc Sp durante a missão ou operação;
b) onde estão os recursos e as instalações logísticas do Esc Sp e da SU e onde serão desdobradas para apoiar a Op (trens, R Dstn, ATSU *etc*.);
c) quando os recursos Log estarão disponíveis para a SU e para os pelotões e frações; e
d) como os recursos logísticos podem ser disponibilizados.

10.8.4.4.6 Baseado nas informações oriundas da análise da Op e nas necessidades e disponibilidades logísticas, o Cmt, o S Cmt (Esqd C Mec/RC Mec) e o S-4 (Esqd C Mec/Bda) podem iniciar a concepção da manobra logística da SU. Durante o planejamento devem ser analisadas ainda:
a) a necessidade de Mnt e a disponibilidade do material dos pelotões e frações, considerando as características da missão e as prioridades atribuídas pelo Cmt SU. Essa análise permite planejar o emprego da fração de Mnt, definindo a sua prioridade de emprego durante toda a Op;
b) a situação tática e a missão atribuída a cada Pel, estimando a maior ou menor necessidade de Ap de evacuação de mortos e feridos na Op ou em alguma fase desta;
c) a situação tática e as ordens do Esc Sp e do Cmt SU sobre alimentação da tropa, a fim de decidir o processo para sua distribuição; e
d) a necessidade de remanejamento de efetivos, Vtr, armamentos e equipamentos dos Pel, a fim de contribuir para a execução da Op ou fase desta.

10.8.5 A LOGÍSTICA NAS NORMAS GERAIS DE AÇÃO E NA ORDEM DE OPERAÇÕES DO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

10.8.5.1 A maior parte das atividades e ações logísticas da SU devem constar das suas NGA, com a finalidade de padronizar e facilitar o planejamento logístico e a execução das atividades, tarefas e ações mais comuns.

10.8.5.2 As peculiaridades logísticas, para cada fase do Cmb ou missão recebida, ou, ainda, as alterações das NGA da SU impostas pela situação tática, logística ou missão da SU devem ser previstas pelo Cmt SU em sua O Op.

10.8.5.3 Durante a transmissão da O Op da SU aos Cmt Pel e frações, todas as modificações das NGA (logística), peculiaridades logísticas da missão ou dúvidas sobre o planejado da SU devem ser esclarecidas.

10.8.5.4 O Cmt SU deve deixar claro, em sua O Op, no que se refere à logística:
a) a localização da ATSU e de suas instalações logísticas;
b) o E Sup Ev a ser utilizado para suprimento e evacuação;

c) os procedimentos (não previstos nas NGA) para a evacuação de feridos, alimentação da tropa, remuniciamento, reabastecimento das Vtr, manutenção de viaturas e equipamentos diversos, conduta com mortos, PG *etc*;
d) os níveis de Seg adotados para a Op referentes a Mun e combustíveis (se alterado o previsto nas NGA);
e) o horário previsto para a entrada das informações sobre efetivos e a situação logística dos Pel na SU (se diferente das NGA); e
f) o processo de Sup que será empregado e suas peculiaridades (horário, local, itinerário *etc*).

CAPÍTULO XI

PROTEÇÃO

11.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

11.1.1 Proteção (Ptç) é a preservação da eficácia e da capacidade de sobrevivência dos militares e civis relacionados com a missão, equipamentos, instalações, informações e infraestrutura implantada ou localizada dentro ou fora dos limites de uma determinada área operacional.

11.1.2 Deve ser considerada em todas as Op do Esqd C Mec para identificar as ameaças e perigos, implementar medidas de controle para prevenir ou mitigar ações do oponente e gerenciar os efeitos e o tempo de reação para ganhar superioridade e manter a iniciativa. Ela fornece as ferramentas para garantir a higidez de seus subordinados, a integridade de seu equipamento e a salvaguarda de seu conhecimento e imagem.

11.1.3 Os recursos disponíveis, no Esqd C Mec, para a função de combate proteção, devem ser articulados de modo a permitir:
a) o emprego de ações para manter o poder de Cmb de suas forças, em pessoal e em meios, reduzindo o número de baixas, particularmente as decorrentes de ações Ini;
b) a execução de medidas de Def para proteger informações, instalações, infraestruturas críticas e linhas de comunicação de um Atq ou C Atq do oponente;
c) a aplicação de tecnologia e processos para reduzir o risco de fratricídio; e
d) a redução de perda de pessoal e capacidades devido a acidentes, ameaças à saúde e/ou desastres naturais.

11.1.4 Os princípios da Ptç são a base para o planejamento e a condução das atividades de Ptç do Esqd C Mec em campanha. São eles: abrangência, integração, complementaridade, redundância e permanência.

11.1.5 As atividades de Ptç destinam-se, primordialmente, a proteger o pessoal, os equipamentos, as instalações e o fluxo de informações. As mais importantes realizadas pela SU são: a proteção individual, a defesa antiaérea (DAAe), o apoio de Eng, a contrainteligência, as medidas de defesa química, biológica, radiológica e nuclear (DQBRN), as medidas de GE, as medidas de guerra cibernética (G Ciber), as medidas de dissimulação e a defesa AC.

11.2 DEFESA ANTIAÉREA

11.2.1 A DAAe é fundamental para minimizar os efeitos da ameaça aérea inimiga (aviões, helicópteros e ARP), contribuindo para preservar o poder de Cmb, a eficácia e as capacidades do Esqd.

11.2.2 Eventualmente, o Esqd C Mec (de RC Mec ou de brigada) pode ser apoiado por uma Seç da bateria de artilharia antiaérea (Bia AAAe), orgânica da sua Bda, para realizar a proteção dos seus meios Bld. Esse Ap ocorre somente em situações excepcionais, em função da missão a ser executada, pois não é uma das primeiras prioridades do emprego da Bia AAAe da Bda.

11.2.3 Excepcionalmente, o Ap de meios de DAAe para o Esqd C Mec/Bda é prestado por uma Seç AAAe, em apoio geral (Ap G), atuando dentro da Z Aç do Esqd e com prioridade para DAAe dessa fração. O Cmt Seç AAAe, quando em Ap, é o assessor do Cmt Esqd C Mec para os assuntos de DAAe, sendo encarregado pela integração do sistema de DAAe às demais funções de combate.

11.2.4 A coordenação do espaço aéreo é realizada pelo Cmt Seç AAAe. As medidas de Coor por ele estipuladas devem ser observadas por todos os integrantes da SU, a fim de reduzir a possibilidade de Atq, evitar fratricídios e a sobreposição de esforços.

11.2.5 Nas situações em que o Esqd, pelo grau de prioridade que lhe for atribuído, não puder dispor de meios específicos de DAAe (situação mais normal), deve prover sua autodefesa antiaérea com o armamento orgânico.

11.2.6 O Esqd C Mec contribui para o sistema de DAAe ao proceder constante vigilância do espaço aéreo subjacente à sua área de responsabilidade, provendo alerta oportuno sobre qualquer ação de vetores aéreos hostis.

Fig 11-1 – Tropa mecanizada fora da estrada

11.2.7 Deve-se fazer intenso uso das medidas passivas de DAAe, em especial a camuflagem e a dispersão. Em última instância, o Esqd C Mec deve empregar, como medida ativa, o fogo das armas individuais e coletivas (autodefesa antiaérea). As guarnições dos Bld e demais Vtr devem priorizar as medidas passivas de DAAe, como o emprego de vigias do ar, setores de observação do espaço aéreo, uso de fumígenos, camuflagem, uso de cobertas e de abrigos e o largo emprego da dispersão.
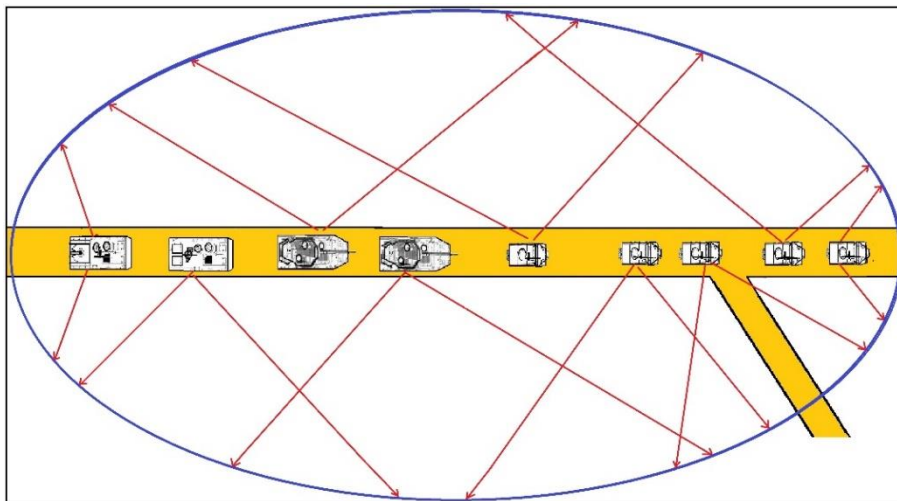
Fig 11-2 – Setores de observação dos vigias do ar do Pel C Mec

11.2.8 Particularmente, nas situações de movimento, avulta de importância o emprego eficiente de todos os meios de autodefesa antiaérea do Esqd C Mec. A redução da eficiência do alerta aéreo antecipado impõe a necessidade de que medidas ativas e passivas de autodefesa antiaérea estejam perfeitamente assimiladas e treinadas pela tropa.

11.3 APOIO DE ENGENHARIA

11.3.1 O apoio de Eng na Ptç pode ser entendido como o conjunto de trabalhos que visam a reduzir ou anular os efeitos das ações do Ini e das intempéries sobre a tropa e o material, proporcionando abrigo, Seg e bem-estar, ampliando, dessa forma, a capacidade de sobrevivência das forças em campanha.

Fig 11-3 – Fosso anticarro

11.3.2 Os trabalhos de Ptç em prol do Esqd C Mec são realizados pelos pelotões de engenharia de combate (Pel E Cmb), orgânicos da companhia de engenharia de combate mecanizado (Cia E Cmb Mec), que se encontram em apoio ao conjunto, apoio direto ou em reforço ao RC Mec ou à sua Bda.

11.3.3 O Pel E Cmb Mec é a fração básica de emprego para os trabalhos de engenharia na Ptç em Ap ao RC Mec. Cabe ao Cmt Rgt, após o estudo da situação tática, definir para qual Esqd é a prioridade de emprego. O pelotão de engenharia (Pel E) é a dosagem mínima, a qual pode ser ampliada em função da missão a ser executada ou da situação tática. Eventualmente, o Esqd C Mec/Bda, quando empregado isoladamente, pode receber o Ap de uma fração de Eng.

11.3.4 Excepcionalmente, equipes de Eng de valor menor que o de um grupo de Eng podem ser organizadas para apoiar determinadas Op especiais. Nesse caso, normalmente reforçam o Elm de manobra apoiado, em face da necessidade de U de Cmdo.

11.3.5 As principais tarefas de Ptç que a Eng pode realizar em Ap ao Esqd C Mec são a execução e a orientação técnica para a construção dos trabalhos de fortificação de campanha.

11.3.6 Essas tarefas compreendem a construção de locais de tiro, limpeza de campos de tiro, preparação de instalações de C² ou de observação, abrigos para o pessoal, agravamento de obstáculos naturais e lançamento de obstáculos artificiais.

11.3.7 Podem ser citados como exemplos dessas tarefas da Ptç: a construção de espaldões para metralhadoras, para Mrt e para Bld; PC enterrados; abrigos para o pessoal; e o lançamento de obstáculos naturais e artificiais na Z Aç do Esqd C Mec.

11.3.8 O apoio de Eng pode ocorrer, ainda, para a realização de trabalhos de camuflagem; lançamento de campos de minas e de barreiras, obstáculos de arame, armadilhas e demais obstáculos para Ptç de áreas de interesse; remoção e destruição de engenhos falhados e de artefatos explosivos; e desativação e destruição de artefatos explosivos improvisados.

11.4 CONTRAINTELIGÊNCIA

11.4.1 GENERALIDADES

11.4.1.1 A contrainteligência (C Intlg) é uma atividade da Ptç que visa à obstrução e à neutralização da atuação da inteligência inimiga e das ações de qualquer natureza que possam se constituir ameaças à salvaguarda de dados, informações, conhecimento e seus suportes.

11.4.1.2 Para atingir seu objetivo, a C Intlg avalia as vulnerabilidades existentes na gestão do pessoal, nas instalações e nos sistemas de comunicação que possam fornecer dados ao Ini.

11.4.1.3 Normalmente o esforço de C Intlg é complementado pelas atividades de Seg de área, GE e G Ciber.

11.4.1.4 A C Intlg no Esqd C Mec tem por finalidade:
a) impedir que uma força inimiga, real ou potencial, adquira conhecimentos sobre o Esqd;
b) impedir ou reduzir os efeitos das atividades de espionagem, sabotagem, desinformação, propaganda adversa e terrorismo contra a SU;
c) proporcionar liberdade de ação para o Cmt Esqd C Mec;
d) contribuir para a obtenção da surpresa nas Op; e
e) induzir o Ini a tomar decisões equivocadas.

11.4.1.5 A C Intlg deve detectar, identificar e analisar a ameaça inimiga oriunda das fontes humanas, de sinais, de imagens, cibernética e outras, planejando ações e medidas para neutralizar ou eliminar essas ameaças.

11.4.1.6 Os dados e/ou conhecimentos sobre a SU que mais interessam ao Ini são os seguintes:
a) as possibilidades, vulnerabilidades e limitações dos Esqd C Mec, do Ap F (Art Cmp), de Eng Cmb e logístico;
b) a ordem de batalha do Esqd e do Esc Sp;
c) as intenções do Esqd e planos operacionais;
d) os sistemas de Ap Log;
e) a doutrina de emprego;
f) os dados biográficos e a personalidade do Cmt Esqd C Mec (Rgt e Bda) e dos Pel;

g) a estrutura e o funcionamento da inteligência do Esqd e do Esc Sp;
h) as medidas de Seg em execução;
i) o relacionamento com a população em geral; e
j) a situação logística, particularmente quanto aos Sup Cl III e V e às dificuldades na execução do Ap Log.

11.4.2 O PLANEJAMENTO DE CONTRAINTELIGÊNCIA

11.4.2.1 O Cmt Esqd C Mec/Bda e o seu EM devem elaborar planejamentos visando a eliminar ou neutralizar possibilidades do Ini, fornecer diretrizes para a execução da C Intlg e supervisionar o seu cumprimento. No caso do Esqd C Mec/RC Mec, este deve seguir e executar o planejamento do seu Cmt Rgt.

11.4.2.2 O planejamento de C Intlg realiza-se simultaneamente com o planejamento e a execução dos demais planos/ordens de operações do Esqd e dos Esc Sp.

11.4.2.3 O oficial de inteligência do Esqd C Mec/Bda deve propor as medidas a serem adotadas para alcançar o grau de Seg necessário em todo seu espectro de execução.

11.5 DEFESA QUÍMICA, BIOLÓGICA, RADIOLÓGICA E NUCLEAR

11.5.1 A DQBRN é uma atividade da proteção que compreende as ações relacionadas ao Rec, à detecção e à identificação de agentes QBRN, bem como à descontaminação de pessoal e de material expostos a eles.

11.5.2 Quando disponível no Esqd, o uso de equipamentos de Ptç individual deve ser objeto de treinamentos para todo o efetivo em Op, bem como o correto emprego dos sistemas de proteção das VB pelas suas guarnições.

Fig 11-4 – Pel C Mec operando em ambiente contaminado

11.5.3 O emprego do Esqd C Mec em ambientes contaminados por agentes QBRN implica:
a) utilização de equipamentos de proteção coletiva para as guarnições das Vtr;
b) necessidade do Ap de equipes especializadas em defesa QBRN para os trabalhos de descontaminação;
c) emprego da tropa desembarcada somente com a utilização de equipamentos especiais de defesa QBRN, como máscaras contra gases e roupas protetoras;
d) necessidade de dotação de detectores de agentes QBRN, além de estojos de primeiros socorros individuais mais complexos, com vacinas e antídotos contra agentes biológicos;
e) maior grau de complexidade na Op do armamento e de equipamentos diversos, na condução de Vtr e na observação do campo de batalha, em função das restrições impostas pelos equipamentos de proteção individual contra agentes QBRN; e
f) redução do ritmo das Op e maior dificuldade para execução das ações táticas planejadas.

11.5.4 As NGA do RC Mec ou do Esqd C Mec/Bda (quando atuando em áreas passíveis de contaminação QBRN) devem especificar critérios e procedimentos para os equipamentos de proteção e solicitar a presença de equipes de detecção especializadas quando disponíveis).

11.6 GUERRA ELETRÔNICA

11.6.1 GENERALIDADES

11.6.1.1 Uma das mais importantes atividades da função de combate proteção realizada por um Esqd de C Mec é a adoção de medidas de GE para a Ptç de seu sistema de Com e de sensores eletrônicos.

11.6.1.2 Esses dois sistemas são de fundamental importância para o Esqd C Mec. Por eles transitam as ordens operacionais; os informes, as informações e os dados sobre o Ini e sobre a Z Aç; as necessidades logísticas, a situação dos meios e do pessoal. A Ptç desses dados e sua negação ao Ini são cruciais para a execução das Op e o cumprimento das missões do Esqd.

11.6.1.3 Em um ambiente operacional onde os equipamentos estão cada vez mais sofisticados e novas tecnologias surgem a cada momento no campo de batalha, ampliando a capacidade da GE, cresce de importância a atuação do Sgt Aux Com, seguindo as orientações do oficial de comunicações (O Com), que é o responsável pelo planejamento do sistema de comunicações, radares e outros sensores, focado nas potencialidades e vulnerabilidades dessas novas tecnologias e dos equipamentos disponíveis.

11.6.1.4 O conhecimento dos equipamentos do sistema de comunicações e dos sensores para obtenção de dados do Esqd, com os meios do Rgt, ou do próprio Esqd C Mec/Bda, a utilização de ferramentas que auxiliem no planejamento e na predição do comportamento das ondas eletromagnéticas, de acordo com o perfil do terreno, a criptografia das mensagens, a integração dos diversos sistemas de Com e o adestramento de todos os envolvidos na exploração desses sistemas são condições essenciais para o êxito das Op do Esqd C Mec no Cmb moderno.

11.6.1.5 A GE do Ini pode realizar ações de medidas de apoio de guerra eletrônica (MAGE), a fim de identificar as frequências, monitorar (ouvir) e registrar (gravar) as transmissões realizadas pelo Esqd C Mec, bem como realizar localização eletrônica (identificar a posição geográfica do equipamento rádio que está transmitindo em determinado momento ou do radar que está operando). Também, pode realizar ações de medidas de ataque eletrônico (MAE), a fim de bloquear (impedir ou dificultar que haja o trânsito de mensagens em uma rede ou a Op de sensores) ou realizar despistamento (enviar mensagens falsas nas redes rádio).

11.6.1.6 Para se contrapor à atuação da GE Ini, o Esqd C Mec deve executar medidas de proteção eletrônica (MPE), que garantem o uso efetivo do espectro eletromagnético pelos seus meios de comunicações e sensores. As MPE caracterizam-se pelo emprego das tecnologias disponíveis nos equipamentos de Com – rádios – e não comunicações (N Com) – radares e optrônicos –, assim como de procedimentos na exploração desses meios.

11.6.1.7 O Cmt Esqd C Mec/Bda e seu EM devem ser assessorados pelo Sgt Aux Com na adoção das MPE. Esse assessoramento deve ter por base as diretrizes do Esc Sp e cabe a ele o planejamento das ações e a orientação da tropa na execução das MPE. No caso do Esqd C Mec/RC Mec, o Cmt é assessorado pelo Sgt Aux Com, com os mesmos princípios anteriores.

11.6.2 EMPREGO DAS MEDIDAS DE PROTEÇÃO ELETRÔNICA PELO ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

11.6.2.1 Generalidades

11.6.2.1.1 O Esqd C Mec/Bda emprega uma relativa quantidade de equipamentos de Com em todos os seus Pel e frações, bem como utiliza-se de diversos sensores eletromagnéticos para a busca de dados sobre o Ini e sua Z Aç. O Esqd C Mec/RC Mec emprega esses equipamentos de forma semelhante, sendo algumas vezes apoiado pelos meios do Pel C/Esqd C Ap.

11.6.2.1.2 O planejamento do emprego desses sistemas de Com e de N Com deve ser detalhado e focado nas potencialidades e vulnerabilidades dos equipamentos que o Esqd utiliza.

11.6.2.1.3 De acordo com os equipamentos para os quais são direcionadas as tentativas de coleta de informações e/ou os ataques eletrônicos do Ini, o Esqd deve planejar e executar MPE de Com e de N Com.

11.6.2.1.4 As MPE devem ser do conhecimento de todos os operadores e usuários dos sistemas e equipamentos que empreguem emissores de ondas eletromagnéticas e não apenas dos Elm de comunicações.

11.6.2.1.5 No Esqd C Mec, o seu Cmt é o responsável pela proteção eletrônica e cibernética de sua SU.

11.6.2.1.6 O grupo de comunicações (Gp Com) do Pel C Ap é a fração que dispõe de meios (pessoal e material) para realizar o planejamento e orientar a execução da Ptç eletrônica e cibernética do Esqd C Mec/Bda. No caso do Esqd C Mec, o Sgt Com (Tu Com) segue o planejamento e as orientações do O Com do Rgt.

11.6.2.1.7 Os Cmt Pel são os responsáveis pela Ptç eletrônica e cibernética dos sistemas e equipamentos que empregam, bem como pelo emprego das MPE determinadas ou seguidas pelo Esqd.

11.6.2.1.8 As MPE que são planejadas pelo RC Mec e pelo Esqd C Mec/Bda e empregadas por suas frações dividem-se em MPE de Com e MPE de N Com.

11.6.2.2 MPE dos Sistemas de Comunicações do Esqd C Mec

11.6.2.2.1 Para a GE, os sistemas de Com são formados pelos conjuntos de transmissores, receptores ou transceptores que utilizam o espectro eletromagnético para realizar o tráfego de mensagens. No Esqd C Mec/Bda, o sistema é integrado por todos meios de Com (eletrônicos) do Pel C Ap e de seus Pel. No Esqd C Mec/RC Mec, além dos meios da SU, também os meios recebidos em Ap do Esqd C Ap.

11.6.2.2.2 As MPE de Com constituem a parte da GE que abrange ações para assegurar o uso efetivo do espectro eletromagnético, a despeito das ações de GE empreendidas pelo oponente. Elas são divididas, quanto à finalidade, em ações anti-MAGE e anti-MAE. Quanto aos meios utilizados, dividem-se em procedimentos e tecnologias.

11.6.2.2.3 Os procedimentos de MPE Com são comportamentos, atitudes, ações realizadas para aumentar a confiabilidade e a Seg das emissões, impedir, retardar ou dificultar o emprego das MAGE e MAE pelo oponente, por meio da execução de manobras, artifícios e da correta exploração dos recursos de Com.

11.6.2.2.4 As tecnologias de MPE Com são recursos de proteção eletrônica, projetados especificamente para esse fim ou não, existentes nos sistemas de comunicações militares, que os resguardam de ações de MAGE e MAE inimigas.

11.6.2.2.5 Todas as MPE empregadas pelo Esqd C Mec devem constar das Instruções Padrão de Comunicações e Eletrônica (IP Com Elt). A execução de uma MPE que não esteja planejada ou prevista pode surtir efeitos indesejados e, por vezes, até mesmo impedir as comunicações.

11.6.2.2.6 Os principais procedimentos e tecnologias de MPE Com a serem previstos pelo Esqd C Mec seguem os mesmos critérios do MC Regimento de Cavalaria Mecanizado.

11.6.2.3 MPE dos Sistemas de N Com do Esqd C Mec

11.6.2.3.1 Os sistemas de N Com são todos os sensores ativos ou passivos que obtêm dados a partir de sinais eletromagnéticos. Eles abrangem os radares de Vig Ter, telêmetros, sistemas de visão noturna, câmeras de vídeo e fotográficas *etc*.

11.6.2.3.2 As MPE de N Com são uma série de medidas a serem adotadas quando do emprego desses sistemas, procurando dificultar a execução das MAGE e neutralizar os efeitos das MAE oponentes.

11.6.2.3.3 Do mesmo modo que nas MPE de Com, as MPE N Com dividem-se em Anti-MAGE e Anti-MAE, estando essas ações muito relacionadas às tecnologias incorporadas aos respectivos equipamentos.

11.6.2.3.4 O controle das emissões é o mais importante procedimento de MPE N Com, devendo ser planejado e cumprido com todo o rigor como verdadeira medida salva-vidas para o operador dos meios N Com.

11.6.2.3.5 O planejamento do controle das emissões de N Com do O Com resulta na elaboração do plano de Controle das Irradiações Eletromagnéticas de Não Comunicações (CIENC) do Esqd C Mec, que deve tomar por base planejamento similar do Esc Sp e considerar as peculiaridades das missões e dos equipamentos do Esqd.

11.6.2.3.6 O Cmt Esqd C Mec/Bda e seu EM devem alinhar o plano CIENC e o plano de dissimulação tática do Esqd com o da Bda, e o Cmt Esqd C Mec/RC Mec, seguir os do Rgt.

11.6.2.3.7 As regras básicas para a elaboração do plano CIENC do Sgt Aux Com do Esqd C Mec/Bda seguem os mesmos critérios do RC Mec. No caso do Esqd C Mec, cabe ao Sgt Aux Com seguir as regras do O Com do Rgt.

11.6.2.3.8 As MPE a serem adotadas pelo Esqd C Mec/RC Mec e pelo Esqd C Mec/Bda para os sistemas de N Com, bem como seu treinamento, seguem os mesmos critérios do RC Mec.

11.7 MEDIDAS DE GUERRA CIBERNÉTICA

11.7.1 A G Ciber atua em proveito da Ptç do Esqd C Mec, executando medidas de proteção cibernética (MP Ciber) que garantem o uso efetivo das redes de informação da SU.

11.7.2 Essas medidas caracterizam-se pelo emprego de tecnologias nos *hardwares*, pela utilização de aplicativos de Seg de rede e por procedimentos executados pelos respectivos operadores.

11.8 DISSIMULAÇÃO

11.8.1 A ação de dissimulação (Dmsl) é aquela que se destina a iludir o Ini, levando-o a levantar, de forma incorreta ou incompleta, o dispositivo das tropas amigas, suas possibilidades e intenções, de tal forma que reaja de uma maneira que lhe seja desvantajosa.

11.8.2 A Op Dmsl contribui para a Seg, para a surpresa e aumenta a probabilidade de sucesso no contexto de uma Op de maior vulto. Ela pode ser usada para compensar um poder relativo de Cmb desfavorável e permitir o emprego judicioso de meios e tempo.

11.8.3 As medidas e ações que não caracterizam, por sua envergadura, uma Op de Dmsl são consideradas ações comuns às operações militares. Nesse contexto, o Esqd C Mec pode participar de uma Op Dsml enquadrada no Esc Sp, bem como utilizar táticas, medidas e ações de dissimulação em seu proveito nas ações comuns às operações militares.

11.8.4 Assim como as nossas forças, o oponente pode empregar a Dsml para nos enganar. A utilização da contradissimulação protege nossas tropas da Dsml do oponente, garantindo a liberdade de ação por ocasião da tomada de decisão. Ela visa a identificar e a explorar as tentativas do oponente de desorientar as nossas forças.

11.9 DEFESA ANTICARRO

11.9.1 GENERALIDADES

11.9.1.1 O principal objetivo da DAC é a neutralização ou destruição de VB e Mec inimigas que se constituam em ameaça aos objetivos do Esqd C Mec.

11.9.1.2 Cabe ao Cmt do Esqd/Bda, assessorado pelo Cmt Seç MAC e seus Cmt Pel, coordenar o emprego eficiente de todos os meios AC disponíveis. A DAC deve ser complementada pelo plano de fogos dos armamentos indiretos e

diretos, pelo plano de barreiras e pelo emprego da aviação (se disponível) a fim de assegurar que todos se apoiem. O Esqd C Mec/RC Mec não possui Seç MAC, mas quando receber essa fração do Esqd C Ap em apoio, emprega-a de modo similar.

11.9.1.3 Para realizar a DAC, a SU pode empregar meios passivos e ativos de defesa, de maneira coordenada e sincronizada. Os meios passivos compreendem todos os obstáculos naturais que impeçam ou retardem o movimento das VB Ini. Os meios ativos compreendem o emprego de fossos e armamentos AC.

11.9.1.4 A maior capacidade de DAC ativa de que o Esqd C Mec dispõe é caracterizada pelos canhões de suas VBC Cav (VBR) dos Pel C Mec e pela Seç MAC/Pel C Ap, nesse caso, orgânico do Esqd C Mec/Bda.

11.9.1.5 A DAC deve ser entendida como um sistema (de natureza mais defensiva que ofensiva) que é desdobrado em largura e profundidade em toda a Z Aç do Esqd, sendo empregado em todas as Op.

11.9.1.6 O sistema AC, quando empregado, deve ser reforçado pelos fogos de seus Mrt Me.

ANEXO A

FORMAÇÕES DE COMBATE E PROCESSOS DE ATAQUE

A.1 FORMAÇÕES DE COMBATE

A.1.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

A.1.1.1 Na Ofs, em terreno aberto, em princípio, a formação básica do Esqd C Mec deve ser a formação em cunha, pois é a que oferece boa potência de fogo à frente e nos Flc, Seg e facilidade para o C². Em determinadas situações, outras formações podem ser empregadas, como as formações em coluna, particularmente em terreno restrito, em linha e variações dessas formações básicas.

A.1.1.2 A formação de Cmb não é rígida. Frequentemente, o Ini ou o terreno impõem modificações nas formações adotadas inicialmente.

A.1.1.3 A natureza do terreno e a existência ou não de abrigos e cobertas influem na posição de cada Elm dentro da formação. Em princípio, por Seg, a distância entre duas VB deve ser em torno de 100 m.

A.1.1.4 Mesmo com uma constituição diferente do Pel C Mec, os Pel Provs utilizam as mesmas formações de Cmb.

A.1.2 FORMAÇÃO EM CUNHA

A.1.2.1 No Cmb moderno e não linear, em princípio, a SU adota a formação em cunha, como formação padrão para o deslocamento em terreno aberto. Normalmente, os Pel fazem parte de um dos lados da cunha ou da ponta da formação.

A.1.2.2 A formação em cunha possibilita o bom controle da SU, dá profundidade ao dispositivo, possibilita boa proteção à frente e nos Flc e permite à SU desdobrar-se rapidamente para fazer face às ameaças vindas de qualquer direção.
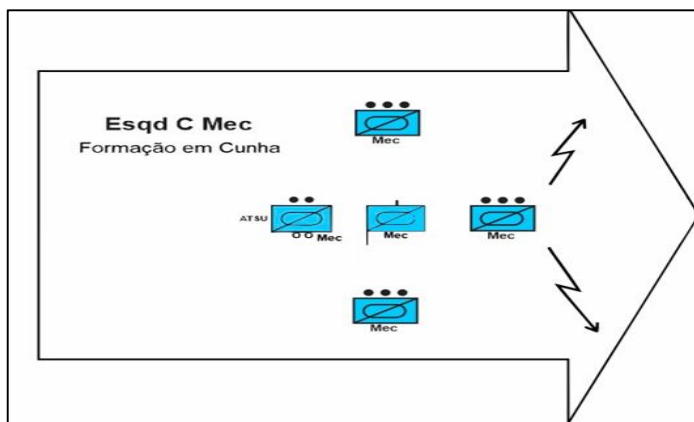
Fig A-1 – Formações básicas do Esqd C Mec – em cunha

A.1.2.3 As considerações que favorecem a adoção da formação em cunha são:
a) combate não linear;
b) situação tática podendo evoluir rapidamente;
c) boa visibilidade;
d) terreno aberto, possibilitando bastante espaço para a manobra do Esqd; e
e) poucas informações sobre a situação inimiga.

A.1.3 FORMAÇÃO EM COLUNA

A.1.3.1 A formação em coluna é adotada em situações especiais, particularmente quando a SU progredir em terreno restrito. O Esqd está em coluna quando, na esteira do Pel testa, progridem, de forma sucessiva, as demais peças de manobra, independente da formação por elas adotadas.

A.1.3.2 A formação em coluna possibilita o máximo controle da SU, dando profundidade ao dispositivo e permitindo ao Esqd desdobrar-se rapidamente para fazer face às ameaças de Flc.

A.1.3.3 Nessa formação, os Elm que estão à Rtgd podem ultrapassar ou contornar os da frente, quando necessário, permitindo ao Cmdo boa flexibilidade, Mnt da iniciativa e da impulsão do Atq e melhores condições de Seg de flanco.

A.1.3.4 As considerações que favorecem a adoção da formação em coluna são:
a) visibilidade reduzida; e
b) espaço restrito para manobra do Esqd.

A.1.3.5 O Cmt opta pela formação em coluna, particularmente, quando forçado pelo terreno e pela situação do Ini.
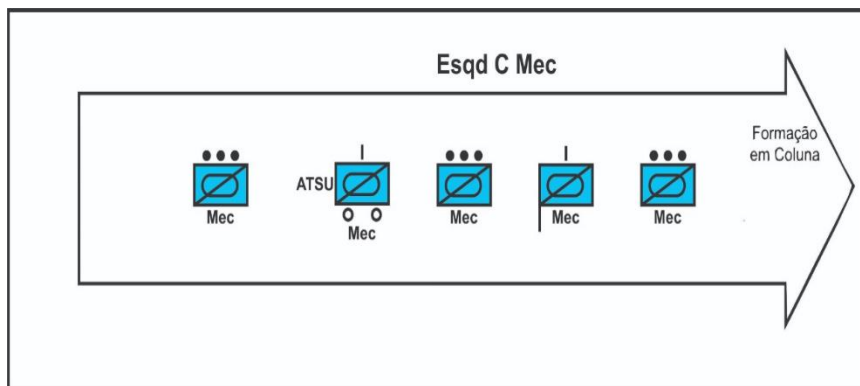
Fig A-2 – Formações básicas do Esqd C Mec – em coluna

A.1.4 FORMAÇÃO EM LINHA

A.1.4.1 O Esqd está em linha quando dois ou mais Pel estão justapostos, em 1º escalão. Quando o Cmt da SU não determinar a formação das peças de manobra, ela será estabelecida pelos Cmt Pel.

A.1.4.2 A formação em linha proporciona o emprego do máximo poder de combate à frente e maior rapidez nas ações.

A.1.4.3 Essa formação deve ser empregada em ataques coordenados ou quando for necessário um rápido esclarecimento da situação.

A.1.4.4 Na formação em linha, o controle e a coordenação são mais difíceis do que na formação em coluna.

A.1.4.5 As considerações que favorecem a adoção da formação em linha são:
a) espaço adequado para a manobra;
b) necessidade de maior poder de combate à frente;
c) necessidade de avanço rápido sobre uma frente ampla; e
d) necessidade de esclarecimento rápido da situação.
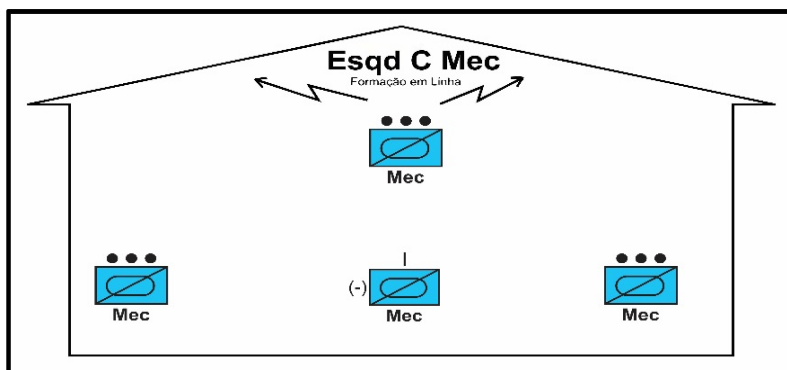
Fig A-3 – Formações básicas do Esqd C Mec – em linha

A.1.5 FORMAÇÃO DE ESCALÃO À DIREITA OU À ESQUERDA

A.1.5.1 O Esqd C Mec pode adotar a formação que seja mais adequada à manobra, às necessidades de controle, às possibilidades de ações do Ini e à situação tática em geral.

A.1.5.2 A formação de escalão à direita/esquerda é mais uma possibilidade de progressão para o Esqd. Ela pode ser adotada conforme exigência da situação e possibilita adoção das outras formações devido à sua flexibilidade.
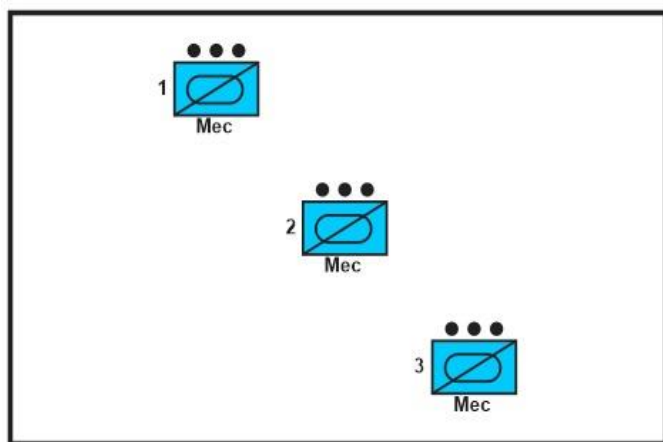
Fig A-4 – Formação do Esqd C Mec em escalão

A.1.6 FORMAÇÃO DOS ELEMENTOS SUBORDINADOS

A.1.6.1 Os Esqd e os Pel, em princípio, deslocam-se na formação em cunha. Em determinadas situações, podem adotar as formações em linha, em coluna ou variações dessas formações básicas.

A.1.6.2 No RC Mec, as SU não necessitam adotar, obrigatoriamente, a mesma formação empregada pela U. Assim, o Rgt pode estar deslocando-se em coluna e o Esqd estar deslocando-se em linha ou vice-versa.

A.1.6.3 Quando o Cmt SU não especificar a formação para um Pel, o Cmt deste escolhe a que julgar mais apropriada.

A.2 PROCESSOS DE ATAQUE

A.2.1 O Esqd C Mec realiza o ataque com os seus pelotões desembarcados, quando o Ini possuir carros de combate/VBC Cav ou forte defesa anticarro. Nessa situação, o Esqd C Mec deve neutralizar ou destruir o Ini pelo fogo utilizando os canhões VBC Cav/VBR, Mrt e/ou Art. Além disso, pode empregar uma manobra envolvente com seus elementos a pé ou embarcados, obrigando o Ini a retrair. Somente após a neutralização ou destruição da ameaça anticarro ou dos CC/VBC Cav, o Esqd C Mec pode prosseguir embarcado em suas VB.

A.2.2 A determinação de atacar embarcado ou não, bem como a utilização dos Pel Provs, cabe ao Cmt SU, levando em consideração os fatores da decisão.

A.2.3 Normalmente, quando o Esqd C Mec ataca em uma frente reduzida, a organização da SU com Pel Provs permite a realização do ataque com maior poder de combate à frente e maior apoio de Fuz Mec, facilitando a proteção das VBC Cav/VBR, limpeza do objetivo e sua consolidação. Quando o inimigo é fraco e está disperso em uma larga frente, o Esqd C Mec normalmente ataca com seus Pel C Mec (estrutura básica).

A.2.4 Existem três processos gerais para o ataque do Esqd C Mec, empregando os Pel C Mec constituídos ou Pel Provs:
a) em uma única direção;
b) em duas direções convergentes; e
c) as VBC Cav/VBR somente apoiam pelo fogo os Fuz Mec.

A.2.4.1 Durante o Atq, podem ser empregados um ou mais desses processos. O escalão de Atq e os Pel que o integram devem ser capazes de mudar o seu processo, caso isso se torne necessário, com a evolução do Cmb.

A.2.4.2 A escolha de um processo ou de uma combinação de processos de Atq deve atender às seguintes considerações básicas:
a) as VBC Cav/VBR devem ser empregadas de modo que seja feita a máxima utilização de sua mobilidade tática, potência de fogo, proteção Bld, velocidade e ação de choque;
b) a velocidade de progressão do Atq deve ser a máxima permitida pelo terreno e pela resistência do Ini; e
c) os Fuz Mec devem permanecer embarcados o maior tempo possível.

A.2.4.3 A permanência dos Fuz embarcados nas VBC Fuz/VBTP o maior tempo possível tem por finalidade permitir que:
a) o escalão de Atq possa progredir na velocidade das VBC Cav/VBR e VBC Fuz/VBTP para cerrar sobre o Ini e destruí-lo;
b) a mobilidade tática de ambos os Elm do combinado VBC Cav/VBR Fuz Mec seja mantida;
c) as baixas, em regiões batidas por fogos de Art e de armas portáteis, sejam minimizadas;
d) possa ser utilizada Mun de tempo nos fogos de Art, em apoio ao escalão de Atq; e
e) não haja desgaste prematuro dos Fuz Mec, sendo sua energia conservada para a ocasião em que tiverem que ser empregados.

A.2.4.4 Os Fuz Mec normalmente desembarcam quando se torna necessário:
a) evitar sua destruição pelo fogo AC Ini;
b) abrir ou remover obstáculos que impeçam o movimento das VBC Cav/VBR e VBC Fuz/VBTP para a frente;
c) cooperar na neutralização ou destruição das armas AC que detenham a progressão das VBC Cav/VBR e VBC Fuz/VBTP;
d) participar de Atq através de regiões densamente matosas ou terreno muito acidentado ou cortado;
e) liderar um Atq através de cursos de água que não puderem ser atravessados pelas VBC Fuz/VBTP;
f) participar de Atq através de regiões fortificadas ou através de localidades e vilas das quais não se pode desviar;
g) auxiliar a progressão das VBC Cav/VBR sob certas condições de visibilidade restrita e campos de tiro reduzidos (escuridão, fumaça, neblina, bosques densos, terreno cortado); e
h) realizar a limpeza de um objetivo e auxiliar na sua consolidação.

A.2.5 ATAQUE EM UMA ÚNICA DIREÇÃO

A.2.5.1 Esse processo proporciona melhor coordenação e controle, uma vez que toda a força atacante desloca-se em uma única direção e sobre a mesma VA. Comparando com outros processos, permite apoio mútuo mais cerrado entre os elementos da força atacante.

A.2.5.2 As condições que favorecem a adoção desse processo são:
a) Atq em terreno limpo e plano, onde as VBC Fuz/VBTP tenham dificuldade para mascarar seu movimento. Nesse caso, as VBC Cav/VBR proporcionam proteção a essas VB;
b) disponibilidade de apenas uma VA;
c) o objetivo não pode ser flanqueado facilmente; e
d) necessidade de um maior controle de Op.

A.2.5.3 No Atq em uma única direção, todo o escalão de ataque utiliza a mesma VA para o objetivo, podendo existir três variantes:
a) os Fuz Mec embarcados;
b) os Fuz Mec seguem VBC Cav/VBR por lanços; e
c) os Fuz atacam desembarcados.

A.2.5.4 Os Fuzileiros Mecanizados Embarcados

A.2.5.4.1 O Atq de VBC Cav/VBR e Fuz Mec embarcados pode ser realizado combinando-se esses Elm em uma única formação. As posições dos Elm na formação estão subordinadas à situação tática. Normalmente, as VBC Cav/VBR lideram, de modo a poder utilizar melhor sua potência de fogo. As VBC Fuz/VBTP devem ser dispostas à retaguarda das VBC Cav/VBR, de modo que suas metralhadoras orgânicas possam aumentar os fogos das VBC Cav/VBR, sem que isso implique excessiva exposição aos fogos AC do Ini. Essa técnica somente pode ser utilizada quando a posição inimiga não apresentar sistema de DAC eficiente.

A.2.5.4.2 Quando embarcados, os Fuz Mec podem seguir as VBC Cav/VBR por lanços. Essa técnica contribui para o aumento da Seg das VBC Fuz /VBTP, mas acarreta redução da velocidade de progressão.

A.2.5.4.3 A distância entre as VBC Cav/VBR e as VBC Fuz/VBTP não deve aumentar a ponto de permitir que VB inimigas possam infiltrar-se entre elas, acarretando a perda da possibilidade de apoio rápido às VBC Cav/VBR pelos Fuz Mec.

A.2.5.4.4 Ao determinar as posições de VBC Cav/VBR e VBC Fuz/VBTP nas formações Bld, o Cmt deve avaliar continuamente a necessidade de contar com a disponibilidade do Ap dos Fuz Mec expondo suas VB ao fogo eficaz do Ini.

A.2.5.5 Os Fuz Mec Seguem as VBC Cav/VBR por Lanços

A.2.5.5.1 Esta técnica de movimento aumenta a Seg dos Fuz Mec. Enquanto as VBC Cav/VBR avançam continuamente de um para outro acidente do terreno, as VBC Fuz/VBTP devem deslocar-se rapidamente para posições desenfiadas à Rtgd dos sucessivos acidentes do terreno.

A.2.5.5.2 O controle deve ser exercido de modo a assegurar a execução coordenada do assalto, com as VBC Cav/VBR precedendo os Fuz Mec no objetivo. Isso normalmente exige um aumento da velocidade das VBC Fuz/VBTP no final do movimento, de modo a cerrar sobre as VBC Cav/VBR na abordagem do objetivo.
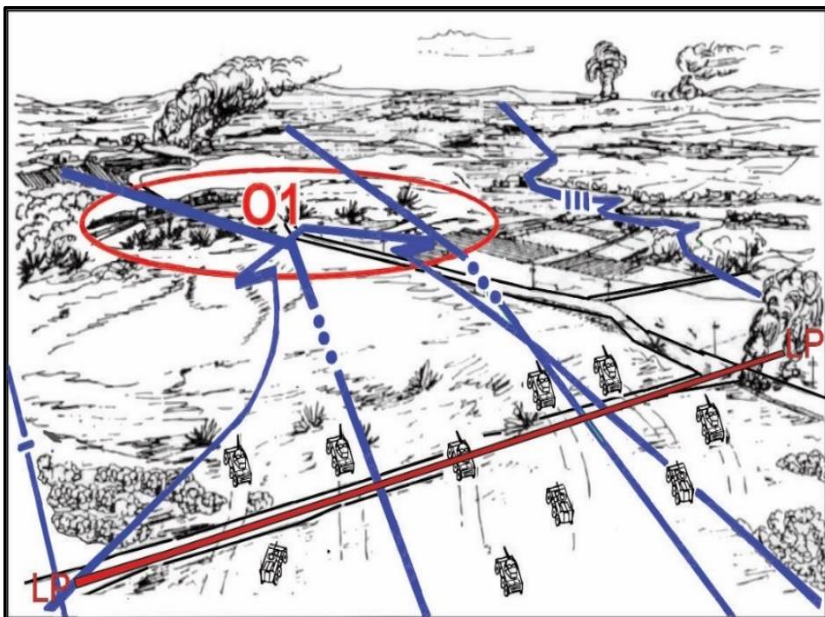
Fig A-5 – Ataque de VBC Cav/VBR e Fuz Mec embarcados em uma única via de acesso

A.2.5.6 Os Fuz Mec Atacam Desembarcados

A.2.5.6.1 Este processo pode ser empregado em situações de pouca visibilidade, como em bosques, localidades, neblina densa ou quando necessário para fornecer uma proteção aproximada às VB. Quando as VBC Cav/VBR e Fuz Mec a pé progridem juntos, os Fuz Mec podem colocar-se entre as VBC Cav/VBR ou imediatamente à sua Rtgd. Durante a progressão, a posição relativa das VBC Cav/VBR e Fuz Mec é ajustada de acordo com o terreno e a resistência inimiga. Durante o assalto, por exemplo, os Fuz Mec deslocam-se, normalmente, à Rtgd imediata das VBC Cav/VBR, de modo a permitir cerrado Ap mútuo, além de beneficiarem-se da Ptç das VBC Cav/VBR.
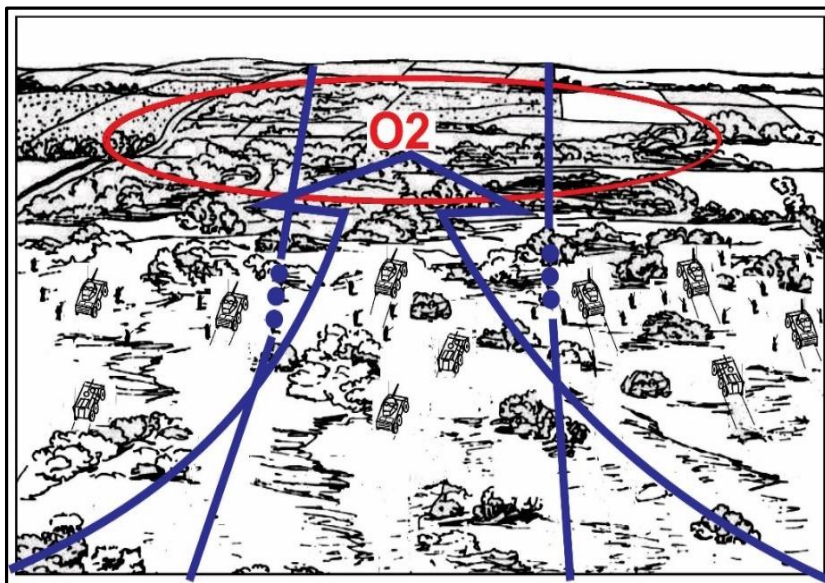
Fig A-6 – VBC Cav/VBR e Fuz Mec desembarcados progredindo juntos

A.2.5.6.2 Quando o terreno, os obstáculos ou as armas AC inimigas restringem ou detêm o movimento das VBC Cav/VBR, mas permitem o dos Fuz Mec desembarcados, as viaturas podem, temporariamente, apoiar, pelo fogo, o avanço dos Fuz Mec. Quando o Atq dos Fuz Mec tiver progredido suficientemente ou tiver sido removido o obstáculo que detinha as VBC Cav/VBR, estas devem deslocar-se para a frente, ultrapassar os Fuz Mec e voltar a liderar o Atq. Esse tipo de ação não deve ser confundido com o processo em que as VBC Cav/VBR somente apoiam pelo fogo, já que a intenção é que essas VB participem do assalto ao objetivo.

A.2.5.6.3 Quando as VBC Cav/VBR assaltam sob proteção de Mun de tempo de Art e Mrt, os Fuz Mec seguem à Rtgd a uma distância de Seg dos arrebentamentos, eliminando ou capturando o pessoal Ini remanescente.

A.2.5.6.4 As VBC Fuz/VBTP devem progredir logo atrás dos Fuz Mec desembarcados, para apoiar sua progressão com o armamaneto orgânico da VB, e estar prontamente disponíveis, quando necessário, para prosseguir no Atq ou para auxiliar na consolidação do objetivo.

A.2.6 ATAQUE EM DOIS EIXOS CONVERGENTES

A.2.6.1 Normalmente são empregadas VBC Cav/VBR e Fuz Mec em uma mesma direção. Podem surgir situações em que seja necessário o emprego de Fuz Mec em uma direção e VBC Cav/VBR em outra.

A.2.6.2 A Coor do assalto é mais difícil do que em outros processos.

A.2.6.3 Esse processo, normalmente, obtém o máximo efeito de surpresa. Proporciona oportunidade para a força atacante golpear os Flc ou Rtgd do Ini, além de obrigá-lo a combater em duas direções.

A.2.6.4 As condições que favorecem o emprego desse processo são:
a) possibilidades de flanqueamento do objetivo; e
b) possibilidade de Mnt do controle a despeito das dificuldades.

A.2.6.5 VBC Cav/VBR Com Fuz Mec Embarcados em um Mesmo Eixo

A.2.6.5.1 Normalmente, uma SU com os Fuz Mec embarcados é empregada em cada direção. Os Pel são empregados inicialmente em direções diferente, que mais adiante convergem sobre o mesmo objetivo. O Atq deve ser coordenado de tal maneira que as frações cheguem ao objetivo simultaneamente, para assegurar o máximo de ação de choque.

A.2.6.5.2 O movimento das VBC Cav/VBR e das VBC Fuz/VBTP é regido pelas mesmas considerações feitas para a atuação em uma única direção.

A.2.6.6 VBC Cav/VBR Com Fuz Mec a Pé por Eixos Diferentes

A.2.6.6.1 O movimento de VBC Cav/VBR e Fuz Mec a pé obedece às mesmas considerações quanto ao emprego em um único eixo.

A.2.6.6.2 Quando o escalão de Atq é detido por fogos ou obstáculos AC inimigos, os Fuz Mec a pé progridem utilizando VA coberta, impraticável para as VBC Cav/VBR, e atacam o Flc do Ini.

A.2.6.6.3 Nessa situação, as VBC Cav/VBR apoiam pelo fogo, deslocando-se, logo que possível, em direção ao objetivo.

A.2.6.7 VBC Cav/VBR em uma Direção e Fuz Mec na Outra

A.2.6.7.1 Esse procedimento é empregado quando uma das VA é adequada para as VBC Cav/VBR, mas acarreta excessiva exposição dos Fuz Mec e suas Vtr, enquanto a outra pode ser utilizada por Fuz Mec a pé, mas restringe ou impede o movimento das VBC Cav/VBR. Tal processo torna crítica a coordenação VBC Cav/VBR Fuz Mec para o assalto.
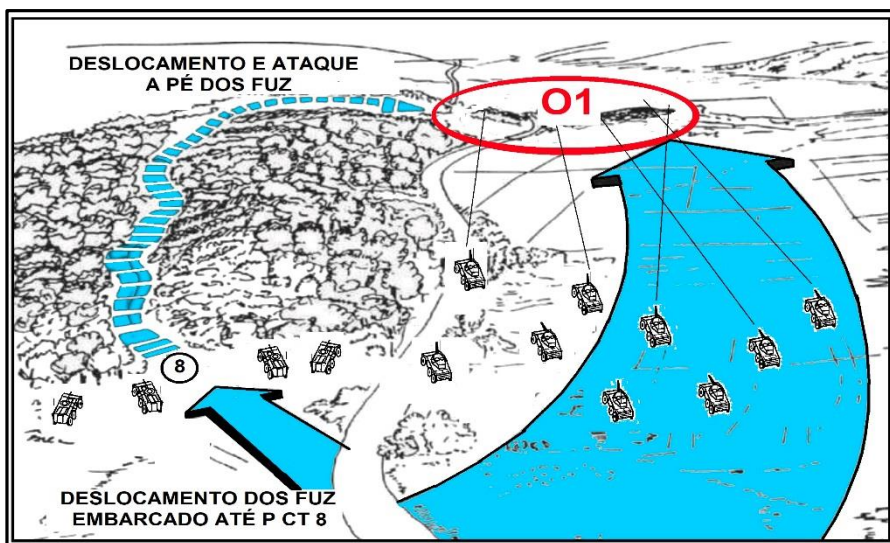
Fig A-7 – As VBC Cav/VBR e os Fuz Mec a pé, no ataque por eixos diferentes

A.2.7 AS VBC Cav/VBR SOMENTE APOIAM PELO FOGO

A.2.7.1 Nesse processo, os Fuz Mec, a pé, atacam para conquistar o objetivo e as VBC Cav/VBR os apoiam somente pelo fogo. As condições que tornam necessária a utilização desse processo são:
a) a existência de obstáculos que impeçam o movimento das Vtr no Atq, obrigando a conquista de um objetivo para permitir a remoção dos obstáculos; e
b) terreno impraticável para as VBC Cav/VBR deve ser conquistado.

A.2.7.2 Quando os cursos de água, obstáculos às VBC Cav/VBR, devem ser transpostos, as VBC Cav/VBR apoiam os Fuz Mec somente pelo fogo.

A.2.7.3 As VBC Fuz/VBTP podem transpor cursos de água não vadeáveis pelas VBC Cav/VBR. Em consequência, as VBC Cav/VBR devem colocar-se em posições de tiro desenfiadas das quais possam, pelo fogo, apoiar a travessia das VBC Fuz/VBTP.
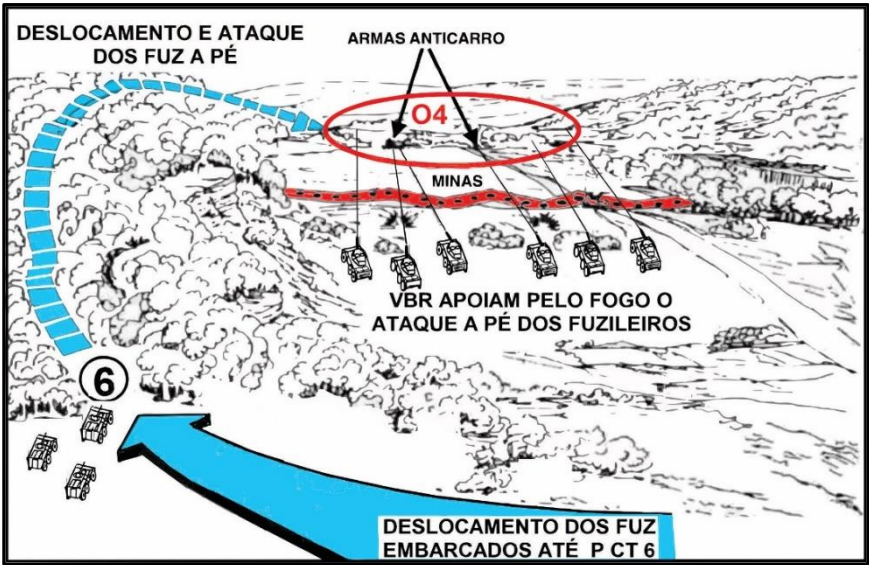
Fig A-8 – VBC Cav/VBR somente apoiando pelo fogo o ataque dos Fuz

ANEXO B

EXTRATOS DE ORDENS DE OPERAÇÕES E ESQUEMAS DE MANOBRA

B.1 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO NA VANGUARDA

B.1.1 EXEMPLO DOS PARÁGRAFOS 2º E 3º DA ORDEM DE OPERAÇÕES
....

2. MISSÃO

a. A fim de proteger o avanço da 36ª Bda Inf Bld na sua marcha para o combate, a partir de D/0715, reconhecer o eixo P1 entre as L Ct INICIAL e L Ct LUVA, a partir da L Ct LUVA até a L Ct FINAL, reconhecer os múltiplos eixos existentes em sua zona de ação. Em final de missão, Conq e manter O1, O2 e O3 e ficar ECD Ap Ultr de Elm da 36ª Bda Inf Bld.

b. Minha intenção é empregar os meios de IRVA o mais à frente possível, junto aos Pel C Mec, auxiliando na condução e orientação do Rec de Eixo e Zona. Para isso, são tarefas essenciais a localização e identificação do inimigo o mais longe possível, garantindo o tempo necessário para tomada de decisão e manobra. O EFD é garantir o deslocamento contínuo da 36ª Bda Inf Bld até a L Ct FINAL, mantendo o Ini o mais afastado possível da Z Aç da SU e evitando as ações de retardamento ou contrarreconhecimento ao longo do deslocamento. Os danos colaterais à população civil devem ser reduzidos ao máximo.

3. EXECUÇÃO

a. <u>Conceito da Operação</u>

1) Manobra

a) O 36º Esqd C Mec realizará um reconhecimento de eixo e zona, a partir de D/0715, entre as L Ct INICIAL e FINAL, devendo, para isso:

(1) Realizar uma marcha em coluna tática de sua atual Z Reu pelo Itn Prog AÇO, a partir de D/0615, devendo atingir L Ct INICIAL até D/0715.

(2) Entre as L Ct INICIAL e L Ct LUVA:

- Rec o eixo P1 empregando o 1º Pel C Mec, devendo informar sobre as condições de trafegabilidade e sua adequabilidade para as tropas da 36ª Bda Inf Bld, bem como o dispositivo, valor, atividades e particularidades do Ini a cavaleiro desse eixo.

(3) Entre as L Ct LUVA e L Ct FINAL:

- Reconhecer os múltiplos eixos existentes na zona de ação, empregando o 2º Pel C Mec ao N, o 1º Pel C Mec ao C e o 3º Pel C Mec ao S, devendo informar sobre as condições de trafegabilidade e sua adequabilidade para as tropas da 36ª Bda Inf Bld, bem como o dispositivo, valor, atividades e particularidades do Ini a cavaleiro desses eixos.

b) Ligar-se com elementos do 3º RC Mec a N nos P Lig B e D;

c) Deslocar a maioria dos seus meios pelo Eixo P1;
d) Atingir a LCt final até D/1500;
e) Em final de missão:
(1) Conq e manter a Região que por norte domina a BR 156 ocupando a Rg P Cot 562, O1 com o 2º Pel C Mec, Rg P Cot 487, O2 com o 1º Pel C Mec, e Rg P Cot 500, O3 com o 3º Pel C Mec.
(2) Ficar ECD de apoiar a ultrapassagem de Elm da 36ª Bda Inf Bld.
f) Anexo B – Calco de Operações

2) Fogos
a) Alvos altamente compensadores
- CC, Bld S/R, Vtr leve.
b) Diretrizes de Apoio de Fogo
- Prioridade de fogos
- 1º Pel C Mec
c) An C

3) GE
....

4) Barreiras
....

b. <u>1º Pel C Mec</u>
1) Dslc do PI até a L Ct INICIAL pelo Itn Prog AÇO;
2) Ligar-se com o 2º Pel C Mec nos P Lig 10; e
3) Ligar-se com o 3º Pel C Mec nos P Lig 20.

c. <u>2º Pel C Mec</u>
1) Deslocar-se do PI até o P Ct 2, pelo Itn Prog AÇO e Eixo P1, na esteira do 1º Pel C Mec e, posteriormente, seguir pelo Itn Prog ALFA até iniciar o seu Rec de zona na L Ct LUVA;
2) Ligar-se com Elm do 3º RC Mec nos P Lig B e D; e
3) Ligar-se com o 1º Pel C Mec no P Lig 10.

d. <u>3º Pel C Mec</u>
1) Deslocar-se pelo eixo P1 até o P Ct 1 e posteriormente seguir pelo Itn Prog BRAVO até iniciar o seu Rec de zona na L Ct LUVA;
2) Ligar-se com o 1º Pel C Mec nos P Lig 20; e
3) Em final de missão, Conq e manter O3, ficando ECD apoiar a Utlr de elementos da 36ª Bda Inf Bld.

e. <u>Apoio de Fogo</u>
- Seç MAC
a) Ação de conjunto.
b) Dslc pelo eixo P1, na esteira do 1º Pel C Mec.

f. <u>Pel C Ap</u>

- Desdobrar a área de trens da SU na região prevista no calco de operações.

g. <u>GVTO</u>

1) Aço Cj; e

2) Dslc pelo Eixo P1, na esteira do 1º Pel C Mec.

h. <u>Prescrições diversas</u>

1) Composição dos meios em vigor desde já.

2) Dispositivo pronto em D/0600.

3) Horário de passagem no PI: D/0550.

4) A ordem de movimento prevista para o 36º Esqd C Mec é a seguinte:

- 1º Pel C Mec, GVTO, Seç MAC, 2º Pel C Mec, 3º Pel C Mec e TSU.

5) Composição dos meios em vigor: desde já.

6) EEI

- Entre as L Ct INICIAL e FINAL

- Quais as condições de trafegabilidade dos múltiplos eixos existentes na Z Aç do Esqd?

- O Ini realiza ações de contrarreconhecimento na Z Aç do Esqd? Em caso afirmativo, onde, como e com que meios?

- O Ini realiza ação retardadora na Z Aç do Esqd? Em caso afirmativo, onde, como e com que meios?

- Quais os meios mecanizados e blindados que o Ini emprega na Z Aç do Esqd?

- Há indícios da presença de civis ou refugiados ao longo do eixo P1?

B.1.2 EXEMPLO DE ESQUEMA DE MANOBRA
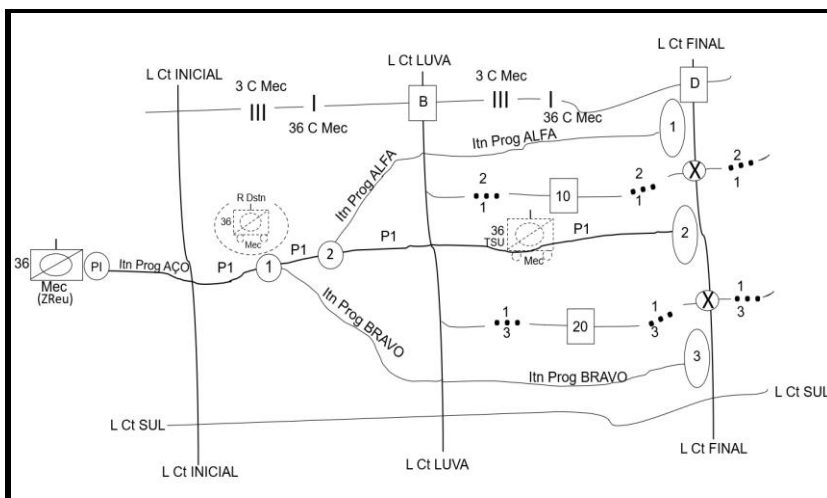
Fig B-1 – Esquema de manobra do Esqd C Mec na Vgd

B.2 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO NA VIGILÂNCIA

B.2.1 EXEMPLO DE PARÁGRAFOS 2º E 3º DA ORDEM DE OPERAÇÕES

....

2. MISSÃO

a. A fim de cooperar com a 36ª Bda Inf Bld em sua M Cmb, vigiar o Flc S da Bda, da L Ct INICIAL até a L Ct FINAL, entre a L Ct EXTERNA e a L Ct BRONZE.

b. Minha intenção é localizar e identificar o inimigo o mais longe possível. Para isso, são tarefas essenciais a montagem da cortina de vigilância sobre a L Ct BRONZE e o acompanhamento do deslocamento da 36ª Bda Inf Bld até a L Ct FINAL. O EFD é garantir o deslocamento com segurança da Bda, informando qualquer movimentação do inimigo na direção S-N sobre as principais penetrantes. Os danos colaterais à população civil devem ser reduzidos ao máximo.

3. EXECUÇÃO

a. <u>Conceito da Operação</u>

1) Manobra

a) O 36º Esqd C Mec vigiará o Flc S da 36ª Bda Inf Bld, da L Ct INICIAL até a L Ct FINAL, entre a L Ct EXTERNA e a L Ct BRONZE, a partir de D/0600. Para isso:

(1) Rlz M Cln Tat de sua atual Z Reu até a L Ct INICIAL, seguindo pelo Itn Prog AÇO;

(2) Rec, com o 1º Pel C Mec, a zona entre a L Ct INICIAL, L Ct FINAL, L Ct EXTERNA e L Ct BRONZE;

(3) Estb uma cortina de vigilância sobre as penetrantes que incidem no Flc S;

(4) liga-se com o 361º BIB nos P Lig 10, 20 e 30; e

(5) em final de Mis:

- ficar ECD Pross para E.

b) An B – Clc Op.

2) Fogos

a) Alvos altamente compensadores

....

b) Diretrizes de Apoio de Fogo

- Prio F

- 1º Pel C Mec

c) An C – PAF (omitido).

3) GE

....

4) Barreiras

....

b. 1º Pel C Mec

1) Rec, entre a L Ct INICIAL e a L Ct FINAL, os múltiplos eixos e as Rg a cavaleiro destes na Z Aç do 1º Esqd C Mec, devendo informar a presença do Ini e seu dispositivo, valor, localização e composição.

2) Ligar-se com Elm do 361º BIB a N nos P Lig 10, 20 e 30.

3) Em final de Mis:

- Ficar ECD Pross para E.

c. 2º Pel C Mec

1) Estb, a partir da L Ct INICIAL, cortina de vigilância face ao Flc S, entre as L Ct INICIAL e FREIO; e

2) Ficar ECD de Estb cortina de vigilância face ao Flc S, entre as L Ct ESPORA e FINAL.

d. 3º Pel C Mec

- Estb, a partir da L Ct INICIAL, cortina de vigilância face ao Flc S, entre as L Ct FREIO e ESPORA.

e. Apoio de fogo

- Sç MAC

a) Aç Cj.

b) Dslc pelo Eixo P1, na esteira do 1º Pel C Mec.

f. Pel C Ap

- Ficar ECD desdobrar a área de trens da SU nas regiões previstas no Calco de Operações.

g. GVTO

1) Aç Cj.

2) Dslc pelo Eixo P1, na esteira do 1º Pel C Mec.

h. Prescrições Diversas

1) Composição dos meios em vigor: desde já.

2) Somente Ultr as L Ct EXTERNA, BRONZE e FINAL Mdt O.

3) Ordem de movimento: 1º Pel C Mec, GVTO, 2º Pel C Mec, 3º Pel C Mec e TSU.

4) EEI:

a) Por onde o Ini carreia seus meios?

b) Por quais penetrantes o Ini procura atingir o Flc da 36ª Bda Inf Bld?

c) Qual é o dispositivo, valor, localização e composição das tropas Ini?

d) Há indícios de que o Ini realizará Ass Amv ou Aet?

B.2.2 EXEMPLO DE ESQUEMA DE MANOBRA
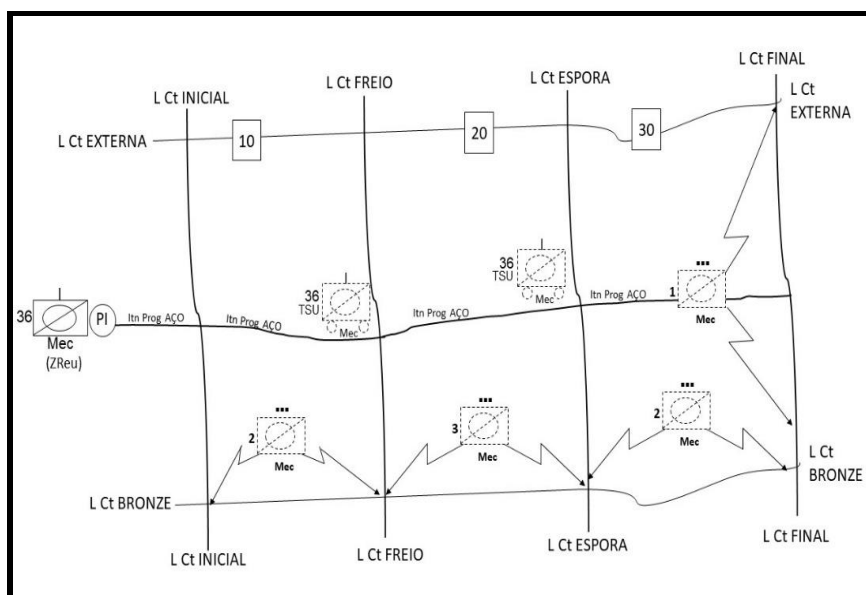
Fig B-2 – Esquema de manobra do Esqd C Mec na Vig

B.3 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO NA AÇÃO RETARDADORA EM POSIÇÕES SUCESSIVAS

B.3.1 EXEMPLO DE PARÁGRAFO 3º DA ORDEM DE OPERAÇÕES

....

3. EXECUÇÃO

a. Conceito da Operação

1) Manobra

a) O 2º Esqd C Mec retardará em posições sucessivas, a partir de D/1800, o Ini que incidir em sua Z Aç. Para isso:

(1) ocupará a PIR na linha balizada pelo corte do arroio CAXAMBU (7460) e do afluente N do Rio PINHEIRINHO (6844), empregando o 1º Pel C Mec a N, o 2º Pel C Mec ao C e o 3º Pel C Mec ao S;

(2) estabelecerá PO e patrulhas com Elm em 1º Esc;

(3) acolherá Elm da 26ª Bda Inf que retraírem através de sua Z Aç;

(4) retardará o Ini entre a PIR e a P Def/12ª DE, ao longo de sua Z Aç, com o mesmo Dspo da PIR a fim de impedi-lo de abordar o LAADA/12ª DE antes de D+5/1800, devendo ganhar duas jornadas na PIR, duas jornadas na P2 e uma jornada na P3;

(5) retrairá das P Rtrd Mdt O;

(6) ligar-se-á a W, no P Lig 100 com Elm 21ª Bda C Mec, para as

ações de Aclh na P Def/12ª DE;

(7) retrairá através da P Def/12ª DE; e

(8) após ser Aclh no LAADA/12ª DE, retirar-se-á até a R de ROSÁRIO (1036).

b) Anexo B – Calco de Operações

2) Fogos

a) Alvos altamente compensadores:

- AMX-30, AMX-13, AML-90, WZ 551, YW 531 H (elementos blindados do Ini Vermelho) e PO.

b) Diretrizes de Fogos

(1) Prioridade de Apoio de Fogo

- 2º Pel C Mec.

(2) An C: PAF (omitido)

3) Guerra Eletrônica

a) Generalidades

- An D: Guerra Eletrônica (omitido)

b) MAE

- Prio de Emp para a Z Aç do 2º Pel C Mec.

4) Barreiras

a) An E: Plano de Barreiras (a ser definido)

b. <u>1º Pel C Mec</u>

1) Retardar o Ini em sua Z Aç, entre a PIR e a P3;

2) Ligar-se a W, no P Lig 100, com Elm da 21ª Bda C Mec, para Aç Aclh na P Def/12ª DE;

3) Ligar-se ao N, nos P Lig A, B e C, com o 1º Esqd C Mec;

4) Ligar-se ao C, nos P Lig 10, 30 e 50, com o 2º Pel C Mec; e

5) Retrair pelo Itn Ret Mdt O.

c. <u>2º Pel C Mec</u>

1) Retardar o Ini em sua Z Aç, entre a PIR e a P3;

2) Ligar-se ao N, nos P Lig 10, 30 e 50, com o 1º Pel C Mec;

3) Ligar-se ao S, nos P Lig 20, 40 e 60, com o 2º Pel C Mec; e

4) Retrair pelo Itn Ret Mdt O.

d. <u>3º Pel C Mec</u>

1) Retardar o Ini em sua Z Aç, entre a PIR e a P3;

2) Ligar-se ao S, nos P Lig D, E e F, com o 3º Esqd C Mec;

3) Ligar-se ao N, nos P Lig 20, 40 e 60, com o 2º Pel C Mec;

4) Retrair pelo Itn Ret Mdt O.

e. <u>Seção de Comando</u>

- Ficar ECD desdobrar a área de trens da SU nas regiões previstas no Calco de Operações.

f. Prescrições Diversas

1) Pronto da PIR: D/1500.

2) A FT 13º R C Mec deslocará seus meios pela Rdv 285.

4) Destruição de ponte Mdt O.

6) EEI
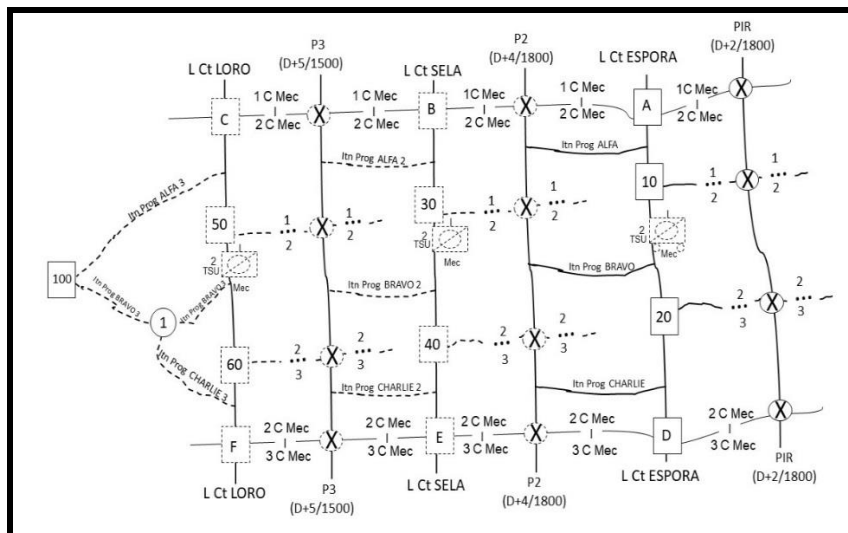
Fig B-3 – Esquema de manobra

GLOSSÁRIO

PARTE I – ABREVIATURAS E SIGLAS

A

Abreviaturas/Siglas	Significado
A Coz	Área de Cozinha
A Mnt	Área de Manutenção
A Op	Área de Operações
A Res	Área de Reserva
A Rspnl	Área de Responsabilidade
A Seg	Área de Segurança
AAAe	Artilharia Antiaérea
AC	Anticarro
Aç Cj	Ação Conjunta
Aç Ofs	Ação Ofensiva
Aç Rtrd	Ação Retardadora
Aclh	Acolhimento
ADA	Área de Defesa Avançada
Ae	Aéreo
AE	Área de Engajamento
AECOPE	Área, Estrutura, Capacidade, Organização e Eventos
Aet	Aeroterrestre
Amb	Ambulância
Amv	Aeromóvel
Anv	Aeronave
AOC	Área Operacional Continental (ou do Continente)
Ap Cmb	Apoio ao Combate
Ap Dto	Apoio Direto
Ap F	Apoio de Fogo
Ap G	Apoio Geral
Ap Log	Apoio Logístico
APOP	Agente Perturbador da Ordem Pública
ARP	Aeronave Remotamente Pilotada
Apvt Exi	Aproveitamento do Exito
Art	Artilharia
Art Cmp	Artilharia de Campanha

Abreviaturas/Siglas	Significado
AT	Área de Trens
ATC	Área de Trens de Combate
Atq	Ataque
Atq Coor	Ataque Coordenado
Atq Frt	Ataque Frontal
Atq Not	Ataque Noturno
Atq Oport	Ataque de Oportunidade
ATSU	Área de Trens da Subunidade
ATU	Área de Trens da Unidade
Aux	Auxiliar
Av	Aviação
Av Ex	Aviação do Exército

B

Abreviaturas/Siglas	Significado
B Log	Batalhão Logístico
Bda	Brigada
Bda C Mec	Brigada de Cavalaria Mecanizada
Bia AAAe	Bateria de Artilharia Antiaérea
BLB	Base Logística de Brigada
Bld	Blindada

C

Abreviaturas/Siglas	Significado
C²	Comando e Controle
C Atq	Contra-Ataque, Contra-Atacar
C Dan	Controle de Danos
C Ex	Corpo de Exército
C Intlg	Contrainteligência
C Rec	Contrarreconhecimento
C Tir	Central de Tiro
CAA	Controlador Aéreo Avançado
Catg	Categoria
Cav	Cavalaria
CC	Carros de Combate
Cçd	Caçadores

Abreviaturas/Siglas	Significado
CCAF	Centro de Coordenação e Apoio de Fogo
CCOA	Célula de Coordenação de Operações Aéreas
Cia E Cmb Mec	Companhia de Engenharia de Combate Mecanizado
CIENC	Controle das Irradiações Eletromagnéticas de Não Comunicações
Cl	Classe
CLA	Câmera de Longo Alcance
Cmb	Combate
Cmdo	Comando
Cmp	Campanha
Cmt	Comandante
Cob	Cobertura
Com	Comunicações
Com Soc	Comunicação Social
Coor	Coordenação

D

Abreviaturas/Siglas	Significado
DAAe	Defesa Antiaérea
DAC	Defesa Anticarro
DE	Divisão do Exército
Def	Defesa, Defensiva
Def A	Defesa de Área
DEFAR	Defesa da Área de Retaguarda
Def Mv	Defesa Móvel
DO	Dotação Orgânica
DOAMEPI	Doutrina, Organização, Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura
Dsb	Desbordamento
Dsml	Dissimulação

E

Abreviaturas/Siglas	Significado
E Prog	Eixo de Progressão
E Sup	Eixo de Suprimento
E Sup Ev	Eixo de Suprimento e Evacuação

Abreviaturas/Siglas	Significado
ECAT	Equipe de Controle Aerotático
ECD	Em Condições De
EEI	Elementos Essenciais de Inteligência
EFD	Estado Final Desejado
Elm	Elemento
EM	Estado-Maior
Enc Mat	Encarregado do Material
Eng	Engenharia
Eng Cmb	Engenharia de Combate
Engj	Engajar, Engajamento
EPS	Entrada Principal de Suprimento
Eq	Equipe, Equipamento
Eq Cçd	Equipe de Caçadores
Eq Com	Equipe de Comunicações
Esc	Escalão
Esc Sp	Escalão Superior
Esqd	Esquadrão
Esqd C Ap	Esquadrão de Comando e Apoio
Esqd C Mec	Esquadrão de Cavalaria Mecanizado
Exp	Explorador

F

Abreviaturas/Siglas	Significado
F Ae	Força Aérea
F Cob	Força de Cobertura
F Cob Avç	Força de Cobertura Avançada
F Cob Flc	Força de Cobertura dos Flancos
F Cob Rtgd	Força de Cobertura de Retaguarda
F Ini	Força Inimiga
F Lig	Força de Ligação
F Ptç	Força de Proteção
F Ptg	Força Protegida
F Rec	Força de Reconhecimento
F Seg	Força de Segurança
F Ter	Força Terrestre

Abreviaturas/Siglas	Significado
F Vig	Força de Vigilância
FA	Força Armada
FAC	Força Aérea Componente
FDAR	Força de Defesa de Área de Retaguarda
Fg	Flancoguarda
Flc	Flanco
FT	Força-Tarefa
Fur	Furriel
Fuz	Fuzileiro
Fuz Mec	Fuzileiro Mecanizado

G

Abreviaturas/Siglas	Significado
G Ciber	Guerra Cibernética
G Exp	Grupo de Exploradores
GAA	Guia Aéreo Avançado
GAC	Grupo de Artilharia de Campanha
GE	Guerra Eletrônica, Grupo de Engenharia
GC	Grupo de Combate
GLO	Garantia da Lei e da Ordem
Gp	Grupo
Gp Aprv	Grupo e Aprovisionamento
Gp Cmdo	Grupo de Comando
Gp Com	Grupo de Comunicações
Gp Intlg	Grupo de Inteligência
Gp Log	Grupo Logístico
Gp Mnt	Grupo de Manutenção
Gp Sau	Grupo de Saúde
Gp Sup	Grupo de Suprimento
GPS	Sistema de Posicionamento Global (*Global Positioning System*)
GU	Grande Unidade

I

Abreviaturas/Siglas	Significado
Inf	Infantaria, Infante
Ini	Inimigo

Abreviaturas/Siglas	Significado
Intlg	Inteligência
IP Com Elt	Instrução Padrão de Comunicações e Eletrônica
IRVA	Inteligência, Reconhecimento, Vigilância e Aquisição de Alvos
Itn	Itinerário

L

Abreviaturas/Siglas	Significado
L Aç	Linha de Ação
L Ct	Linha de Controle
L Gr	Lança-Granadas
L Seg	Linha de Segurança
LAADA	Limite Anterior da Área de Defesa Avançada
LEN	Localizador Eletrônico do Norte
Loc Ater	Local de Aterragem
Log	Logística
LP	Linha de Partida
LPD	Linha de Provável Desenvolvimento
LPE	Linha de Provável Encontro
LRF	Linha de Restrição de Fogos

M

Abreviaturas/Siglas	Significado
M Cmb	Marcha para o Combate
M Tat	Marcha Tática
M^2	Movimento e Manobra
MAC	Míssil Anticarro
MAE	Medida de Ataque Eletrônico
MAGE	Medida de Apoio de Guerra Eletrônica
MC	Manual de Campanha
MDE	Mensagem Diária de Efetivo
Mdt O	Mediante Ordem
Mec	Mecanizado
MITCMTC	Missão, Inimigo, Terreno, Condições Meteorológicas, Meios, Tempo Considerado e Considerações Civis
Mnt	Manutenção

Abreviaturas/Siglas	Significado
Mov Rtg	Movimento Retrógrado
MP Ciber	Medida de Proteção Cibernética
MPE	Medida de Proteção Eletrônica
Mrt	Morteiro
Mrt Me	Morteiro Médio
Mrt P	Morteiro Pesado
Msl	Míssil
Mtz	Motorizada
Mun	Munição
Mv	Móvel

N

Abreviaturas/Siglas	Significado
N Com	Não Comunicações
NGA	Normas Gerais de Ação
NI	Necessidade de Inteligência
Nu Def	Núcleo de Defesa

O

Abreviaturas/Siglas	Significado
O Com	Oficial de Comunicações
O Op	Ordem de Operação
OA	Observador Avançado
Obj	Objetivo
OCCA	Operação de Cooperação e Coordenação com Agência
Ofs	Ofensiva
OM	Organização Militar
Op	Operações
Op Cmpl	Operações Complementares
Op Compl Seg	Operação Complementar de Segurança
Op Def	Operação Defensiva
Op Ofs	Operação Ofensiva
Op Seg	Operação de Segurança
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte

P

Abreviaturas/Siglas	Significado
P Blq	Posição de Bloqueio
P Col Mor	Posto de Coleta de Mortos
P Col PG	Posto de Coleta de Prisioneiros de Guerra
P Ct	Ponto de Controle
P Def	Posição Defensiva
P Distr	Posto de Distribuição
P Lib	Ponto de Liberação
P Lig	Ponto de Ligação
P Remn	Posto de Remuniciamento
P Sen	Ponto Sensível
P Sup	Posto de Suprimento
P Trg	Posto de Triagem
PAC	Posto Avançado de Combate
PAF	Plano de Apoio de Fogo
PAG	Posto Avançado Geral
PBCE	Posto de Bloqueio e Controle de Estradas
PBCVU	Posto de Controle de Vias Urbanas
PC	Posto de Comando
PC Altn	Posto de Comando Alternativo
Pç Ap	Peça de Apoio
PCF	Ponto de Concentração de Feridos
PCP	Posto de Comando Principal
PCT	Posto de Comando Tático
Pct Log	Pacote Logístico
Pel	Pelotão
Pel C Ap	Pelotão de Comando e Apoio
Pel C Mec	Pelotão de Cavalaria Mecanizado
Pel E	Pelotão de Engenharia
Pel E Cmb	Pelotão de Engenharia de Combate
Pel Exp	Pelotão de Exploradores
Pel Mnt	Pelotão de Manutenção
Pel Mrt P	Pelotão de Morteiro Pesado
Pel Provs	Pelotão Provisório
Pel Sau	Pelotão de Saúde

Abreviaturas/Siglas	Significado
PFA	Plano de Fogo de Artilharia
PG	Prisioneiro de Guerra
PI	Ponto Inicial
PIR	Posição Inicial de Retardamento
PITCIC	Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis
Plj	Planejamento
PM	Polícia Militar
Pnt	Ponte
Pntr	Penetrar, Penetração
PO	Posto de Observação
POC	Plano de Obtenção de Conhecimento
POP	Procedimento Operacional Padrão
PP	Ponto de Partida
PPAA	Plano Provisório de Apoio de Artilharia
PPCOT	Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres
PPFM	Plano Provisório de Fogos de Morteiro
Prio	Priorizar, Prioridade
Prio F	Prioridade de Fogos
Prog	Progressão
Prsg	Perseguição
PS	Posto de Socorro
PSE	Posto de Segurança Estático
PSR	Posto de Socorro Regimental
Ptç	Proteção

Q

Abreviaturas/Siglas	Significado
QBRN	Químico, Biológico, Radiológico e Nuclear

R

Abreviaturas/Siglas	Significado
R Dstn	Região de Destino
RC Mec	Regimento de Cavalaria Mecanizado
RE	Regras de Engajamento
Rec	Reconhecimento

Abreviaturas/Siglas	Significado
Rec A	Reconhecimento de Área
Rec E	Reconhecimento de Eixo
Rec F	Reconhecimento em Força
Rec P	Reconhecimento de Ponto
Rec Z	Reconhecimento de Zona
Ref	Reforçar, Reforço
Res	Reserva
Ret	Retraimento
Rgt	Regimento
RH	Recursos Humanos
RIPI	Região de Interesse para a Inteligência
Rtgd	Retaguarda
RVT	Radar de Vigilância Terrestre

S

Abreviaturas/Siglas	Significado
S Cmt	Subcomandante
SARC	Sistema de Armas Remotamente Controlado
SARP	Sistema de Aeronaves Remotamente Pilotadas
Sau	Saúde
Seç	Seção
Seç Cçd	Seção de Caçadores
Seç Cmdo	Seção de Comando
Seç L Mnt	Seção Leve de Manutenção
Seç Log	Seção Logística
Seç MAC	Seção de Mísseis Anticarro
Seç Mrt Me	Seção de Morteiros Médios
Seç VBC Cav	Seção de Viaturas Blindadas de Combate de Cavalaria
Seg	Segurança
SEGAR	Segurança da Área de Retaguarda
Sgt	Sargento
Sgt Adj	Sargento Adjunto
Sgt Aj	Sargento Ajudante
Sgt Aux Com	Sargento Auxiliar de Comunicações
Sgte	Sargenteante

Abreviaturas/Siglas	Significado
Sp	Superior
SU	Subunidade
SUDIPE	Sumário Diário de Pessoal
Sup	Suprimento
SVTO	Seção de Vigilância Terrestre e Observação

T

Abreviaturas/Siglas	Significado
TO	Teatro de Operações
TSU	Trens da Subunidade
TTP	Táticas, Técnicas e Procedimentos
Tu	Turma
Tu Aprv	Turma de Aprovisionamento
Tu ARP	Turma de Aeronave Remotamente Pilotada
Tu Cçd	Turma de Caçadores
Tu Com	Turma de Comunicações
Tu Cmdo	Turma de Comando
Tu Coor	Turma de Coordenação
Tu Coor Cntz F	Turma de Coordenação e Centralização de Fogo
Tu Ev	Turma de Evacuação
Tu Mnt	Turma de Manutenção
Tu Pes	Turma de Pessoal
Tu Sau	Turma de Saúde
Tu Sup	Turma de Suprimento
Tu Trg	Turma de Triagem
Tu Vig Ter	Turma de Vigilância Terrestre

U

Abreviaturas/Siglas	Significado
U	Unidade
Ultr	Ultrapassagem

V

Abreviaturas/Siglas	Significado
VA	Via de Acesso
VB	Viatura Blindada
VBC Cav	Viatura Blindada de Combate de Cavalaria

Abreviaturas/Siglas	Significado
VBE L Pnt	Viatura Blindada Especial Lança-Ponte
VBMT Rec	Viatura Blindada Multitarefa de Reconhecimento
VBR	Viatura Blindada de Reconhecimento
VBTE Amb	Viatura Blindada Transporte Especializado Ambulância
VBTP	Viatura Blindada de Transporte Pessoal
Vgd	Vanguarda
Vig	Vigilância
Vig Ter	Vigilância Terrestre
Vtr	Viatura

Z

Abreviaturas/Siglas	Significado
Z Aç	Zona de Ação
Z Dbq	Zona de Desembarque
Z Reu	Zona de Reunião
ZL	Zona de Lançamento
ZPH	Zona de Pouso de Helicópteros

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. **NBR 6021 –** Publicação Científica Impressa. Documentação. Rio de Janeiro, 2016.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Lista de Tarefas Funcionais**. EB70-MC-10.341. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2016.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações**. EB70-MC-10.223. 5. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Planejamento e Emprego da Inteligência Militar**. EB70-MC-10.307. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2016.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Posto de Segurança Estático**. EB70-CI-11.407. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Cavalaria nas Operações**. EB70-MC-10.222. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações de Garantia da Lei e da Ordem**. EB70-MC-10.242. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Brigada de Cavalaria Mecanizada**. EB70-MC-10.309. 3. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Interagências.** EB70-MC-10.248. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres**. EB70-MC-10.211. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Regimento de Cavalaria Mecanizado.** EB70-MC-10.354. 3. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Pelotão de Cavalaria Mecanizado.** EB70-CI-11.457. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2021.

BRASIL. Exército. Comando do Exército. **Instruções Gerais para as Publicações Padronizadas do Exército**. EB10-IG-01.002. 1 ed. Brasília, DF: Comando do Exército, 2011.

BRASIL. Exército. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **Trabalho de Comando**. EB60-ME-13.301. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: DECEx, 2019.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.** C 2-36. 1. ed. Brasília, DF: EME, 1982.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Manual de Abreviaturas, Símbolos e Convenções Cartográficas**. C 21-30. Brasília, DF: EME, 2002.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Batalhões de Infantaria**. C 7-20. 3. ed. Brasília, DF: EME, 2003.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Estado-Maior e Ordens**. C 101-5. 2. ed. vol. 1 e 2. Brasília, DF: EME, 2003.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Catálogo de Capacidades do Exército 2015 - 2035**. EB20-C-07.001. Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército**. Movimento e Manobra.** EB20-MC-10.203. 1. ed**.** Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército**. Glossário de Termos e Expressões para Uso no Exército.** EB20-MF-03.109. 5. ed. Brasília, DF: EME, 2018.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército**. Doutrina Militar Terrestre.** EB20-MF-10.102. 2. ed**.** Brasília, DF: EME, 2019.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **Glossário das Forças Armadas**. MD35-G-01. 5. ed. Brasília, DF: MD, 2015.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **Doutrina de Operações Conjuntas**. MD30-M-1. ed. vol. 1 e 2. Brasília, DF: MD, 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas**. MD33-M-02. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa. 2021.